

# PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

*Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura*

# PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Revista de Psicanálise, Educação, Arte e Cultura.

**Psicanálise & Barroco em revista** é publicada pelo Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

## **EDITORES RESPONSÁVEIS**

Editora-Geral: Lucia Freitas Perez  
Editora colaboradora: Denise Maurano Mello  
Gerente de edição: Joana Dark da Silva Souza (colaboradora)  
Editora da Seção de Artigos Temáticos: Renata Mattos-Avril

## **CONSELHO EDITORIAL**

Angela Coutinho (UNIV. SANTA ÚRSULA/RJ)  
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)  
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)  
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)  
Eliana Yunes (PUC/RJ)  
Jean-Claude S. Soares (UFJF)  
Júlio Cesar de Souza Tavares (UFF/RJ)  
Luciano da Fonseca Elia (UERJ)  
Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)  
Sérgio Paulo Rouanet (Academia Brasileira de Letras)  
Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)  
Sérgio Nazar David (UERJ)  
Sônia Alberti (UERJ)

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

Ana Petros (UNT/AR)  
Andréa Martelo (UNIRIO)  
Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)  
Claudia Braga de Andrade (UNIRIO)  
Jean-Michel Vivès (UCA/FR)  
Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)  
Paola Mieli (SVA/NY)  
Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII/FR)  
Rita Maria Manso de Barros (UNIRIO)

## **EQUIPE TÉCNICA**

Revisor(a) de normas técnicas de publicação: Filipe Galdino e Pedro Branco

## **REVISORES DE INGLÊS:**

Gabriel Presciliano da Silva Souza  
Rogerio P. de Souza Filho

## **PARECERISTAS AD-HOC**

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)

Altair José dos Santos (UFG)  
Andrea Bieri (UNIRIO)  
Ana Petros (UNT/AR)  
Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)  
Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)  
Bruno Wagner D'Almeida de Souza Santana (PUC-RJ)  
Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)  
Clarice Padilla Gatto (ENSP-FIOCRUZ)  
Cláudia Bodin (Universidade de Paris VII)  
Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)  
Daniela S. Chatelard (UNB)  
Ecio Pisetta (UNIRIO)  
Edson Luiz André de Souza (UFRGS)  
Elizabeth Cristina Landi (UFG) Felipe de Oliveira Castelo Branco (UFF)  
Fernanda Cabral Samico (UERJ)  
Hélia Freitas (UERJ)  
Jean-Michel Vivès (UCA/FR)  
Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)  
Laéria Fontenele (UFC)  
Lucia Maria de Freitas Perez (UNIRIO)  
Luciano Lima de Oliveira (UFC)  
Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)  
Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)  
Marcela Toledo França de Almeida (UFG e Wilfrid Laurier - Waterloo CA, Canadá)  
Marlen de Martino (FURG)  
Marlise Eugenie D Icarahy (TJ/RJ)  
Mariângela Máximo Dias (UERJ)  
Maria Das Graças Leite Villela Dias (UFSJ)  
Maurício Eugênio Maliska ((UNISUL)  
Maysa Puccinelli (Université Nice Sophia Antipoli)  
Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)  
Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)  
Nilda Sirelle (UFF)  
Orlando Cruxen (UFC)  
Paola Mieli (SVA/NY)  
Paolo Lollo  
Rodolfo Petronio (UNIRIO)  
Rogerio Quintela (UFF)

Rosane Monteiro Ramalho (PUC-RS)  
Sandra Edler (SPID)  
Sonia Leite (CPRJ)  
Tereza Calomeni (UFF)  
Valéria Wilke (UNIRIO)  
Vivian Martins Ligeiro (UERJ)  
Walter Kohan (UNIRIO)  
Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos  
(UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

**Endereço para correspondência / *Address for correspondence /  
Adresse pour correspondance***

Psicanálise & Barroco em revista

Departamento de Fundamentos da Educação, UNIRIO – Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

# PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Ano 19, Número 02: Edição de dezembro de 2021

Rio de Janeiro, RJ.

# PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

(ISSN:1679-9887)

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

Ano 19, Número 02: Edição de dezembro de 2021.

## SUMÁRIO

EDITORIAL – TESSITURAS: PSICANÁLISE E LITERATURA, MAIS AINDA----- 9

*DENISE MAURANO, JOANA SOUZA, LUCIA PEREZ E RENATA MATTOS AVRIL*

### **ARTIGOS TEMÁTICOS**

LALÍNGUA, GESTO E CANÇÕES DE RESISTÊNCIA: TATUAGENS MUSICAIS NO CORPO DA CULTURA  
----- 16

*RENATA MATTOS AVRIL*

O ATO ANALÍTICO E A PRESENÇA (NEGATIVIZADA) DO ANALISTA ----- 31

*RAFAELA BRANDÃO ALVES, JEAN-MICHEL VIVES E DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD*

### **ARTIGOS LIVRES**

O RESTO COMO CAUSA DO DESEJO NA OBRA “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” ----- 49

*ALCIVAN NUNES VIEIRA, KARLA PATRÍCIA HOLANDA MARTINS E LIA CARNEIRO SILVEIRA*

PSICANÁLISE, DISPOSITIVOS E CONTEXTOS CLÍNICOS: NARRATIVAS E ELABORAÇÕES EM  
TORNO DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ----- 69

*PEDRO VALENTIM ECCHER, YOHANNA CUNHA ZIBELL, MAURÍCIO MARQUARDT PEREIRA, ADRIANA APARECIDA AMARAL, THAIS KEROLIN MAFRA E GUSTAVO ANGELI*

BRINCADEIRAS EM UM CASO DE ANÁLISE INFANTIL: O PEQUENO HOMEM GALO NO OLHAR DE  
FERENCZI E DOLTO ----- 87

*MARCOS MOURA OLIVEIRA*

NEUROSE OBSESSIVA E FIGURA PATERNA: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES A PARTIR DA OBRA “A  
METAMORFOSE” DE FRANZ KAFKA ----- 104

*GUILHERME SILVEIRA E GUSTAVO ANGELI*

A RETOMADA DA PULSÃO D’EMPRISE ----- 121

*ANTONIO TREVISAN*

A CENA CONTEMPORÂNEA: A HISTERIA E SUAS NOVAS ROUPAGENS ----- 143

*CLÁUDIA FERREIRA MELO RODRIGUES, LORENA DOS REIS GONÇALVES E ROGÉRIA ARAÚJO GUIMARÃES GONTIJO*

FREUD E VIERECK: MODALIDADES DE GOZO E RUMOS DA PSICANÁLISE ----- 156

*JANAINA BIANCHI DE MATTOS*

O DESTINO DO SUJEITO TRÁGICO E O ATO NA TRAGÉDIA E NA PSICANÁLISE ----- 170  
*CAMILA GUIMARÃES DE PAULA PESSOA E LEONARDO JOSÉ BARREIRA DANZIATO*

IDENTIFICAÇÃO E ÓDIO EM “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM ----- 190  
*FELIPE BARATA AMARAL*

A AUTOFICÇÃO COMO ESCRITA DE SI: APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE-----  
----- 205  
*ANGELA TERESA NOGUEIRA DE VASCONCELOS E ELIANE VASCONCELOS DIÓGENES*

## **RESENHA**

A HISTERIA REVISITADA: HISTORICIDADE, DIAGNÓSTICO E CLÍNICA ----- 223  
*CARLA CRISTINA BRAGA VALOTA ESTEVES, RIAGO RAVANELLO E ADRIANA RITA SORDI*

CONTENTS ----- 229

SOMMAIRE ----- 231



## EDITORIAL

### TESSITURAS: PSICANÁLISE E LITERATURA, MAIS AINDA....

**Denise Maurano<sup>1</sup>**  
**Joana Souza<sup>2</sup>**  
**Lucia Maria de Freitas Perez<sup>3</sup>**  
**Renata Mattos Avril<sup>4</sup>**

Finalizando esse turbulento ano de 2021, esta edição traz como marca a articulação entre psicanálise e literatura. Como já sublinhamos em outros momentos, por vezes os temas conspiram, mesmo nas seções livres. A maioria dos artigos tecem uma trama entre obras literárias diversas, e conceitos psicanalíticos. O que faz com que tantos autores, ao mesmo tempo, procure na literatura um modo de dizer sobre aquilo que os atravessa? Não temos a resposta, mas é sabido que não é de hoje que esses campos se entrelaçam. Aliás, o criador da psicanálise já dizia que os escritores e os poetas são os verdadeiros descobridores da psicanálise, dado que, em suas obras, anteciparam as descobertas freudianas. Somos testemunhas do gradual distanciamento da psicanálise dos ideais da medicina, e seu avanço na direção da literatura e das artes. Freud era um homem de “letras”. Por mais que seu ponto de partida tenha sido a medicina, trazia consigo o desejo de ser escritor. A escrita, seja ela literária ou não, tem o poder de nos transportar para outra realidade, trazendo à tona o que há de singular no sujeito.

Corpo. Ressonância. Cultura. Ato. Invocação... Fios que se entrelaçam e atravessam a seção temática desta edição. Desta vez, contamos com dois escritos que nos fazem refletir, por caminhos distintos e de forma indireta, embora bastante

---

<sup>1</sup> Editora chefe do Periódico Psicanálise e Barroco em revista. Professora Titular aposentada do Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3498-3773>

<sup>2</sup> Gerente de edição do Periódico Psicanálise e Barroco em revista. Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4294-2883>

<sup>3</sup> Psicanalista. Professora Adjunta 4 do Departamento Fundamentos da Educação – UNIRIO. Editora Responsável pelo periódico Psicanálise e Barroco em revista. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

<sup>4</sup> Editora da seção temática “A psicanálise, a voz, a memória e as musicalidades” com Pós-doutorado pela Universidade de Nice Sophia-Antipolis, Doutora em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8961-9840>

pertinente, o tempo em que vivemos. O primeiro, se colocando à escuta da Cultura através das canções de resistência, se pergunta sobre a criação artística na construção e transmissão da memória social.

Frente a atual tragédia política, sanitária, humana, social e ecológica no Brasil, a psicanálise se posiciona *com voz* refletindo sobre o que, *na e pela* Cultura, resiste ao terror e abre caminhos vivificantes, tecendo coletivamente traços que podem contar e cantar o vivido, testemunhando o presente e lutando para transformá-lo. É esta a visada de Renata Mattos Avril ao abordar a criação musical a partir da canção de resistência.

***Lalíngua, gesto e canções de resistência: tatuagens musicais no corpo da Cultura***, a autora se interessa pelo que ela chama de efeito lalinguageiro das canções de resistência, se perguntando, de saída, como *lalíngua*, conceito criado por Lacan para falar do modo como a linguagem é apropriada de modo singular por cada sujeito, participa na criação musical a partir do gesto e da assinatura sonoro-musical do autor. Porém, o aspecto da fala tornada canto para transmitir algo do real, fazendo laço e incidindo na Cultura, se coloca em primeiro plano nas reflexões apresentadas.

História e memória se imprimem, deste modo, como tatuagens musicais na Cultura a partir de determinadas canções que não deixam silenciar o sopro desejante e vivificante do Outro que constitui a rede social e que, além disso, trazem um recorte particular do seu tempo. Como um testemunho, algo que não nos deixa esquecer. A proposta da autora é a de que o gesto de criação do cancionista, sobretudo em momentos em que a pluralidade e singularidade das vozes está ameaçada, pode recolocar a invocação da voz do Outro em cena, ressoando no corpo do ouvinte. Grito transformado em canto. Canto-memória. Canto-luta. Canto que, coletivamente, pode transformar utopicamente o futuro.

O segundo, fundamentalmente clínico, lança uma nova luz sobre a questão do corpo e da presença do analista a partir do que ressoa do real. Efeito da atual crise pandêmica, que nos marca e nos faz reinventar laços e práticas, a psicanálise se vê lançada na experiência das sessões realizadas predominantemente por via remota. A materialidade da voz, poderíamos supor, tenderia a estar mais presente, mais consistente nesse espaço. Porém, sustentar o ato analítico em tais circunstâncias supõe, justamente, fazer incidir a função da voz, objeto da pulsão invocante, imaterial e

perdido, furando a cena da tela para que a Outra cena possa comparecer e ser trabalhada.

A *práxis* clínica, escutando, dialogando e co-criando o nosso tempo, nos faz refletir teoricamente sobre o que está, portanto, em jogo nos atendimentos *online*. E o caminho percorrido por Rafaela Brandão Alves, Jean-Michel Vives e Daniela Scheinkman Chatelard vai além de um questionamento sobre esta nova modalidade de *setting* para se perguntar o que é o cerne da presença do analista e do ato analítico.

Em **O ato analítico e a presença (negativizada) do analista**, os autores partem de um questionamento sobre a musicalidade da linguagem – ritmo, modulações e tom da voz, pontuação da fala, respiração – para se perguntar sobre o como o corpo do analista comparece numa análise e com qual função. A presença do analista seria equivalente à presença do corpo do analista? A resposta sendo clara, evidente, e negativa, o que então sustenta essa presença? A cena transferencial, o endereçamento da dimensão do sujeito suposto saber? E qual o lugar do corpo nesta presença?

Para avançar nessas reflexões, os autores entendem o corpo como caixa de ressonância – caixa esburacada, furada, que permite ressoar o inconsciente real – e trazem a noção de *em-corpo* do analista. Noção esta que localiza o corpo a partir da transferência, corpo negativizado. Ou, ainda, o corpo do analista e o corpo do analisante *em transferência*. O que se coloca em jogo é o efeito do real que aí opera, a ressonância do significante no corpo, que pode reatualizar o encontro mítico da linguagem com o corpo em nossa estruturação como “*fallasseres*”. E deste lugar de ressonância, o ato analítico pode se realizar.

Nossa sessão de artigos livres, contempla uma diversidade de temas extremamente importantes que articulam a psicanálise com a literatura, a clínica e a cultura. Abrimos a seção com o artigo **O resto como causa do desejo na obra “A terceira margem do rio”**, onde os autores Alcivan Nunes Vieira, Karla Patrícia Holanda Martins e Lia Carneiro Silveira articulam o conto de Guimarães Rosa com as noções psicanalíticas de resto e desejo. Os autores se esmeram na exploração do conto, extraindo significações que ilustram o desejo como sendo a causa do sujeito do inconsciente. Em seguida, os autores Pedro Valentin Eccher, Yohanna Cunha Zibell, Maurício Marquardt Pereira, Adriana Aparecida Amaral, Thais Kerolin Mafra e Gustavo Angeli, destacam a importância do diálogo entre o Direito e a Psicanálise, num vigoroso

relato da experiência de estágio em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em uma clínica-escola de serviço de psicologia e em uma emergência hospitalar. O artigo sublinha a importância da função analítica extramuros, ou seja, para além dos consultórios particulares e sua importância tanto para a formação do analista, quanto da transmissão da psicanálise.

Na sequência, Marcos Moura Oliveira, retomam um caso clínico “O pequeno homem galo”, publicado por Ferenczi em 1913, no artigo **Brincadeiras em um caso de análise infantil – o Pequeno homem galo sob o olhar de Ferenczi e Dolto**, destacando sua importância para a clínica psicanalítica com crianças. O autor sublinha a contribuição original tanto de Ferenczi quanto da psicanalista Françoise Dolto, para a análise de Arpad, um menino atendido por Ferenczi que trazia como questão uma identificação com os galináceos. Os autores destacam a possibilidade de se tratar de uma caso de perversão, dado a negação, por parte do menino, da realidade da castração. O próximo, no artigo **Neurose obsessiva e figura paterna: possíveis articulações a partir da obra “A metamorfose” de Franz Kafka**, no qual encontramos uma interessante exposição sobre o um caso de neurose obsessiva e suas relações com a figura paterna, ilustrada pela obra A metamorfose de Franz Kafka. Os autores, Guilherme Silva e Gustavo Angeli, a partir de uma passagem pelos textos freudianos, procuram ampliar a compreensão acerca da obsessão e o sofrimento psíquico que dela pode decorrer.

Antonio Trevisan, em **A retomada da pulsão d'emprise**, retoma o conceito de pulsão construído por Freud, assim como as contribuições de Piera Aulagnier, com o objetivo de delimitar o estatuto da função de dominação (d'emprise) e sua participação na constituição do psiquismo. O autor sublinha o caráter não sexual e independente da pulsão de dominação, relacionando a pulsão de morte ao mesmo tempo em que destaca sua anterioridade em relação a pulsão de vida. A relação entre a histeria e o discurso capitalista, foi contemplado pelas autoras Claudia Ferreira Melo Rodrigues, Lorena dos Reis Gonçalves e Rogéria Araújo Guimarães Gontijo, no trabalho intitulado **A cena contemporânea: a histeria e suas novas roupagens**. Para elas, a insatisfação que caracteriza a histeria, favoreceria um modo de posicionamento frente às exigências da cultura, que suscita novos sintomas. Defendem que para se pensar a histeria na atualidade, faz-se necessário considerar os novos discursos e as

modificações que eles produzem na subjetividade dos sujeitos históricos. Em **Freud e Viereck: modalidades de gozo e rumos da psicanálise**, Janaina Bianchi Mattos, retoma a entrevista concedida por Freud a George Sylvester Viereck, no auge dos seus 70 anos, na qual reafirma o valor singular e apreciação que dá a vida. A autora destaca, o modo como a relação transferencial que se estabeleceu entre o entrevistador e o entrevistado, possibilitou que Freud ocupasse a posição de analista frente as arguições de Viereck, uma posição que segundo ela, remete ao feminino, e que ao mesmo tempo insiste na direção da vida.

Em seguida, apresentamos o texto de Camila Guimarães de Paula Pessoa e Leonardo José Barreira Danziato, **O destino do sujeito trágico e o ato na tragédia e na psicanálise**, onde a literatura trágica grega é retomada de modo a possibilitar uma aproximação entre o herói trágico que caminha em direção à perda, à derrocada e o sujeito da psicanálise que, no percurso psicanalítico, é levado à assumir a posição de resto. A inconsistência do Outro, a relação do sujeito com o desejo, assim como com a ética da psicanálise e seu ato, são apontados pelos autores como sendo pontos fundamentais no processo de destituição narcísica experienciado pelo sujeito no decorrer da análise. A interlocução entre psicanálise e literatura também valorizada no artigo **Identificação e ódio em “Dois irmãos” de Milton Hatoum**, de autoria de Felipe Barata Amaral, onde a questão da relação de identificação entre irmãos é tratada a partir de um recorde extraído do romance “Dois irmãos” de Milton Hatoum. O autor faz um instigante trajeto nos textos de Freud e Lacan, com o objetivo de compor um panorama sobre o modo como estes autores pensam a questão da fraternidade entre irmãos, ao mesmo tempo em que estabelece uma aproximação da psicanálise com o obra do escritor amazonense.

Por fim, Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos e Eliane Vasconcelos Diógenes, abordam em **A Autoficção como escrita de si: aproximações entre literatura e psicanálise**, a escrita de si como fenômeno literário próprio da modernidade. Para elas, nesse processo, há o esvanecimento das fronteiras entre ficção e realidade que produzem narrativas que dão voz ao eu e o afirmam. A obra de Julian Fuks sustenta a ideia de que a produção literária e a narrativa ficcional é o que possibilita o contorno e a sustentação da singularidade de cada sujeito, tal como defende a psicanálise.

Fechamos essa edição com a resenha **A histeria revisitada: historicidade, diagnóstico e clínica**, escrita por Carla Cristina Braga Valota Esteves, Tiago Ravello e Adriana Rita Sordi, uma ressonância da leitura vigorosa do livro “Histeria e Sexualidade” de Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos lançado em 2021 pela editora Zahar. Com rigor, os autores sublinham a importância dessa obra para o que concerne à compreensão da histeria na atualidade, histeria esta que sempre empenhará em buscar uma resposta para verdade sobre o sexo, que sempre será pautada no discurso do mestre.

Assim, fechamos mais essa edição de Psicanálise e Barroco em revista, convidando nossos leitores a continuar a nos acompanhar nesse ato de resistência que é produzir cultura nesse país, num momento no qual, estarecidos, vemos a desmontagem de pilares culturais fundamentais, em várias áreas. Esperamos que os artigos por nós selecionados lhes tragam um alento, e inspiração, para atrevoarmos esses tempos tão difíceis.

RECEBIDO EM 10/06/2021

APROVADO EM 15/06/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – UNIRIO/DFE

# **LALÍNGUA, GESTO E CANÇÕES DE RESISTÊNCIA: TATUAGENS MUSICAIS NO CORPO DA CULTURA**

**Renata Mattos Avril<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Como *lalíngua* pode se dar a ouvir no gesto do autor que cria com a voz, cunhando, assim, uma assinatura sonoro-musical? E como, ainda, ela pode participar da criação na cultura, no corpo da Cultura, de espaços de memória em que a resistência nos é contada e cantada por canções que se inscrevem quase como tatuagens musicais? A proposta deste ensaio é abrir uma reflexão em torno dessas duas amplas questões.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Lalíngua*. Voz. Gesto. Canção. Cultura.

---

<sup>1</sup> Psicanalista, musicista amadora. Possui Pós-doutorado pela Université Côte d'Azur (França) e Doutorado em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Investiga, sobretudo, a articulação entre psicanálise e música a partir do objeto voz. Telefone: +33 605668117. E-mail: [renatamattosavril@yahoo.fr](mailto:renatamattosavril@yahoo.fr) ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-8961-9840>



Onde houve língua e vida comunitária, houve canção. Enquanto houver seres falantes, haverá cancionistas convertendo suas falas em canto.  
Luiz Tatit

Mas sei  
Que uma dor assim pungente  
Não há de ser inutilmente  
A esperança  
Dança, na corda bamba de sombrinha  
E em cada passo dessa linha  
Pode se machucar

Azar  
A esperança equilibrista  
Sabe que o show de todo artista  
Tem que continuar  
Aldir Blanc, João Bosco

É na cultura que temos o livro de história oficial do Brasil. Nossos livros de história foram os discos. Se você quiser conhecer o Rio de Janeiro dos anos 70, você precisa escutar o samba dos anos 70. Eles vão te contar, nas camadas da poesia, o modo de se viver nos morros e nas favelas cariocas. Você vai ter outra perspectiva além do que a gente chama de história oficial.  
Emicida

Este breve ensaio traz questões que me trabalham há muito anos e que alinhavo aqui de forma livre e aberta tendo como fio condutor o ponto de convergência entre elas, que escuto como modulações em torno da imaterialidade da voz e da invocação.

A princípio, o encontro entre as duas temáticas que abordarei aqui não me era evidente. Por um lado, havia a confluência entre *lalíngua*, gesto, estilo e a proposta de uma assinatura sonoro-musical como efeito dos três primeiros. Em paralelo, havia a ideia de pensar como o corpo se faz presente na criação, a partir das ressonâncias de *lalíngua*, de canções que marcam um momento, se tornando um espaço de memória e de transmissão de vozes de resistência no campo social, o que me levou a pensar tais canções como tatuagens musicais no corpo da Cultura.

Porém, não seria justamente com a escrita de uma assinatura sonoro-musical que se tornaria possível imprimir na cultura uma tatuagem, uma marca indelével e com voz?

Para além do significado ou do sentido figurativo que podem veicular o que estou aqui chamando “canções de resistência”, o que chama a atenção é como a arte musical atrelada à palavra, pelas letras das canções, se coloca à disposição da cultura para indicar, transmitir, invocar e cunhar novas possibilidades de amarrações

coletivas, políticas e sociais. Especialmente quando há uma ameaça à circulação da palavra e à coexistência das diferenças.

Resistir, nesses casos, é igualmente insistir na dimensão humanizante da voz e do vínculo entre *falasser* e Outro. É poder se valer da força de *lalíngua* para quebrar sentidos mortíferos e recolocar em movimento a pulsão na direção de um jamais ouvido. É poder ler as tatuagens musicais nos corpos das cidades, dos sujeitos, da Cultura e da História para não nos esquecermos que entramos na linguagem pela invocação do Outro para nos tornarmos *falasseres*, e não por uma injunção mortífera para nos calarmos e nos apagarmos numa silenciosa alienação.

O *falasser* se constituiu para falar e para fazer da sua fala – com tudo o que a sustenta – um canto.

### **LALÍNGUA, GESTO E A ESCRITA POSSÍVEL DE UMA ASSINATURA SONORO-MUSICAL**

Quando nova, ou melhor, desde bem nova, costumo brincar com certas palavras que me tocam profundamente por suas sonoridades. É o que sempre chamei de “palavras-sobremesas”, de tanto que gosto de saboreá-las, palavras que derretem na boca, que estalam na língua, que esbarram, certamente, em *lalíngua*, nas marcas da *lalíngua* materna em meu corpo. Mesmo quando são palavras de idiomas estrangeiros. Palavras que, para além de seus sentidos os significados, ressoam em mim, me “capturam”, de alguma forma, deixando marcas – ou, talvez, apontando marcas deixadas quando do encontro com a linguagem. Marcas que cada um de nós tem em seu repertório assemântico.

Foi assim que, por volta dos 5 anos, fiquei absolutamente encantada com uma frase escutada ao lado do meu avô num documentário que passava na televisão: “*la diversité de la musique*”. Frase com uma outra musicalidade, embora com palavras próximas ao português, que me permitiram entendê-la enquanto eu me escutava repeti-la em voz alta, fazendo com que meus ouvidos a degustassem e descobrissem outras sonoridades na minha voz de criança.

Pouco tempo depois, ouvindo uma música, “*Every little thing she does is magic*” do grupo inglês The Police, foi “*umbrella*” que me saltou aos ouvidos. E demorei algum tempo para descobrir e saber o que essa palavra-sobremesa queria dizer. Pouco importava. O ponto em comum entre a frase acima citada e essa palavra escutada em uma canção era um certo deleite – um certo gozo sonoro, se preferirmos nos referir à

psicanálise lacaniana – que aparecia nesses momentos em que eu brincava e repetia inúmeras vezes essas palavras estrangeiras. Estranhas e, no entanto, familiares. Como acontecia, no sentido inverso, com os jogos com palavras de minha língua natal, que, de tanto com elas jogar e dizê-las em voz alta, o que era a princípio familiar, se tornava estranho, sem sentido.

Curioso como, muitos anos mais tarde, acabei me dedicando a pesquisas acadêmicas que escutam a diversidade da música, mais ainda, da musicalidade estruturante dos sujeitos, e como a palavra “guarda-chuva” se fez presente como imagem que aparece em diferentes momentos da minha tese de doutoramento (que acabou me levando à França para um estágio de um ano, e onde mais tarde fui residir). O corpo como guarda-chuva da linguagem e de *lalíngua*, que delas protege o *falasser* e que algo delas retém e guarda para e em si. Curioso também como, já há alguns anos, penso e vivo prioritariamente no idioma francês. Exceto quando me dirijo a meus filhos, com quem falo no “bom e velho” português brasileiro. Mesmo tendo escolhido morar em país estrangeiro, minha escolha na transmissão de *lalíngua* é a materna. Talvez porque transmitidos sempre a linguagem que, singularmente, ouvimos e recebemos, linguagem pela qual nos foi possível nos constituir. E que continuamos a carregar e a transmitir mesmo quando falamos outra língua, musicando-a com nosso sotaque, por melhor e com mais fluidez que possamos “dominá-la”.

O que me faz lembrar o que Céline Masson (2014, p. 86) diz a esse respeito, indicando que “o sotaque é uma espécie de sintoma na língua que faz escutar o cantado da língua”, ao que ela acrescenta que o sotaque “é a melodia adicionada à língua adquirida”, que seria, ainda, “um efeito de *lalíngua*” (*Ibid*, p. 89). Porém, a autora dá um passo além apontando que em cada um de nós há sotaques que dizem de nossa condição de estrangeiros na linguagem: “Nós todos temos sotaques já que somos todos habitados pelo alhures e é com isso que falamos nossa língua” (*Ibid*, p. 92).

Nesse sentido, os efeitos de canto de *lalíngua* marcam o *falasser* de tal forma que ele poderá cunhar na Cultura expressões *lalinguajeiras* pela via da arte, permitindo uma escrita possível com os restos ouvidos e inscritos de *lalíngua*. É o efeito *lalinguajeiro* das canções de resistências que me interessa aqui.

Há algo de determinante em nossa entrada na linguagem, que faz um corte no contínuo e inaugura um impossível de tudo dizer – e em todas as línguas –, abrindo espaços para os possíveis a inventar ao longo da vida com restos e cacos sonoros.

Determinante, mas não determinista. Algo que define uma estrutura. Um ponto de mistério que será para sempre misterioso e que, entretanto, nos inspirará, nos dará ar, para criarmos a partir do nosso corpo, com nossos gestos, um estilo singular que, por ser escrita e voz, pode ser lido e ouvido.

Falamos. Antes de falar, choramos, gritamos, balbuciamos. Antes, ainda, ouvimos. Ainda antes, somos tocados em nosso corpo em constituição por ondas sonoras que atravessam o espaço líquido que nos envolve, protege e nutre. Somos esperados e desejados. Ou não somos esperados e desejados. Posições que farão toda diferença em como a linguagem nos chegará e poderá ser transmitida.

Bem antes de qualquer compreensão do sentido das palavras e de podermos utilizá-las, compondo frases que tentam dizer de nossos pensamentos e afetos, o não-sentido das palavras se faz presente em nós. Nossos corpos são e estão nele mergulhado. Um não-sentido transmitido em e por *lalíngua*, na Cultura e nas culturas, também a cultura familiar e do entorno da criança que está, aí, se tornando um *falasser*.

A voz do Outro nos chega como sopro na chuva da linguagem que marca nossos corpos, um sopro que ressoa em nós e nos chama a advir à fala e lançar o movimento da pulsão invocante. Dito de outra forma, lançar a voz num campo radicalmente heterogêneo para, no retorno desta, poder tomar uma posição subjetiva, a cada vez. A voz do Outro escreve, portanto, um sopro desejante no *falasser* em vias de se constituir que nele tem como efeito uma brisa, um movimento, um lançar-se a partir da voz que ele perde como objeto. É impossível retornar para um meio líquido, um meio sem a dimensão da necessidade, da demanda. O ar da respiração traz não apenas a via acústica da voz como também a questão do desejo. Do gozo da lalação, que faz corpo, há algo do campo do sonoro e musical que poderá, posteriormente, a partir de um corte e de uma perda, ressoar e convocar criações.

A voz do Outro sempre chama a palavra. Assim, a pulsão invocante escava o corpo, produzindo a fala. E mesmo quando já ascendemos à palavra, não nos despimos de *lalíngua*. Ela nos veste, sem que a vejamos. Por vezes, dela nos servimos ou sentimos seus efeitos de poesia em nós. Há uma escrita que em nós, precocemente, se fez e que ainda se refaz, que se expressa no gesto ou, mesmo, nos sintomas que impedem o gesto. Gesto estético, de criação, não necessariamente artística, mas de um fazer singular em nossas vidas atravessado por uma ética, pelo desejo. Gesto pelo qual o sujeito desaparece, surgindo como escrita do *falasser* a

partir de *lalíngua* e do encontro do corpo com a língua, como esta foi ouvida e incorporada. Um gesto, assim, que aponta para um fazer que indica uma possível escrita a ser lida por seus efeitos.

Nem sempre sabemos ou podemos ler essa escrita inicial que, pelo encontro com a linguagem, se fez e continua se fazendo em nós. Talvez cunhar um estilo passe precisamente por essa leitura e por uma nova escrita, com *lalíngua, de uma possível assinatura sonoro-musical*. Algo que poderemos dar a ouvir ao Outro, que diz de nós sem de todo nos revelar, que faz laço com os outros.

E é importante ressaltar aqui que, para entrarmos no laço social, é preciso fazer uma renúncia de um certo gozo vocal, sonoro, uma renúncia pulsional, que permite um endereçamento da voz e, ainda, compartilhar o campo simbólico com os demais sujeitos.

Ainda assim, sem nos darmos conta, *lalíngua* permanece em nós, talvez mesmo com o “risco” de se fazer audível quando tomamos a fala. Ela está, de alguma maneira, sempre presente, em surdina, quando tomamos a fala. Como se falar fizesse cócegas em *lalíngua*, algo que artistas e poetas bem sabem e, laborando e brincando com a sonoridade da linguagem, roçam deliberadamente esse ponto de contato, desvelando-o e trazendo-o à cena. Cena que põe, igualmente, em primeiro plano a dimensão do inconsciente e do saber-fazer com a voz. O gesto artístico, sobre o qual me deterei aqui, ao lidar com o aquém-além do sentido, jogando com o contorno do simbólico, subverte a dinâmica do compreender, ressaltando a transmissão, a fruição e o gozo.

A proposição de uma assinatura sonoro-musical diria desse ato de bordar, desse modo, uma resposta do *falasser* ao Outro e ao real que alinhava *lalíngua* e linguagem. Ainda, ela articula a voz a partir dos ritmos da presença e da ausência, do sonoro e do inaudito, do contínuo e do descontínuo. O gesto e a criação instauram um tempo.

Antes de adentrar um pouco na questão da temporalidade e do ritmo, trago aqui algumas reflexões de Giorgio Agamben (2006) quanto ao gesto e ao “autor como gesto”. Embora ele aborde diretamente a escrita literária, sobretudo a contemporânea, é possível escutar algo que caracterizaria o gesto mesmo de escrita (de uma obra e de uma posição diante da linguagem). Agamben (2006, p. 77) aponta uma ética deste ato que apareceria na “abertura de um espaço onde o sujeito escritor não cessa de desaparecer”. E é interessante notar aí um traço do autor como ausência.

Deste modo, o autor não se colocaria na escrita, no gesto de criação, como sujeito singular e sim como uma função discursiva, uma função-autor, que localizaria “o autor como instaurador de discursividade” (*Ibid*, p. 80). O que não significa que, com isso, ele possa dar conta de tudo expressar. Há sempre algo que restará não-expresso, a causar. E é justamente aí que Agamben circunscreverá o gesto como “o que resta não-expresso em cada ato expressivo” (*Ibid*, p. 91).

Mais que isso, enquanto ausência e vazio, enquanto algo que não se dá a ler e, acrescento, a ouvir, o gesto tornaria possível a leitura e a escuta, sendo aquele que cria a obra um testemunho e uma garantia desta ausência. Assim, o texto, o obra “não tem outra luz senão aquela que, opaca, irradia do testemunho desta ausência” (*Ibid*, p. 84).

Vazio e ausência que são imprescindíveis na constituição do *falasser* e que fundam tanto a possibilidade de criação quanto da instauração da temporalidade. Os encontros com o real produzem um ritmo, não regular nem tampouco previsível, para o *falasser*, o qual terá como trabalho solitário, ainda que incluindo o Outro, se extrair, circunscrevendo um vazio, e criar uma musicalidade singular face à linguagem e sua posição nela. O real poderia, aqui, ser entendido como um “cantochoão”, um “baixo contínuo”, ou mesmo uma nota inaudível desprovida de qualquer sentido, um puro enigma que não escutamos o tempo todo, embora seja tocado continuamente. Algo como um ruído branco que não se escuta, um ruidosilencioso do qual todas as notas e falas poderão surgir para ser ouvidas.

Esta dimensão de ausência e do silêncio do Outro é crucial para a fundação do *falasser* e para que ele possa relançar o circuito pulsional pela via da invocação posteriormente em sua vida. É somente quando o *falasser* pode escutar o silêncio da voz do Outro que ele pode se posicionar de um modo singular, porém, ligado a esse campo de alteridade. É da subtração do *falasser* no Outro que é produzida uma surdez estrutural à voz incessante do Outro, o que foi conceituado por Jean-Michel Vives (1999-2000, 2009, 2013) como “ponto surdo”. Ponto de nascimento do *falasser* que promove simultaneamente uma extração de gozo e uma circunscrição do desejo.

A voz do Outro, incarnada pela voz materna (aqui entendida como função), faz um enodamento entre dois campos. A voz materna em sua face de continuidade, tal qual a voz da sereia, que veicula uma promessa de gozo e de saber absolutos e que coloca o sujeito totalmente como objeto do desejo e do gozo materno. E a voz paterna

(igualmente tomada como função), que promove o corte e faz instaurar o descontínuo, produzindo silêncios, deslizamentos do sentido e do desejo, tensões e resoluções.

No entanto, nesse duplo chamado da voz materna, do contínuo e do descontínuo, da alienação e da separação, há a transmissão da musicalidade da linguagem que pôde inicialmente ser endereçada ao *falasser* e que o marca com esse aspecto do gozo de *lalíngua*. Porém, quando o corte faz surgir o silêncio, há o surgimento de novos contornos e a exigência de uma resposta do *falasser*. É, portanto, um chamado que faz surgir a voz do *falasser*, ainda que como perda, e que permanece presente como invocação quando falamos, cantamos, fazemos música e toda atividade humana que contorna o vazio do objeto voz.

Isso fica ainda mais evidente quando se trata da criação artística, em que o *falasser* precisa cunhar com os restos de *lalíngua* e a partir dos encontros com o real uma obra que porta e escreve uma assinatura sonoro-musical que, ao mesmo tempo, indica sua presença, seu gesto artístico, mas o apaga enquanto sujeito singular. Ainda, por esse ato, ocorrerá uma subversão na temporalidade cronológica. Pela criação, o *falasser* se faz, no presente, poética do futuro, abrindo possibilidades de um novo sopro, um novo significante que se fará audível na Cultura. Haveria, então, uma função outra da criação em torno da voz que inclua no gesto artístico a possibilidade de marcar o presente como memória a ser dada a ler no futuro?

## **CANÇÕES DE RESISTÊNCIA E A INSCRIÇÃO DE UM ESPAÇO COLETIVO DE MEMÓRIA TATUADO MUSICALMENTE NA CULTURA**

A canção lança e relança a voz, o circuito pulsional da voz, dando alguma materialidade a esse objeto imaterial, fazendo com que a propagação das ondas sonoras no corpo daqueles que a ouvem transmitam uma ressonância, como ondas de uma outra ordem, e um efeito do gesto artístico criado a partir de uma assinatura sonoro-musical. O sujeito que cria, se colocando como função, mesmo que possamos reconhecer algo de seu estilo na obra criada, pode, assim, marcar a Cultura, escrevendo nela uma particularidade de seu tempo.

Uma das diversas funções da canção, que surge sempre de um imbricamento entre melodia e letra, pode ser a de dar um destino à voz quando a fala se encontra num limite, até mesmo sendo ameaçada de se extinguir momentaneamente. Como,

por exemplo, diante do encontro excessivo com o real ou em momentos históricos em que a opressão a determinados grupos e coletividades se apresenta. O canto pode surgir, então, como uma forma de recolocar a palavra em cena a partir de sua filiação em *lalíngua* e na musicalidade da linguagem. A canção em sua força poética, como expressão lalinguajeira em ato. Unindo-se à música instrumental, o canto pode dar voz, literalmente, ao ainda não dito, não ouvido, religando o sujeito à linguagem e ao simbólico.

Cantar permite atravessar o simbólico e tocar o real. A canção – mesmo quando sua letra traz imagens bem precisas, figurativas, e quando ela transmite um discurso – se orienta, com o suporte da melodia, nesta direção. Ela se vale dos significantes para ir além deles, tocando *lalíngua*. Podemos mesmo dizer que a canção, entrelaçando letra e música, se encontra no litoral entre significante e significância, entre a linguagem e seu além, entre a voz acústica e a voz enquanto objeto *a*. Assim, ouvimos acusticamente o embrenhamento da “voz que fala no interior da voz que canta”, citando Luis Tatit (2002, p. 21), e, imaterialmente, a voz que invoca.

É importante ressaltar que a canção pode ser entendida como uma expressão artística “produzida na intersecção da música com a língua”, como defende Tatit (1997, p. 87), que conclui que “valendo-se de leis musicais para sua estabilização sonora, a canção não pode, de outra parte, prescindir do modo de produção da linguagem oral”. Ela difere de outras produções do campo musical, como a música instrumental e a ópera, e também da literatura, como a poesia. Entretanto, seus efeitos podem tanto ser da ordem do musical quanto da palavra, produzindo efeitos poéticos no sentido mais amplo do termo, remetendo ao *poiético*, à invocação a criar. O que diz, igualmente do entrelaçamento entre “forma musical e a força entoativa” (TATIT, 2010, p. 14) que nela se apresenta.

Das inúmeras modalidades de canções, o que destaco aqui são as canções que veiculam uma resistência, um protesto, uma construção de uma via contra a opressão e o sofrimento de um grupo. As canções de resistência atravessam a História e a história da música. Elas se fazem presente dando corpo e voz a um contexto social em que é preciso construir outras formas de enfrentar os imperativos e injunções que visam fazer calar. Elas dão a ouvir o posicionamento não apenas de um, como um lamento em torno da dor ou de uma perda, mas a tomada de posição (e mesmo a chamada ou uma espécie de convocação a se tomar posição) de muitos,



no coletivo. O que faz com que elas possam, *a posteriori*, ser lidas como narradoras, contadoras, da História<sup>2</sup>.

Com isso, certas canções não apenas testemunham o que ocorre num determinado momento, elas buscam atuar e agir por mudanças e deixam traços desse ato no corpo da Cultura, imprimindo, tal qual uma tatuagem musical, um apelo a não se esquecer o que foi vivido em uma época e que, muitas vezes, continua a agir no presente e no futuro. Nesse sentido, tais canções são uma escrita de traços culturais na própria Cultura. Sem, contudo, se querer como verdades absolutas ou imutáveis; elas nos dão a ouvir a imagem de um recorte de uma época, a partir da qual podemos lê-la. Diante delas, somos chamados a abrir olhos e ouvidos para o que, explícita ou veladamente, elas veiculam. Elas estariam, portanto, mais precisamente no campo da transformação do grito em canto, da angústia em abertura e relançamento da voz. Elas respondem ao real cantando que outras marcas são passíveis de existir pela criação artística quando há o risco do Outro se fazer por demais ruidoso, por demais presente, por demais mortífero.

Ao trazer aqui a expressão “tatuagem musical”, destaco a “solidariedade íntima” das pulsões, tal qual proposta por Jacques Lacan (1964/1998, p. 266-267), em especial a pulsão invocante e a pulsão escópica. Tais canções de resistência poderiam colocar em cena a interseção entre voz e olhar, entre o desejo *do* Outro e o desejo *ao* Outro, mobilizando a pulsão num movimento, com o Outro e fazendo laço com o outro, de dar a ouvir e a ver daquilo que impede ou impediria o fazer humano, de se tornar humano, a cada ato.

A psicanalista Ana Maria Medeiros da Costa (2002, p. 56) aborda de maneira preciosa a função da tatuagem, que, dentre outras, introduz uma “produção de traços no real”, assim como inscreve de forma definitiva uma marca que, ao mesmo tempo, coletiviza e singulariza. Mais que isso, trata-se de um traço e de uma escrita no corpo, que chama o outro e o Outro pelo olhar. Nas palavras da psicanalista: “a tatuagem recorta uma espécie de olhar no próprio corpo: o que se tatua é um traço do Outro”, indicando que “é o olhar do Outro que se imprime, que se marca no corpo. Esse é

---

<sup>2</sup> Meses depois de ter escrito esta pequena reflexão, me deparei com uma perspectiva que em muito se aproxima desta proposição de canções como “contadoras da História” na fala do artista Emicida, que escolhi colocar como epígrafe neste escrito, em entrevista concedida à Naiara Galarraga Gortázar publicada em 11 de dezembro de 2020 no periódico El País Brasil, disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-11/emcida-nossos-livros-de-historia-sao-os-discos.html>, acessado em 15/15/20.

também o princípio da escrita” (*Ibid*, p. 58). Há uma dinâmica que aí se expressa entre uma tentativa de leitura do enigma que o Outro coloca ao *falasser* e o que este pode dar a ver ao Outro, tomando dele algum traço para compor uma escrita.

Avançando na proposição do aspecto de invocação e voz que, pela canção de resistência, poderia se atrelar ao olhar do Outro e à tentativa de “representar o irrepresentável” (*Ibid*, p. 61), podemos dizer que tais canções cunham, pelo gesto do autor, uma marca no campo das expressões culturais, que aqui chamei de corpo da Cultura, que permite uma nova circulação da voz e do olhar como causa de desejo.

As canções de resistência podem, portanto, criar uma barreira e um corte quando a voz do sujeito está ameaçada de ser abafada pelo aspecto mortífero da injunção do Outro incarnada por um outro que oprime, criando, com isso, um silêncio a partir do qual a voz pode ser relançada pela via da invocação vivificante.

Assim, canções de resistência e protesto que ousam cantar “é proibido proibir”, dizendo “sim!” e “não ao não<sup>3</sup>” (VELOSO, 1968) quando a censura impera no Brasil dos anos de ditadura militar, ou “corpos negros balançando na brisa do sul / Uma estranha fruta pendurada nos choupos<sup>4</sup>” denunciando nos anos 1930 o racismo estrutural nos EUA, ou ainda, atualmente, “Trabalho escravo não existe / Desmatamento não existe / Homofobia não existe / Extermínio não existe / Mula sem cabeça demônio dragão / O real resiste<sup>5</sup>”, bem como tantas incontáveis outras, uma vez criadas não podem ser apagadas. Elas ficam no corpo da Cultura como tatuagens musicais, intervindo esteticamente na sociedade, na história e na política, podendo mesmo criar paradigmas culturais que se tornam referência na memória e, simultaneamente, na construção de futuros, evidenciando uma função utópica de sua força.

---

<sup>3</sup> “É proibido proibir”, canção de Caetano Veloso (1968), cuja apresentação junto com o grupo Os Mutantes em 15 de setembro de 1968 no Festival Internacional da Canção, realizado naquele ano no teatro TUCA da PUC-SP, ganhou um discurso que reflete as tensões da época e uma clara invocação à juventude para se posicionar diante da repressão e violência do regime político.

<sup>4</sup> “*Strange fruit*”, poema do autor e compositor estadunidense com origem judia russa Abel Meeropol – originalmente publicado em 1937 com o nome de “*Bitter fruit*” sob o pseudônimo Lewis Allan na revista *The New York Teacher* e no jornal *The New Masses* – escrito sob o impacto do linchamento público, seguido do enfocamento, de Thomas Shipp e Abe Smith, homens negros sob o olhar de homens e mulheres brancas, em Indiana. O poema foi em seguida transformado em canção pelo autor, sendo cantado por Billie Holiday em 1939 no Cafe Society, primeiro club de jazz de Nova Iorque que não praticava a segregação racial, e por ela gravado no mesmo ano pela Commodore Records (Cf. LYNSKEY, 2011).

<sup>5</sup> “O real resiste”, canção de Arnaldo Antunes gravada em julho de 2019 e lançada como vídeo pelo autor em 8 de novembro de 2019, pertencente ao álbum de nome homônimo publicado no ano de 2020. Vídeo dirigido por Fred Siewerdt disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=wxPd-rpEhc&ab\\_channel=ArnaldoAntunes](https://www.youtube.com/watch?v=wxPd-rpEhc&ab_channel=ArnaldoAntunes).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. “L'auteur comme geste”. In: *Profanations*. Paris: Édition Payot & Rivages, 2006, p. 77-93.
- COSTA, A. M. M. “Se fazer' tatuar: traço e escrita das bordas corporais”. In: *Estilos da clínica*, 2002, vol. II, no. 12. São Paulo: USP, 2002, p. 56-63.
- LACAN, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LYNSKEY, D. “Strange Fruit: the first great protest song”, In: *The Guardian*, 16 de fevereiro de 2011. Disponível em <https://www.theguardian.com/music/2011/feb/16/protest-songs-billie-holiday-strange-fruit>. Consultado em 04/01/2020.
- MASSON, C. “L'accent , une langue qui résiste”. In: *Cliniques Méditerranéennes* 2014/2 n° 90. Toulouse, Erès, 2014, p. 85-94.
- TATIT, Luiz. 1997. *Musicando a Semiótica*. São Paulo: Annablume/FAPESP.
- TATIT, Luiz. 2002. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- TATIT, Luiz. 2007. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Editora Escuta, 3. ed.
- TATIT, Luiz. 2010. A canção e as oscilações tensivas. *Estudos semióticos*, vol. 6, n. 2, p. 14—21. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49266>. Consultado em 01/10/2020.
- VELOSO, C. “É proibido proibir”. In: *É proibido proibir / Ambiente de festival*. Álbum editado por Philips em 1968.
- VIVES, J.-M., “A l'entour de la pulsion invocante”. In: *Les destins de la pulsion de mort – une lecture de “Au-delà du principe de plaisir” du “Séminaire VII: l'éthique de la psychanalyse”, Séminaire de psychanalyse 1999-2000*. Nice, Association d'Etudes de Freud et de Lacan, 1999-2000, p. 143-150.
- VIVES, J.-M. Para introduzir a questão da pulsão invocante. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2009.
- VIVES, J.-M., « Comment la voix vient-elle aux enfants ? ». In: *Enfance et Psy*, n° 58, *La voix et l'enfant*. Toulouse, Eres, 2013, p. 40-50.

# **LALANGUE, GESTURE AND RESISTANCE SONGS: MUSICAL TATTOOS IN THE BODY OF THE CULTURE**

## **ABSTRACT**

How can *lalangue* be listened to in the gesture of the author who creates with the voice, inventing, so, a sound-musical signature? And how can it, still, participates to the creation in the culture, in the body of the Culture, of spaces of memory where the resistance is told and sung by songs that are inscribed almost like musical tattoos? The proposition of this essay is to open a reflection on these two broad questions.

**KEYWORDS:** *Lalangue*. Voice. Song. Culture.

## **LALANGUE, GESTE ET CHANSONS DE RÉSISTANCE: TATOUAGES MUSICALES DANS LE CORPS DE LA CULTURE**

### **RÉSUMÉ**

Comment *lalangue* peut se faire entendre dans le geste de l'auteur qui crée avec la voix, en inventant ainsi une signature sonore-musicale? Et comment, en plus, elle peut participer à la création dans la culture, dans le corps de la Culture, des espaces de mémoire où la résistance nous est racontée et chantée à partir de chansons qui s'inscrivent presque comme des tatouages musicaux ? Cet essai se propose à ouvrir une réflexion autour de ces deux amples questions.

**MOTS-CLÉS:** *Lalangue*. Voice. Song. Culture

RECEBIDO EM 25/04/2021

APROVADO EM 20/09/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# O ATO ANALÍTICO E A PRESENÇA (NEGATIVIZADA) DO ANALISTA

Rafaela Brandão Alves<sup>1</sup>

Jean-Michel Vivés<sup>2</sup>

Daniela Scheinkman Chatelard<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente texto se propõe a problematizar a prática dos atendimentos *online* a partir da noção de presença do analista e a função do ato analítico em um processo de análise. Para isso, discutiremos o lugar do corpo do analista e do sensível no campo da psicanálise, pensando a experiência de análise como uma experiência com um sensível em ressonância. Somos, assim, convocados a sustentar uma sensibilidade outra, aquela que consente com a ressonância do real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ato Analítico. Ressonância. Presença. Corpo. Real.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Université Côte d'Azur (Nice/França). Email: [brandaoalvespsi@gmail.com](mailto:brandaoalvespsi@gmail.com) Telefone: +55 62 999462561 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1252-4827>

<sup>2</sup> Psicanalista, Professor Doutor na Université Côte d'Azur (Nice/França). Email : [jeanmichelvives@gmail.com](mailto:jeanmichelvives@gmail.com). Telefone : +33 613421739 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9493-9945>

<sup>3</sup> Psicanalista e Professora Doutora na Universidade de Brasília (UnB). Email : [dchatelard@gmail.com](mailto:dchatelard@gmail.com). Telefone : +55 61 981172282 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7925-573X>

## INTRODUÇÃO

Desnecessário atestar que os tempos já não são os mesmos. A saudade de nos cruzarmos com sorrisos ao vento é só uma pequena amostra do todo. É inevitável diante de tanto não nos perguntarmos o que grandes nomes da psicanálise estariam pensando sobre as transformações as quais estamos sendo empurrados a viver.

Em nossa prática fomos obrigados a nos confrontar com uma situação que já estava presente e provocava debates entre os pares, mas parecia não haver grande empuxo à teorização, estamos falando dos atendimentos à distância ou via remota, se preferirem. Diante da impossibilidade dos encontros em nossos consultórios, começamos a habitar nossos sofás, camas e escritórios para nos encontrarmos com os analisantes do modo como dava, o que por um tempo fora unicamente via telas de computador e celular<sup>4</sup>. Não há dúvidas de que o enquadre mudou. Nos parece, pois, significativo refletirmos sobre as consequências de tais mudança e nos questionarmos se elas afetam ou não o que foi proposto como presença do analista.

É famosa a frase lacaniana de que um analista deve estar à altura de seu tempo, “Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1953/1998, p. 322). Nos últimos anos essa afirmação tem ecoado como um imperativo, até estranha o uso lacaniano do verbo muito pouco associado à função do psicanalista, “dever”. Nos aponta Rinaldo Voltolini (2018), em *O psicanalista e a polis*, ser curioso que esta frase tenha circulado menos como uma advertência e mais como uma palavra de ordem, “Fato significativo, uma vez que são os psicanalistas aqueles que estão mais bem advertidos quanto aos riscos das palavras que funcionam no registro da ordem.” (p.47).

Pois bem, essa assertiva merece cuidado ao ser empregada, já que sem grandes dificuldades podemos usá-la conforme nossa intenção de convencimento. Para Voltolini (2018), fica em aberto o que seria “ter em seu horizonte a subjetividade de sua época”: o que então precisamos fazer ou não fazer para estarmos à altura do nosso tempo? Ele propõe duas possibilidades, ser o analista culto e atento às reverberações do contexto em nossa subjetividade ou ser o analista prático que adapta seu fazer às mutações que a conjuntura por vezes nos demanda. Certamente

---

<sup>4</sup> A temática dos atendimentos via remota não é central a este trabalho, mas concluímos ser pertinente trazê-la para o debate devido a convergência com o nosso objeto de estudo.



um vislumbre de resposta não precisa se fixar em um desses polos, podemos tentar pensá-los sem exclusividade. Por hora, deixemos como uma provocação.

Que fique claro, a mudança não é o problema, bem o contrário disso, nela está a possibilidade do novo. Talvez uma análise da questão deva perpassar a discussão sobre quais fins tais mudanças estão servindo e, com isso, quais as repercussões. Sempre nos lembramos da problematização feita por Walter Benjamin (1935-36/2012) em *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* sobre as transformações nas produções artísticas e o impacto delas na experiência receptiva. Seu olhar não continha um cunho moralizante, isso é melhor ou pior do que o que tínhamos, o intuito era analisar como as transformações no campo estético reverberaram no campo político sem nostalgias conservadoras.

A nós, nos cabe então examinar como fica o campo do sensível na experiência analítica em relação a ausência dos corpos em um mesmo ambiente ainda que em presença do analista. Afinal de qual presença estamos falando?

#### **PRESENÇA SIGNIFICANTE DO ANALISTA**

Para começarmos vamos trazer o relato de Marie-Christine Lasnik (2009) no texto “Ritmo, presença, voz, respiração. Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan”, em que ela compartilha conosco sua experiência com a presença teatral de seu analista, “Lacan não era verboso, mas ator; ele representava a cena à qual meu inconsciente o designava” (p. 65).

Ela nos fala sobre o efeito da respiração, do barulho do passar de páginas e do tom da voz em fazer operar o inconsciente, “Sentia então Lacan se aproximar e eu ouvia o ritmo de sua respiração; o que tinha sua eficácia: eu retomava meu fluxo associativo. Era, portanto, levada pela rítmicidade daquele som.” (Lasnik, 2009, p. 69). Segundo ela, o fazer lacaniano explorava a sonoridade em suas múltiplas aparições, a respiração ao pé do ouvido era um chamado a trabalhar, a se entregar. Para retomar nosso léxico, diríamos que o ritmo corporal buscava não deixar dormir o tambor interior: “Embora nada se inscreva num corte da respiração, ela é, contudo, ritmo, pulsação, alternância vital (...)” (LASNIK, 2009, p. 70).

Além disso ela conta uma curiosidade que não nos pareceu sem importância. Lasnik (2009) ressalta em seu texto que o ritmo não foi um elemento explorado no ensino do psicanalista francês, mas, ao mesmo tempo, ele teria demonstrado

interesse pela temática “dos ritos de possessão no Brasil e sua eficácia” (p.71), tema que abordava o ritmo musical, incentivando-a a estudá-lo. Ela disse ter compreendido naquele momento como o ritmo atuou como um instrumento de decantação do seu desejo durante toda sua análise com Lacan.

Fato é, o psicanalista em questão não recuava em usar seu corpo como instrumento de provocação da associação livre, temos a impressão de que ele lançava mão, o corpo todo se preciso, do que tivesse no seu campo de possibilidades para cumprir com a função de fazer advir o inconsciente. Isso nos faz pensar no que Soler (2009) diz sobre a psicanálise ser uma prática de “proximidade” (p. 70), e, repara-se a data, “(...) na qual subtraímos o face a face, face a face que é um corpo a corpo visual, mas não subtraímos a presença dos corpos.” (p.70). Mais de dez anos depois, não podemos dizer o mesmo, a presença dos corpos precisou ser subtraída.

Com efeito, se nós rastreamos um único momento na obra lacaniana em que ele aborda a presença dos corpos, confrontação entre os corpos, como ele diz, é porque uma prática em que esta presença pudesse ser suprimida não fizera parte dos seus presságios. Queremos dizer com isso que a discussão sobre a presença do analista não tangenciava esse ponto, ele já estava como dado. Aliás, o que temos de relatos sobre as análises desde a época freudiana é que os sujeitos se lançavam em longas viagens para se encontrarem com seus analistas. E se eles partiam nessa jornada é porque a presença do analista já estava lá antes mesmo de subirem no trem.

A expressão “presença do analista” fora igualmente empregada por Sacha Nacht (1963, citado por Ladeira, 2014), em texto homônimo, alguns anos antes do Seminário em que Lacan (1964/2008) subverte radicalmente a acepção dada por ele. Para Nacht, a transferência seria uma regressão a um modo primitivo de relação em que mãe e filho viviam num estado de indistinção, assim, a análise teria que pôr fim ao seu próprio motor, a neurose de transferência. Preocupado com isso, ele defende que o analista deve oferecer ao analisante uma presença que lhe dê segurança e acolhimento para que ele possa enfrentar os medos que dificultam o processo de fortalecimento de si.

Medida técnica nenhuma pode levar a cura a um fim satisfatório se a realidade do psicanalista, sua presença, não estão ali para proteger o sujeito contra seus medos inconscientes e liberá-lo progressivamente deles. As tomadas de consciência sucessivas, indispensáveis para a cura, são impossíveis ou ineficazes se o enfermo não encontra apoio seguro que lhe oferece certa qualidade de presença de seu médico. (NACHT, 1963 citado por LADEIRA, 2014, p.8)

Quer dizer, a presença do analista se resumiria na atitude de não frustrar o analisante, pois “(...) o enfermo deve perceber nessa presença uma constante disponibilidade e uma acolhida incondicional, uma paciência ilimitada e uma capacidade de entrega que resumem para ele esse amor do qual se sente separado desde a infância.” (NACHT, 1963 citado por LADEIRA, 2014, p.9). Nos termos de Nacht, o sucesso de uma análise dependeria da personalidade e das qualidades do analista, contrapondo toda essa disposição à suposta neutralidade exigida por Freud. Ou seja, mais importante do que a técnica empregada, seria a autenticidade do analista com suas “atitudes profundas e reais.” (NACHT, 1963, citado por Ladeira, 2014, p.13).

Em síntese, a presença do analista estaria associada às capacidades pessoais em transmitir um ambiente “apaziguador” e “seguro”. Ao fazê-lo, com o tempo, o analista começaria a fazer parte da realidade objetiva do analisante saindo do campo fechado da transferência (NATCH, 1963, citado por LADEIRA, 2014). A transferência seria um laço ilusório oposto à realidade, por isso, teria que ser liquidada.

Natch (1963 citado por Ladeira, 2014) fala como se houvesse uma cisão entre uma realidade externa e outra interna onde se poderia colocar e tirar o analista. Contudo, para Lacan, a transferência não é uma ilusão, mas a cena na qual o inconsciente pode ser jogado, sendo a presença do analista uma manifestação do inconsciente (LACAN, 1964/2008). Ou seja, ela não tem a ver com as qualidades e o caráter do analista; claro, cada qual se joga na cena com seu estilo, mas não é este o ponto fulcral. A teimosia lacaniana fora exatamente esta, desconectar a transferência, um fenômeno que só pode ser apreendido enquanto um nó, de suas manifestações afetivas e imaginárias (LACAN, 1964/2008).

Claro que há afeto, há acolhimento, há presença terna. Vamos tomar o exemplo de Lacan como trazido por Soler e Lasnik, a primeira diz que, com seu estilo pomposo e teatral, ele tinha uma “(...) presença humana, quase fraterna, do mesmo lado do muro que o analisando” (SOLER, 2009, p.112), e a segunda relata que ele a chamava de “minha jovem”. Imagina que abuso essa intimidade com uma analisante! Poderia ser um abuso? Poderia. E por que, ao que tudo indica, não é? Porque segundo Lasnik (2009), ali havia um chamado ao seu desejo inconsciente: “Hoje, acho simplesmente que aquela era para ele uma oportunidade de ensinar a juvenzinha a amar.” (p. 61),

quer dizer, havia um chamado para que de amada ela passasse a posição de amante, implicando-se, pois, em sua falta.

O que Lacan está tentando nos dizer é que a presença do analista vai além do que a cena transferencial recebe de investimentos afetivos, ela diz do instante em que o analista é pinçado pelo discurso do sujeito, quando ao analista é direcionada uma questão sobre seu ser. Voltamo-nos agora à função Sujeito Suposto Saber. “A questão é, primeiro, para cada sujeito, de onde ele se baliza para dirigir-se ao sujeito suposto saber.” (LACAN, 1964/2008, p. 226). Ela é de saída um fazer-se enganar-se, visto ser função do analista não se ludibriar com a posição que lhe é auferida, isto é, o analista empresta seu juízo, seu corpo e suas palavras para serem apropriadas pela fantasia de cada sujeito que ali chega com uma demanda de saber, sabendo ser um empréstimo sem ressarcimento.

Nesse sentido, a presença do analista não se restringe ao comparecimento do analisante no *setting* clínico, os sonhos nos mostram essa dissociação. Inclusive, alguns analistas se pautam no momento em que o analisante relata ter sonhado com ele ou quando troca “x” nome pelo do analista como um sinal de que a transferência está em marcha e que, podendo-se prescindir do olhar, o analisante pode ser dirigido ao divã, colocando em ênfase a função da voz. Luciano Mattuella (2020) no livro “O corpo do analista”, diz:

Quando podemos ser sonhados, já não precisamos mais estar presentes de forma positivada. Talvez o que esteja em jogo aqui seja a possibilidade de dispensar o corpo do analista como suporte positivado da função do analista. Que esta função se torne um endereçamento da fala, mais do que uma *encarnação em alguém*, me parece um bom indício de que a passagem ao divã seja uma alternativa interessante. (p.32)

Com efeito, concordamos com o autor, para que o analista ocupe o lugar de endereçamento de um saber a presença dos corpos não precisa estar positivada a todo tempo, visto que, uma vez alçado à condição de significante, o analista se faz presente ainda que ausente em sua materialidade. No entanto, a função do analista também comporta a sua responsabilidade em fazer advir o inconsciente, o inconsciente real, logo, ainda que a encarnação em alguém possa ser dispensada para que a presença do analista continue operando, diríamos que a presença dos corpos não pode ser dispensada como suporte negativizado da função do analista.

## PRESENÇA NEGATIVIZADA DO ANALISTA

Fazemos um jogo com a frase de Mattuella (2020), presença positivada, a fim de demarcarmos a visada lógica que estamos propondo. Trata-se de uma presença negativizada na medida em que o corpo só é caixa de ressonância por ser furado, ou seja, por ser presença em que se inscreve o negativo da pulsão, seu objeto perdido. Mas, ainda assim, poderíamos pensar que nos encontros via remota os corpos estão positivados, já que podemos vê-los através das telas ou escutá-los pela materialidade das vozes. Deveras, o corpo está positivado em suas faces imaginário-simbólicas, mas o corpo negativizado<sup>5</sup> está negativado, excluído do campo. E é este que sustenta o ato.

Ao ler o recente livro de Mattuella (2020) concluímos que o corpo do analista discutido é o corpo que pode ou não ser positivado, pode estar ou não capturado pela pulsão escópica, “A experiência do corpo, portanto, é sempre *estética*, na medida em que diz respeito ao encontro do olhar com...algo.” (p.14). Ele ressalta que “Pouco se fala, entretanto, do corpo do psicanalista como suporte mesmo do exercício de escuta, como encarnação da “função psicanalista.” (idem, p.24), mas, a nosso entender, fala-se pouco sobre o corpo do analista, de modo geral, nas produções lacanianas, enquanto outras linhagens o abordaram e continuam abordando ao discutir a contratransferência. Vejamos como ele apresenta o assunto:

O meu interesse é pelo corpo do psicanalista *em transferência*, este corpo que entra em cena literalmente falando. (...) Corpo que está em jogo quando um paciente sente que precisa levantar do divã e “olhar nos olhos” do analista, como que em busca de uma intimidade ou cumplicidade que necessita da *materialidade*. Ou, por outro lado, presença que incomoda e provoca vergonha, que precisa ser negativa pela passagem ao divã, que obstrui a livre associação (MATTUELLA, 2020, p.24).

É um texto interessante. Ele nos propõe três modos de pensar a experiência do corpo do analista na transferência. O corpo estranho, o corpo do texto e o corpo

---

<sup>5</sup>Cunhamos esse termo com o intuito de explorar um para além do par positivar/negativar proposto pelo autor. Podemos escutar seu uso na linguagem informal como uma variação de negativar, mas ela não é uma palavra correta segundo a ortografia da língua portuguesa. Pretendemos com isso colocar em evidência a dupla operação de inscrição de uma perda, o depois que instaura e ratifica o que viria a estar lá. Retomamos, pois, a perda irreduzível e estruturante, aquela que diz respeito à causação do sujeito. Enfim, ao usarmos o “negativizado”, fazemos alusão à presentificação *nos* corpos da perda originária do objeto que será experienciada no corpo esburacado pela queda do objeto *a*, no corpo caixa de ressonância.

cênico. O primeiro é trabalhado a partir da experiência de estranhar o outro em si, consequência de uma constituição que vem pelo atravessamento do olhar/desejo do outro, “um corpo que é nosso, mas que nos aparece ‘de fora’, invade a transferência e nos coloca em questão.” (MATTUELLA, 2020, p.25). O segundo, corpo do texto, é referido pelo desgaste que sentimos no corpo, corpo que se cansa pois nele se escreve os significantes do analisante: “Quantas vezes saímos do consultório com a sensação de que deveríamos ter feito uma intervenção, mas por algum motivo não fizemos? É como se este significante que precisaria ter sido sublinhado tivesse ficado encarnado em nosso corpo” (idem, p.33).

Esse corpo é o que mais poderia se aproximar do *em-corpo* que aqui propomos, já que este não é sem a inscrição do significante, mas para por aí, neste corpo “(...) suporte para inscrição de um saber inconsciente.” (idem, p.39) e que o analisante pode “eventualmente” se dispensar, ou seja, ele não dá sinais de abordar o corpo enquanto sensível ao significante. Por último, o corpo cênico é aquele “(...) que ganha consistência no próprio laço *transferencial*. Quando falo da cena transferencial, me remeto a este espaço invisível em que analista e analisando constroem um palco no qual a neurose é encenada e os corpos são figurados e *fantasiados*” (idem, p. 42).

Parece-nos que, ao trabalhar esses três modos de experiência com o corpo do analista, ele apresentou experiências com o corpo *pelo* analista. Em outras palavras, como o analista vivencia o estranhamento de seu corpo, o desgaste e o uso que o analisante faz dele. É de suma importância que possamos falar dos efeitos da transferência em nosso corpo, efeitos subjetivos ressalta-se. Mas, o corpo que nos interessa é aquele que não nos oferece grandes margens para a subjetivação, pois ele ex-siste a esse campo do estranhamento, da escrita e do uso.

Em verdade, isso que expomos escapa às palavras. Tem sido inclusive um grande desafio discorrer sobre ele. A escrita experimenta sua intangibilidade. Dizemos isso porque tivemos a impressão de que o mesmo aconteceu com algumas produções que encontramos sobre o corpo do analista, como se elas vislumbrassem algo para além do corpo positivado, mas este mesmo algo fizesse malograr o intento. Isso é indicado por Eliana Leite (2006) em “O corpo do analista: clínica, investigação, imaginação”, quando ela nos fala sobre a ocorrência de sensações e manifestações corporais e de um “algo a mais” na comunicação analítica:

Examinar mais de perto estas manifestações, tentar abordá-las com os recursos da metapsicologia, interrogar o modo pelo qual o corpo do analista participa do seu trabalho — em sua dupla natureza de investigação e clínica — poderiam ser propostas de uma reflexão que, no entanto, quase sempre permanece apenas sugerida (p. 79-80).

A autora denuncia sem rodeios a esquiva em interpelarmos o corpo do analista, ele “(...) parece ser resguardado por uma sorte de recato investigativo, talvez o mesmo que levou Freud a colocá-lo fora de vista, mas tal disposição não o exclui nem faz dele um corpo inerte” (p.80). Sua hipótese é de que seria uma concessão falarmos dos afetos no corpo do analista, já que, de acordo com os princípios do método, nós operamos pela palavra e não pelos afetos. Contudo, percebe-se pelas produções que cada vez mais o corpo é mencionado como uma “(...) superfície de repercussão desta escuta, sujeita hoje à incidência de formas de organização psíquica que *se fazem sentir* mais do que se dão a ouvir.” (LEITE, 2006, p.82).

Deste modo, Leite (2006) provoca os analistas a investigar como o corpo toma parte no desenrolar de uma análise. E ao mesmo tempo em que ela provoca, ela procura uma resposta. Seu caminho de construção inquire sobre os processos que acontecem do lado do analista, ela procura quais os impactos da linguagem e dos elementos extraverbais na recepção daquele. E para substancializar seu pensamento, a autora desenvolve a ideia freudiana de regressão às imagens visuais, princípio da figurabilidade do inconsciente, para dizer que a afetação no corpo do analista acontece pela entrega à regressão alucinatória. Vê-se pela argumentação que a autora se aproxima das vertentes que leem a relação transferencial como constituída em dois polos, analista/analisante, havendo, pois, dois inconscientes em jogo.

Estivemos em compasso com Leite (2006) em suas provocações, seus remarques sobre as manifestações no corpo do analista e o “algo a mais” notado. Apesar desses pontos de convergência nos distanciamos da vereda contratransferencial e a relação entre inconscientes. É justamente para que nossa trajetória não se confunda com pontos de vista polarizantes que empregamos a noção de *em-corpo de analista*. Isto significa que, ao falarmos de um corpo em transferência, localizamo-lo topologicamente na banda de Moebius, não é corpo do analista e corpo do analisante, mas *em-corpo* operando pela lógica de uma fita unilátera que ao mesmo tempo que é dentro é fora.

Mas vamos seguir um pouco mais nos diálogos com as produções contemporâneas que tangenciam nossa temática. Encontramos nos pensamentos de Simone Wiener (2008), *Parfum de corps dans la cure*, reverberações com o que estamos discorrendo e, sublinha-se, também compartilhamos o mesmo campo dentro da psicanálise, o campo laciano. Ela inicia seu texto dizendo que o tecido da transferência se trama com elementos heterogêneos, sejam eles, a língua singular do analisante e aquilo que do corpo se mobiliza.

Para Wiener (2008), o corpo é o elemento que torna possível a construção de um discurso como fonte daquilo que não passa pela mente, mas, pelos sentidos, e induz a produção simbólica. No que concerne ao corpo, ela o situa, lacianamente, em uma estrutura topológica na qual os três registros corporais estão enodados, o corpo imagem, o corpo do simbólico subjetivado como meu e o corpo real. Este último seria responsável por sinalizar a presença do analista escondida detrás do divã, que, por estar fora da captura do olhar, tem sua dimensão real privilegiada: “Surge um efeito de presença<sup>6</sup>” (p. 121).

Sob este ângulo, a presença estaria articulada às manifestações corporais como um arranhar de garganta, um cheiro, um espirro, enfim, indícios de que há ali uma presença, do real: “O corpo do analista é antes de mais nada o índice de um real, de uma presença. O que coloca em perspectiva aquela parte inevitável da análise que, para ter lugar, para ser realizada, passa pelo corpo<sup>7</sup>” (p.121). A autora faz inclusive menção à ressonância da voz ao dizer que, ao nos deitarmos produzimos, pela voz, efeitos únicos de presença corporal, também situa o olfato e o paladar como estímulos à enunciação do sujeito, como um gatilho à uma reminiscência que seria combustível da associação livre.

Entendemos a partir de nossa leitura do texto que quando ela questiona: “Será que um analista se envolve com o seu corpo numa análise<sup>8</sup>?” (Wiener, 2008, p.119), o que ela quer efetivamente destacar é como a presença corporal do analista atua como alavanca à fala do analisante, sendo um estímulo ímpar, já que envolto no laço

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: “Un effet de présence en ressort” (Wiener, 2008, p.121).

<sup>7</sup> Tradução nossa: “Le corps de l’analyste, c’est avant tout et après tout l’indice d’un réel, une présence. Celle qui met en perspective cette part incontournable de l’analyse qui, pour s’effectuer, pour se réaliser, en passe par du corps.” (Wiener, 2008, p.121).

<sup>8</sup> Tradução nossa: “Un analyste s’engage-t-il avec son corps dans une analyse?” (Wiener, 2008, p.119).



transferencial. Isso nos remete ao efeito de ritmo da respiração de Lacan à associação de Lasnik (2009). Mais uma vez, portanto, nos deparamos com uma produção que abarca o corpo do analista circunscrevendo o *lado do analista*, por mais que a autora o tenha articulado como estímulo à associação do *lado do analisante*.

Figura-se, assim, que nosso ponto de torção às proposições dos colegas chamados para a conversa perpassa a desafiadora tarefa em tangenciar o corpo que ex-siste na situação analítica que não é sem esse corpo imaginário-simbólico por eles abordado. Desta forma, os corpos como sustentação imaginária e como estímulo perceptivo fazem parte do encontro analítico, não há dúvidas quanto a isto. Esses corpos, como vimos, podem ser positivados e negativados e isso não necessariamente coloca impasses à operação da transferência. Questiona-se, contudo, se ao subtrairmos a presença dos corpos, dos corpos negativizados, teríamos efeitos na função do analista.

## CONCLUSÃO

À guisa de recapitulação, concluímos que a presença do analista é a operação da transferência, isto é, o enredo que cada sujeito cria ao investir a figura do analista como aquele que sabe algo sobre ele que ele mesmo não sabe. E para que esta presença se institua é preciso que haja um tempo de confrontação entre os corpos, quer dizer, que os corpos sejam colocados face a face (Lacan, 1971-72). É necessária, portanto, a impregnação do imaginário do outro para que, com o engendramento do discurso analítico, o analista possa sair do campo de visão no entre poltronas.

Certo, até aí nada que já não tenha sido dito e teorizado. A questão é que com as novas tecnologias a favor do “progresso” civilizatório, a presença do analista começou a ser uma expressão controversa. Por mais que ela não esteja forçosamente ligada ao encontro entre os corpos, não podemos excluir a necessidade de que a função Sujeito Suposto Saber se materialize e faça retornar ao analisante sua mensagem invertida. Melhor dizendo, é preciso que o analista intervenha, que ele também pague com suas palavras para que o falante escute o que ele não pode escutar por si mesmo.

Mas este ainda não é o ponto principal da querela. Como dissemos, a ausência “eventual” do analista não impede que sua presença continue operando, temos a anedota de uma análise com Lacan em que este sai para atender a um telefonema e diz ao analisante: “Que isto não impeça você de continuar sua sessão durante minha

ausência.” (Allouch, 1999, p.35). Pois bem, a querela está na qualidade desta presença, o que não tem que ver com a autenticidade do analista como pensava Nacht, mas se essa presença exclui ou não o corpo negativizado.

O corpo negativizado é o corpo caixa de ressonância, corpo sensível a algo que ressoa do significante (Lacan, 1975-76/2007). De sorte que isso que ressoa demanda mais do que um face a face entretelas, pede o encontro, tal qual na física, de corpos de frequências próprias em um campo em que elas possam se propagar e entrar em equilíbrio ou desequilíbrio segundo a frequência de ressonância de cada sistema. De acordo com Didier-Weill (2010), o corpo humano é uma flauta, outra imagem, como a caixa de ressonância, usada para representar os vazios do corpo do falasser, efeitos da encarnação/encarnação da linguagem.

O que estamos dizendo fica ainda mais claro quando nos lançamos na experiência com a arte. Se formos pensar, por exemplo, na apresentação de Troy Andrews, conhecido como Trombone Shorty<sup>9</sup>, na qual a técnica usada pelo artista faz com que aqueles que estavam na plateia experimentassem em átimos de segundo a suspensão do tempo, eles são absorvidos pela continuidade do som e diante do insuportável no corpo procuram recuperar a descontinuidade batendo palmas. Não havia intencionalidade consciente naquelas palmas, elas foram uma resposta reflexa para afastar a aproximação do real veiculado pela continuidade e repetição de notas demasiadamente próximas entre si, em tensão, exigindo uma resolução que o ouvinte não sabia quando iria chegar.

Nós que não estávamos lá diante do mestre do trombone tivemos o ímpeto de cortar o vídeo? Me parece que não. Experimentamos certo desconforto, ficamos escandalizados, admirados, por certo, mas não ao ponto de nos impelir à um ato de corte. Estamos “protegidos” pelas telas. Essa proteção é bastante contraditória, pois se ela nos coloca ao abrigo da ressonância do real – mediado pelo arranjo sonoro –, ela nos priva de uma experiência estética invocante daquele vivente perdido.

O real, em sua potência de encontro, ressoa e atualiza o reencontro da linguagem com o corpo. Há um ponto de real na linguagem, *lalíngua*, que toca o corpo e nos lembra sua origem, perdida, por certo, mas presente em efeitos que dão existência ao corpo vivente. Esses efeitos não são de sensações e emoções que possam ser transcritos para o campo das representações, seja pela via das palavras

---

<sup>9</sup> Acessível em <https://www.youtube.com/watch?v=-nEtknoOdxI>.

ou dos sentimentos, são efeitos que teremos notícias apenas pelo furo no simbólico ou ainda pela recusa em se fazer furar, como no caso dos autistas (Vivès, 2012).

Há, portanto, uma diferença na comoção corporal, isto é, na experiência estética do corpo se estamos próximos ou à distância daquilo que ressoa. Nesta perspectiva, nos interessa salvaguardar que, ao nos encontrarmos à distância com nossos analisantes, via remota, estamos nos “salvando” do encontro com esse real ressonante. Estaríamos então nos furtando da função de analista?

Se a função do analista é não outra que garantir o ato analítico, “O que é ser psicanalista? É para este alvo que se encaminha o que tento dizer este ano, sob o título ‘o ato psicanalítico’”. (Lacan, 1968/n.d., p. 213). Não há ato analítico fora da transferência, mas isso não certifica que, porque há transferência, haverá ato analítico. Ou seja, a presença do analista não é garantia de que a função do analista está operando. Nas palavras de Lacan (1968/n.d):

(...) fica a cargo do psicanalista que estabeleceu, permitiu, autorizou as condições do ato, ao preço de que ele mesmo venha a suportar essa função do objeto pequeno “a”. O ato psicanalítico é, evidentemente, o que dá esse suporte, autoriza a realização da tarefa psicanalisante. É na medida em que o psicanalista dá a esse ato a sua autorização, que o ato psicanalítico se realiza. (p. 233)

De fato, melhor do que falar em garantir o ato analítico é falar que o analista é responsável por estabelecer, permitir e autorizar as suas condições, dado que pela sua própria estrutura lógica, só o sabemos pelos seus efeitos. Segundo Lacan (1968/n.d), a estrutura do ato consiste em, ao ocupar o lugar de objeto *a*, dejetar caído do próprio percurso de análise, o analista autoriza a tarefa psicanalisante.

Por este ângulo, o ato do analista sustenta a transferência de saber do lugar daquele que supostamente sabe e não do que sabe conforme esperado pela fantasia do analisante, de modo que essa lógica comporta a renúncia à posição de mestre a ele atribuída pelo analisante. Frisa-se que essa renúncia não é fruto de uma decisão simples, mas de um ato, ato em se confrontar com o impossível. Em última instância, é uma falsa renúncia, pois estaríamos abrindo mão de algo que nunca tivemos.

Mas o destino da fé que alimenta a tarefa psicanalisante é ir gradualmente, ato após ato, esmaecendo. Temos então uma conta que não fecha, pois se o ato autoriza e instaura a tarefa psicanalisante, seja a fé no Sujeito Suposto Saber, justamente por não responder do lugar de mestre algo se dá na experiência do ato que torce ainda

mais a relação do falante com o saber. Ele entra tendo certeza de que o analista sabe e sai sabendo da certeza do Suposto Saber do Sujeito.

Isto quer dizer que a estrutura do próprio ato é desacreditar aquilo que ele inicialmente autoriza. A mutação operada na relação do sujeito com a verdade é consequente do desvendar do semblante que havia ali, sem desgosto, sem gratidão, sem nostalgia, simplesmente porque não poderia ser de outra forma. O saber é dado em ato e suposto apenas depois, “O ato analítico, sejam quais forem suas manifestações, é isso: posicionar um inconsciente, que em si mesmo não se posiciona, e que, por isso, o analisando poderá supor, pois a suposição é retroação da posição.” (SOLER, 2012, p.54).

O que então na estrutura do ato analítico nos implica na descrença da suposição de saber no Outro? Melhor dizendo, na realização de que o saber não existe *a priori*, mas ele ex-siste ao ato de fala? Ele nos abre para a experimentação com o inconsciente real, aquele que vai na contramão da transferência de saber precisamente por que revela o malogro dessa transferência, daí que “Todo o problema é passar ao inconsciente real pelo trabalho da transferência.” (SOLER, 2012, p.56). A complicação que envolve o ato e o fazer do analista está, portanto, no fato de que ao mesmo tempo em que faz uso da transferência ele tem em sua direção sua liquidação.

Assim, sendo função do analista criar e autorizar as condições do ato analítico, é igualmente sua função suportar o fim da empreitada em que se meteu. Ele entra para sair, para cair. Isto quer dizer que a função do analista está diretamente implicada na direção de desfecho de uma análise, o que só possível pela experiência com o inconsciente real:

Vale dizer que o inconsciente real não se ensina e só se assegura para cada um na experiência singular de elaboração que é sua análise, além disso, com duas condições: que o inconsciente seja antes de mais nada suposto (transferência) e que o ato analítico forneça ‘o parceiro que tem a chance de responder’ (SOLER, 2012, p.61).

Parece-nos cabal a ressalva de Soler (2012) sobre não se ensinar o inconsciente real. Coadunando com o que temos como hipótese deste trabalho, se ele não pode ser ensinado, já que sua estrutura é avessa ao campo da representação, é de sua natureza ser experimentado. O ato analítico é, nesse sentido, via de experimentação do inconsciente real, experimentação compartilhada entre parceiros, pois ali ninguém sai ileso.

## REFERÊNCIAS

- ALLOUCH, J. (1999). *Alô, Lacan ?É claro que não.* (Trad. S. R. Felgueiras). Rio de Janeiro:Companhia de Freud.
- BENJAMIN, W. (1935-36). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In : (Trad. Sérgio Paulo Rouanet) *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* – 8º Ed. Revista – São Paulo:Brasiliense, 2012.
- DIDIER-WEILL, A. (2010). *Un mystère plus lointain que l'inconscient.* Paris : Flammarion.
- LACAN, J. (1953). Função e Campo da fala e da linguagem. (Trad. V. Ribeiro). In *Escritos.* Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1964). *Seminário, livro11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* (Trad.M.D. Magno). Rio de Janeiro : Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1967-68/n.d.). *O seminário, livro15: O ato analítico.* Inédito.
- LACAN, J. (1971-72). *Seminário : O saber do psicanalista.* (Trad. A. I. Corrêa, L. P. Fonsêca, N. Z. Frej). Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- LACAN, J. (1975-76). *Seminário, livro23: O sintoma.* (Trad. S. Laia e A. Telles). Rio de Janeiro : Zahar, 2007.
- LADEIRA, J. A. (2014). *Sobre a presença do analista na direção do tratamento: algumas reflexões atuais sobre o tema.* Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- LASNIK, M. C. (2009). Ritmo, presença, voz, respiração. Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan – Marie-Christine Lasnik. In: *Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários.* (Org. A. Didier-Weill e M. Safouan) (Trad. C. Berlinier). 57-71. Rio de Janeiro:Zahar.
- LEITE, E. B. P. (2006). O corpo do analista: clínica, investigação, imaginação. In: *Jornal de Psicanálise.* 39 (71). 79-99. São Paulo.
- MATTUELLA, L. (2020). *O corpo do analista.* Porto Alegre : Artes e Ecos.
- SOLER, C. (2012). *Lacan, o inconsciente reinventado.* (Trad. Procópio Abreu). Rio de Janeiro: Cia. De Freud.
- VIVES, J.M. (2012). *A voz na clínica psicanalítica.* Rio de Janeiro: Contra Capa.
- VOLTOLINI, R. (2018). O psicanalista e a Pólis. In: *Estilos clin.,* v. 23, n. 1.47-61. São Paulo.
- WIENER, S. (2008). Parfum de corps dans la cure. In : *La clinique lacanienne.* 2008/2; n. 14. Éres. 113-121.

# THE ANALYTIC ACT AND THE (NEGATIVIZED) PRESENCE OF THE ANALYST

## ABSTRACT

This paper aims to problematize the practice of online consultations from the notion of presence of the analyst and the function of the analytical act in a process of analysis. To do so, we will discuss the place of the body of the analyst and the sensitivity in the field of psychoanalysis, thinking the experience of analysis as an experience with a sensitivity in resonance. We are, thus, convoked to sustain a different sensibility, the one that consents to the resonance of the real.

**KEYWORDS:** Analytic act. Resonance. Presence. Body. Real.

# L'ACTE ANALYTIQUE ET LA PRÉSENCE (NÉGATIVÉE)

## DE L'ANALYSTE

### RÉSUMÉ

Cet article vise à problématiser la pratique des consultations en ligne à partir de la notion de présence de l'analyste et de la fonction de l'acte analytique dans un processus d'analyse. Pour cela, nous aborderons la place du corps de l'analyste et du sensible dans le champ de la psychanalyse, en pensant l'expérience de l'analyse comme une expérience avec un sensible en résonance. Nous sommes donc convoqués à soutenir une autre sensibilité, celle qui consent à la résonance du réel.

**MOTS-CLÉS:** Acte Analytique. Résonance. Présence. Corps. Réel

RECEBIDO EM 15/07/2021

APROVADO EM 20/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanalisebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanalisebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO



# O RESTO COMO CAUSA DO DESEJO NA OBRA “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

Alcivan Nunes Vieira<sup>1</sup>

Karla Patrícia Holanda Martins<sup>2</sup>

Lia Carneiro Silveira<sup>3</sup>

## RESUMO:

Este ensaio se propõe a discutir o resto como causa do desejo tomando como percurso a obra “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa. Sua tessitura está organizada na margem onde se encontram literatura e psicanálise, articulação esta que se faz presente na referida obra onde estão em jogo o desejo e um resto, como causa desse desejo, que é incapaz de ser todo coberto pela linguagem. Não existe a intenção de explicar o conto, ao contrário, a perspectiva é a de explorar a riqueza do que ele possa representar, extraindo dele significações que possam ilustrar o desejo como causa do sujeito inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Desejo. Causa. Estudos de Linguagem. Literatura.

---

<sup>1</sup> Enfermeiro, doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (UECE). Docente da FAEN UERN. [alcivannunes@uern.br](mailto:alcivannunes@uern.br) <https://orcid.org/0000-0003-4222-6262>.

<sup>2</sup> Psicóloga, doutora em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Docente associada da UFC. [kphm@uol.com.br](mailto:kphm@uol.com.br) <https://orcid.org/0000-0003-3242-6287>.

<sup>3</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem (UFC). Docente do curso de psicologia da UECE. Integrante do Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza. [silveiralia@gmail.com](mailto:silveiralia@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0003-3425-6525>

O senhor mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. Guimarães Rosa, 1956, Grande Sertão Veredas

Este ensaio se propõe a discutir o resto como causa do desejo, tomando como percurso a obra "A Terceira Margem do Rio" da autoria de Guimarães Rosa. Sua tessitura está organizada na margem onde se encontram literatura e psicanálise, articulação esta que foi inaugurada por Freud e retomada em toda a sua obra, dado o seu potencial tanto na transmissão e no ensino quanto na pesquisa com a psicanálise (CAMPOS; CASTRO, 2014).

O texto que ora apresentamos se desenha na margem onde se encontram literatura e psicanálise. Portanto, o sujeito a que nos referimos não é equivalente ao indivíduo, ou a pessoa, mas sim, o sujeito do inconsciente. Este, assim como citado na epígrafe acima, não surge como uma unidade terminada no momento do nascimento, mas constitui-se a partir da ação da linguagem.

Para Lacan (1957/1958; 1999) o sujeito advém ao se fazer representar na cadeia simbólica por um traço significante que vai ser recolhido do conjunto disposto pelo Outro da linguagem. Essa operação chamada de "alienação" comporta sempre um resto, tendo em vista que a linguagem é insuficiente para recobrir o todo da experiência. É isso que escapa à apreensão languageira, ou seja, à possibilidade de vir a inscrever-se no psiquismo como representação, que vai funcionar para um sujeito como um resto que causa seu desejo e, da mesma forma, sua angústia. A produção deste resto expressa a marca da angústia localizada no cerne da experiência humana ao se tornar um ser de linguagem que depende das relações que aí se estabeleçam

Lacan (1964-1998) no seu estudo acerca disso que escapa a apreensão da linguagem, passou por várias denominações: o outro, o agalma, a anomalia, a coisa freudiana (FINK, 1988). Mas foi com a noção de objeto *a* que ele conseguiu formalizar o conceito apontando, inclusive, que esta seria sua contribuição original à psicanálise. Trata-se de uma elaboração complexa e que aparece em sua obra com definições diferentes, dependendo de sua localização e das relações que estabelecem com os outros conceitos. Assim, o objeto, para Lacan pode ser entendido como objeto recortado no corpo, objeto cedido ao Outro, objeto causa do desejo, objeto mais-de-gozar e objeto resto da operação de divisão do sujeito na entrada da linguagem (LACAN, 1954-1955/1985).

Isso porque, considerar esse resto como aquilo que escapa à linguagem, instiga a necessidade de se criarem ficções que bordejem e localizem este algo que não pode ser simbolizado plenamente e que, ao mesmo tempo, insiste em comparecer na experiência. Entendemos que esta necessidade pode ser abordada através do gênero literário da ficção e a este recurso nos apegaremos no intuito de delimitar e discutir o resto como causa do desejo do sujeito, tendo como suporte o conto de Guimarães Rosa “A terceira margem do rio” (ROSA, 1972).

Temos na obra deste autor uma ficção rica em capturas daquilo que causa o sujeito por meio de seus personagens e do seu enredo; a linguagem que ele utiliza caracteriza o esforço para registrar o limite do dizer ao se deparar com o indizível, criando vias de significação e de deslizamento dos sentidos aparentes.

Em nada este esforço descritivo conseguirá transpor a blindagem do não dito e muito menos imaginarizar aquilo que causa o sujeito; mas a nossa hipótese é que, ao empreender tentativas de evidenciar as fraturas constitutivas e irreparáveis do sujeito que se fazem presentes na linguagem e localizar o que se manifesta nessa hiância, poderemos elaborar algum saber acerca do que marca a relação do sujeito com o seu desejo.

Ficcionalizar pode se constituir em um exercício de significação quando o recurso da palavra se torna o próprio limite do dizer; neste exercício, a criação tem como matéria prima as palavras, o dito, o silêncio e o que não pode ser dito (RIVERA, 2005).

## **A CAUSA DO DESEJO E SUAS MANIFESTAÇÕES NA LINGUAGEM**

Para Freud o desejo consiste em um movimento retrógrado ordenado pelo traço mnêmico destinado a tentar re-encontrar aquilo que foi vivido como perda. É ele quem coloca o aparelho anímico em ação entrelaçando o presente, o passado e o futuro; como efeito de uma causa real o “[...] desejo enlaça um objeto constrangido por uma interpretação fantasmática [...]” (FREUD, 1900-1901/2001, p. 595).

Lacan, nos seus escritos e seminários dos anos 50 e início dos anos 60, se propôs a reler Freud a partir do estruturalismo para aproximar a invenção freudiana do inconsciente de uma experiência simbólica. Propõe que o inconsciente é estruturado como uma linguagem seguindo, portanto, uma lógica própria. Para Lacan (1960-1998) o desejo se esboça a partir da linguagem, em uma relação de saber parcial onde um significante mestre orienta a produção desejante. Logo, esse desejo

se articula através da demanda estando para além e aquém da mesma, aparecendo como efeito metonímico que desliza em uma cadeia significativa. Isto porque "o desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade" (LACAN, 1960-1998 p.828).

O desejo do sujeito não se consuma na vontade consciente porque é inacessível a esta; ele se situa fora do cognoscível e é a força motriz que produz os movimentos, as inércias e os laços sociais que o sujeito faz sem se dar conta, pois, o desejo é inconsciente (FLEM, 1994). O que tem primazia nessa lógica não são os significados, mas os significantes e as leis que regem suas combinações em cadeias. E se o inconsciente é estruturado como linguagem é na fala que podemos ter acesso aos seus rastros, às pistas que denunciam sua causa e às trilhas empreendidas para encontrar sua satisfação (LACAN, 1959/1960-2008).

O que não significa apreender esta fala como sendo a verdade e a significação plena do real. Acessar o inconsciente implica na destituição da consciência como fonte do saber assumindo que este é apenas suposto, que se trata de uma projeção significativa falha e enganosa (LACAN, 1957/1958, 1999). Pois, aquilo que é dito e apreendido conscientemente é, na verdade, uma barreira no acesso ao inconsciente; é na busca das falhas da linguagem e do que não foi dito que a vida psíquica pode ser contornada, nunca decifrada, uma vez que o que não foi dito em essência é indizível (FINK, 1998).

Este indizível possui manifestações que emergem na cadeia significativa produzindo novos signos que abrem torrentes de significação. Nos tropeços da língua o desejo do sujeito emerge em meio a metáforas e metonímias registrando algo que não pode ser dito sob a lógica da razão (FINK, 1998). Por isso podemos falar aí de causa, pois é naquilo que o sujeito fracassa em dizer que ele se indaga sobre a causa: por que eu disse isso? Por que me sinto assim? Como afirma Lacan (1964-1998, p. 27) "Só existe causa para o que manca". Lidar com esta causa exige um estranhamento da linguagem e uma constante atitude de duvidar da sua literalidade e da significação plena e acabada, assumindo o inevitável engano da cognição (ROUANET, 1985).

A linguagem é, portanto, uma travessia entre o dito e o não dito, entre o saber e o que não se sabe; ela age significando tudo e nada ao mesmo tempo sem se tornar

algo sem razão porque não cessa de beirar os ocos constitutivos da fala e do próprio sujeito (RIVERA, 2005).

Aventurar-se no intuito de capturar a causa do desejo tomada em seu estatuto inconsciente e na sua manifestação nas margens da linguagem significa assumir um desprendimento da significação produzida pela fala consciente; em uma via oposta, vamos empreender uma atitude de valorização do lapso e de tudo o que se manifesta como tropeço da linguagem, seus equívocos mais banais, seus tropeços menos perceptíveis (RIVERA, 2005).

É seguindo este descompasso que, ao nos debruçarmos sobre o texto, nos tornaremos famintos, devoradores insaciáveis, valorizando o que foi dito de forma banal, o tropeço e o singelo deslize da linguagem. Trabalhar com a fala em todos os seus elementos linguísticos passa pelo reconhecimento de que em cada um deles há uma ponta, um traço do inconsciente; é preciso exercer uma mendicância de significados recolhendo cada pedaço de fala e fazer dele um valioso ingrediente, já que “[...] em panela de pobre tudo é tempero” (ROSA, 1984, p. 75).

## **A INVENÇÃO DA TERCEIRA MARGEM DO RIO**

No conto “A terceira margem do rio” (ROSA, 1972) o enredo é circunscrito em torno da decisão de um personagem, denominado apenas como pai, de se afastar do convívio familiar passando a habitar dentro de uma canoa em um rio. Assim começa o conto:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (ROSA, 1972, p. 36).

Toda a narrativa é feita pelo personagem denominado apenas como filho que lança o seu olhar em todas as direções possíveis verificando o que aquela decisão havia provocado. Porque ela destoava do que era comum ou familiar, daquilo que fosse possível e passível de ser explicado; e principalmente da própria maneira de ser deste pai que foi a princípio descrito como alguém “[...] cumpridor, ordeiro, positivo [...]” (ROSA, 1972, p.32).

Esse intento de habitar fora do espaço familiar e no meio do rio, em uma canoa sem movimento, surgiu sem nenhum motivo aparente que tivesse sido afirmado no texto pelos personagens; fato este apenas relatado sob a ótica de personagem denominado filho.

Seguindo a obra, o pai, como sempre, indiferente aos protestos e aos julgamentos dos outros personagens seguiu firme no seu propósito. Sua decisão causou um misto de indignação e mistério tanto na família quanto na comunidade local, ficando explícita a intenção dele em permanecer em um lugar onde o acesso de outras pessoas não seria possível pelos meios que ele havia utilizado; e em um lugar onde, apesar de permitir que ele fosse visto, não permitia o acesso de outras pessoas.

A solidão e a incerteza de ser visto emergem nas entrelinhas como um dito silencioso que incomodava severamente as pessoas, atitude que, segundo o filho, causava espanto. E diante da possibilidade de se fazer algum registro daquele feito, o pai elaborava sua rota de fuga que era inacessível a quem estivesse disposto a empreender alguma captura estática do seu modo cambiante de ser. Em várias partes do texto são formuladas possíveis explicações para esta atitude do pai; para aqueles de fora do núcleo familiar a decisão poderia ter sido motivada por ato de fé, por um estado de loucura ou de doença.

Ao que nos parece a explicação pelo viés da suposta "doideira" foi a que prevaleceu, pelo menos sob o olhar do filho e narrador. Quando se aplicava um sentimento de culpa, mesmo sem saber por qual motivo, ele se questionava sobre a sua responsabilidade diante do ocorrido com o pai. Este sentimento poderia também corresponder a um mal-estar decorrente da falta de significados para recobrir aqueles fatos (CARDOSO, 2013).

Mesmo explicitando indignação e protesto, percebe-se uma certa convivência por parte do filho e da mãe para com aquela atitude do pai; esta convivência pode ser atestada pelo fato de que o filho se encarregava de dispor a cada dia mantimentos para garantir o alimento para o pai.

A transgressão do pai levou a mãe a recorrer às autoridades constituídas no sentido de desfazer aquele intento. Por sua vez, o filho consegue criar uma noção de temporalidade para a vida de todos a partir do afastamento do pai; no seu relato a irmã se casou, teve filho e a mãe estava envelhecida. Mas era uma noção de tempo

em que não cabiam os fatos e o que eles suscitavam. Um desígnio seu, o de se manter no lugar onde sempre esteve enquanto filho mais velho, é atribuído à condição do pai.

O desfecho do conto se dá quando o filho, temendo pela vida do pai que era idoso e vivia, segundo o próprio narrador, em condições adversas, resolve ocupar o seu lugar na canoa; neste sentido, vai até a margem do rio chamá-lo. Fatidicamente, quando o pai acenou com a possibilidade de concordar com a atitude do filho, este decaiu da proposta; afastou-se da margem para entrar num monólogo em torno de si mesmo e de sua nova condição.

### **PISTAS DO OBJETO COMO CAUSA**

Não nos propomos a tecer explicações sobre o conto, muito menos a criar um entendimento que encerre a riqueza do que ele possa representar posto que a significação é tão diversa quanto as cores das galinhas, mas a cor do ovo é a mesma (ROSA, 1984). Na literatura psicanalítica, o conto tem sido objeto para pensarmos algumas pistas sobre o caráter da transmissão em psicanálise (AZEVEDO, 2001), sobre os avatares do luto e da melancolia (MAGALHÃES, 2015).

No presente artigo, interessa-nos extrair dele elementos que possam ilustrar o desejo como causa do sujeito inconsciente, tomando as pistas deixadas pelo próprio autor.

O título do conto desperta a curiosidade e incita à criação de um lugar antes não pensado; além de uma margem à direita e outra à esquerda, a terceira é suposta, nunca vista e, como propõe Rivera (2005, p.89), “[...] delineia um sumidouro, um ponto em que o rio se dobraria sobre si mesmo, mas não constrangido a fluir, por mais caudalosamente que fosse, entre duas margens inexoráveis”.

Criar uma margem nestas condições supõe o desejo de não se colocar na terra firme daquelas margens que se mostram possíveis, porque já se encontram sujeitas à uma existência pré-determinada restando ao sujeito se deixar enquadrar, estar à direita ou à esquerda. Rompendo com esta perspectiva o pai “[...] não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar nunca mais” (ROSA, 1972, p.32). Ao ser constituída, esta terceira margem aponta para a existência de outra lógica além do que é tratado pela linguagem; e neste lugar que não existe, mas é suposto, temos analogamente o lugar do inconsciente e do desejo.

Contra-pondo-se ao cognoscível o sujeito emerge no escoamento da razão e no apagamento da consciência; na destituição da "mentira por verdade" (ROSA, 1972) instituída pela consciência. Pois assim é o inconsciente para Freud: mesmo quando é negado configura uma manifestação, posto que "a negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido" (FREUD, 1925/2011, p.277).

Onde estão os rastros do inconsciente neste conto? Por que a ruptura com o convívio familiar? O que motivou a decisão do pai em habitar na canoa deslizando pelo rio? Não há uma menção explícita que sugira o desvelamento do este motivo. Mas a obra deixa antever algo que tornava impossível aquela convivência, algo que só pela presença em intimidade do pai poderia continuar se sustentando. Isto comparece no texto quando há menção de que o pai "[...] avistado e diluído, cruzando na canoa [...]" (ROSA, 1972, p.34), o pai permanecia "[...] sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala" (ROSA, 1972, p.34).

O primeiro elemento que o conto nos convoca a interrogar, na medida em que provoca a estranheza de um deslocamento para um lugar impossível, é "o que é um pai?"

Essa pergunta encontra-se na origem mesma da psicanálise, desde o momento em que Freud passa a ouvir as históricas da era vitoriana e a recolher os inúmeros relatos em que o pai aparecia como o agente da sedução, o pai abusador (ou na variação do dialeto obsessivo, o pai como ameaçador). A psicanálise nasce no momento em que Freud, recorrendo também aos seus próprios conteúdos oníricos, se dá conta de que está diante de algo que é da ordem da fantasia (FREUD, 1897/1980).

O pai como figura de potência surgiria na fantasia do filho como aquilo que simbolizaria o lugar da lei. É essa elaboração que leva Freud a propor a construção do conceito de Complexo de Édipo. Nele, o pai seria aquele que impede ao filho o acesso incestuoso à mãe, instaurando assim o fundamento mínimo da cultura. Vale ressaltar, ainda, que é essa mesma lei proferida pelo pai que, paradoxalmente, também abre para o menino a via da masculinidade, pois que se a mãe é interdita para o filho, é assim que ele pode vir a ter o acesso à todas as outras mulheres.

O pai como agente da lei também está no cerne dos interesses do estudo de Jacques Lacan que retomou o Édipo freudiano extraindo daí o que é da ordem da estrutura. No Seminário, O livro 5 (LACAN, 1957-58/1999) temos uma elaboração que



vai apontar para o lugar ocupado pelo pai em termos de função. Já não se trata mais da pessoa do pai da realidade, mas do suporte de uma lei simbólica que se dirige concomitantemente à mãe e ao filho: para a primeira – “tu não reintegrarás o produto do teu ventre”; para o segundo – “tu não te deitarás com tua mãe”.

Assim, o pai surge diferenciado em suas dimensões imaginária, simbólica e real, sendo que é na dimensão simbólica, como Nome-do-Pai que ele se coloca como conferindo autoridade à lei. Tomar o Édipo enquanto arranjo simbólico talvez é o primeiro passo que vai permitir à Lacan re-situar o lugar o pai na constituição do sujeito.

Ainda no seminário 5 (Lacan, 1957-58/1999), Lacan afirma, retomando os termos de Freud em Totem e Tabu, que o pai que promulga a Lei é o pai morto. Ou seja, é como símbolo de sua ausência que o pai opera, e não como presença material. Essa potência do símbolo de dá devido ao fato de que é pelo dizer da mãe que o filho pode vir a deduzir que o pai responde pelo desejo desta.

No conto em questão, temos a primeira pista acerca do desejo da mãe como voltado para o pai a partir da reação de estranhamento e raiva em que ela “[...] jurou muito contra a ideia” (ROSA, 1972, p.32). O incômodo enunciado por ela era de que agora ele “[...] que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescaria e caçadas?” (ROSA, 1972, p.32). A mãe aponta seu desejo para o pai, mas este, por sua vez, faz enigma ao indicar um desejo orientado para fora dos domínios da mãe. Sua última fala no texto expressou uma posição que atribui ao pai uma sentença que ele mesmo já havia tomado por decisão, a do distanciamento daquele núcleo familiar: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” (ROSA, 1972, p.32).

O significante canoa foi, de imediato, associado à vadiagem e à fuga das responsabilidades que o pai deveria assumir enquanto provedor do lar. Seguindo outra via ele “[...] entrou na canoa e desamarrou a remar. E a canoa saiu-se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa” (ROSA, 1972, p.33).

Fora desta representação, a canoa representava o lugar de afirmação do desejo singular quando suas medidas não ultrapassavam o necessário para que ali coubesse apenas o pai; elas representavam uma sombra que delimitava o seu lugar, apenas. Pois o pai “[...] “encomendou a canoa especial, de pau vinhático, pequena, mal com a tabuinha de pôpa, como para caber justo o remador” (ROSA, 1972, p.32).

Concomitantemente a canoa e o rio configuravam um lugar, mas o que prevalece é a estranheza da sua inexistência; uma margem no meio que somente

existiu para aquele que a concebeu como lugar para se afirmar e estar longe dos outros.

Segundo Rivera (2005, p.84), ao embarcar na canoa, o pai se inscreve mais fortemente, assume sua "sina de existir" em uma navegação constante, uma perpétua travessia que traça no rio caudaloso uma escrita errática. E assim "não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim" (ROSA, 1972, p. 34).

Aquilo que causava também remetia a algo recalcado que fora expresso no pai, porque segundo o filho:

Nós, também, não falávamos mais nêle. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos (ROSA, 1972, p. 35).

Que lógica explicaria aquela decisão? Algo permaneceu inominado ao longo da narração e mesmo assim existiu causando de alguma forma seus personagens; e mesmo na contrariedade de não saber o porquê, "a gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade" (ROSA, 1972, p. 34).

A causa desse ato do pai não fica explícita, mas há algo da ordem do suposto que, mesmo sendo desconhecido aponta para a escolha do pai em direção a um afastamento da cultura e dos seus laços. E

Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão daquele (ROSA, 1972, p. 34).

Nesse ponto podemos nos perguntar: quem é o sujeito desse discurso? Quem é que situa o lugar do pai como exilado da cultura? A resposta pode ser encontrada no fato de que o conto é narrado pelo filho mais velho. É o discurso deste que toma como centro do enredo o pai e sua decisão de ir morar em uma canoa dentro de um rio; para o filho "a estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia" (ROSA, 1972, p.33).

Este pai não tem nenhuma fala registrada ao longo do texto, mas, o que ele expressa é mediado pelos significantes do filho, mesmo quando recorre ao lugar discursivo da mãe e de outros personagens secundários representados de forma indeterminada. Assim, um conto narrado pressupõe um olhar interlocutor que se propõe a guiar o leitor entre fatos, personagens e significações. Poucas vezes este direcionamento é assumido ou sequer citado textualmente; cabendo ao leitor, como propõe es (2011), exercer esta suspensão do dito e tentar quebrar sua totalidade linear.

Portanto, podemos deduzir daí que ao invés de um discurso sobre o que aconteceu ao pai, o que temos é uma produção simbólica sob o olhar de um outro, o filho a quem foi dada a condução da narrativa. A partir do ponto em que adotamos essa perspectiva, podemos começar a nos perguntar o que o conto diz, não exatamente do desejo do pai, mas daquilo que o filho tenta esboçar desse desejo para aí vir a alojar o seu. Ao tentar explicar esse desejo

[...] todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dêle (ROSA, 1972, p.33);

No relato do filho, antes de embarcar o pai “espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos” (ROSA, 1972, p. 33). Podemos extrair daí algo do desejo do próprio filho em se lançar na empreitada do pai, pois que em outro trecho isso é explicitamente enunciado pelo narrador: “O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: - Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” (ROSA, 1972, p. 32).

Mas, o aceno foi interdito pela mãe e sua atitude reprovadora daquele ato, daquele pai e daquela canoa. O filho deduz, portanto, que o desejo do pai seria de levá-lo junto, mas estanca neste ato ao ser impedido pela mãe: “ela que não quer que eu vá”. Logo, uma dedução também do seu próprio lugar no desejo da mãe.

Sem o consentimento presumido da mãe, coube ao filho uma resignação inicial diante de algo que não foi nominado, segundo o que se poderia entender pelo seguinte pensamento: “Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito” (ROSA, 1972, p. 33). Esse interdito comparece também na fala seguinte: “Eu nunca podia querer me

casar. Eu permaneci com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio do êrmo – sem dar razão de seu feito” (ROSA, 1972, p.36)

Os discursos da ciência e da religião são convocados para nominar a atitude do pai; no entanto o que prevaleceu foi o discurso que encerrou este personagem como louco ao ponto que, após esses eventos, ninguém poderia mais ser chamado de louco ou, se o fosse, seriam todos. Com a destituição do pai, da sua condição e do seu lugar naquela família, a mãe se encarregou de substituí-lo nas funções que supostamente lhe seriam atribuídas; nesse intuito

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre para que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram dois soldados. Tudo o que não valeu de nada (ROSA, 1972, p.34).

Criou-se, a partir de então, um significante mestre (louco) para representar um sujeito (pai) a um outro significante qualquer (filho, mãe, padre, policial). No entanto, conforme relato do filho “na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido” (ROSA, 1972, p.36)

Sua menção iria reger a produção discursiva sobre o sujeito recalçando a sua falta constitutiva e o seu desejo. E assim, “aquilo que não havia, acontecia” (ROSA, 1972, p. 34). Pela presença da ausência do pai um discurso ordenador se institui. No curso narrativo, o ato do pai é simbolizado como “doideira”, como uma insubordinação às leis e à cultura instituída; entretanto, no mesmo texto encontramos elementos que apontam para uma divergência desta opinião por parte do filho. Do lugar em que se encontra fixado em terra firme, o filho passa a dedicar-se a manter o pai em seu exílio: assegurava suprimentos ao pai e surpreso ficou ao saber que a mãe, à sua maneira, consentia. Aquele que estava longe, na sua margem de sustentação subjetiva, causava os que haviam ficado nos seus lugares. Segundo o filho

[...] um tanto de comida furtada [...]. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surprêsa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia dêsse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobre de coisas, para o meu conseguir (ROSA, 1972, p.34).

Na tentativa de lidar com o desejo, a estratégia adotada é a evitação; o filho afirma: “[...] no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos” (ROSA, 1972, p. 34).

Quando se viu sozinho na casa, o filho racionaliza sua condição à luz de uma preocupação com o pai, com sua condição de estar idoso e não ter outra pessoa que o amparasse. Sob o seu olhar, “os tempos mudavam no devagar depressa dos tempos” (ROSA, 1972, p.35). É o olhar do pai que vem conferir uma dada consistência ao enigma do desejo. No entanto, pelos desenvolvimentos posteriores do conto e recorrendo ao conceito de “pulsão”, podemos romper com a linearidade narrativa e situar esta atitude como estando referida a algo do próprio desejo do filho (ou a renúncia a ele), confortavelmente assumida pela condição de se responsabilizar, de algum modo, pelo sustento do pai; é aqui que se apontam alguns traços da identificação melancólica do filho

Isto se fez representado pela afirmação de que ele nunca poderia querer se casar; esta fala evidencia um pensamento consciente falho desfeito pelo ato de permanecer com as bagagens da vida e de colocar a demanda do outro, a demanda do pai, como sua responsabilidade; “Nosso pai carecia de mim, eu sei - na vagação, no rio no ermo - sem dar razão de seu feito” (ROSA, 1972, p. 36).

Para Lacan (1964-1998) a pulsão se caracteriza por um movimento de circuito, de vai e vem em torno do cavo que contorna as zonas erógenas, ao mesmo tempo em que circunda o ponto da linguagem onde comparece um furo no simbólico. Assim, a pulsão parte de uma fonte no corpo em direção ao outro, onde visa encontrar o objeto que pudesse vir a satisfazê-la. Como essa satisfação é sempre parcial e, além disso, contrasta com a exigência da pulsão, que é uma força constante, o movimento sofre uma espécie de torção, fazendo com que um dos destino da pulsão seja, como já apontou Freud (1911/1913- 2010) “o retorno sobre a própria pessoa”.

Na verdade, para Lacan (1964-1998, p.169) esse ponto de torção corresponde ao surgimento do sujeito:

Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular.

É assim que em sua fantasia, o filho constrói uma saída para a questão: ocupar o lugar do pai na canoa. Pagar a dívida do pai, em um suposto cumprimento de algo,

um tanto, que a ele agora caberia, pois, o pai havia feito a parte dele. De onde viria aquele intento? "Eu estava muito no meu sentido" (ROSA, 1972, p. 37). Mas o sentido sintomático engana e, no vacilar da iminência do ato, surge a hiância onde pode se colocar a verdadeira questão que enlaça o sujeito ao seu desejo: "Sou homem, depois desse falimento?" (ROSA, 1972, p. 37). Hiância que se abre para logo em seguida se fechar no silenciamento: "Sou o que não foi, o que vai ficar calado" (ROSA, 1972, p. 37). Quietos, como pai. Sendo, não sendo.

### **O QUE RESTOU NA MARGEM, O PAI E O FILHO**

No conto "A terceira margem do Rio" esta produção circunda um incômodo representado pelo ato do pai, interpretado pela família segundo o relato do personagem filho, como uma "desrazão". No entanto, para a psicanálise é o objeto como resto da cadeia simbólica que comparece orientando os caminhos por onde o sujeito se constitui, a partir do laço pulsional e seu circuito na relação com o outro. Mas será que o que está em jogo aqui não seria um desejo de não desejar?

A personagem que narra o conto e que manifesta esse incômodo é o filho, cuja fala porta significantes que apontam para um "falimento" em ser homem. O "tornar-se homem" é aquilo que o Complexo de Édipo prescreve para o menino. Uma vez feita sua travessia, ele sai do outro lado com as ferramentas que lhe permitirão assumir o seu desejo (LACAN, 1957/1958 - 1999).

No entanto, esse percurso não é sem intercorrências. Na "terceira margem" depreendemos que aquilo que está em jogo é o que causa o filho, a questão do que é ser homem; e neste jogo simbólico o pai não é suficiente para lhe transmitir como chegar a essa condição; nesse ponto onde o desejo comparece representado por um não dito, um impossível de ser nomeado, o sujeito constitui seu sintoma: pagar a dívida do pai, assumindo seu lugar na canoa.

Podemos também entender o momento em que o filho vacila e recua desse destino funesto como equivalente àquele que abre a oportunidade para uma análise. O analista fazendo-se de receptáculo para esse "resto" permite que o desejo possa vir a ser efetivamente nomeado, para além do pai, com a condição de servir-se dele (LACAN, 1953-2007). Deixar-se perder as próprias ideias, despojar-se do suposto

saber ancorado na ilusão da consciência; trocar o saber pela *sabença*, este é o saber que se produz quando se lê os *restros* e *nequícios*.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. V. A partir de "A terceira margem do rio": algumas considerações sobre transmissão em psicanálise. *Ágora* (Rio J.) vol.4 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2001. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982001000200005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200005). Acesso em Nov. 2020, 2.
- CAMPOS, M. G.; CASTRO, J. E. Freud e a psicanálise. *Psicanálise & Barroco em revista*. v.12, n.1: 59-73, jul 2014. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista-v-12-n-01>. Acesso em Ago. 2020, 21.
- BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CARDOSO, N. M. *O mal-estar em Guimarães Rosa. Os empecilhos da cultura encenados nas famílias rosianas: a tragicidade da constituição cultural*. 2013, 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.
- FINK, B. *O sujeito lacaniano – entre a linguagem e o gozo*. Tradução de M<sup>a</sup> de Lourdes Sett Câmara. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.
- FLEM, L. *O homem Freud – o romance do inconsciente*. São Paulo: Campus; 1994.
- FREUD, S. (1897). Carta 69 a Fliess. In: *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887/1904)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. I Rio de Janeiro, Imago, 1980.
- FREUD, S. (1900-1901) *A interpretação dos sonhos II e Sobre os Sonhos*. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. V. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.
- FREUD, S. (1911-1913) *Obras Completas Volume X. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 111-45.
- FREUD, S. (1925). *O ID e o Eu – autobiografia e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LACAN, J. (1959/1960). *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1953) *O seminário, Livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- LACAN, J. (1954-1955) *O seminário: livro II: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Trad. Marie-Christine Laznik Penot. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.



LACAN, J. (1957/1958) *O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. (1960) Posição do Inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. (1964) *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MAGALHÃES, M. U. B. Os estados de luto e melancolia no conto “A terceira margem do rio”. *Litterata*. Ilhéus. Vol. 5/1 | jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/issue/view/95>. Acesso: Set. 2020, 26.

RIVERA, T. *Guimarães Rosa e a psicanálise – ensaios sobre imagem e escrita*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.

ROSA, G. *Grande sertão: Veredas*. José Olympio Editora; São Paulo, 1956.

ROSA, G. (1962). A Terceira Margem do Rio. IN: *Primeiras Estórias*. Coleção Folha – Grandes Escritores Brasileiros. Rio de Janeiro: MEDIAfashion; 1972, p.36-42.

ROSA, G. *Sagarana*. Nova Fronteira editora: Rio de Janeiro, 1984.

ROUANET, S. P. *A razão cativa – as ilusões da consciência de Platão a Freud*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

# THE REST AS A CAUSE OF DESIRE IN THE WORK “THE THIRD BANK OF RIVER”

## ABSTRACT

This essay proposes to discuss the rest as a cause of desire, taking Guimarães Rosa's work "The third bank of the river" as a path. Its texture is organized on the margin where literature and psychoanalysis are found, an articulation that is present in the referred work where desire and a rest are at stake, as the cause of that desire, which is unable to be completely covered by language. There is no intention to explain the story, on the contrary, the perspective is to explore the richness of what it can represent, extracting from it meanings that can illustrate the desire as the cause of the unconscious subject.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Wish. Cause. Language Arts. Literature.

# LE RESTE COMME CAUSE DE DÉSIR DANS L'OEUVRE «LA TROISIÈME RIVE DU FLEUVE»

## RÉSUMÉ

Cet essai propose de discuter du reste comme cause du désir, en prenant l'oeuvre de Guimarães Rosa "La troisième rive du fleuve" comme chemin. Sa texture s'organise en marge où se trouvent la littérature et la psychanalyse, articulation qui est présente dans l'oeuvre référée où le désir et le repos sont en jeu, comme cause de ce désir, qui ne peut être complètement couvert par le langage. Il n'y a aucune intention d'expliquer l'histoire, au contraire, la perspective est d'explorer la richesse de ce qu'elle peut représenter, en en extrayant des significations qui peuvent illustrer le désir comme cause du sujet inconscient.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Souhait. Cause. Arts du langage. Littérature.

RECEBIDO EM 21/01/2021

APROVADO EM 09/03/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanalisebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanalisebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# PSICANÁLISE, DISPOSITIVOS E CONTEXTOS CLÍNICOS: NARRATIVAS E ELABORAÇÕES EM TORNO DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA

Pedro Valentim Eccher<sup>1</sup>  
Yohanna Cunha Zibell<sup>2</sup>  
Maurício Marquardt Pereira<sup>3</sup>  
Adriana Aparecida Amaral<sup>4</sup>  
Thais Kerolin Mafra<sup>5</sup>  
Gustavo Angeli<sup>6</sup>

## RESUMO

Este trabalho pretende apontar, através do diálogo entre o Direito e a Psicanálise, um possível caminho a ser percorrido pelos operadores do direito de família a fim de desenvolver uma escuta e um olhar diferenciados sobre os conflitos familiares judicializados. Procura-se fazer uma breve exposição da atuação judicial e de fenômenos nocivos à saúde mental das crianças e dos adolescentes envolvidos, como é o caso da alienação parental e da parentalização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Direito. Psicanálise. Conflitos familiares. Alienação Parental. Parentalização.

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail do autor: [pedro\\_eccher@unifebe.edu.br](mailto:pedro_eccher@unifebe.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8449-9464>.

<sup>2</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque - UNIFEBE, especialização em andamento em Psicanálise pelo Centro Universitário Avantis - UNIAVAN. E-mail do autor: [yohannacunha@gmail.com](mailto:yohannacunha@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9822-4912>

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail do autor: [mauriciomp90@unifebe.edu.br](mailto:mauriciomp90@unifebe.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1191-8373>.

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail do autor: [adriana.sublitex@gmail.com](mailto:adriana.sublitex@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2774-7548>.

<sup>5</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail do autor: [kerolin.mafra@gmail.com](mailto:kerolin.mafra@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0628-3772>

<sup>6</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina na área de concentração Psicologia Social e Cultura e linha de pesquisa Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail: [gustavooangeli@gmail.com](mailto:gustavooangeli@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1732-1081>

## INTRODUÇÃO

Atualmente, escuta-se um empobrecimento do ato de “clínica”, tomado aqui enquanto prática de inclinar-se sobre a narrativa do sujeito. Observa-se uma sobreposição da dimensão fenomenológica à do discurso, sustentado pela ordem científica que convoca à exclusão da subjetividade, da dimensão discursiva de um sujeito sobre seu próprio sofrimento (CUMIOTTO, 2007). Nesse sentido, clínica implica inclinar-se sobre o sujeito, investigar e inventar o espaço da clínica como um modo de operar, seja no consultório ou em instituições.

A psicanálise propõe uma inversão da clínica do olhar para a clínica da escuta, introduzindo o pensamento da psicopatologia na abordagem do sintoma e no fazer clínico. A psicopatologia se caracteriza como o estudo da dimensão do *pathos*, isto é, do sofrimento psíquico. Sobre essa questão, Freud (1916/2014) apresenta que o sintoma tem a ver com a vida de quem o produz, e que o sofrimento que acomete o sujeito lhe diz respeito, inaugurando, assim, a ética psicanalítica que regula o fazer da clínica: a ética da inclusão do sujeito em suas queixas e demandas. Na clínica psicanalítica, nenhum dos participantes se dissocia do que ali surge, nem o paciente, nem o analista.

Novos atravessamentos da cultura tensionam a proposta freudiana a assumir outros territórios para além da clínica tradicional, tais como: clínicas-escolas, pós-graduações e dispositivos de saúde pública. Ademais, a contemporaneidade abre prospecções de ofícios sobre o sofrimento psíquico que se distanciam do estereótipo do psicanalista com um divã na sua clínica particular. Por isso, psicanalistas estão convidados a promover discussões que possibilitem revisões e retraduições de suas narrativas, e, conseqüentemente, autorizem trabalhos perante as mudanças sociais e psíquicas das sociedades atuais (FIGUEIREDO, 2000).

São os desencontros do humano que implicam a psicanálise em diálogos com outros horizontes. Freud (1919/2010) sinalizou a necessidade de expandir as possibilidades da psicanálise, para não a limitar aos consultórios médicos, argumentando que seu alcance poderia abranger outros campos sociais. Em sua época, o fundador da psicanálise previa outros horizontes para a escuta do inconsciente, não se contentando com os enquadres do paradigma biomédico.

Este artigo será alinhado aos movimentos de expansão da psicanálise, instigado pelo seguinte questionamento: é possível a psicanálise operar em espaços e instituições diferentes da clínica tradicional? Essa pergunta norteia o artigo, que foi escrito para fomentar a transmissão psicanalítica, especificamente na formação de estudantes de psicologia. Os principais fatores de análise para promover diálogos em torno do questionamento propulsor serão três relatos de experiência de graduandos em psicologia, todos referenciados na teoria psicanalítica.

Neste artigo, as articulações a serem produzidas a partir da psicanálise extramuros utilizarão como pontas de análise as experiências em estágios curriculares nos seguintes territórios: um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS); uma clínica-escola de serviço de psicologia; e um hospital com serviços de emergência, ambulatório e pronto-socorro. Esses três territórios serão explorados e escutados ao longo das experiências com os acadêmicos-estagiários e suas elaborações ante à possibilidade de atuar a partir da psicanálise.

Vale informar que os três relatos foram escritos de acordo com movimentos singulares de cada grupo de estudantes, resultando nas construções, transmissões e formações de cada pessoa envolvida neste manuscrito. Os acadêmicos-estagiários são estudantes do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE e realizaram seus estágios curriculares específicos a partir da orientação e teoria psicanalítica. Foram as experiências de cada autor com a clínica psicanalítica que nortearam as narrativas, pois cada pessoa se propôs a compartilhar os desafios e recortes teóricos dos seus respectivos períodos de estágios curriculares. Materializam-se, nessas palavras, as marcas que mais impactaram os percursos dos estudantes e que mais produziram efeitos nas suas experiências extramuros.

## **A PSICANÁLISE E OS SERVIÇOS PÚBLICOS DE SAÚDE MENTAL: A ESCUTA DO INQUIETANTE**

O presente tópico faz um recorte das elaborações dos acadêmicos sobre dois estágios obrigatórios desenvolvidos em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II), bem como os aprendizados — teóricos e práticos — que podem ser desenvolvidos nos dispositivos públicos de saúde mental.

A partir das diretrizes do movimento de humanização, influenciadas pela Reforma Psiquiátrica, a área pública de saúde mental alterou os modos de tratamento e cuidado para transformar o sofrimento dos sujeitos em qualidade de vida e

reinserção social. Hoje, a atenção à saúde está distante do modelo biomédico pautado somente na doença, voltando-se também à produção de vida, de sentido, de sociabilidade e de utilização dos espaços coletivos de convivência (BRASIL, 2005).

Conforme Freud (1921/2010), questões do particular refletem diretamente no social, e toda intervenção psicanalítica no individual é, ao mesmo tempo, social, na medida em que um sujeito sempre se relaciona com outros, seja como modelo, objeto, auxiliar ou oponente. Por consequência, desenvolver atribuições condizentes à reforma psiquiátrica impacta uma cadeia de relações no novo modelo de se fazer e pensar saúde mental junto dos sujeitos e dos grupos; além de priorizar a subjetividade e as possibilidades dos sujeitos.

A Política Nacional de Humanização (PNH) foi criada para efetivar os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) nas práticas de atenção e gerenciamento. Igualmente, qualifica os serviços de saúde pública no Brasil e incentiva trocas significantes entre gestores, servidores e usuários das instituições públicas. A PNH deve se fazer presente em todas as políticas e programas do SUS, estando de acordo também com o movimento da reforma psiquiátrica. Esse processo de humanização visa à valorização das pessoas na produção de saúde, oportunizando autonomia, responsabilidade compartilhada, criação de vínculos solidários e participação coletiva na recuperação dos usuários (BRASIL, 2008).

Uma estratégia da PNH que merece destaque neste tópico é a escuta qualificada. Consiste em uma prática que permite traduzir a necessidade das pessoas em serviço disponibilizado pela rede pública, tendo em vista o seu papel de escutar a demanda do usuário e garantir o direito à saúde dele sem preconceitos e discriminações (BRASIL, 2008). Ela pode ser aliada às condutas éticas da escuta psicanalítica, fortalecendo a atuação do profissional em diferentes atividades específicas do sistema público de saúde mental. Em razão disso, essa estratégia oportuniza momentos e espaços que viabilizam um manejo a partir da subjetividade e do inconsciente dos usuários do SUS (SILVA; SA; MIRANDA, 2013).

O contato dos acadêmicos com o campo da saúde mental evidenciou que a atuação do profissional nas instituições públicas de saúde mental se organiza em torno de uma relação sensível com a população. Isto é, consiste em tolerar o desconhecido, abstenendo-se de quaisquer juízos pessoais que atrapalhem o processo de tratamento. Atuar em um dispositivo que acolhe pessoas com sofrimento psíquico



grave e persistente é um desafio, considerando que os métodos possuem peculiaridades se comparados com um contexto clínico predominado pelas ditas neuroses.

Porventura, na construção constante de um saber subjetivo, é notado que o neurótico espera que o profissional o solicite de alguma maneira, mas, quando a solicitação não vem, ele oferece porções de seus sintomas, que, no que lhe concerne, serão trabalhadas no ato psicanalítico. O psicótico não cria expectativas de solicitações do profissional, mas, ao ser questionado sobre si, faz emergir partes do real encobertas pelas formações delirantes, paranoicas, maníacas e depressivas (LACAN, 1953/2005).

Por isso, o conhecimento *a priori* dos estagiários em questão teve de ser lapidado no decorrer do tempo de atuação, devido ao estranhamento inicial no contato com os usuários do CAPS II, de modo a oportunizar efeitos analíticos nesses sujeitos que apresentam uma outra organização psíquica. Os acadêmicos se sustentaram através da escuta qualificada aliada à escuta do inconsciente e à noção de subjetividade, para então experienciar os conteúdos enunciados pelos usuários nos espaços disponíveis da instituição, como: oficinas terapêuticas, salas de acolhimento, cozinha e corredores.

As recomendações psicanalíticas inseridas num modelo antimanicomial e associadas às estratégias disponibilizadas pela PNH tornaram as propostas de intervenção do estágio possíveis dentro da rede de atenção à saúde mental. Constatou-se, em diversos momentos, haver poucos espaços na sociedade que favorecem a fala dos usuários do CAPS, e que o trabalho de escuta de um sujeito é fundamental para a saúde mental e para a reinserção social. Baseado nos discursos encontrados no CAPS II, evidenciaram-se descasos consideráveis por parte da população geral em relação aos usuários do dispositivo, os quais muitas vezes acabam marginalizados em seus próprios locais de convivência na comunidade. Mais do que as mudanças nos procedimentos realizados pelas instituições públicas de saúde mental, faz-se necessária uma nova visão sobre o tratamento, que ainda precisa ser esclarecido para os leigos no assunto.

Considerando os pressupostos herdados de Freud (1919/2010), na atualidade, o fazer da psicanálise torna-se plenamente viável em contextos como o CAPS II. A psicanálise pode e deve habitar novos espaços e repensar sua atuação em diversos cenários, pois está apta para intervir e problematizar demandas de saúde mental.

Contudo, ressalta-se a importância de manter a noção de conceitos, como o inconsciente e a subjetividade, preservando-os no cerne da teoria e fazendo-os trabalhar, para propagar um trabalho fundado na escuta das singularidades (FIGUEIREDO, 2000).

### **A CLÍNICA-ESCOLA E A ESCUTA PSICANALÍTICA**

O presente tópico aborda aspectos da prática clínica psicanalítica através das primeiras experiências no estágio específico com ênfase na prevenção e promoção de saúde, realizado na Clínica-Escola e Serviços de Psicologia (CESP) do Centro Universitário de Brusque — UNIFEBE.

Uma das maiores dificuldades para a academia quanto à psicanálise provém de seu objeto, o inconsciente, nunca se deixar conhecer de fato. Na verdade, a psicanálise se sustenta até os dias atuais por conta da tradição científica de Freud, que pode ser notada por meio da preocupação com exatidão, da não contradição e na demonstração dos conceitos. Por outro lado, Freud é confrontado pelo próprio saber psicanalítico ao valorizar que o progresso do conhecimento não se relaciona com a rigidez, sendo necessária maleabilidade teórica e conceitual (BIANCO, 2003).

Essa flexibilidade da teoria se sustenta na clínica psicanalítica, a qual ocupa, no caminho traçado por Freud, a construção do saber metapsicológico, caracterizando a psicanálise como uma área de conhecimento e, primeiramente, terapêutica. Freud (1912/2010) já afirmava que, em psicanálise, tratamento e investigação coincidem. Seu percurso na fundação desse campo é marcado por motivação advinda da prática clínica, caracterizando a investigação científica em psicanálise como derivada da singularidade dos casos clínicos e própria à prática psicanalítica. Assim, podemos pensar a psicanálise como um método de pesquisa, mesmo quando não imersa na universidade.

Freud (1912/2010) encontrou, nos pensamentos espontâneos dos pacientes, aqueles pensamentos involuntários, geralmente vistos como importunos e descartados em circunstâncias normais, que costumam perturbar o relato. Eis, portanto, a única regra da psicanálise: ela não está do lado do analista, e sim do analisante. Trata-se de uma regra correlata à própria estrutura do campo psicanalítico aberto por Freud. É a associação livre que marca o início da psicanálise e também o

início de cada psicanálise — é o ponto em que a análise deve começar (MINERBO, 2016).

Como sublinha Freud (1913/2010), na análise, o sujeito é induzido a recordar algo que foi experimentado e reprimido, cabendo ao analista apontar, construir, completar a partir dos traços na fala do sujeito, transmitir suas construções ao analisando, as construções bem como as explicações que constituem o vínculo entre as duas partes: o analisando e o analista. Portanto, é o laço da transferência que produz o inconsciente, pois no sujeito há traços, restos não significados, solto, sem sentido. É na transferência estabelecida entre o sujeito e seu analista que este consegue trabalhar, desde que o lugar lhe seja ofertado pelo analisando.

Assim, Freud (1912/2010) afirma que o movimento de escuta do paciente deve acontecer de maneira aberta e livre de todas as preconcepções construídas acerca da sua própria história, com a necessidade de não se prender a concepções teóricas ou ideais a respeito das formas de conduzir o destino pessoal. Devendo, então, manter uma abertura ao que pode surgir como novo e diferente em cada relação em que se envolve. Ao tomar a palavra como meio de saber, ao fazer uso da palavra em transferência, os sujeitos podem contar sobre sua existência, se apropriar e se reconhecer em sua história.

Durante um semestre de atendimentos realizados na Clínica-Escola e Serviços de Psicologia (CESP), o que chamou atenção, e se revela como um elemento comum e cotidiano na instituição, que aqui problematizamos, são os abandonos e desistências do tratamento por parte do paciente, em muitos casos, sem aviso para o acadêmico ou para a secretária da CESP.

Freud (1913/2010), pondera que o início de um atendimento psicológico desperta uma variedade de sentimentos e emoções em seus participantes, e grande parte do sucesso do tratamento depende da transferência e do manejo clínico. A tarefa principal do acadêmico, no início do tratamento, é proporcionar um espaço de escuta e acolhimento, identificar uma transferência e proporcionar uma relação transferencial que convide ao questionamento de si.

Apenas pela transferência é que um sujeito comparece à análise, ao convite de falar daquilo que a consciência desconhece, é que escapa o controle e a lógica permeada pela razão. A transferência permite a produção de narrativas, um sujeito que produz, recorda, revisita histórias em nome de um laço com o analista. Nesse

sentido, é o manejo e a experiência que a clínica-escola deve ofertar, a vivência das transferências.

As faltas ou o abandono de um tratamento se relacionam diretamente à transferência, na medida em que ela se apresenta como o motor e a própria resistência de uma análise. “Pois é claro que a confissão de todo desejo proibido é especialmente dificultada, quando deve ser feita à própria pessoa à qual diz respeito” (FREUD, 1912/2010, p. 141). Dessa forma, por um lado, podemos interpretar o abandono como a falta de uma relação transferencial entre estagiário e paciente, bem como, na medida em que se estabelece uma transferência, mobilizam-se conteúdos inconscientes que provocam angústia e resistência. O paciente abandonaria uma análise, não pela falta de escuta, pelo contrário, por resistir ao processo da análise. “Ali onde a investigação psicanalítica depara com a libido recolhida em seus esconderijos, uma luta tem de irromper; todas as forças que causaram a regressão da libido se levantarão como “resistências” ao trabalho, para conservar esse novo estado de coisas” (FREUD, 1912/2010, p. 139).

Outro elemento que pode ser associado à desistência do tratamento pelo paciente é o que Freud (1913/2010) problematiza a falta de pagamento das sessões, ao afirmar que, durante certo período, ofertou atendimentos gratuitos, de modo a experimentar a menor resistência possível, porém não encontrou os resultados esperados, pelo contrário, o tratamento gratuito aumentou as resistências dos neuróticos.

A ausência de um pagamento ao atendimento ofertado implica em efeitos e pode se relacionar à desistência ou ao abandono do paciente, tendo em vista que o dinheiro não é apenas reconhecido em seu caráter monetário, como também, em um investimento simbólico do paciente em seu próprio processo de cura. A quantia que um paciente está disposto a investir em seu tratamento não se refere apenas a moedas, e sim a uma disponibilidade psíquica em revisitar seu passado e falar sobre suas angústias. (FREUD, 1913/2010). Longe de negar a possibilidade de uma prática clínica psicanalítica, destacamos a necessidade de se autorizar a repensar o manejo e a condução de cada caso, possibilitando a escuta e intervenções que considerem o inconsciente e suas manifestações.

A universidade não existe de forma autônoma, mas em relação com a comunidade e com a sociedade. É importante pensar que a formação acadêmica

poderia se dar somente pela teoria aprendida em sala de aula, porém não é o processo acadêmico que determina a clínica, mas a atenção, a saúde e o cuidado com o sofrimento psíquico. Portanto, o atendimento à comunidade é formador, uma vez que possibilita colocar em prática os conteúdos revisitados em realização dos estágios específicos na clínica-escola é de grande valia na vida do acadêmico.

A clínica-escola é um espaço de aprendizado coletivo — orientador, colegas de turma, pacientes e coordenação — e de reconhecimento do serviço psicológico. Na clínica, o acadêmico vivencia o inesperado e o imprevisível, tudo pode acontecer, e os acadêmicos não estão mais protegidos em suas salas de aula ou diante de seus livros, precisa estar preparado para enfrentar os desafios de ficar frente a frente com o sujeito em sofrimento e com o ato de escutar.

### **A PSICANÁLISE E O HOSPITAL: POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA ESCUTA PSICANALÍTICA**

As narrativas e os diálogos com a teoria psicanalítica do presente tópico são experiências e elaborações em um primeiro estágio curricular de Psicologia. O estágio se refere a um ambiente externo à universidade, sendo um hospital que trabalha 24 horas e pelo Sistema Único de Saúde (SUS), contando com plantões de emergências, ambulatório, alas de internação dos pacientes.

Todos os sábados, quando as acadêmicas chegavam ao hospital, encontravam pessoas diferentes internadas, com ressalva a algum paciente em estado mais grave. A rotatividade de pacientes internados possibilita o contato com uma diversidade de pessoas, cada uma com seus traumas, sofrimentos, subjetividades, culturas, profissões, idades e até mesmo nacionalidades. Outro aspecto decisivo para a escolha do campo de estágio foi a quebra de paradigmas ao enfrentar um ambiente considerado adverso para as acadêmicas, sendo seu primeiro contato com a área da saúde. Outro ponto considerado foram os aspectos que fundamentam a psicologia, sendo um deles o de proporcionar acolhimento ao sujeito por meio de uma escuta qualificada.

O primeiro dia de acolhimento no hospital foi muito difícil para as acadêmicas. Considerando o desafio de adentrar um novo ambiente e iniciar a escuta e o método psicanalítico da associação livre com os pacientes, além de confrontar-se com a realidade hospitalar. Na clínica médica, há quartos que internam de dois a quatro pacientes, e as estratégias presumiram que os pacientes ficariam inibidos.

Destacamos a passagem da sala de aula e das discussões teóricas em torno do método psicanalítico para o campo de estágio e os desafios cotidianos. Como é possível (re)pensar a associação livre nesse contexto?

Segundo Freud (1913/2010), a associação livre é um método em que o paciente comunica ao analista tudo o que lhe vier à mente, não retendo a comunicação de nenhuma ideia que lhe ocorra, mesmo que o tema lhe seja desagradável, absurdo ou aparentemente sem importância. As ideias que parecem irrelevantes ao paciente são as que mais têm valor nas descobertas do material reprimido, ou seja, do inconsciente. Nesse período, procuramos, a partir do acolhimento e dos questionamentos iniciais, deixar os pacientes falarem sobre qualquer assunto, sem restrições ou juízo de valor.

Portanto, observou-se que os pacientes que apresentam uma necessidade de escuta e acolhimento não retraem sua fala devido às pessoas que se encontram ao redor, mesmo porque as acadêmicas se dispõem a colocar-se o mais próximo possível do paciente e oferecer-lhe a atenção necessária. Aprimorar a escuta é uma parte importante da formação acadêmica, assim, com treino, a escuta do analista se torna sensível ao sofrimento psíquico e às manifestações do inconsciente (MINERBO, 2016).

No âmbito hospitalar, as acadêmicas entendem que suas práticas se sustentam na teoria psicanalítica, entretanto não consideram tais atividades como uma análise propriamente dita, e sim como a possibilidade de utilização do método freudiano e dos efeitos de uma análise em outros contextos. As intervenções permitem a elaboração de relatos de experiências e a escuta do inconsciente. Pacientes chegam a narrar suas histórias sem tempo determinado ou pré-estabelecido, nesse sentido, é possível pensar a psicanálise e seus efeitos na instituição hospitalar.

Um elemento que instigou as acadêmicas em relação ao estágio no hospital foi o apoio e a valorização do profissional da psicologia pelos colaboradores do hospital. Há espaço e demanda de trabalho para a psicologia. Entretanto, destacamos a especificidade das demandas no ambiente hospitalar. Normalmente, é o paciente que procura o analista, porém, no hospital, há um movimento inverso, ou seja, as acadêmicas-estagiárias que procuraram os pacientes em seus leitos. Em alguns momentos, os membros da equipe hospitalar solicitam o acompanhamento e a escuta de alguns pacientes, muitas vezes de uma maneira exploratória; dito de outro modo,

o ambiente que instiga a escuta do singular e do inesperado. O estágio proporciona a experiência de se reinventar como profissional e lidar com as mais diversas situações e contextos.

Não podemos deixar de mencionar a valorização da figura do médico por parte dos pacientes. Observa-se que estes depositam confiança, assim como esperança no médico. Conforme observado, a espera do médico pelo paciente é nítida e gira em torno de dois fatores. O primeiro aspecto é que, com frequência, o paciente está aguardando alta. O segundo é que está aguardando o diagnóstico, a partir de exames realizados. Para o paciente, o médico representa a figura do saber, como se sua fala pudesse apontar uma verdade absoluta e inquestionável. Uma inversão do lugar de saber, agora quem sabe sobre a vida do sujeito é o médico e seus exames.

A escuta psicanalítica segue uma via contrária a essa lógica, apostando na construção de saberes próprios e na escuta de si. O que o paciente fala em um acolhimento é tomado como uma forma de perceber e interpretar a realidade, ou seja, uma verdade provisória que baliza os atos e a vida do sujeito. O primeiro movimento do atendimento em psicanálise é estabelecer transferência com a figura do analista e a implicação do sujeito em sua própria história. O paciente, ao se escutar, inicia um movimento de questionamento em relação à sua participação nas queixas e sofrimento. (FREUD, 1912/2010).

No dia a dia, no hospital, lidamos com várias pessoas, dentre elas, indivíduos que possuem prognósticos, patologias, tratamento medicamentoso, doenças e recuperação de cirurgia, todas possuem uma vida, uma história, uma família. A quantidade de elementos que constituem as histórias dos pacientes é enorme, então os profissionais da saúde envolvidos no tratamento desse paciente precisam aperfeiçoar sua escuta, considerar as singularidades e a verdade de cada sujeito.

Para Simonetti (2004), o propósito do psicanalista, no hospital, é focar na subjetividade do paciente, ou seja, pretende favorecer a travessia do adoecimento por parte do sujeito. Assim, o objetivo das acadêmicas é amenizar as angústias oriundas do processo de internação e, fundamentalmente, estabelecer uma transferência que aposte na produção de um saber implicado no questionamento de si e de sua história. A presença de um profissional da psicologia que suporte a escuta do trágico e do desamparo é essencial. Cria um lugar para o sujeito visitar seu passado e poder construir novos caminhos e escolhas a partir da escuta. A psicanálise cuida da dimensão subjetiva de toda e qualquer doença. “Não é preciso que haja uma doença

supostamente causada pelo psiquismo do paciente para que a psicanálise entre em campo. Ela se propõe a participar dos cuidados dispensados a toda e qualquer doença no hospital desde que haja um sujeito envolvido” (SIMONETTI, 2004, p. 15).

Como bem nos alerta Freud (1912/2010), o analista deve ser opaco para o analisando e, tal como um espelho, não mostrar senão aquilo o que lhe é mostrado. Dito de outro modo, deve cuidar para não introduzir no acolhimento questões e demandas do próprio analista ou tentar acelerar o processo e tratamento dos pacientes, sugerindo caminhos ou conselhos. De acordo com Zito (2009, p. 3), “o objeto da medicina é o corpo e seu objetivo é a remissão dos sintomas ou a cura, já para a psicologia é o sujeito e sua implicação para com o seu sintoma, cujo tratamento é feito a partir da fala do paciente”.

É relevante observar que o estágio permite experienciar uma amostra da realidade de um profissional da Psicologia Hospitalar, bem como os obstáculos cotidianos, impressões e expectativas dos pacientes e familiares, o acolhimento e a escuta do inesperado, a possibilidade de atuação a partir de uma teoria. Nesse sentido, o estágio nos impele a um trabalho de constante elaboração e produção de saberes, ou seja, implica no processo de construção de uma escuta e de um acolhimento para além da sala de aula, o desafio de uma atuação profissional de qualidade, que assegure ética, a ética do inconsciente, da escuta do sujeito que leve em conta a transferência e a singularidade, que se dispõe aos imprevistos e às surpresas do acolhimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os recortes das experiências dos acadêmicos-estagiários em seus respectivos campos de estágios possibilitaram a construção de uma escuta e elaborações em torno da psicanálise para além do consultório particular. A saúde pública, a universidade e o ambiente hospitalar demandam revisões e reposicionamentos da teoria psicanalítica, convocando-nos a repensar concepções fundamentais para escutar um sujeito do inconsciente.

Há muitos anos, especialmente após a metade do século XX até os dias atuais, a psicanálise tem estado imersa nos dispositivos públicos de saúde mental. Ganhou evidência, empoderada pelas contradições dos saberes psiquiátricos como método de



discurso sobre o adoecimento psíquico. Atualmente, apesar das contradições entre o discurso analítico e o psiquiátrico, a prática freudiana se consolidou nas instituições como a possibilidade de um dispositivo de tratamento. Desse modo, o trabalho da psicanálise em um contexto institucional possui a capacidade de criar espaços psíquicos para os sujeitos, entendendo-os nas suas singularidades, com o mérito de manejar os conteúdos inconscientes que os movem (LEBRUN, 2009).

A oportunidade de atuar diretamente com a escuta das singularidades e do inconsciente, durante a graduação são imprescindíveis, porque podem lapidar e enriquecer a formação de futuros psicólogos. Com isso, o processo de aliar as vivências ao conhecimento preparou, ainda mais, os estudantes para promover espaços de acolhimento, visando à escuta do singular, e alertou para práticas e movimentos institucionais que desconsideram as subjetividades ao engessarem e massificarem os usuários em manuais e técnicas. A clínica exige crescimento pessoal, reconhecimento da formação e autorização para escutar o inesperado e acolher o imprevisível. Trata-se, portanto, de uma clínica que permite o surgimento de um sujeito e de histórias através de um método capaz de escutar singularidades.

## REFERÊNCIAS

BIANCO, A. C. L. *Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise*. Psico-USF (Impr.), Itatiba, v. 8, n. 2, pp. 115-123, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 05 mar. 2020.

BRASIL. M. S. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação Geral de Saúde Mental. *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf)>. Acesso: 27 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização*. 4 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_gestores\\_trabalhadores\\_sus\\_4ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_gestores_trabalhadores_sus_4ed.pdf)>. Acesso em 24 fev. 2020.

CUMIOTTO, C. *As entrevistas preliminares e a clínica psicanalítica*. In: *A clínica psicanalítica na contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

FREUD, S. (1912). *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 2010. (Vol. 10).

\_\_\_\_\_. (1913) *O início do tratamento*. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 2010 (Vol. 10).

\_\_\_\_\_. (1916). *O sentido dos sintomas*. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 2014. (Vol. 13).

\_\_\_\_\_. (1919) *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica*. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 2010. (Vol. 14).

\_\_\_\_\_. (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, original publicado em 2010. (Vol. 15).

FIGUEIREDO, A. C. *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público*. 2 ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

LACAN, J. (1953). *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade*. In: \_\_\_\_\_, *Escritos* (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, original publicado em 1998.

LEBRUN, J. *Clínica da instituição: o que a Psicanálise contribuiu para a vida coletiva*. Porto Alegre, RS: CMC Editora, 2009.

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. Editora Blucher, 2016.

SILVA, A. M; SA, M. C; MIRANDA, L. *Concepções de sujeito e autonomia na humanização em saúde: uma revisão bibliográfica das experiências na assistência hospitalar*. Saúde soc. São Paulo, v. 22, n. 3, pp. 840-852, set. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010412902013000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902013000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 mar. 2020.

SIMONETTI, A. *Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ZITO, D. M. *A escuta psicanalítica do paciente hospitalizado e da equipe de saúde: estudo de caso*. Psicologia Hospitalar, v. 7, n. 1, pp. 23-43, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167774092009000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167774092009000100003)>. Acesso em 12 mar. 2020.

# **PSYCHOANALYSIS, DEVICES AND CLINICAL CONTEXTS: NARRATIVES AND ELABORATIONS AROUND CURRICULAR INTERNSHIPS IN PSYCHOLOGY**

## **ABSTRACT**

The purpose of this article is to present reports about the psychoanalytic experience of curricular internships of psychology in the most diverse contexts and fields. The question that guides the stories refers to the possibility of psychoanalysis operating in spaces and institutions different from the traditional clinic. In this proposal, the actions are discussed in an institution psychosocial, a clinical school with services of psychology and a hospital. Each author offered to share the challenges and theoretical extracts from their curricular internship to transmit knowledge and produce new experiences in psychoanalysis. The curricular internship is an essential element of curriculum training, being a possibility to reinvent psychoanalysis.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Health. Mental Health. Clinical School. University.

# **PSYCHANALYSE, DISPOSITIFS ET CONTEXTES CLINIQUES: RÉCITS ET ÉLABORATIONS AUTOUR D'EXPERIENCE DE STAGE EN PSYCHOLOGIE**

## **RÉSUMÉ**

Cet article vise à présenter des récits sur l'expérience de l'écoute psychanalytique de d'étapes spécifiques de la psychologie dans les contextes et les domaines de stage les plus divers. La question qui guide les récits se réfère à la possibilité d'une psychanalyse opérant dans des espaces et des institutions différents de la clinique traditionnelle. Dans cette proposition, les actions sont discutées dans un centre de soins psychosociaux, une école clinique et un service de psychologie et un hôpital. Chaque auteur a proposé de partager les défis et les extraits théoriques de leurs stages pour transmettre des connaissances et produire de nouvelles expériences de psychanalyse. Le stage est un élément essentiel de la formation curriculaire, étant une possibilité de réinventer la psychanalyse.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Santé. Santé Mentale. École Clinique. Université.

RECEBIDO EM 23/03/2022

APROVADO EM 26/09/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanalisebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanalisebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# BRINCADEIRAS EM UM CASO DE ANÁLISE INFANTIL - O PEQUENO HOMEM GALO SOB O OLHAR DE FERENCZI E DOLTO

Marcos Moura Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma experiência realizada através do uso de um caso clínico descrito por Sándor Ferenczi acompanhado por um estudo psicanalítico comparativo entre os métodos clínicos do mesmo em interposição à clínica infantil da psicanálise francesa representada aqui por Dolto. O texto traz uma apresentação do caso clínico do “Pequeno homem galo”, de Sándor Ferenczi, publicado em 1913, seguido da análise Ferencziana e análise referente à Françoise Dolto, como contribuição à literatura psicanalítica sobre a clínica infantil. O texto percorre o caminho entre a identificação estrutural, participação e ausência parental, técnicas e manejos particulares dos teóricos expostos e apontamentos de intervenções possíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Pequeno Homem Galo. Perversão.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia pela Universidade Ibirapuera. Especialista em Psicanálise - Teoria e Técnica pela universidade do Vale do Paraíba (2019). Psicólogo pela Universidade Paulista (2017). E-mail: [marcos.psicologo91@yahoo.com](mailto:marcos.psicologo91@yahoo.com). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2459-8935>

## O CASO DO PEQUENO HOMEM-GALO

Árpad tinha cinco anos de idade quando iniciou a análise com Sándor Ferenczi. Seu caso ficou registrado nos anais da história psicanalítica no texto intitulado como “Um pequeno homem galo”, publicado em 1913.

Descreve-se no texto que Árpad era vizinho de uma das colaboradoras de Ferenczi, que foi responsável por levar o caso ao seu conhecimento e contribuiu com anotações de observações diárias do garoto.

A queixa inicial era a de que o menino desenvolvera, no verão de 1910, uma fixação curiosa em galináceos, estando sempre muito interessado neles, observando-os e imitando-os com “cocoricós” e “cacarejos”, temendo a mãe que ele desaprendesse a fala (FERENCZI, 1913, p. 69).

A família de Árpad passava os verões em uma casa de veraneio na Áustria, na qual havia um grande galinheiro. Os relatos, provenientes das entrevistas familiares, descrevem que no verão de 1910, estando Árpad com 3 anos de idade, estaria urinando no galinheiro e teve seu pênis bicado por um galo<sup>2</sup>. Após o ocorrido, o galo teve seu pescoço cortado, e Árpad começou passar todo o tempo que podia no galinheiro, imitando as aves e observando-as, chorando e irritando-se quando era forçado a se retirar de lá.

Quando questionados sobre a possibilidade de o garoto, em algum momento, haver sido ameaçado de ter sua genitália cortada por ocasião de toques voluptuosos, os interlocutores – Ferenczi não especifica os familiares com os quais estabeleceu diálogo –, após alguma resistência, admitiram a possibilidade de a suposição estar correta:

A resposta, dada aliás de má vontade, foi que, de fato, Árpad gostava atualmente (aos cinco anos de idade) de brincar com seu pênis, pelo que era punido com frequência e não sendo tampouco “impossível” que algum dia alguém o ameaçasse, de “brincadeira”, com a castração; aliás, era exato que Árpad tinha esse mau hábito desde “há muito tempo”; quanto a saber se já o tinha durante esse ano de latência, não podiam informar-me nada (FERENCZI, 1913, p. 71).

---

<sup>2</sup> Tal ponto da história permanece obscuro, pois Árpad fora socorrido pela cuidadora, a qual não trabalhava mais com aquela família, impedindo assim a confirmação de que haveria de fato um ferimento na genitália do garoto ou se ela haveria feito um curativo apenas para tranquilizá-lo de um susto. Como psicanalistas permaneceremos apoiados no conteúdo da realidade psíquica.



A experiência analítica direta que Ferenczi teve com o jovem paciente não se mostrou produtiva. Durante o contato que tiveram no gabinete, Árpád se interessou por um bibelô de cobre em formato de galinha. Fez um desenho de um galo, mas perdeu o interesse rapidamente. A partir disso o analista adotou uma abordagem diferente, através de supervisão de sua colaboradora, que passou a observar o garoto por horas, fazendo anotações e intervenções. Através das observações confirmaram-se várias das informações já recebidas, bem como foi possível o acesso a outras até então ocultas.

Árpád desenhava aves com grandes bicos, adorava canções que tratavam de aves, e suas brincadeiras consistiam em fazer galos, fossem de jornal ou simbolizados por legumes, e degolá-los. Adorava ficar na cozinha assistindo as cozinheiras depenarem aves e festejando o momento da degola, mas tinha muito medo das aves vivas.

Um ponto, porém, que é importantíssimo à análise, é o sentimento de ambivalência constatado na observação de Árpád. Ele agia com toda a expressão de seu sadismo contra as figuras dos galináceos, mas, após o ato, acariciava-os, e tentava restituí-los de vida.

Chorou quando não conseguiu reparar uma ave feita de jornal, zangou-se quando não conseguiu cortar o pescoço de uma galinha de brinquedo, jogando-a em uma panela, mas, arrependido, acolheu-a com carícias. Quando acariciava uma ave morta, foi questionado se gostaria que ela acordasse, sua resposta foi: “E como! Eu mesmo o degolaria na hora” (FERENCZI, 1913 p. 73).

É agressivo também com seus semelhantes, visando sempre a região genital e os olhos, demonstrando-se sempre interessado em quais fenômenos capazes de causar cegueira. Em outra ocasião, relata a ameaça de cortar a cabeça de uma menina, colocá-la em cima de sua barriga e comê-la. Afirma também que gostaria de comer “*mamãe escabeche* (por analogia com o frango escabeche)” (FERENCZI, 1913 p. 75, grifo do autor).

Contudo, não se observaram apenas atos e fantasias derivadas de um sadismo exteriorizado, mas também de um sadismo contra si próprio, ou, se preferirem, um masoquismo.

Logo após a alusão a cozinhar e comer sua mãe, Árpád diz desejar ter seu pé quebrado e queimado. Tem também grande preocupação e interesse com as

questões de morte, divindades, templos e velhos judeus<sup>3</sup>, que denomina de “galos-mendigos”.

Outro ponto descoberto durante a observação foi o de que, na mesma manhã em que dialoga sobre a questão das divindades, almas e anjos, fora ameaçado de ter seu pênis cortado após a arrumadeira tê-lo descoberto praticando onanismo por baixo de um lençol. Embora a analista tenha tentado tranquilizá-lo, não houve efeito:

Descobriu-se, em seguida, que nessa mesma manhã a arrumadeira tinha erguido bruscamente o lençol da cama de Árpád e, vendo-o mexer no pênis, ameaçara-o de cortá-lo. A vizinha esforçou-se por tranquilizar a criança, assegurou-lhe que não lhe fariam mal nenhum e que, aliás, todos os meninos faziam a mesma coisa. Ao que Árpád replicou, indignado: “Não é verdade! Todas as crianças, não! *O meu papai nunca fez isso!*” (FERENCZI, 1913, p. 76, grifos do autor).

Outro fato notado sobre o interesse de Árpád pelo galinheiro, foi a saciedade de sua curiosidade quanto aos mistérios genitais, saber o que lhe fora negado pelos adultos, mas que os “animais prestativos” lhe revelavam de bom grado (FERENCZI, 1913, p.75).

O último fator a ser aqui lembrado sobre a descrição que Ferenczi faz do caso é a capacidade associativa do garoto. O autor fala abertamente sobre as possíveis dificuldades de interpretação do material analítico caso o paciente fosse um adulto dotado de recalque.

No caso de Árpád, ele fala abertamente que seu pai é um galo, a mãe uma galinha, e ele, um pinto. Fala também sobre uma cronologia, na qual, quando crescer, se tornará uma galinha, depois um galo, e depois um cocheiro “(O cocheiro que conduz a viatura parece impressioná-lo ainda mais que seu pai.)” (FERENCZI, 1913, p. 75, parênteses do autor).

Árpád também verbaliza seu desejo de se casar com várias mulheres, desejando “tornar-se o ‘galo da aldeia’” (FERENCZI, 1913, p. 76).

## A ANÁLISE DE FERENCZI

Como vimos, Sándor Ferenczi não relata progressos sobre o caso ou mesmo um

---

<sup>3</sup> Ferenczi não esclarece sobre a convicção religiosa de Árpád ou da família, mas, frente a esses relatos, e a sua nacionalidade (húngaro), acreditamos que seja de família judia, o que enriquece ainda mais a questão simbólica do caso.

desfecho, sendo necessário recorrer à sua bibliografia, para, dessa forma, produzir uma análise em seus moldes.

Conforme citado anteriormente, Ferenczi fazia uso da técnica freudiana acrescentando métodos próprios conforme as necessidades e especificidades de cada caso, o que também permite ocasionalmente recorrer a Freud nesse caminho.

Partindo inicialmente do conteúdo observável, pode-se compreender que, embora levada a sério, a identificação com os galináceos ocorre sob o prisma do brincar, uma vez que Árpád ainda reconhece a esfera da realidade. Freud (1908 [1907], p. 135) explica:

A antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, ela o distingue perfeitamente da realidade, e gosta de ligar seus objetos e situações imaginados às coisas visíveis e tangíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o 'brincar' infantil do 'fantasiar'.

Mais à frente, Freud (1908 [1907]), p. 137) completa: “o brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto”.

Dessa forma, pode-se compreender a dimensão da brincadeira como *Verneinung*, negação à castração, uma vez que a criança se utiliza dela para a realização de seu desejo de “ser adulto”, sem, no entanto, cindir o reconhecimento da realidade, embora o uso de recursos fantasísticos possa implicar em uma possível *Verleugnung*, recusa/denegação da castração.

Voltando a Árpád, pode-se notar que o garoto, embora de personalidade “insolente” (FERENCZI, 1913, p. 72), preserva a consciência da diferenciação entre o brincar e a realidade, e possui um desejo de algo que vai para além de si, além dos afetos ambivalentes. Essas informações, aliadas ao uso da brincadeira como recusa da castração, nos permitem afirmá-lo dentro do campo das perversões.

Outro ponto importantíssimo, no que concerne à análise aqui proposta, é a ausência presente das figuras parentais de Árpád. No texto original não se encontra nenhuma referência de contato direto entre ele e os pais, sendo as poucas citações de contato com adultos entre a criança e as empregadas, carregadas de impessoalidade ou temor de castração. Segundo Ferenczi (1929, p. 58) “crianças acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado”.

Embora o sintoma de Árpád possa ser situado no campo da repetição, sem saber se, de fato, o trauma primário fora o episódio em que o galo bicou seu pênis ou essa cena

possa ser também carregada como um significante que tem sua origem em uma cena mais primitiva, a criança não possuía um ambiente propício ao acolhimento necessário à perlaboração do trauma.

Nessa questão, a compreensão de Ferenczi (1931, p. 90) quanto à traumatogênese é essencial:

Isso nos permite entrever o que constitui o mecanismo da traumatogênese: em primeiro lugar, a paralisia de toda a espontaneidade, logo de todo o trabalho de pensamento, inclusive estados semelhantes aos estados de choque, ou mesmo de coma, no domínio físico, e, depois, a instauração de uma situação nova – deslocada – de equilíbrio: Se conseguimos estabelecer o contato, mesmo nesses estágios, ficamos sabendo que a criança, que se sente abandonada, perde por assim dizer todo o prazer de viver ou, como se deveria dizer com Freud, volta a agressão contra a sua própria pessoa.

Ainda com Ferenczi (1931, p. 91), amplia-se aqui a percepção sobre o trauma e seu caráter patogênico antes de prosseguir às formulações:

As falas apaziguadoras e cheias de tato, eventualmente reforçadas por uma pressão encorajadora da mão e, quando isso se mostra insuficiente, uma carícia amistosa na cabeça, reduzem a reação a um nível em que o paciente volta a ser acessível. O paciente relata-nos então as reações inadequadas dos adultos, diante de suas manifestações por ocasião de choques traumáticos infantis, em oposição com a nossa maneira de agir. O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna um traumatismo patogênico. Tem-se mesmo a impressão de que esses choques graves são superados, sem amnésia nem sequelas neuróticas, se a mãe estiver presente, com toda sua compreensão, sua ternura e, o que é mais raro, uma total sinceridade.

Assim sendo, propõem-se aqui que o trauma se estabelece sob um viés de três tempos:

Primeiro: Tempo do indizível: logo em sequência ao evento traumático, a criança vive uma pequena entrada na psicose por consequência do choque.

Segundo: Tempo do testemunho: a criança procura o adulto para poder expressar-se, à sua maneira, sobre o evento, visando a descarga da libido aprisionada via ab-reação.

Terceiro: Tempo do desmentido: o adulto não acolhe a criança ou nega-lhe a possibilidade de simbolizar o traumatismo, usando-se da negação perversa (*verleugnung*), provocando a quebra da confiança.

Logo, com Ferenczi, pode-se afirmar que a compulsão à repetição baseada no evento traumático consiste em uma regressão do estágio 3 ao estágio 2 até que se

consiga atingir a ab-reação e a descarga da libido, e que o trabalho do analista, nesse caso, é possibilitar a correta simbolização.

Outro ponto valiosíssimo para a discussão é o uso do caso por Freud em “Totem e Tabu” como recurso de apoio para a exposição do totemismo infantil:

Pode-se com justiça dizer que nessas fobias de crianças reaparecem algumas das características do totemismo, mas invertidas para o negativo. Devemos, entretanto, a Ferenczi (1913) uma interessante história de um caso isolado que só pode ser descrito como um exemplo de totemismo positivo numa criança. É verdade que no caso do pequeno Árpád (sujeito da comunicação de Ferenczi), seus interesses totêmicos não surgiram em relação direta com o complexo de Édipo, e sim baseados em sua pré-condição narcisista, o temor da castração (...) A primeira consequência de nossa substituição é notabilíssima. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago - não matar o totem e não ter relações sexuais com suas fêmeas, os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. Se essa equação for algo mais que um enganador truque de sorte, deverá capacitar-nos a lançar luz sobre a origem do totemismo num passado inconcebivelmente remoto. Em outras palavras, nos permitirá provar que o sistema totêmico - como a fobia de animal do pequeno Hans e a perversão galinácea do pequeno Árpád - é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo (FREUD, 1913, p. 135).

Freud estabelece assim como “totemismo infantil” essa tendência na qual a criança tende a deslocar a figura do pai a um animal, enquanto o adjetivo “negativo” é usado para compor o quadro no qual a criança desenvolve a fobia do animal em expressão ao temor do pai, a exemplo do caso do pequeno Hans.

Dessa forma, Árpád é rotulado como um “caso raro de totemismo positivo”, visto que seu afeto para com os galináceos não é fóbico, mas ambivalente, marcado por um grande interesse e tendências sádicas.

Sobre isso, Ferenczi esclarece: “De acordo com a demonstração de Freud, podemos admitir que *o culto e o sacrifício de animais* são manifestações deslocadas de afetos ambivalentes (respeito e temor) (FERENCZI, 1913, p. 74, grifos e parênteses do autor).

Mieli (2012) completa:

Do ponto de vista das vicissitudes da pulsão, como uma consequência do trato com a diferenciação sexual e a interdição edípica, uma diferença estrutural distingue o comportamento do Pequeno Hans (FREUD, 1908) e o do Pequeno Árpád (FERENCZI, 1913). Enquanto o pequeno Hans, confrontado à ameaça de castração, submete-se à proibição edípica, recalca suas pulsões e desenvolve uma fobia a cavalos, Árpád não apenas tem medo de galos. Na verdade, denegando a interdição edípica, desafiando seu poder, Árpád age, ele mesmo, como um galo, ele literalmente se torna um galo, destronando seu pai – tanto reconhecendo como negando sua função

simbólica. O medo de galos que Árpád apresenta, constitui um resíduo fóbico, o reverso da própria denegação que lhe permite efetuar sua satisfação sem recalque.

Uma via possível para pensarmos a transferência entre analista e analisante na teoria ferencziana é, a partir da clínica da perversão, uma comunicação baseada na figura paterna criada por Árpád, através da técnica de “Fantasias provocadas” (1924) que consiste em convidar o analisante a fantasiar sobre questões que sejam julgadas com valor analítico.

Sobre as fantasias provocadas, Ferenczi (1924, p. 264) estabelece que os três tipos de fantasias às quais se deparou na atividade clínica foram: “1. Fantasias de transferências negativas e positivas; 2. Fantasias relativas a lembranças infantis; 3. Fantasias masturbatórias”.

Embora o texto original cite a prática direcionada à clínica da neurose, quando Freud estabelece o diagnóstico de “caso raro de totemismo positivo”, acredita-se ser possível instaurar a relação transferencial através da fantasia de transferência positiva fazendo-se uso do elemento eleito como pai substituto: os galináceos.

Podemos desta forma compreender que Árpád não teve a oportunidade de simbolizar corretamente o traumatismo da castração, que, embora seja um evento para nós obscuro, a hipótese acaba por ser reforçada devido ao distanciamento notável entre o garoto e os adultos que deveriam apoiá-lo.

Estando o garoto impossibilitado de ab-reagir ao evento traumático, e possivelmente traído por suas figuras parentais na tentativa primeira de simbolismo, ele encontra a capacidade de desenvolver a estrutura perversa sadomasoquista através da recusa/denegação, por via do brincar e expressa através do totemismo positivo, da castração que lhe fora constantemente imposta sem qualquer afabilidade.

Esse evento ocorre através do que Ferenczi (1933) denomina como “confusão de línguas”, uma vez que adultos e crianças falam linguagens diferentes, e o trauma se instaura através da incapacidade do adulto acolher a criança em sua necessidade simbólica. A intervenção consistiria em instaurar a castração paralelamente ao acompanhamento da comunicação entre o garoto e os pais, de modo que ao primeiro fosse concedida a oportunidade de simbolização e ab-reação.

## A ANÁLISE DOLTONIANA

Dentre os conceitos doltonianos centrais, destacam-se a imagem do corpo e o esquema corporal. No que tange esses conceitos, Dolto (2010, p.14) afirma que:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, respectivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu.

Assim, pode-se dizer que a imagem do corpo é a memória inconsciente de toda a vivência relacional, e ao mesmo tempo ela é atual. Nesse sentido, é necessário ter uma breve explicação sobre o esquema corporal.

Para Dolto (2010, p.10) o esquema corporal é:

uma realidade de fato, sendo de certa forma nosso viver carnal no contato com o mundo físico. Nossas experiências de nossa realidade dependem da integridade do organismo, ou de lesões transitórias ou indelévels, neurológicas, musculares, ósseas e também, de nossas sensações fisiológicas viscerais, circulatórias.

Dolto (2010, p. 15) explicita que é por meio dessa imagem do corpo, sustentada pelo esquema corporal que o indivíduo entra em comunicação com o seu meio. Nesse sentido, observa-se que Árpád se vê como um galo. Essa imagem é derivada da estrutura perversa que se constitui através da outra versão do pai, que é simbiótica à imagem do próprio eu.

De acordo com Soler e Bernardino (2012), a análise com crianças precisa de uma teorização particular, visto que a demanda, a transferência e o fim de análise vão ser atravessados pelas variações de um sujeito ainda em constituição. Além do desejo da criança, há o desejo dos pais. Desejos estes que os envolvidos no processo desconhecem e que estão presentes na análise, que no caso de Árpád permanecem obscuros.

Costa (2007, p.70) ressalta que a abordagem psicanalítica de Dolto “centrou-se na escuta do inconsciente e nos traumas genealógicos”. Propõe, então, a hipótese de que a criança adoce do inconsciente dos pais, isto é: "uma criança herdeira de nossas dívidas de adultos, uma criança sintomática do que permaneceu atado às gerações que a precederam" (CIFALI, 1989, p.65).

Em suma, a criança se constitui como sujeito através da fala dos pais, de como eles vivenciaram e resolveram (ou não) o complexo de Édipo. Dessa forma, o sintoma

da criança é o sintoma dos pais. E o sintoma familiar, no presente caso, pode estar constituído através do presente abandono parental.

Por essa razão, na técnica aplicada por Françoise Dolto, é indispensável a presença dos pais nas primeiras entrevistas. Deste modo, na entrevista preliminar com os pais, juntamente com Árpád, comentar-se-iam as palavras parentais, articuladas diante da criança, dando a entender que há uma má compreensão de sua parte.

Ainda na primeira entrevista, “a orientação é de que a criança faça um desenho ou outro trabalho, instalada em uma mesa, e ao se falar com os adultos, presta-se atenção ao modo como a criança reage” (SOLER & BERNARDINO, 2012, p.210).

A essa altura, nota-se que na presente técnica analítica a preocupação do analista deve ser estabelecida na confiança e na substituição da associação livre pela oferta de materiais, tais como massas de modelagem e desenhos para que se realize a comunicação com o paciente dando a ele o lugar de fala, tudo visando a fala da criança e dando sempre a ela o lugar de sujeito – um ser autônomo e responsável.

Sobre o desenho, Dolto (1988, p.132) entende que por meio deles é possível adentrar “no âmago das representações imaginativas do paciente, da sua afetividade, do seu comportamento interior e do seu simbolismo”.

Dolto (2010, p.6) elucida o ponto da seguinte forma:

De início, ela parece desenhar uma cena; mas na realidade, pela maneira como ela própria interpreta, fala de seu desenho, prova que por meio desta encenação gráfica ela mediatiza pulsões parciais de seu desejo, em luta com pulsões parciais de seu desejo em um outro nível. Tais níveis da psique são os que Freud descreveu como: “EU”, “Eu Ideal” e “Super Eu”. E a energia que é posta em jogo nos cenários imaginários que são estes desenhos ou estas modelagens, nada mais é senão a libido que se expressa por seu corpo, quer passiva, quer ativamente – passivamente em seu equilíbrio psicossomático, ativamente na relação com os outros.

Assim sendo, o relato do desenho realizado por Árpád no gabinete de Ferenczi, que consistia em uma “ave com grande bico” (FERENCZI, 1913, p. 71), conduz à compreensão da perversão, compreendida como uma simbiose entre a imagem do eu e a outra versão do pai (perversão), como extremamente fálica.

No entanto, ela deixa claro que o desenho serve para orientar as conversações e intervenções, não para fazer interpretações diretas. Procura-se “escutar, olhar, observar, sem deixar escapar o mínimo detalhe, os gestos, as expressões, mímica, palavras, lapsos erros e desenhos espontâneos” (DOLTO, 2010, p. 132-133).



Na relação da criança com o psicanalista, abre-se a possibilidade da transferência - “situação de adesão afetiva ao psicanalista, que se converte num personagem, e dos mais importantes, do mundo interior da criança, durante o período de tratamento” (DOLTO, 2010, p.133). É por meio da transferência que “o analista pode estudar os mecanismos inconscientes do indivíduo, seu comportamento frente ao psicanalista, participando daquilo que ele, o paciente, tem em relação à outra pessoa” (DOLTO, 2010, p.147).

Soler e Bernardino (2012, p.214) destacam que a transferência pode acontecer na relação com os pais. Em suas palavras: “há tratamentos que provocam aflição em um dos pais que fica abalado demais com a melhora do filho. Esses pais que não suportam a mudança dos filhos também precisam de ajuda”.

Dolto (1988) não hesita, também, em fazer pontuações e questionamentos para os pais desde as entrevistas preliminares. Essas pontuações, no entanto, são construções em análise e não discursos educativos.

Tendo em vista que os pais de Árpád são destituídos de autoridade, característica necessária à castração, as pontuações doltonianas consistiriam em ações que visassem a restituição dos papéis de atuação parental no sistema familiar.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, vê-se que os métodos e técnicas psicanalíticas evoluem e são refinadas ao longo do tempo. Ferenczi, por exemplo, ao analisar Árpád utiliza a técnica de desenhos; porém, sem sucesso.

Ele se limita a ouvir as observações de uma vizinha de Árpád, mas não se preocupa em falar com os pais. Ao que parece, Ferenczi parte do pressuposto de que a criança deve ser analisada.

Dolto, em contrapartida, percebe que o sintoma familiar é o sintoma da criança. Por essa via, preocupa-se em ouvir os pais, direcionar as palavras à criança e, em havendo necessidade reposicionar e/ou orientar os pais no trato com a criança.

Contudo, é digno de nota que Ferenczi traz uma inovação à psicanálise: a possibilidade de analisar com crianças, algo indesejado pelo pai da psicanálise. Como se sabe, o trabalho analítico com crianças é, mais tarde, desenvolvido e ampliado por Ana Freud, Klein, Winnicott, Dolto e Mannoni.

Não se sabe se a perversão galinácea de Árpád caminhou para uma perlaboração. No entanto, é possível crer que, uma vez que a psicanálise avançou muito desde Ferenczi, o caso de Árpád poderia ter um desfecho no mínimo interessante.

## REFERÊNCIAS

CIFALI, M. Da hipnose à escuta. In: M. Cifali, *Seguindo os passos de Françoise Dolto*, B. Sidou, trad., pp. 47-69. Campinas, SP: Papirus, 1989.

COSTA, T. *Psicanálise com Crianças*. Coleção passo-a-passo. v. 75. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

DOLTO, F. *Psicanálise e pediatria*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1988. (Trabalho original publicado em 1971).

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERENCZI, S. Um pequeno homem-galo (1913). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise II*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 69-76. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 2).

FERENCZI, S. As fantasias provocadas (1924). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise III*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-270. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 3).

FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte (1929). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 55-60. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).

FERENCZI, S. Análise de crianças com adultos (1931). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 79-96. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933). In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica e da tradução Claudia Berliner, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-135. (Obras completas Sándor Ferenczi, v. 4).

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]). In: \_\_\_\_\_. *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos* (1906~1908). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 135-148. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 9).

FREUD, S. Totem e tabu (1913 [1912-13]). In: \_\_\_\_\_. *Totem e Tabu e outros trabalhos* (1913~1914). Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 21-163. (Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).

MIELI, P. Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 34, n. 63, p. 91-102, jun. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952012000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000200011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 jan. 2021.

SOLER, V. T.; BERNARDINO, L. M. F. A prática psicanalítica de Françoise Dolto a partir de seus casos clínicos. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 206-227, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282012000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282012000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 06 jan. 2021

# **JOKES IN A CASE OF CHILD ANALYSIS – THE SMALL COCK MAN IN THE VISION OF FERENCZI AND DOLTO**

## **ABSTRACT**

The present work is the result of an experiment carried out through the use of a clinical case described by Sándor Ferenczi accompanied by a comparative psychoanalytical study between the clinical methods of the same in interposition to the infantile clinic of the French psychoanalysis represented here by Dolto. The text presents a presentation of the clinical case of Sándor Ferenczi's "Little Gallic Man", published in 1913, followed by Ferenczian analysis and analysis of Françoise Dolto, as a contribution to the psychoanalytic literature on children's clinic. The text travels the path between structural identification, parental participation and absence, particular techniques and management of the exposed theorists and notes of possible interventions.

**KEYWORDS:** Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Small Cock. Perversion.

# **JOUER DANS UN CAS D'ANALYSE D'ENFANT - LE PETIT HOMME BITE SOUS LE REGARD DE FERENCZI ET DOLTO**

## **RÉSUMÉ**

Le présent travail est le résultat d'une expérience réalisée à travers l'utilisation d'un cas clinique décrit par Sándor Ferenczi accompagné d'une étude psychanalytique comparative entre ses méthodes cliniques en opposition à la clinique de l'enfant de la psychanalyse française représentée ici par Dolto. Le texte présente une présentation du cas clinique du «Petit homme coq», de Sándor Ferenczi, publié en 1913, suivi de l'analyse et de l'analyse Ferencziana faisant référence à Françoise Dolto, comme contribution à la littérature psychanalytique sur la clinique infantile. Le texte parcourt le chemin entre l'identification structurelle, la participation et l'absence parentale, les techniques et managements particuliers des théoriciens exposés et des notes d'interventions possibles.

**MOTS-CLES:** Sándor Ferenczi. Françoise Dolto. Petit homme Coq. Perversion

RECEBIDO EM 16/01/2021

APROVADO EM 25/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# NEUROSE OBSESSIVA E FIGURA PATERNA: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES A PARTIR DA OBRA “A METAMORFOSE” DE FRANZ KAFKA

Guilherme Silveira<sup>1</sup>

Gustavo Angeli<sup>2</sup>

## RESUMO

A psicanálise pode ser entendida como uma forma de compreender, intervir e analisar o sofrimento humano do ponto de vista dos processos psíquicos inconscientes. Dentro dessa perspectiva, este artigo estrutura-se como uma análise psicanalítica sobre um caso de neurose obsessiva presente na literatura, mais precisamente na obra ‘A Metamorfose’ do autor Franz Kafka. Este artigo possibilita a construção de conhecimento em psicanálise, proporcionar ao leitor uma reflexão sobre as relações constituídas entre o neurótico obsessivo e a figura paterna. A pesquisa será pautada nos preceitos da pesquisa psicanalítica, e seu método será o da psicanálise extramuros proposta por Jean Laplanche. Gregor Samsa permite-nos ampliar a compreensão acerca da obsessão e as mudanças decorrentes de um processo de análise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Neurose Obsessiva. A Metamorfose. Franz Kafka.

---

<sup>1</sup> Psicólogo pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), pós-graduado em Psicologia do Desenvolvimento Humano pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Psicólogo Clínico. E-mail autor: [guisilveira.psico@gmail.com](mailto:guisilveira.psico@gmail.com). Telefone: (47) 9700-9719. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8790-5889>.

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau, doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina na área de concentração Psicologia Social e Cultura e linha de pesquisa Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidades, mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. E-mail: [gustavooangeli@gmail.com](mailto:gustavooangeli@gmail.com). Telefone: (47) 99654-3353. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1732-1081>



A psicanálise surge com Sigmund Freud no final do século XIX como uma nova forma de pensar e intervir nos fenômenos psíquicos de sua época, com destaque para as históricas que até então eram negligenciadas por médicos e demais profissionais de saúde, não as considerando doentes por não apresentarem sintomas mensuráveis por intermédio de exames. Quando Freud cria a psicanálise, ele funda algo para além de uma simples teoria sistematizada das formas de sofrimento. Sua proposta foi de justamente criar uma forma de tratar esses sujeitos, prova disso é que sua teorização foi construída e pautada em casos clínicos (JORGE; FERREIRA, 2010). Com a descoberta do inconsciente, Freud inicia à sua teoria, principalmente no que diz respeito à atuação frente a casos de histeria e neurose obsessiva.

Nesse sentido, este artigo propõe-se a analisar a relação da neurose obsessiva e a figura paterna a partir do personagem Gregor Samsa criado por Franz Kafka. Nos debruçaremos sob um caso de neurose obsessiva, com o objetivo de analisá-lo e articula-lo com os construtos teóricos da psicanálise, por intermédio da psicanálise extramuros. Apoiando-se em uma pesquisa de cunho psicanalítico, este artigo possibilitará construir conhecimento no campo da psicanálise, sendo este um compromisso para além do âmbito acadêmico. Esta construção tem sua importância para com o social, na medida em que nos possibilita rever e repensar formas de intervenção frente ao sofrimento e adoecimento psíquico dos sujeitos.

Para realizar a análise proposta, fez-se um retorno à obra de Freud com intuito de compreender à neurose obsessiva desde o seu surgimento, bem como seus sintomas característicos e articulá-los com os comportamentos apresentados pelo personagem analisado.

## **A NEUROSE OBSESSIVA NA OBRA DE FREUD**

Iniciaremos a discussão acerca da neurose obsessiva com uma revisão do conceito na obra de Freud. Salienta-se que, no início da psicanálise, os estudos de Freud eram quase exclusivamente voltados à histeria, sendo esta a neurose que inicia a teorização da psicanálise e a sistematização do seu método. Segundo Ramos (2012), a histeria e a neurose obsessiva são responsáveis pela fundação da psicanálise.

Os marcos iniciais na obra de Freud, no que diz respeito à sua teoria e a neurose obsessiva, são os artigos: “As neuropsicoses de defesa” (1894/1996),

“Obsessões e Fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia” (1895/1996) e “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1896/1996). No primeiro artigo mencionado, Freud (1894/1996) realiza a comunicação de sua primeira grande teoria sobre as neuroses, sendo esta a Teoria da Sedução. Nesse período, o autor acreditava que a criança passará por um abuso durante a tenra infância e que, em decorrência de um acontecimento durante a puberdade ou fase adulta, o eu passa por uma clivagem como um mecanismo de defesa contra a recordação da cena traumática inicial. A teoria da sedução marca o início do termo recalçamento na psicanálise, bem como uma tentativa de sustentação teórica para essas formas de sofrimento.

Para Freud (1895/1996), a neurose obsessiva e a histeria passavam por processos similares em sua etiologia, contudo na histeria há uma conversão ao corpo do afeto, enquanto na neurose obsessiva há um deslocamento do afeto para outro pensamento no qual se manifestara em pensamentos ou comportamentos obsessivos. Contudo, não muito adiante, Freud abandona sua teoria da sedução em decorrência de sua prática clínica e novas observações feitas com seus pacientes e dará início à teoria da fantasia e a primeira tópica em “A interpretação dos sonhos” (1900/1996).

Na teoria da fantasia, o autor propõe que a cena traumática, que marcava o início da neurose, foi fantasiada pela criança com sua relação incestuosa com a figura materna, elevando esse abuso ao nível da fantasia (JORGE, 2017). Nesta nova teoria proposta por Freud, o primeiro artigo no qual o autor vem elucidar os sintomas da neurose obsessiva denomina-se “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907/1996). No artigo mencionado, Freud (1907/1996) faz uma caracterização dos principais sintomas obsessivos e sua etiologia. O autor então aborda os atos cerimoniais, as repetições, as compulsões e as proibições presentes em casos de neurose obsessiva. Segundo Freud (1907/1996, p.109), “as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamentos obsessivos, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins”. Ainda neste texto, Freud (1907/1996, p. 113) afirma que “podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa [...]”. Em uma relação com a religião, Freud (1907/1996) compara o neurótico obsessivo à um pecador. Com relação ao fenômeno do incesto e a proibição social, foi descrito com mais rigor por Freud em seu texto “Totem e Tabu” (1913/1996), onde o autor descreve

o comportamento de tribos australianas em relação ao tabu incestuoso dentro das próprias tribos, bem como os conflitos com a figura paterna.

Em “Caráter e erotismo anal”, Freud (1908/1996) descreve os obsessivos como pessoas ordeiras, parcimoniais e obstinadas. Pouco após sistematizar a sintomatologia e etiologia da neurose obsessiva, Freud (1909/1996) publica seu primeiro grande caso de neurose obsessiva, no artigo “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”, conhecido como “O homem dos ratos”. O paciente de nome Ernst, procurou Freud com sintomas clássicos de obsessão, com ênfase aos decorrentes pensamentos que lhe fugiam do controle. Freud fez o tratamento de Ernst com o uso da psicanálise e pôde constatar, como já havia teorizado, a importância da fixação da fase anal nesse tipo de sofrimento e o erotismo infantil presente por intermédio de fantasias.

Decorridos alguns anos, Freud (1912/1996) publica mais um artigo voltado à etiologia e surgimento da neurose obsessiva: “Tipos de desencadeamento da neurose”. O autor sugere neste artigo quatro formas de surgimento de uma neurose, sendo elas: a) uma frustração causada pelo afastamento de um objeto que lhe dê satisfação, muito provável à figura materna em detrimento do complexo de Édipo; b) um esforço extremo para atender às realidades externas afim de conseguir satisfação em algum objeto; c) uma inibição no desenvolvimento psicosssexual com fixações infantis; d) uma mudança ocorrida no próprio sujeito, até mesma biológica. Portanto, nesse momento Freud (1912/1996) começa a reestruturar a origem da neurose obsessiva após abandonar a teoria da sedução.

Já em “A disposição à neurose obsessiva”, Freud (1913/1996) inicia uma discussão sobre a razão de um sujeito ser obsessivo ao invés de histerico. O autor aponta o início da sintomatologia obsessiva por meados dos oito anos de idade e que a escolha da neurose passa pelo desenvolvimento libidinal da criança. O autor distingue a neurose obsessiva como uma posição ativa, na medida em que a histeria há uma posição passiva quanto ao desejo. Salienta ainda um início precoce da vida sexual na obsessão e o caráter fundamental do erotismo anal.

Em suas conferências introdutórias, Freud publica dois artigos “O sentido dos sintomas” (1917/1996) e “Os caminhos da formação dos sintomas” (1917/1996). Em ambos, o autor retorna à discussão acerca da sintomatologia na neurose obsessiva e a importância da interpretação desses sintomas para o tratamento dos pacientes. No ano seguinte, Freud (1918/1996) publica seu segundo grande caso de neurose

obsessiva, no artigo “História de uma neurose infantil”, no qual denominou de “O homem dos lobos”. Nesse período, a psicanálise já possuía bases mais sólidas sobre a obsessão e Freud pôde comunicar e interpretar um caso novamente.

Sintetizando aos leitores, pode-se compreender a obsessão como uma modalidade de neurose originada na tenra infância em virtude do recalçamento dos desejos incestuosos da criança para a figura materna (LAPLANCHE, PONTALIS, 2001). Este recalçamento surge pela proibição advinda do social e pela figura paterna, no qual interdita, priva e frustra a criança em ser o objeto de desejo da mãe durante o complexo de Édipo (FREUD, 1912/1996). Diferentemente da histeria, onde há uma conversão, no obsessivo o retorno do conteúdo recalçado vêm sob o mecanismo do deslocamento (FREUD, 1917/1996). O obsessivo apresenta um recorrente sentimento de culpa, em virtude dos desejos pela figura materna, no qual manifesta-se em seus sintomas. Os sintomas provenientes do descolamento e da culpa apresentam-se na forma de rituais, parcimônia e obstinação (FREUD, 1908/1996).

Para que fosse possível cumprir o objetivo principal deste artigo, sendo o de analisar um caso de neurose obsessiva, fez-se o uso de duas formas de pesquisa, as quais se articulam para viabilizar a análise. Concomitante à pesquisa bibliográfica, foi utilizada a denominada pesquisa psicanalítica. Segundo Herrmann e Lowenkron (2004), esta modalidade de pesquisa é definida como uma metodologia da psicanálise para investigar, compreender, intervir e produzir conhecimento, tendo como objeto de análise produções artísticas, literárias e culturais. Segundo os autores, pensar a psicanálise desta forma a eleva para além da questão da cura, propiciando a produção de um saber. Apesar do rigor acadêmico, a pesquisa psicanalítica ainda segue estritamente os métodos da psicanálise (HERRMANN; LOWENKRON, 2004).

Utilizar a pesquisa psicanalítica foi indispensável para realizar nosso objetivo principal de analisar o caso, bem como nos possibilitou articular a teoria com o caso clínico e construir conhecimento em psicanálise. Portanto, a pesquisa psicanalítica nos permitiu ampliar a nossa escuta sobre a estrutura clínica do personagem, bem como sobre a neurose obsessiva por intermédio da psicanálise extramuros.

Compreende-se que a psicanálise extramuros alinha-se aos preceitos da pesquisa psicanalítica, assim como segue à rigor os conceitos da teoria psicanalítica. Hermann (2001) defende que, baseado na interpretação, é possível dar um novo sentido à obra analisada, sendo esta uma das propostas deste artigo.

O principal método de análise utilizado neste artigo foi a denominada psicanálise extramuros, ou também encontrada como psicanálise aplicada e clínica-extensa. Segundo Mezan (1985), o próprio Freud recebeu diversas críticas em seu tempo devido ao caráter quase exclusivamente clínico da psicanálise, de acordo com os críticos da época. Contudo, Freud tratou de responder aos críticos publicando análises de casos e obras nos quais não foram seus pacientes, como apresentado no caso Schreber publicado no artigo “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia” (1911/1996), “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen” (1907/1996), na teorização do Complexo de Édipo, entre outras publicações. Ainda de acordo com o autor, Freud não se preocupou em definir formalmente essa forma de intervenção, pois considerava implícita à teoria psicanalítica, já fazendo parte do método criado por ele mesmo para intervir sobre as variadas formas de sofrimento humano.

A partir destas publicações freudianas, a psicanálise começa ser vista para além dos consultórios, dando início à uma nova possibilidade de intervenção em psicanálise. Com relação à essa atuação em psicanálise, Laplanche (1992) discute a importância da psicanálise extramuros como um eixo de intervenção psicanalítica, abandonando o termo psicanálise aplicada. Dentro dessa nova perspectiva, o autor compreende a psicanálise extramuros como uma intervenção para além do individual, pois trata-se de uma intervenção também na esfera social. Essa afirmação dar-se ao fato de que é possível analisar e apropriar-se de conteúdos compartilhados e criados a nível social e cultural. Exemplos de possibilidades são as pinturas, esculturas, obras literárias, poemas, músicas, entre outros meios de produção artística e cultural.

Outro autor que discute este método de intervenção é Herrmann (2001), que o chama de clínica-extensa. De acordo com o autor, na clínica-extensa fica comprovada a possibilidade de a psicanálise intervir em todos os âmbitos do sofrimento, seja ele na produção e manifestação individual ou cultural. O autor continua utilizando no nome a palavra clínica, pois defende que devesse manter o caráter investigativo da clínica, com ressalvas em seu método de aplicação.

Com relação ao método de aplicação da psicanálise extramuros, ou qualquer outra forma como propõe-se a chamá-la, há de se destacar que ainda segue aos conceitos da clínica psicanalítica freudiana. Utiliza-se da interpretação, atenção flutuante e livre associação, com algumas diferenças em decorrência da aplicação e da forma em que o conteúdo é apresentado ao analista. Com relação à atenção

flutuante, Mezan (1985) afirma que o analista buscará novos sentidos na leitura da obra, no qual será feita uma leitura flutuante. O autor afirma que há conteúdos latentes dentro do manifesto da obra, sendo função do analista identificá-los e interpreta-los, na medida em que soam no seu próprio inconsciente (MEZAN, 1985). Portanto, há uma comunicação entre inconsciente do analista, por intermédio da leitura flutuante, e inconsciente do autor. Essa comunicação, nos serviu para escolher à problemática da relação Gregor e seu pai na obra, possibilitando a análise.

Kobori (2013) descreve que a escuta presente na clínica psicanalítica tradicional é um tanto diferente na psicanálise extramuros. O autor salienta ainda que nesse campo de intervenção o analista deve estar atento às emoções suscitadas pela obra. Ressalta ainda que, apesar de haver diferenças, a interpretação ainda advém da atenção flutuante e associação livre, mesmo sem um discurso verbalizado. Referindo-se ainda à interpretação, Mezan (1988) afirma que o analista deve estar atento à sua contratransferência com a obra, manifesta em seus sentimentos e emoções durante a leitura e nas associações livres do analista. Portanto, é a partir da contratransferência que pode-se pensar a associação livre em psicanálise extramuros.

Essa implicação do analista, por intermédio das suas emoções é o que viabiliza a descoberta e análise de conteúdos e pistas inconscientes contidas nas obras, pois ressoam no inconsciente do analista, similar à uma análise clínica (HERRMANN; LOWENKRON, 2004). Deste modo, todo esse movimento de associar livremente e leitura flutuante do analista permitirá o método interpretativo, cujo o objetivo é traduzir o conteúdo latente em uma linguagem metafórica (KOBORI, 2013).

## **A METAMORFOSE DE FRANZ KAFKA**

O caso que se faz objeto de estudo deste artigo está presente na obra literária “A Metamorfose” do escritor húngaro Franz Kafka. A obra foi escrita originalmente no ano de 1912 e publicada em 1915. O autor demorou apenas vinte dias para escrevê-la, tornando-se a sua principal obra e reconhecida mundialmente como um clássico da literatura. O enredo conta a história de um jovem caixeiro viajante chamado Gregor Samsa, que em uma certa manhã, ao acordar, depara-se com sua imagem refletida em um espelho sendo à de um inseto gigante. Essa transformação de Gregor, para além do físico, é o que dá nome a obra. Gregor acabará de passar por uma

metamorfose que culminaria em transformações físicas e de relação com seus familiares, chefe e com seu trabalho (KAFKA, 2018).

O personagem é jovem, mora com sua família, é descrito como um ávido trabalhador que não costuma atrasar-se para o trabalho, paga suas contas em dia e provedor da família, pois seus pais são aposentados. Quando Gregor acorda, logo depara-se com seu primeiro problema após à metamorfose. Estava atrasado para seu trabalho e isso inicialmente lhe causou demasiada angústia e aflição. Sua família estava ainda mais preocupada, pois não imaginará o que se passava dentro do quarto de Gregor. Decorridas duas horas de seu atraso, seu chefe decide visitá-lo com intuito de descobrir os motivos que do atraso. Nos instantes que sucederam à visita, veio à tona, para a família e o chefe à metamorfose de Gregor, o que causou grande espanto a todos. Gregor acabará de perder seu emprego, pois agora era um inseto (KAFKA, 2018).

O segundo capítulo da obra começa retratando à dinâmica familiar de Gregor após sua transformação. Seu pai raivoso, tendo que trabalhar e tratando Gregor com grosserias. Sua mãe chorando constantemente e precisando cuidar ainda mais da casa após à empregada demitir-se. Por fim, sua irmã mais nova tendo que largar o sonho de ser música profissional. Contudo, a irmã é a única que tem cuidados com Gregor. Mantendo-lhe alimentado e confortável em seu quarto isolado, onde dorme sob um canapé. No decorrer do capítulo, quase em seu final, até mesmo a irmã passa a ficar insatisfeita e indignada com Gregor. Começa a destratar-lo e inicia-se uma fase de coesão entre os membros da família contra Gregor (KAFKA, 2018).

Por fim, o terceiro capítulo apresenta o rompimento total da relação de Gregor com sua família, o fim de sua metamorfose e sua morte simbólica. A morte de Gregor foi ocasionada fisicamente por uma maçã atirada pelo pai e emocionalmente pelo rompimento com sua família. Os familiares de Gregor sentem-se aliviados pela morte e no final mudam-se de casa para deixar o passado para trás (KAFKA, 2018).

## **A NEUROSE OBSESSIVA DE GREGOR SAMSÁ**

Contextualizada a história, avançaremos no sentido de analisar trechos destacados durante a leitura. Nas primeiras páginas da obra, pouco após despertar da sua metamorfose, Gregor já apresenta indícios da influência de seus pais, sobretudo na relação estabelecida e imposta com seu trabalho. O personagem diz:

Aliás, quem sabe se isso não seria muito bom para mim? Se eu não me refreasse tanto por causa dos meus pais, já teria pedido demissão há muito tempo, já teria procurado o chefe e dito o que penso do fundo do coração (KAFKA, 2008, p. 11).

Neste trecho, Gregor refere-se à metamorfose como um acontecimento positivo, até mesmo libertador. Visto como um meio pelo qual pode libertar-se do seu emprego, que lhe pouco agrada, bem como da tirania do seu chefe que apenas suporta devido às dívidas que seu pai possui. Interpreta-se ainda como uma via de libertação dos desejos e demandas paternas. Ao dizer que se refreava devido à imposição dos pais, compreende-se como uma interdição paterna presente também no complexo de Édipo.

O pai de Gregor, aparece aqui como aquele que intervém no desejo do filho ou impede de escolher um emprego a seu modo. De acordo com Freud (1924/1996), durante a infância, o pai proíbe o filho de desejar a mãe sob a ameaça da castração. Esta proibição está no cerne do complexo de Édipo e pode ser compreendida como um dos fatores desencadeantes da neurose obsessiva. Retornemos ao artigo de Freud (1912/1996) onde o autor menciona uma possível frustração causada pelo afastamento de um objeto que lhe dê satisfação como fator desencadeante da obsessão.

O Édipo atualiza-se e a frustração continua presente sob a forma de repressão quanto à escolha laboral. Este pai, tirano e que escolhe pelo filho, continua tendo influência em Gregor. Contudo, evidencia-se na metamorfose, em sua forma simbólica, um movimento do jovem em direção ao rompimento com seu pai. Pode-se pensar como um início à dissolução do complexo de Édipo de Gregor, pelo qual ainda se faz presente. Corroborando com este momento, o autor apresenta a seguinte frase: “Gregor respirava com mais liberdade” (KAKFA, 2008, p. 54), referindo-se ao rompimento com seu emprego. Destarte, transformar-se permitiu respirar.

Com o passar dos dias, Gregor começa a acostumar-se com a transformação que ocorreu. Adapta-se facilmente ao seu novo corpo, como sugere o autor: “[...] dominava o próprio corpo de um modo muito diferente de antes e não se machucava” (KAFKA, 2008, p. 55). Permitimo-nos a interpretar que esse domínio do novo corpo deve ser compreendido como um domínio sobre o próprio desejar, até então pertencente ao pai. Quando realiza a metamorfose, e rompe com seu pai, Gregor passa a dominar seu corpo e não se machucar como antes.



Certo dia, após Gregor sair de seu quarto, proibição imposta pela família, o pai tem um ataque de raiva contra o filho. Começa a atirar maçãs que estavam postas sobre a mesa. Após diversos arremessos sem êxito, enfim uma maçã atingiu Gregor “[...] cravando em suas costas [...], causando uma dor incrível e surpreendente” (KAFKA, 2008, p. 65). A mãe, vendo a cena, suplicou ao pai que poupasse a vida do filho, permitindo-lhe retornar ao quarto.

Neste momento, Gregor depara-se com a ameaça de castração, advinda pela maçã arremessada pelo pai. A maçã apresenta-se como o significante da proibição, o ato ameaçador que faz Gregor deparar-se com a possibilidade do pai castra-lo. Conhecida na cultura como o fruto proibido, em virtude de contos religiosos, a maçã o deixa a marca da proibição. Mesmo havendo o rompimento após a metamorfose, Gregor lembrara-se para sempre da proibição imposta pelo pai, uma marca definitiva lhe deixou. Esta é a marca da castração, imposta pelo pai ao impedir o desejo incestuoso pela mãe e pelo qual torna-se um gerador de angústia e uma via de entrada para a neurose obsessiva (FREUD, 1913/1996). Portanto, agora interditado pelo pai em obter a mãe, evidencia-se à Gregor a necessidade de alçar voos, descobrir seus desejos para além da mãe.

Quase no final da história, após ferir gravemente Gregor, seu pai entra em discussão com a irmã do jovem. A irmã, que até então cuidou e defende Gregor, tem um ataque de raiva. Decidi expor sua vontade de livrar-se do irmão, com os seguintes dizeres:

Nós temos de tentar nos livrar desse traste – disse a irmã, dirigindo-se unicamente ao pai, pois a mãe, com sua tosse, não ouvia nada. – Ele vai acabar matando vocês dois, eu já estou até vendo isso acontecer. Quem precisa trabalhar tanto, como todos nós, não pode aturar um tormento perpétuo dentro de casa. Eu não aguento mais (KAFKA, 2008, p. 86).

Após a filha expor sua vontade com relação à Gregor, o pai contrapõe: “Mas filha – contrapôs o pai com compaixão e surpreendente compreensão – o que é que vamos fazer? [...] – Se ele ao menos nos entendesse” (KAFKA, 2008, p. 86). Nessa passagem da história, percebe-se uma postura diferente do pai. Antes tirano e interditador, agora surge o pai compreensível e amoroso. Como salienta Freud (1913/1996), a figura paterna tem sua função para além de interditar o desejo incestuoso do filho pela mãe, ela serve como aquele que deverá instaurar as normas de condutas e oferecer subsídios para um vida saudável, ainda que seja pela via da neurose. O diálogo entre pai e filha corrobora com os dizeres do autor, no sentido de

compreender o pai para além da tirania, mas como aquele que oferece o amor e o interdito.

A história termina com o que se interpreta como uma morte simbólica de Gregor, uma travessia pela neurose e concluída pela metamorfose. Certa manhã, a empregada entra no quarto, abre a janela e percebe o corpo de Gregor estirado ao chão. A empregada e os familiares dão como morto o jovem, em decorrência da fome e da maçã podre. Posteriormente, o corpo de Gregor some, dando indícios de um possível voo pela janela aberta. O pai comemora a morte, falando: “Bom, – disse o senhor Samsa – agora podemos levantar as mãos para o céu” (KAKFA, 2008, p. 91). O final, mostra-se precioso para concluir nossa análise. Percebe-se um pai feliz, pelo sucesso em interditar o filho, apresentar-lhe o fruto proibido e marca-lo com a castração. Permitindo-o levantar voo, viver sua vida longe de casa e proporcionando o fim da metamorfose.

Refletir sobre a metamorfose do personagem, permite-nos compreender um processo inerente ao sujeito neurótico, seja ele obsessivo ou histérico, pois transformar-se e elaborar as marcas deixadas pela relação edipiana, com as figuras paternas e maternas, faz parte da travessia destas fantasias. Possibilitar seus desejos e trilhar seus caminhos, ainda que marcados pela proibição, são consequências, ainda que envolvam uma metamorfose.

Por fim, percebemos Gregor transformado, sem ritualismos e parcimônias. Livre de seu chefe, seu trabalho e sua família. Livre de seu pai, mas ainda marcado pela maçã representante da castração, permitindo-se voar, escolher e desejar. Finalizamos nossa análise com os dizeres de Freud (1909/1996, p. 2019), no texto “Romances Familiares”: “[...] pois o menino tem maiores tendências a sentir impulsos hostis contra o pai do que contra a mãe, tendo um desejo bem mais intenso de libertar-se dele do que dela”.

As intervenções frente à neurose obsessiva devem ser tão sensíveis à escuta quanto em casos de histeria, pois se para a histérica o desejo somente poderá ser realizado pelo outro, na obsessão esse desejo será impossível de ser realizado. Destarte, engajar o obsessivo rumo à mudança, exigirá do analista disposição e persistência. Disposição em escutar, interpretar, pontuar, confrontar e frustrar. Persistência em resgatar as marcas da proibição, do interdito. As marcas deixados pelo pai, ainda que sutis (DOR, 1991).

A análise deste caso se propôs justamente em elucidar as mudanças da neurose obsessiva e a relação, permeada por amor e ódio, com o pai. A resistência frente à mudança, o estado de aceitação e as transformações do desejo, representado pela metamorfose e o bater das asas rumo ao desconhecido. Além de propor uma análise de um caso e articulá-lo com a teoria, este artigo objetivou escutarmos a obsessão na vida cotidiana e na literatura. Em nossa relação com o trabalho, com a religiosidade, com nossos rituais diários e as relações familiares.

Portanto, analisar Gregor fundamenta sua relevância em uma construção de conhecimento em Psicanálise. Uma travessia das marcas edípicas e suas possíveis (re)traduções. Kafka possibilita em sua obra a análise do cotidiano e das relações edípicas que constituem um neurótico obsessivo, ainda que longe dos divãs e consultórios de psicanálise.

## REFERÊNCIAS

- DOR, Joël. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre Editores, 1991.
- FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1894/1996). *As neuropsicoses de defesa*. v. III.
- \_\_\_\_\_. (1895/1996). *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. v. III.
- \_\_\_\_\_. (1896/1996). *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. v. III.
- \_\_\_\_\_. (1900/1996). *A interpretação dos sonhos*. v. IV.
- \_\_\_\_\_. (1907/1996). *Atos obsessivos e práticas religiosas*. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1907/1996). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1908/1996). *Caráter e erotismo anal*. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1909/1996). *Romances Familiares*. v. IX.
- \_\_\_\_\_. (1909/1996). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. v. X.
- \_\_\_\_\_. (1911/1996). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. v. XII.
- \_\_\_\_\_. (1912/1996). *Tipos de desencadeamento da neurose*. v. XII.
- \_\_\_\_\_. (1913/1996). *A disposição à neurose obsessiva*. v. XII.
- \_\_\_\_\_. (1913/1996). *Totem e Tabu*. v. XIII.
- \_\_\_\_\_. (1917/1996). *O sentido dos sintomas*. v. XVI.
- \_\_\_\_\_. (1917/1996). *Os caminhos da formação dos sintomas*. v. XVI.
- \_\_\_\_\_. (1918/1996). *História de uma neurose infantil*. v. XVII.
- \_\_\_\_\_. (1924/1996). *A dissolução do complexo de Édipo*. v. XIX.
- HERRMANN, Fábio. *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- HERRMANN, Fábio; LOWENKRON, Theodor. *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. *Freud, criador da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: volume 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Barueri: Principis, 2018.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo Psicanálise Aplicada e o Método Psicanalítico na análise da Cultura. *Revista de Psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-90442013000200006&script=sci\\_abstract&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1984-90442013000200006&script=sci_abstract&tlng=en)> Acesso em: 26 Set. 2018.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MEZAN, Renato. *A vingança da esfinge*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAMOS, Gustavo Adolfo. *Obsessão e Psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

# OBSESSIVE NEUROSIS AND PATTERN FIGURE: POSSIBLE ARTICULATIONS FROM FRANZ KAFKA'S "METAMORPHOSIS" WORK

## ABSTRACT

Psychoanalysis can be understood as a way of understanding, intervening and analyzing human suffering from the point of view of unconscious psychic processes. Within this perspective, this article is structured as a psychoanalytical analysis of a case of obsessional neurosis present in the literature, more precisely in the work "The Metamorphosis" by author Franz Kafka. This article enables the construction of knowledge in psychoanalysis, also providing the reader with a reflection on the relations formed between the obsessive neurotic and the father figure. The research will be based on the precepts of psychoanalytic research, and its method will be that of extramural psychoanalysis proposed by Jean Laplanche. The character Gregor Samsa allows us to broaden our understanding of the changes resulting from a process of analysis.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Obsessive Neurosis. The Metamorphosis. Franz Kafka.

# NEUROSE OBSESSIVE ET MOTIF FIGURE: ARTICULATIONS POSSIBLES DU TRAVAIL DE “METAMORPHOSE” DE FRANZ KAFKA

## RÉSUMÉ

La psychanalyse peut être comprise comme un moyen de comprendre, d'intervenir et d'analyser la souffrance humaine du point de vue des processus psychiques inconscients. Dans cette perspective, cet article est structuré comme une analyse psychanalytique d'un cas de névrose obsessionnelle présent dans la littérature, plus précisément dans l'ouvrage "The Metamorphosis" de l'auteur Franz Kafka. Cet article permet la construction de connaissances en psychanalyse, également à fournir au lecteur une réflexion sur les relations entre le névrosé obsessionnel et la figure paternelle. La recherche sera basée sur les préceptes de la recherche psychanalytique et sa méthode sera celle de la psychanalyse extra-muros proposée par Jean Laplanche. Le personnage de Gregor Samsa nous permet d'élargir notre compréhension de l'obsession et des changements résultant d'un processus d'analyse.

**MOTS-CLES:** Psychanalyse. Névrose Obsessionnelle. Le Métamorphose.  
Franz Kafka

RECEBIDO EM 01/12/2019

APROVADO EM 24/03/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO



# RETOMADA DA PULSÃO D'EMPRISE

Antonio Trevisan<sup>1</sup>

## RESUMO:

A proposta central é a retomada da teoria das Pulsões desenvolvida por Sigmund Freud e amplamente discutida por Piera Aulagnier. O trabalho abordou o termo *bemächtigungstrieb* utilizado pelo próprio Freud em 1905, 1915 e 1920, traduzido em português como pulsão de dominação, e para o Francês como *pulsion d'emprise*. O objetivo consiste numa releitura da função descrita como *l'emprise*, observando o estatuto participativo da pulsão em sua origem na formação do psiquismo. Para tal sustentação indicamos elementos na ideia do aparelho de dominação (muscular), e na proposta conceitual de metabolização realizada por Aulagnier, onde encontramos meios para provocações e as problemáticas conceituais. Deste modo sublinhamos a pulsão *d'emprise*, e seus fundamentos, incluindo o carácter independente e não sexual *a priori*, entre eles, a evidência do impulso e a incorporação representado na constituição do corpo pulsional e suas expressões na vida psíquica.

**PALAVRAS-CHAVES:** Metapsicologia, L'emprise, Pulsão de Dominação

---

<sup>1</sup> Formação Acadêmica: Psicólogo, mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Doutorando no programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Endereço: Rua da Graciosa, 61 – Campo Grande (MS) – CEP 79041-022. E-mail: [netogarcia8@gmail.com](mailto:netogarcia8@gmail.com) ORCID: [orcid.org/0000-0001-8251-0183](https://orcid.org/0000-0001-8251-0183)

## INTRODUÇÃO

Iniciamos a introdução do termo *Bemächtigungstrieb* sob a referência inicial feita por Sigmund Freud ao abordar um traço característico da psique em sua forma de apreender força sobre determinado objeto visando seu controle. O termo é pouco discutido entre os teóricos da Psicanálise e quando referenciado fica ligado necessariamente a teorização da pulsão de morte. Entretanto, a proposta visa marcar a anterioridade das formulações da pulsão de morte. Este retorno é uma tentativa de precisar o termo, não apenas quanto a definição conceitual, mas o apontamento de uma função particular sustentada metodologicamente por uma investigação minuciosa

A discussão problemática em torno da palavra é complexa e envolve derivações como *bemächtigungapparat*, *Bemächtigungsdrang*, *Bewältigung*, *Beherrschung*, *Liebesbemächtigung*. Freud teria se referido diretamente em 1905 abordando a atividade muscular e os acontecimentos da experiência infantil com o prazer, mas não apenas neste momento. O autor inclusive mencionou a atividade muscular como aparelho de dominação e meio representativo do impulso. Este termo reaparece em diversos momentos de sua obra, com pouca precisão e na maioria das vezes no sentido de domínio. Alguns teóricos como Grunberger (1959), Gantheret (1981), Anzieu (1988) empreenderam esforços na tradução da expressão e nas tentativas de conceituá-la, alargando a noção de dominação, aprofundando sobre o impulso para exercer outras formas de atividade. Dentre eles encontramos também a referência de Laplanche e Pontalis (1989), sustentando a tradução como pulsão de dominação.

Neste arrolamento de tradução e discussões o consenso entre as escolas francesas é a utilização da expressão da *pulsion d'emprise*, a qual se aproxima da noção que Freud teria proposto inicialmente, enfatizando o apoderamento, muito próximo de domínio, mas não sinônimo, ou seja, primordialmente uma posse.

## OS PRIMEIROS PASSOS

Fizemos um levantamento refinado na obra de Sigmund Freud a respeito do emprego de quatro palavras específicas, sendo elas dominação, incorporação, apoderamento e muscular, no total encontramos a palavra incorporação e seus derivados como predominante em mais de 40 vezes, esse quantitativo tem função elementar e que não pode passar despercebida. Esta pesquisa foi realizada na Edição

Standard da Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud realizada pela editora Imago.

Desde os estágios de Freud em Salpêtrière identificamos pontos fundamentais em seus relatórios que foram importantes para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Com tema fundante da Psicanálise, sendo entre eles o “Estudos Sobre a Histeria” de 1895, encontramos as primeiras aparições da incorporação, mesmo que de modo precário e sob a expressão de conversões. Situamos nesse período uma posição de Freud quanto às hipóteses da atuação dos afetos, seu conteúdo, e suas formas de manifestação. Para isso, ele encontra na experiência da patologia expressa no corpo, os famosos arcos e paralisias histéricas que suas pacientes passaram a fornecer como fontes seguras de observação para descrever sua atividade muscular. Encontramos o seguinte:

As ações motoras em que a excitação dos afetos costuma ser descarregada são ordenadas e coordenadas, muito embora com freqüência sejam inúteis. Mas uma excitação excessivamente forte pode contornar ou irromper através dos centros coordenadores e se escoar em movimentos primitivos. Nos bebês, além do ato respiratório de gritar, os afetos só produzem e encontram expressão em contrações musculares descoordenadas desse tipo primitivo - em arquear o corpo e espernear. À medida que o desenvolvimento se processa, a musculatura passa cada vez mais para o controle da coordenação e da vontade. (FREUD, 1895/1996, p.120).

Nesta investigação Freud encontrou a relação entre a atividade psíquica ainda camuflada ao sistema neural e sua ligação a trabalho do músculo. No mesmo período pela primeira vez Freud mencionou a função do músculo como um aparelho. Sem espanto encontramos a expressão conceitual que ainda será refinada, principalmente na teorização feita pelo neurologista nos desdobramentos do caso de Anna. O. Sobre os sintomas da histeria, o autor afirma que “encontram-se lado a lado com representações que normalmente residem nas trevas do inconsciente, mas que agora adquiriram controle sobre o aparelho muscular e sobre a fala e, na realidade, até mesmo sobre grande parte da própria atividade representativa: a divisão da mente é manifesta.” (FREUD, 1895/1996, p. 125)

Freud estabeleceu, principalmente em 1896, com suas observações sobre “As Neuropsicoses de Defesa” o papel da atividade psíquica expressa na atividade muscular, mas agora num tipo de aparelhamento que serve os impulsos, atuando principalmente nas defesas dos conteúdos, ligados às suas impossibilidades de representação, ou seja, uma via para introduzir a noção do trauma. Ainda sob a guarda

dos textos pré psicanalíticos havia esboçado uma noção do aparelho muscular com qualidades e serviços que seriam os pilares a dinâmica do inconsciente.

A lógica da defesa, de um tipo de impulso em relação ao objeto, reapareceu quando Freud (1920) novamente utiliza a expressão *bemächtigungstrieb*, ao descrever a atividade de seu neto que ficou amplamente conhecida como *For-da*. Na ausência do objeto/mãe, ele lança seu brinquedo e o traz de volta, controlando a presença do objeto, ocasionando como efeito algum tipo de apaziguamento. Portanto a retomada deste conceito será discutida sobre este prisma, o impulso enquanto produção inicial da relação com o objeto.

### **O PASSO-A-PASSO**

Em continuidade ao percurso histórico e cronológico da ascensão conceitual, temos um marco irrefutável, a obra de Interpretação do Sonhos publicada tardiamente em 1900; nela encontramos de modo especial as colocações sobre a atividade intelectual, como a expressão de incorporação. O autor recorre a um longo inquérito da vida onírica para articular pontos importantes, e ressalta a atividade psíquica como um tipo de registro das experiências vividas, surge assim a lógica da alucinação e a atividade inconsciente.

Destacamos assim dois tempos da noção conceitual; um primeiro, em que a palavra não aparece diretamente nestes termos, mas nas referências dos textos pré psicanalíticos. O conceito manifesta por meio do trabalho do aparelho muscular, isto é, uma atividade de recusa ou de acatar os estímulos destinados a fins especiais, coisa que o funcionamento histórico indicou. E num segundo momento, aquele dos sonhos, onde aparece a face da incorporação diretamente efetivada pela atividade do pensamento, descrito por Freud como um trabalho das formações do delírio. Nesta introdução histórica objetivamos situar a anterioridade do conceito, bem como sua importância, e os indicadores para uma possível evolução. Assim a dominação se torna uma faceta do trabalho pulsional, seja operada inicialmente por via do aparelho muscular, de acordo com as condições primitivas da psique, até sua mais alta performance intelectual, podendo operar a incorporação por dispositivos de sublimação.

## AS COMPLICAÇÕES CONCEITUAIS EM TORNO DE *BEMÄCHTIGUNGSTRIEB*

Freud (1905/1996) utilizou inicialmente o termo com a intenção de exercer domínio, e deste ponto encontra como representação o caráter da crueldade e da agressividade, ou seja, teríamos aqui a atribuição dessas características a dita pulsão de dominação. Cabe mencionar, que tal crueldade se refere não somente quanto ao objetivo do sofrimento alheio, mas, simplesmente por não o levar em conta, em prol de seu alvo de satisfação. Já na destruição existe o emprego da força dirigida ao objeto com a finalidade de estabelecer poder sobre ele (LAPLANCHE E PONTALIS, 1989).

Devemos estabelecer clareza na utilização dos termos dispostos nas traduções brasileiras de Freud a fim de precisar o levantamento, principalmente por colocar como objeto a discussão da nomeação que se dá ao conceito a que nos referimos. Utilizamos a edição da Imago Standard que traduz o *Bemächtigungstrieb* como “instinto de dominação”. Sobretudo, a expressão pode ser encontrada na edição da Companhia das Letras feitas por Paulo Cesar de Souza, que a intitula como “impulso de apoderamento”, indicando a proximidade com a tradução feita pela Editora Argentina Amorrortu que tomou como forma tradutória o termo “*pulsión de apoderamiento*”.

Na investigação freudiana empreendida sobre os modos em que o prazer se inscreve, principalmente no texto sobre “Os três ensaios da sexualidade” de 1905, o autor nos dá condições para articulá-lo inteligivelmente por suas apresentações, dentre elas o desprazer. Localizamos nesta obra um percurso para compreender o prazer em seu processo de constituir-se como princípio e aos acontecimentos que permitem alguma hipótese. Nos diz Freud, em sua segunda seção da teoria da sexualidade, uma breve descrição da pulsão de dominação:

A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a instinto de dominação deter-se ante a dor do outro - a capacidade de compadecer-se - tem um desenvolvimento relativamente tardio. É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos supor que o impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. (FREUD, 1905/1996, p. 180)

Neste momento Freud insiste na pulsão de dominação como uma raiz da crueldade em relação ao mundo e afirmou que a pulsão de dominação aparece como

um dispositivo crucial na organização genital, incluindo a formalização da identificação. Vejamos:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciariam de correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto - modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo. (FREUD, 1905/1996, p. 183)

Com esta indicação esclarece a participação da modalidade pulsional nas entrelinhas da constituição do sujeito. Ela participa também num segundo momento, Freud afirmou que na segunda fase pré genital, conhecida como a fase sádico-anal, “A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem” (FREUD, 1905/1996, p. 187)

Sob a mesma perspectiva Freud reiterou com firmeza que a pulsão de dominação embora precisasse de mais pesquisas, participa diretamente da organização pré genital. Seja no primeiro momento, chamado de “incorporação”, que por alguma razão ele expressou como canibalesca, e a segunda sendo a sádico-anal, ordenando a retenção ou a expulsão do material. Entendemos assim que ele diz o quão importante são seus reflexos na vida adulta. Na tentativa de estabelecer uma organização para a libido, Freud (1932/1996) relembrou o trabalho de Abraham e seus esforços para detalhar também o desenvolvimento da libido. Sendo assim Freud apontou que:

Abraham mostrou, em 1924, que se pode distinguir dois estádios na fase sádico-anal. O primeiro desses estádios é dominado pelas tendências destrutivas de destruir e de perder, e o segundo estádio, por tendências afetuosas para com os objetos - tendências de manter e de possuir. É no meio dessa fase, portanto, que a consideração pelo objeto aparece, pela primeira vez, como precursora de uma catexia erótica ulterior. Da mesma forma estamos certos ao fazer uma subdivisão semelhante na primeira fase, a fase oral. No primeiro subestágio, o que está em questão é somente a incorporação oral, não há absolutamente ambivalência em relação ao objeto - o seio materno. O segundo estádio, caracterizado pelo surgimento da atividade de morder, pode ser descrito como estádio ‘oral-sádico’, este mostra, pela primeira vez, os fenômenos da ambivalência, que se tornam tão mais claros, posteriormente, na fase sádico-anal. (FREUD, 1932/1996, p. 96)

Por essas e outras razões encontramos terreno sólido para propor a condição de que o trabalho do aparelho de dominação e seus desdobramentos, atuantes tanto na fase oral quanto anal, demonstra a experiência que dará vetorização a própria dimensão pulsional, expressando sua dimensão sexual e seu além. Neste quesito pulsional compreendemos que ela em sua origem ainda não é binária e nem forças contraditórias, é com a experiência que surgiram tais polaridades. Este ponto é crucial para avançar na teorização, reaparecendo em 1920 com a noção de pulsão de morte. Se a pulsão de dominação é um elemento fundamental na organização psíquica, faremos notar justamente o modo em que ela participa.

Ao deparar-se com a suposta dualidade, direções antagônicas das pulsões entre as ditas sexuais e as do Eu (autoconservação), Freud (1905,1914/1996) recorreu ao caráter da crueldade para expor a íntima relação entre elas, afirmando que:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga. Afirmou-se também que toda dor contém em si mesma a possibilidade de uma sensação prazerosa. (FREUD, 1905/1996. p. 98)

Apontamos tal vinculação entre as noções de destruição, agressividade e domínio de modo introdutório para evidenciar a *Mischung*, a que Freud tanto se refere, em outras palavras, um tipo de mistura ou miscigenação desses processos, envolvendo a problemática, dos quais pretendemos operar uma dissecação, a fim de buscar a precisão dessas especificidades. Sublinhamos com ênfase aqui dois pontos: Primeiro, os resíduos de desejos canibalísticos que será mencionado diversas vezes no desenvolvimento da teoria freudiana como um traço sempre arcaico e basilar na inauguração da psique atrelada a fase oral. Segundo, o próprio aparelho de dominação que atende a satisfação ontogeneticamente mais antiga, nestas palavras temos o aparecimento da questão que merece ainda um longo percurso de investigação.

Marcamos assim dois momentos da caracterização da pulsão traduzida como dominação para o termo de Freud; uma feita em 1905 e em textos da Metapsicologia de 1915, e a segunda feita em 1920, com uma complexidade maior e atrelada as

formulações em torno da especulativa teoria da pulsão de morte. Sustentamos assim o princípio do trabalho da pulsão de dominação, como uma expressão da *pulsão d'emprise*, ambas inicialmente atividades exercidas pela atividade muscular, ou seja, seu aparato orgânico.

Ainda no trabalho de 1905, canônico em termos de construção da teoria pulsional, Freud introduziu a questão da agressividade ao abordá-la num caráter sádico, principalmente situando sua origem na esfera orgânica operada pela dimensão muscular. Ele afirmou que “na promoção da excitação sexual através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica” (1905/1996, p. 191).

Não é sem motivos que no desenvolvimento da teoria da pulsão de dominação seu estatuto fica religado a pulsão de morte, pela via do sadismo, visto que o sadismo é seu vetor sexualizante, isto é, da pulsão dita de dominação. Freud (1919/1996) nos explicou que o componente sádico se liga por meios de dominação:

Mas, como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, o conservador da vida? Não é plausível imaginar que esse sadismo seja realmente um instinto de morte que, sob a influência da libido narcisista, foi expulso do ego e, conseqüentemente, só surgiu em relação ao objeto? Ele entra em ação a serviço da função sexual. Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente, o instinto sádico se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual. (FREUD, 1919/1996, p.96)

Neste sentido Freud deixou indícios do caráter sádico dominador organizado nas experiências orais, e que se solidificam na fase anal. Este é um dos caminhos mais tomados para ligar a expressão de dominação às faces da pulsão de morte, centralizado ao elemento característico da agressividade. Entendemos que tal posição é possível e por ora até sustentável, porém não se reduz a ela, e nem pode ser tomada inquisitorialmente como sua definição.

Freud amparou suas ideias nas expressões orgânicas e introduz a característica de dominação a atividade muscular, atrelando inicialmente um tipo de força, esse seria seu apoio para formular o impulso na qual se pode fazer alguma agressão, e dessa afirmação Freud cunhou a expressão aparelho de dominação para descrever a atividade pulsional. Ainda sobre o esclarecimento deste aparelho, Freud se referiu a sua mecânica em partes específicas, como o seguinte: “Devemos ainda arrolar aqui a produção de excitação sexual pela agitação mecânica e ritmada do



corpo, na qual devemos distinguir três formas de atuação estimulatória: no aparato sensorial dos nervos vestibulares, na pele e nas áreas profundas (músculos, aparelho articular). (FREUD, 1905/1996, p. 190)

No segundo momento teórico sobre a noção de *Bemächtigungstrieb* foi abordada em 1920 como uma pulsão independente, uma pulsão não sexual, que apenas secundariamente se emprestaria ao serviço da sexualidade. Retomaremos com afincos esta posição, devido aos problemas e consequências que isso tem. Neste ponto reside uma das principais contribuições, quando Freud afirmou a dimensão não sexual desta pulsão e situou como origem da atividade psíquica ainda arcaica, ou seja, ela permite a constituição do sujeito psíquico antes da libidinalização do objeto, por isso é secundariamente emprestada a função sexual.

A definição feita por Freud deixou muitas lacunas; Esta pulsão dita de dominação ficou emaranhada com a noção de agressividade. A dimensão anterior ficou inobservada. Surgiu assim a questão da agressividade, a qual foi protagonizada, por exemplo por Adler em sua formulação do complexo de inferioridade desenvolvido em 1912, gerando inclusive sua ruptura com Freud. As colocações de Adler apontam de modo caricato a ideia da pulsão de dominação, a qual a atividade da psique implicaria em força para manter a posse, ou compensar a fragilidade mediante ao mundo externo em sua forma de constituir-se. Essa é uma das fraturas que a história da psicanálise pode nos relatar sobre os efeitos em torno desse construto teórico. (HANDLBAUER, 2005)

Destarte notamos ao longo a teorização da psicanálise o lugar da agressividade sempre ligadas às expressões pulsionais, e a representações que indicam de modo geral sua posição na iminência do vetor de pulsão de morte, e processos de prazer-desprazer. Sua dimensão será retomada com especificidade numa faceta aprimorada da pulsão d'emprise.

### **DE BEMÄCHTIGUNGSTRIEB A PASSAGEM A L'EMPRISE**

Para melhor precisar a entrada da pulsão de dominação, e o impulso de apoderamento até a expressão de pulsão *d'emprise*, se faz necessário marcar a história do conceito. Houve um percurso entre os franceses até a formulação teórica do termo da *l'emprise*. Dentre eles sublinhamos a existência de algumas produções

desde as elaborações da *Nouvelle Revue de Psychanalyse L'emprise* lançada em 1981, aos nomes exponenciais do tema como Paul Denis (1997) psicanalista francês, que empreendeu uma pesquisa minimalista chamada "*Emprise et Satisfaciton: Les deux formants de la pulsion*", onde propõe incisivamente um trabalho de retomada do termo referindo-se principalmente a Freud. Na proposta feita pelo autor podemos marcar dois tempos pós freudiano da elaboração teórica, um antes dos anos de 1950, e outro depois.

Na trilha histórica feita por Denis (2002) temos o nome de Imre Herman (1899-1984) psicanalista húngaro nascido em Budapeste, o qual dedicou-se aos estudos da relação mãe e filho desenvolvido com cuidado por Ferenczi. E outro, Ives Hendrik, com publicações fundamentais sobre estes aspectos no período de 1930 a 1950. A contribuição de Herman reside na transformação da noção de *pulsion d'agrippement* em *pulsion d'emprise*. Este psicanalista debruçou-se na compreensão do desenvolvimento da motricidade e sua noção de impulso para agarrar-se, noção amplamente utilizada na década de 1980 por Anzieu Didier.

Já na contribuição de Hendrik, médico americano com relevância na história da psicanálise em Boston (EUA), apontou um traço da pulsão com estreita relação ao saber, como um modo em que o desejo de saber manifesta-se na atividade intelectual com base no trabalho da pulsão. Hendrik enfatizou em Freud algo desse rumo ao entender que na teoria dos três Ensaio haveria indícios desta característica pulsional. A autor ainda revê a noção da pulsão de dominação, atrelando a atividade intelectual numa forma sublimada de dominação, seus estudos caminharam nesta dimensão sobre a possibilidade de aprendizagem. (ROUDINESCO 1989)

### **O CAMPO DA ATIVIDADE PSÍQUICA: O ORIGINÁRIO**

Para retomarmos a especificidade da questão da pulsão d'emprise, é preciso uma redescoberta. Sobretudo uma redescoberta no sentido de retirar o que a encobre, uma forma de retirá-la dos rebaixamentos operados em torno de outros conceitos fundamentais. Para isso, utilizaremos a formulação da psicanalista Piera Aulagnier, que nos serve como uma alavanca metodológica para elucidar e dar o lugar de direito da *l'emprise* na teoria psicanalítica.

Utilizaremos um percurso complexo para sustentar as observações. Para tal faremos em dois eixos, um campo inicial, chamado de Primeiro tempo Psíquico, nos

referindo à formação da atividade psíquica. Já o segundo eixo consiste no fundamento da expressividade da pulsão d'emprise como um elemento e uma condição para dar vetor a pulsão, e assim um corpo.

No primeiro eixo situaremos a constituição, e, portanto, uma abordagem às raízes do Eu, referindo-se à atividade do psiquismo como manifestação da pulsão inicialmente como uma tentativa de incorporação ou apropriação o que se aproxima centralmente da noção de *pulsion d'emprise*. Desenvolvendo a contribuição seguimos os postulados da psicanalista italiana Piera Aulagnier, naturalizada francesa, e que participou do movimento, junto a Jacques Lacan, na formação de sua escola durante o período 1953-1960.

Aulagnier (1979) formulou o funcionamento do psiquismo em três níveis: o originário, primário e secundário, advindo de uma situação de encontro”, a autora destaca o seguinte: “É próprio do ser vivo sua situação de encontro contínuo com o meio físico-psíquico que o cerca” (AULAGNIER, 1979, p. 18). Com esta premissa de continuidade vemos que há um trabalho incessante que situamos na ordem pulsional, o que apresenta sua imposição como atividade. Aulagnier usa algumas expressões como, “condenado a representar” e “condenado a desejar”, para ela a proposta em jogo é entender o funcionamento da psique em seu primeiro estado.

Este primeiro estado, nomeou como Originário, no qual a psique se relaciona como o mundo a partir do corpo, este por sua vez, empresta-se como captador e registrará a representação imagética, recebendo o nome de Pictograma. Entendemos assim como equivalente psíquico do trabalho de metabolização característico da atividade orgânica, em outros termos, vemos surgir o estado da incorporação, que aparece amparada com mais frequência na expressão de introjeção.

Aulagnier (1979) assume uma posição teórica muito interessante, a qual introduz a função da alucinação como a primeira tentativa de produção mnêmica do psiquismo na relação com o mundo, ou ao que se oferecer dele, mas com uma qualidade de controle. Podemos situar que neste sentido a alucinação frui como atividade. A autora ainda afirma o seguinte sobre a lógica que se apresenta originariamente, “a realidade é auto-engendrada pela atividade sensorial. (AULAGNIER, 1979, p. 16). Para isso é necessário um trabalho corpóreo, e sua descrição é bem precisa:

ao lado do corpo biológico da ciência e as definições analíticas de corpo erógeno, uma outra imagem se impõe a nosso olhar: a de um conjunto de

funções sensoriais, elas mesmas veículos de uma informação que não pode faltar, não somente porque esta informação é uma condição para a sobrevivência somática, mas também porque ela é condição necessária para uma atividade psíquica. (AULAGNIER, 1979, p. 21)

Como atividade inicial da psique situamos a raiz e a função da alucinação, esta última como condição de uma experiência em que se produz como atividade uma resposta de recusa à realidade, e conseqüentemente o real que o comporta. Este processo tem como representante a premissa, o ódio, como uma forma de negar a existência do heterogêneo, noção que será tomada mais adiante. Esta negação do real daria consistência a substância do ódio que surgirá como mecanismo de direção ao afastamento, ou destruição.

No entanto, quando a autora se refere ao engendramento, entendemos que ela faz referência a uma metabolização da psique em que não existe dualismos, dito de outro modo, existe a incorporação da realidade e um prolongamento do mesmo na função alucinógena. Interpretamos assim que a autora descreve aproximadamente a mesma proposta de Freud (1925/1996), que chamou de *Bejahung* onde o encontro do existente se dá, ou seja, do sim, e da afirmação, possibilitando o registro imagético. E, a negação fundamental do *Verneinung*, que é operada pela alucinação como recusa das diferenças que seriam ameaças, ou que exigiram maior trabalho da psique, processos situados como anteriores as definições estruturais, uma breve descrição da operação do Recalque originário.

Ainda sobre a articulação da instância do Originário Aulagnier nos explicou sua função enquanto experiência de registro. Em seus termos um tipo de aderência é feita neste corpo biológico possibilitando a atividade representativa, aí o indício de introjeção e que depois desencadeará o efeito de projeção. No escopo da autora “a relação psique-corpo tem sua origem no empréstimo que a primeira faz do modelo de atividade própria ao segundo: este modelo vai ser metabolizado num material totalmente heterogêneo, que ficara como estrutura imutável de um cenário originária que se repete indefinidamente. (AULAGNIER, 1979, p. 21)

Num aprofundamento desta análise, a psique com seu empréstimo produz um registro discrepante da forma biológica, aí reside a característica da alucinação, sua forma heterogênea é justamente esta incidência, não tem a mesmidade da materialidade. Deste modo, elucidamos que há uma experiência de incorporação do mundo por meio da produção de registros, isto é, a metabolização, meio pelo qual a

psique absorve a informação libidinal e faz sua inscrição. Assim a dimensão da incorporação irá tornando-se consistente em nossas observações

O registro operacionalizado por meio da metabolização indica a produção de objeto, ou de um prolongamento da realidade a fim prestar seu estado de prazer. Por exemplo, a alucinação como uma recriação do seio, descrito por Freud no chuchar. Então tudo se passa com o crivo onde o que se pode metabolizar/homogeneizar será bom e o que não se pode fazê-lo como ruim. Mas nisto não há novidade, Freud já teria feito esta afirmação ao observar a experiência da função oral.

Entretanto cabe destacar o seguinte; O que a psique incorpora? Ou ainda, o que deste processo primitivo e arcaico pode dar indícios na caracterização da psique? Esta provocação alerta de partida a ação dos vetores pulsionais, do Eu ao mundo, de Eros a Thanatos, sua lógica se estabelece neste regime. Para responder a nossas inquietações Aulagnier (1989, p. 12) recorre às construções de Lacan (1964/1998), e as importantes contribuições deste autor, reafirmando o seguinte: “se situa fora do conhecível parece-me próximo daquilo que Lacan definiu de conceito de real diferenciado daquele de realidade. O real, eu diria parafraseando uma outra expressão de Lacan, é o que resiste à realidade na qualidade de realidade para e do humano”. Notamos então que Aulagnier também identifica o trabalho de incorporação fundamental como uma matriz que possibilita a formação do funcionamento, nesta direção ela afirma:

Este último pode definir-se como função mediante a qual se rechaça um elemento heterogêneo à estrutura celular ou, inversamente, se o transforma em um material que se converte em homogêneo a ele. Esta definição pode aplicar-se em sua totalidade ao trabalho que opera a psique, com a reserva de que, neste caso, o elemento absorvido e metabolizado não é um corpo físico, mas um elemento de informação (AULAGNIER, 1979, p.23).

Chegamos assim ao nível que seria a constituição do Eu real primitivo, embora a atividade alucinatória seja uma atividade interna da psique, é uma resposta ao encontro material. Estes registros são contidos/produzidos no nível de pictograma, são decorrentes de um encontro em que algum objeto se oferta ao bebê, e destacamos o seio como possibilidade do elemento imagético. Nesta base material postulamos o apoio a que o material biológico serve para que um corpo possa vir habitá-lo.

É imprescindível marcar algo sobre o Eu nesta fase. Entendemos que no primeiro momento podemos falar em atividade da psique visto que ainda está em trâmite a experiência do eu e não-eu. Daí a psique em sua posição ativa reside

arcaicamente na alucinação, que é uma forma de produzir um corpo. Este trabalho dará consistência e aparição do Eu, ela virá decorrente da metabolização, do que se pode homogeneizar ou não, eis seu infindável trabalho mítico. É isto que Freud nos descreve ao dizer da mitologia do homem em sua forma de expressar os efeitos da pulsão.

A posição de Aulagnier sobre a compreensão da psique com sua tendência a estabilizar, é uma descrição eminentemente da função pulsional. Ao passo que sua fórmula nos permite avançar rumo a pulsão *d'emprise*. Neste campo do radical e primitivo, pontuamos a face da *pulsion d'emprise* muito próxima do que Aulagnier retrata como atividade psíquica de registro, a própria atividade de alucinação seria a característica da incorporação, ou nas palavras de Aulagnier, a disposição a metabolizar. Para exemplificar seu manifesto a autora afirma que:

[...] representante pictográfico e metonímico das atividades do conjunto de zonas, representante que autocria, por ingestão, a totalidade dos atributos de um objeto (o seio), que, por sua vez, será representado como fonte global e única dos prazeres sensoriais. Este objeto-zona complementar é a representação primordial mediante a qual a psique põe em cena toda a experiência do encontro entre ela e o mundo (AULAGNIER, 1979, p. 54).

Fica evidente assim que existe uma ingestão, o que dará qualidade ao objeto e representação a ela, surgindo a relação com o mundo, onde poderá existir um corpo. Aulagnier (1979) define o pictograma como esta atividade que podemos relacionar aos achados de Freud, principalmente referindo a pulsão *d'emprise*, haja vista sua força da autocriação, e que será base de constituição do psiquismo. Este tempo precede o nível do primário, o qual será assentado por meio da fantasia numa espécie de contrato na relação com o mundo e seus objetos.

Nestes moldes a função de *bemächtigungstrieb*, em sua forma nomeada de *l'emprise* seria a tendência inicial de gerar uma aderência, possibilitando o sim ou não, aceitar ou rejeitar, introjetar ou expelir, no encontro com o mundo. Aulagnier (1979) insistiu neste princípio, e situou com precisão uma demonstração disso, identificando o trabalho de incorporação fundamental como uma matriz facilitadora ao funcionamento, nesta direção afirmou:

Este último pode definir-se como função mediante a qual se rechaça um elemento heterogêneo à estrutura celular ou, inversamente, se o transforma em um material que se converte em homogêneo a ele. Esta definição pode aplicar-se em sua totalidade ao trabalho que opera a psique, com a reserva

de que, neste caso, o elemento absorvido e metabolizado não é um corpo físico, mas um elemento de informação (AULAGNIER, 1979, p.23).

Com esta afirmação, justifica-se nossa opção em recorrer ao reencontro que Aulagnier faz com a interpretação de Freud no tangente ao cenário do domínio que se estabelece no registro psíquico como uma informação virtual ainda de ordem sensitiva. Segundo Aulagnier (1979) o campo pictográfico, que no processo originário utilizava o modelo somático de incorporar ou expelir, inaugura as primeira tentativa de controle da pulsion d'emprise, sustentando o nível primário, e as condições possíveis do ato de desejo e de amor, ou como ato de rechaço e desprazer.

Entendemos que o aparelho psíquico elaborado por Aulagnier propõe explicações sobre a metabolização e o território do originário, com o registro pictográfico. Hipoteticamente é experienciada com a alucinação, sendo ela, a recusa primordial da alteridade, incidindo na criação da coisa, isto é, uma incorporação, uma atividade primeira da psique. Na segunda instância, o primeiro lugar da fantasia que operará o dentro e fora, o acolher e o rejeitar, será precursor do Eu, e em todos eles à medida que aumenta sua potência em relação ao mundo evidencia sua metabolização, em homogêneo ou heterogêneo, base do amor e ódio, das vestimentas pulsionais, entre vida e morte.

Deste modo, se faz notável a atividade que o corpo biológico do bebê realiza, já em termos de pulsão, ou seja, uma atividade que pode ligar-se aos objetos, podendo agarrar ou não, responder a estímulos externos de várias maneiras, seja ao seio, ao próprio dedo, ou qualquer variação contingencial, como cheiro e temperatura. Sobre este ponto encontramos a noção de apoio em que o corpo biológico serve como materialidade de experimentação do mundo, até que surge ali um corpo outro, um psíquico, isto é, a instauração de Eu, ou um campo de juízo, ou afastado do mundo. (AULAGNIER, 1989)

## **A METABOLIZAÇÃO COMO DISPOSITIVO DE L'EMPRISE**

Do primeiro tempo psíquico, o qual tange ao originário e o processo de metabolização, demonstramos alguns pontos e o início da atividade psíquica. Permitindo assim avançar para o segundo. Aulagnier (1979) teorizando as bases do funcionamento psíquico e seus níveis, utiliza formas de metabolização, postulando

como constitutivos e vão, pouco a pouco, promovendo o desenvolvimento do Eu, sendo que a instauração de um novo processo não implica o silêncio do anterior.

Num momento posterior ao originário, teríamos um segundo tempo do aparelho Psíquico, em que o corpo é operacionalizado por meio psíquico para experimentar o mundo e negociar com a realidade a insurgência e variações com o objeto, preservando suas cotas e o campo de domínio.

Segundo Aulagnier, já o primário é “[...] dar uma interpretação cênica de um mundo onde todo acontecimento encontra sua causa na intenção projetada sobre o desejo do Outro” (1979, p. 99). No primário ocorrem as modulações do prazer/desprazer, podem ocorrer como interdição do desejo do Outro, e no secundário, a possibilidade de dialetização, de estar dentro/fora, de representar e ser representado (AULAGNIER, 1979, p. 96).

Deste modo, a funcionalidade do aparelho psíquico, processado em seus três níveis, nos serve como instrumento para exemplificar a atividade da pulsão *d'emprise* em suas variações. Esta modalidade pulsional tem como princípio a atividade processual de metabolização, ou seja, de criação mesmo que seja de início alucinatória, ou uma realidade virtual, ou ainda, o prolongamento da realidade material. Posteriormente tal êxito terá estabelecido as definições de *maîtrise*, palavra tomada do francês para designar mais que controle, mas um assenhoreamento, ou mestria em organizar, optou-se pelo termo por comportar com maior clareza a definição a qual nos referimos.

Destacamos assim o elemento de incorporação à medida que é necessário ainda, um tomar para si, fazer a coisa participar de si, mesmo que seja como extensão alucinada. A posição é decorrente da tradução do termo da *pulsion d'emprise*, é daí que a lógica pode ser construída, isto é, por meio da ação de domínio, exercida pela atividade muscular, existindo a possibilidade de criação, inclusive de controle. Com estas condições de firmação da existência, incorporada, se cria então outro movimento, decidir sobre aceitar ou rejeitar, acolher ou destruir. Na prerrogativa de formar um juízo sobre o que se pode internalizar ou não, Freud formulou o seguinte:

“na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais - os orais - teríamos: quero comer, ou quero cuspir; e numa versão mais geral: quero por isso dentro de mim e retirar de mim. Ou seja: Isso deve estar dentro ou fora de mim. O eu-de-prazer original quer introjetar tudo que é bom e excluir o que é mau, como afirmei em outro lugar. Para o Eu, o que é mau e o que é forasteiro, que se acha fora, são idênticos inicialmente”. (FREUD, 1915/1996, p 278)



Nessa tratativa tudo se passa como se a psique tivesse o impulso a homogeneizar a alteridade, isso dará a característica de bom, e sua impossibilidade de homogeneizar, o mau, isto é, o ódio será aí a expressão utilizada para tratar o resultado heterogêneo, como seu afastamento. Neste espaço virá a possibilidade da torção, onde o Eu deve advir.

## CONCLUSÃO

Certo é que o caminho para investigação e a trama dos conceitos e sua visibilidade na clínica deve ser continuada. No entanto, a proposta de retomada deste assunto tão custoso a psicanálise, se embrenhou ao campo da Metapsicologia como bússola constante. Isso nos possibilitou observações do termo *bemächtigungstrieb*, destacando a noção de pulsão de dominação. Como resultados deste percurso indica a possibilidade fértil para uma posição teórica a respeito de tal noção. Consistindo em localizá-la como anterioridade e, como condição *sine qua non* da própria criação da atividade, expressada na incorporação, até de libidinização dos objetos e conseqüentemente na origem da atividade psíquica.

Deste modo defendemos a expressão como pulsão de l'emprise, utilizada pelos franceses como uma forma não só mais apropriada, mas permitindo precisar um ponto obscuro. A primordialidade da incorporação, não apenas quanto a identificação, mas a própria atividade psíquica, esta é a lição que encontramos nos postulados de Aulagnier principalmente quanto a metabolização.

Seja partindo de Freud com o apoio dos debatedores e com os instrumentos fornecido por Aulagnier, encontramos um campo expansivo da Metapsicologia. Eis aí a relevância da contribuição, que não se sustenta apenas por replicações, porém como ponto de ancoragem para se manter viva, indicando um método auscultatório aos constantes impasses, e ainda, os impenetráveis fenômenos do inconsciente.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. *Contribution à la psychanalyse des névroses de guerre. In: Oeuvres complètes*. Paris, Payot, 1966. v.2.
- \_\_\_\_\_. (1924). *Teoria psicanalítica da Libido: sobre caráter e o desenvolvimento da libido*. Imago, São Paulo.
- AULAGNIER, P. *Violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia*. In L. Hornstein et al. *Cuerpo, historia y inlerpretacion*. (pp. 117-70). Buenos Aires: Paidós, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O aprendiz de historiador e o Mestre-feiticeiro: Do discurso identificante ao discurso delirante*. São Paulo: Ed. Escuta, 1989.
- ANZIEU, D. (1988). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DENIS, P. *Emprise et théorie des pulsions. Revue française de psychanalyse, Tome LVI, numéro special congrès*. Paris: P.U.F., 1992, p.1295-1421.
- \_\_\_\_\_. *Emprise et satisfaction: Les deux formants de la pulsion*. Paris: P.U.F, 1997. 179
- FREUD, S. Os Três ensaio da Sexualidade (1905). In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud*. (P.C. Souza, trad., Vol. VII) São Paulo: Companhia das Letras. 2010
- FREUD, S. . Três ensayos da teoria sesual. In *Freud Obras Completas*. Vol VII, Etcheverry, J. L. trad. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1995.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1895). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. As neuropsicoses de defesa (1896). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- \_\_\_\_\_. Interpretação dos sonhos (1900). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. O instinto e suas vicissitudes (1915). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. Uma criança é espancada. Uma contribuição ao estudo da origem das Perversões sexuais (1919). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. A negativa (1925). *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* vol. XIX.. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1932). *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GANTHERET, F. (1981). *De l'emprise à pulsion d'emprise*. In. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 24, automne, 103-116. Paris: Gallimard.

GRUNBERGER, B. (1959) “*Estudio sobre la relación anal-objetal*”, in *El narcisismo*, Buenos Aires, Editorial Trieb.

HANDLBAUER, B. *A controvérsia Freud-Adler*. São Paulo, Madras, 2005.

LACAN, (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1968-69). *Seminário, livro 9: A Identificação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1989) *Vocabulário da psicanálise*, São Paulo, Martins Fontes.

ROUDINESCO, E. PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1998

ROUDINESCO, E. (1989). *História da psicanálise na França. A batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro: Zahar.

## THE RESUME OF PULSION D'EMPRISE

### **ABSTRACT:**

The central proposal is taken from the Pulses theory developed by Sigmund Freud and widely discussed by Piera Aulagnier. The work addresses the term *bemächtigungstrieb* used by Freud himself in 1905, 1915 and 1920, translated into Portuguese as a drive for domination, and for French as a *pulsion d'emprise*. The objective is a re-reading of the function described as *l'emprise*, observing the participatory status of the drive at its origin in the formation of the psyche. For this support, we indicate elements in the idea of the (muscle) domination apparatus, and in the conceptual proposal of metabolization carried out by Aulagnier, where we find ways to provoke conceptual problems. In this way we underline the drive of emotion, and its foundations, its independent and non-sexual character a priori, among them the evidence of the impulse to incorporation represented in the constitution of the drive body, including its expressions in psychic life.

**KEYWORDS:** Metapsychology. L'emprise. Domination Pulsion

# LE RETOUR DE LA PULSION D'EMPRISE

## RÉSUMÉ

La proposition centrale est tirée de la théorie des impulsions développée par Sigmund Freud et largement discutée par Piera Aulagnier. L'ouvrage aborde le terme *bemachtungstrieb* utilisé par Freud lui-même en 1905, 1915 et 1920, traduit en portugais comme une pulsion de domination et pour le français comme une pulsion d'emprise. L'objectif est une relecture de la fonction décrite comme l'emprise, en observant le statut participatif de la pulsion à son origine dans la formation de la psyché. Pour cet appui, nous indiquons des éléments dans l'idée de l'appareil de domination (musculaire), et dans la proposition conceptuelle de métabolisation réalisée par Aulagnier, où nous trouvons des moyens de provoquer des problèmes conceptuels. Nous soulignons ainsi la pulsion de l'émotion, et ses fondements, son caractère indépendant et non sexuel a priori, parmi lesquels la preuve de l'impulsion d'incorporation représentée dans la constitution du corps pulsion, y compris ses expressions dans la vie psychique.

**MOTS CLÉS:** Métapsicologie. L'emprise. Pulsion de Domination

RECEBIDO EM 11-02-2021

APROVADO EM 25-09-2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# A CENA CONTEMPORÂNEA: A HISTERIA E SUAS NOVAS ROUPAGENS

Cláudia Ferreira Melo Rodrigues<sup>1</sup>  
Lorena dos Reis Gonçalves<sup>2</sup>  
Rogéria Araújo Guimarães Gontijo<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar elementos referentes à histeria na cena contemporânea, envolvendo seu contexto histórico-cultural e suas manifestações frente ao discurso capitalista e suas nuances. O trabalho baseou-se nas contribuições tecidas por Sigmund Freud sobre os sintomas histéricos desde o início da sua carreira e nas indagações de Jacques Lacan frente ao discurso capitalista. Para pensarmos a histeria na contemporaneidade, é preciso nos debruçar sobre as vicissitudes da cultura atual e como o sujeito faz laço e se posiciona frente às novas exigências. É preciso considerar que os discursos sofreram modificações, desde Charcot e Freud até os dias atuais. Portanto, constatou-se que as novas roupagens históricas não alteram o sintoma de insatisfação que caracteriza a histeria, mas fica claro que esses sintomas sofrem influências de novas exigências da nossa cultura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Histeria. Discurso. Contemporaneidade. Capitalismo.

---

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Especialista em Gerontologia Social. Mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Doutoranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São del-Rei, Campus Centro-oeste Dona Lindu (UFSJ/CCO). E-mail: [melo.claudia@hotmail.com](mailto:melo.claudia@hotmail.com). Telefone: (37) 99902-8650. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7111-9648>

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário UNA, Unidade Divinópolis. Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela Faculdade Pitágoras, Unidade Divinópolis. E-mail: [lorenadivi04@gmail.com](mailto:lorenadivi04@gmail.com). Telefone: (37) 99993-9432. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7389-7953>

<sup>3</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Divinópolis (UEMG). Mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [raggontijo@hotmail.com](mailto:raggontijo@hotmail.com). Telefone: (37) 9 9987-0497. ORCID: <https://orcos.org/0000-0002-0030-2055>

## INTRODUÇÃO

Atualmente, a cultura midiática denuncia o culto ao corpo e uma busca inalcançável pelo ideal, através de procedimentos estéticos, recorrência a dietas compulsivas, cirurgias e intervenções possíveis no corpo. Muitos destes sintomas podem ser pensados pela ótica da histeria na contemporaneidade, considerando especificidades presentes caso a caso. A histeria deve ser pensada no contexto histórico cultural e vista de forma plástica, em constantes mudanças no que diz respeito às suas formas de apresentação.

O corpo hiper investido e o discurso capitalista alimentam uma falsa completude e, conseqüentemente, uma produção de sofrimento e insatisfação. As históricas da contemporaneidade não são protagonistas como na época de Freud, mas coadjuvantes, e os gritos são dos psicofármacos que tentam silenciar a histeria (LACAN, 1977/2007).

Sociólogos como Lasch e Debord fazem um mapeamento da sociedade atual, o que reflete diretamente na discussão da histórica na cena contemporânea, principalmente nos aspectos referentes à imagem do corpo e ao laço social. Essas contribuições dialogam entre si no que se refere às novas formas de organizações sociais que operam no modo de funcionamento psíquico de cada sujeito. Ao mesmo tempo, demarcam características peculiares nas nomeações que fazem nesse cenário.

Os sintomas sociais históricos contemporâneos estão relacionados com a sociedade atual, nomeada por Debord como “A sociedade do espetáculo”<sup>4</sup>, e acompanhados por um empuxo a gozar sem limites de satisfação, que se apresentam como um reflexo da cultura, uma tela de projeção, na qual a imagem fixada é negada por aquele que a aprecia.

Para Debord (1967/2006), a sociedade do espetáculo é regida pela economia do consumo, sendo a mercadoria elemento central na vida social, colaborando com a travessia do ser para o ter. Os objetos são produzidos como “pseudo-necessidades”

---

<sup>4</sup> Debord (1967/2006) caracteriza a sociedade do espetáculo como a sociedade mediada pelas imagens.



(DEBORD, 1967/2006). Neste sentido, o espetáculo é uma relação social que se comunica através de imagens, promovendo, assim, uma ilusão feita por aparências, na qual o sujeito se vê limitado em relação ao próprio reconhecimento.

Lasch (1983) coloca o narcisismo patológico como um fenômeno social. Isso é refletivo nas manifestações sintomáticas que aparecem no corpo como conversões históricas. Estas são nomeadas das mais diversas formas no discurso médico, e, por meio dele, há um aumento de adoecimentos. Para este autor, em cada época, são criadas formas particulares de adoecimento que se expressam através de cada organização. Na cultura do narcisismo, a subjetividade fica aquém, e o que se destacam são a performance e o culto à produtividade em massa, voltados para um individualismo contemporâneo perpassado por uma pluralidade de imagens e estetização.

Ao encontro deste pensamento, Bauman (1999) compartilha a ideia de que a cultura do narcisismo se caracteriza pela incompetência da alteridade do sujeito em um excesso para si mesmo, enaltecendo sua própria imagem. Esta característica aparece nos quadros de histeria no que diz respeito à busca da imagem ideal e ao reconhecimento do outro no aspecto de se posicionar como exceção, uma exclusividade em ser objeto de desejo do Outro. Todas essas ideias corroboram com o que Freud (1893-1899/1980) postulou em relação aos sintomas que eram evidenciados na “epidemia” histórica de sua época.

## **BREVE HISTÓRICO SOBRE A HISTERIA**

Desde o começo da sua carreira, Freud demonstrou interesse pela histeria, dando maior relevância às manifestações que apareciam no corpo. Os sintomas históricos são causados por sofrimentos psíquicos recalcados que tiveram origem na infância do sujeito. Em “Estudos sobre histeria” (1893-1895), ele nos diz: “os históricos sofrem principalmente de reminiscências” (FREUD, 1893-1895/1980, p. 22). Essa descoberta trouxe a ideia de que o trauma causador tem uma elaboração contínua na vida do sujeito histórico e que, quando este sujeito expressa verbalmente, tecendo relatos sobre o trauma psíquico, com o respectivo afeto, pode haver um apaziguamento dos sintomas referentes à crise histórica.

O trauma psíquico, geralmente de caráter sexual, descrito por Freud desde suas investigações iniciais sobre os sintomas históricos, apresentava dinâmica de

ação e reação. Quando uma reação é recalcada diante de uma experiência traumática carregada de afeto, a lembrança deste trauma traz consigo seu afeto original. É importante ressaltar que estas lembranças não estão presentes de forma consciente na memória do sujeito. Freud (1893-1889/1980, p. 23) coloca:

(...) A observação mostra que, no caso de todos os eventos que se tornaram determinantes dos fenômenos histéricos, estamos lidando com traumas psíquicos que não foram totalmente ab-reagidos, ou completamente tratados. Podemos, pois, afirmar que os pacientes histéricos sofrem de traumas psíquicos incompletamente ab-reagidos.

Dessa forma, quando a lembrança da experiência traumática é reanimada, o afeto é retirado da representação ligada com o fato traumático que se convergiu para o corpo histérico. Na histeria, o sujeito sofre com as lembranças que ficam em sua memória, pois “não são as experiências em si que agem do modo traumático, mas a revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual”. (FREUD, 1893-1899/1980, p. 165). Continuando este pensamento, na histeria, a origem do sintoma é somática e psíquica, ou seja, há um envolvimento das duas partes: “Ele não pode ocorrer sem a presença de um certo grau de submissão somática – o psíquico encontra vias orgânicas facilitadas na histeria – oferecida por algum processo normal ou patológico num dos órgãos do corpo ou relacionado com um deles” (FREUD, 1901-1905/1974, p. 38).

Neste mesmo texto, Freud associou a histeria, as obsessões e a fobia como psiconeuroses de defesa, devido à existência de um ponto em comum entre essas neuroses: “Este consistia em que seus sintomas emergiam por meio do mecanismo psíquico de defesa (inconsciente) – isto é, emergiam como uma tentativa de recalcar uma representação incompatível que se opunha aflitivamente ao ego do paciente” (FREUD, 1893-1899/1980, p. 96).

A partir dos relatos de suas pacientes sobre a cena traumática, Freud (1916-1917/1980) substituiu a teoria da sedução pela teoria da fantasia. A fantasia revelada, ou o difícil discernimento sobre o que de fato havia acontecido e o que era da ordem do imaginário se evidenciava. Freud nos diz: “(...) após alguma reflexão, facilmente poderemos entender o que é que existe nessa situação que tanto nos confunde. É o reduzido valor concedido à realidade, é a desatenção à diferença entre realidade e fantasia” (FREUD, 1916-1917/1980, p. 85). Assim, Freud (1893-1895/1980) concluiu que as fantasias apresentam realidade psíquica, realidade essa fundamental na

prática analítica. Ele verificou que o sintoma histérico desapareceria de forma permanente quando a lembrança que havia instigado o afeto era trazida à consciência do sujeito.

## HISTERIA NA CONTEMPORANEIDADE E O DISCURSO CAPITALISTA

Na contemporaneidade, a problemática histérica conta com uma multiplicidade expressiva de crises de angústia, desmaios e dores que emergem no corpo, fazendo com que médicos atualmente ainda busquem cunho orgânico. Essa multiplicidade sintomática conduziu a Psiquiatria a eliminar a palavra histeria de sua nomenclatura. Em substituição, em 1980, o DSM-III (*Diagnostic and Statistical Manual*) incluiu a “desordem de personalidade múltipla”, que, em 1994, no DSM-IV, foi alterada para “distúrbios dissociativos da identidade”. Em 2013, foi lançado o DSM-V, ocorrendo mudanças significativas, nas quais os transtornos somatoformes passaram a ser denominados “sintomas somáticos e transtornos relacionados”.

A queixa histérica se desdobra em prescrições medicamentosas, seguindo critérios nosográficos e excluindo qualquer evidência de causalidade psíquica, mesmo que seja falha, pois o inconsciente insiste em ressurgir diante das diversas práticas que tentam impedi-lo e silenciá-lo. Isso nos convoca a pensar:

Por onde andarão as histéricas de outrora, essas mulheres maravilhosas, as Anna O.; as Emmy von N.? Elas representavam não apenas um certo papel, mas um papel social certo. Quando Freud se pôs a escutá-las, foram elas que permitiram o nascimento da psicanálise. Foi a partir de sua escuta que Freud inaugurou um modo inteiramente novo de relação humana. O que substitui hoje estes sintomas histéricos de outrora? A histeria não se deslocou, no campo social? A maluquice psicanalítica não a teria substituído? (LACAN, 1977/2007, p. 17)

Lacan nos convoca a pensar sobre as manifestações histéricas na sociedade atual e suas especificidades, levando em conta que, neste cenário, os excessos ganham destaque. Se as histéricas de Freud se ocupavam das cenas teatrais que causavam impactos naquela época, em nossa sociedade, que já é um espetáculo, não se apresenta como novidade e furor.

Se pensarmos na época freudiana, o amor das histéricas tinham como referência o pai, sendo este responsável por sustentar o papel do significante mestre (S1). Como fica essa referência na contemporaneidade, na qual se trata de um mestre capital? Em resposta às indagações propostas por Lacan (1977/2007) na Conferência

de Bruxelas, podemos usar seu ensino como um fio condutor para pensarmos a histeria para além da estrutura, mas como um discurso de nossa época. Isto não exime o fato de caracterizar a postura da histérica como um desejo insatisfeito, que se transforma no objeto de desejo do Outro. O sofrimento e a insatisfação se tornam ainda mais evidentes na histeria quando “ela prefere que seu desejo seja insatisfeito a que o Outro guarde a chave de seu mistério” (LACAN, 1960-1961/1992, p. 243). Sendo a insatisfação do desejo característica marcante na histeria, devemos nos ater como isso ocorre no discurso capitalista. Discurso que opera sobre a lógica da promessa pela completude por meio dos objetos e que produz um sujeito permeado pela insatisfação e pelo mercado de consumo. Sobre o discurso capitalista, Rosa (2010, p, 168, grifo da autora) nos diz:

No Discurso Capitalista, os *gadgets*, as quinquilharias, os objetos mais-degozar (a) vêm no lugar da produção e, com um frágil anteparo da lógica significante (S1 -> S2), deixam o sujeito à mercê dos objetos (\$ <- a). Se antes falávamos em um objeto oral, passível de deglutição, de assimilação, de consumição, essas novas apresentações do objeto podem deixar o sujeito atordoadado.

Estes objetos *gadgets* tentam tamponar a castração e o mestre, no qual o sintoma surge com um caráter de demanda e a histérica fala e goza através deles. A histérica toma o Outro como mestre (S1), e a esse Outro direciona sua demanda de insatisfação. Já o saber se coloca no lugar da produção no campo do Outro, e, se há uma provocação de desejo no Outro, conseqüentemente há produção de saber (S2). Lacan (1969-1970/1992, p. 122) coloca que a histérica “quer um mestre sobre o qual ela reine e ele não governe”. Neste sentido, a problemática sobre o que é ser mulher é levada ao limite pela histérica. Este mistério que a circunda é direcionado ao mestre em busca da construção de um saber.

Assim como anteriormente, é observado, hoje, que a histérica carece de ser amada e desejada, causando-lhe sofrimento. Atualmente, as históricas direcionam suas demandas ao saber médico e às cirurgias, além de diversos procedimentos estéticos, como uma forma de solucionar sua angústia e insatisfação. Esta recorrência a algum tipo de procedimento ou intervenção no corpo no cenário contemporâneo ratifica a busca de respostas e satisfação, uma vez que necessita de um Outro que a valorize. Esta incansável busca histérica antes impunha a exigência superegóica “não se satisfaça”. No cenário atual, o supereu ordena o gozo, mas não diz sobre como gozar, havendo uma produção, principalmente na histeria, de sujeitos com buscas

insaciáveis. Estes fazem laço com objetos do significante-mestre capital, pelo discurso capitalista. “O supereu é o imperativo do gozo – Goza! É aí mesmo que se acha o ponto giratório que o discurso analítico interroga” (LACAN, 1972-1973/1982, p. 11).

Em contrapartida, no discurso da histérica, há uma demanda de saber, um enigma do posicionamento sexual de cada sujeito, que discorre sobre o que vem a ser a relação sexual.

Simplemente, o discurso da histérica revela a relação do discurso do mestre com o gozo, dado que o saber vem ali no lugar do gozo. O próprio sujeito histórico se aliena do significante-mestre como aquele que esse significante divide *aquela* no masculino, representa o sujeito, aquele que se recusa a dar-lhe o corpo. (LACAN, 1969-1970/1992, p. 98, grifo do autor)

Fig. 1 – Matema discurso da histérica

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992, p. 98)

Segundo Lacan (1969-1970/1992), no matema, a histérica aparece como dividida, em que o \$ é o agente e o S2 encontra-se numa posição de produção. O sintoma como dominante carece por interpretação, fazendo com que a histérica reconheça suas faltas e busque preenchê-las. Neste sentido, ela se endereça a um mestre, ou a quem ela supostamente acredita deter o significante mestre. “No matema o objeto *a* está na posição da verdade, em disjunção com o saber. Sua verdade é que precisa ser objeto *a* para ser desejada” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 167, grifos do autor). O que a histérica quer, nos afirma Lacan (1969-1970/1992, p. 122),

[...] é um mestre. A tal ponto que podemos indagar se a invenção do mestre não partiu daí [...] Ela quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Quer um mestre sobre o qual ela reine.

Na histeria, o sujeito procura por aquele que sabe, mas, ao mesmo tempo, não quer saber, pois o saber implica sobre um gozo. Se na contemporaneidade há uma reivindicação ao gozo, a histérica se faz para o mestre contemporâneo, que promete

um gozo sem limites através dos produtos do consumo que se tornaram uma resposta da sociedade atual para tentar dar conta da insatisfação. Ainda há encenação com o corpo e diversos discursos que permeiam a sexualidade. No entanto, o mestre contemporâneo tenta silenciar através da indústria medicamentosa, que oferece retornos rentáveis. Ele não queima a histérica como bruxa, mas tenta fazê-la desaparecer por meio de classificações psiquiátricas.

Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio. Sob outro aspecto, é possível que até se tenha dado um passo atrás no conhecimento da histeria. A Idade Média estava familiarizada de modo preciso com os “estigmas” da histeria, seus sinais somáticos, e os interpretava e utilizava à sua própria maneira (...) (FREUD, 1886-1889/1980, p. 18, grifo do autor)

Voltando à atualidade, a mídia e o capitalismo aparecem, assim, como vitrines que possuem modelos a seres copiados, e sua imagem é dada para o consumo através de acessórios, maquiagens e próteses, ao quais são colocados instrumentos a fim de alcançar o ideal da completude, mesmo que pela via da ilusão. Se a mulher histérica não tem o falo, ela busca sê-lo através de identificações por outras mulheres; ela não deseja ser o objeto de gozo para o Outro, quer provocar o desejo, se desviando, assim, de perceber o próprio desejo.

A sociedade do espetáculo e a cultura do narcisismo tentam privar a histérica de seus questionamentos, mas sempre falta, e a falta segue fazendo com que as questões históricas se apresentem com novas roupagens. Pensar na histérica na contemporaneidade nos convoca a pensar nos laços sociais para que elas possam desejar e sustentar o desejo para além do discurso do mestre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível falar sobre a temática da histeria sem localizá-la no contexto histórico em que ela se insere. Este estudo está longe de esgotar a complexidade da histeria, mas busca trazer apontamentos sobre ela no cenário contemporâneo, articulados com o discurso do mestre, no qual este oferece inúmeros produtos que prometem satisfação. Esse gozo escapa, e o discurso capitalista tenta preencher as faltas incansavelmente por meio da produção e do consumo. Diante disso, nos

deparamos com nomenclaturas e patologias intermináveis que excluem a histeria de cena. Foi observado como as históricas contemporâneas se apresentam e se articulam diante do gozo e do Outro e como o discurso capitalista enquanto mestre impõe formas de gozar para que as históricas respondam, seja com o corpo ou com o uso de psicofármacos. Os sintomas que se apresentam na atualidade não aparecem como nas históricas de Freud e Charcot, mesmo que a origem do sintoma seja a mesma. Na atualidade, o excesso exige das históricas novas formas de exibição frente ao mal-estar, desafiando-as a saber sobre seu próprio desejo. Assim, a histórica contemporânea diante do mestre capitalista apresenta uma nova performance em seus sintomas, como uma solução possível frente ao impasse das exigências pulsionais da cultura e da sua busca de satisfação. Neste sentido, embora a histeria se apresente com outras roupagens, os sintomas sociais continuam aparecendo com outras especificidades decorrentes das influências contemporâneas.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DEBORD, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- FREUD, S. (1886-1889). Relatório sobre meus estudos em Paris e em Berlim. In: \_\_\_\_\_. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 01 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- \_\_\_\_\_. (1893-1895). Considerações teóricas. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre histeria*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 02 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- \_\_\_\_\_. (1893-1899). As neuropsicoses de defesa. In: \_\_\_\_\_. *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 03 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- \_\_\_\_\_. (1901-1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. VII.
- \_\_\_\_\_. (1916-1917). Psicanálise e psiquiatria. In: \_\_\_\_\_. *Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 16 v. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud].
- LACAN, J. (1960-1961). *O seminário: livro 8: a transferência*. Brasil, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1969-1970). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Conferência de Bruxelas*. Inédita, 2007.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- ROSA, M. Jacques Lacan e a clínica do consumo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 157-171, 2010.



# THE CONTEMPORARY SCENE: HYSTERIA AND ITS NEW GUISES

## ABSTRACT

This article aims to present elements related to hysteria in the contemporary scene, involving its historical-cultural context and its manifestations in front of the capitalist discourse and its nuances. The work was based on the contributions made by Sigmund Freud on hysterical symptoms since the beginning of his career and on Jacques Lacan's questions regarding the capitalist discourse. In order to think about hysteria in contemporary times, it is necessary to focus on the vicissitudes of current culture and how the subject ties and positions himself in the face of new demands. It is necessary to consider that the speeches have undergone changes, from Charcot and Freud to the present day. Therefore, it was found that the new hysterical clothes do not alter the symptom of dissatisfaction that characterizes hysteria, but it is clear that these symptoms are influenced by new demands of our contemporary culture.

**KEYWORDS:** Hysteria. Speech. Contemporaneity. Capitalism.

# LA SCÈNE CONTEMPORAINE: L'HYSTÉRIE ET SES NOUVELLES FORMES

## RÉSUMÉ

Cet article vise à présenter des éléments liés à l'hystérie dans la scène contemporaine, impliquant son contexte historico-culturel et ses manifestations devant le discours capitaliste et ses nuances. L'ouvrage s'appuyait sur les contributions de Sigmund Freud sur les symptômes hystériques depuis le début de sa carrière et sur les interrogations de Jacques Lacan sur le discours capitaliste. Pour penser l'hystérie à l'époque contemporaine, il est nécessaire de se concentrer sur les vicissitudes de la culture actuelle et sur la manière dont le sujet se lie et se positionne face aux nouvelles demandes. Il faut considérer que les discours ont subi des changements, de Charcot et Freud à nos jours. Par conséquent, il a été constaté que les nouveaux vêtements hystériques ne modifient pas le symptôme d'insatisfaction qui caractérise l'hystérie, mais il est clair que ces symptômes sont influencés par les nouvelles exigences de notre culture contemporaine.

**MOTS-CLÉS:** Hystérie. Discours. Contemporanéité. Capitalisme.

RECEBIDO EM 31/01/2021

ACEITO EM 25/08/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# FREUD E VIERECK: MODALIDADES DE GOZO E RUMOS DA PSICANÁLISE<sup>1</sup>

Janaina Bianchi de Mattos<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse artigo se propõe a tratar de uma rara entrevista que Sigmund Freud concedeu ao famoso entrevistador George Sylvester Viereck; estando o primeiro já ao final de sua vida, contando então com setenta anos. A partir desta entrevista, o núcleo Dourados do Corpo Freudiano desdobra a compreensão de uma possível relação analítica e transferencial entre Freud e Viereck que daria os contornos particulares desta interessante troca. Também ao longo da minuciosa análise desta entrevista, surge a questão: estaria Freud situado em uma posição feminina e até mesmo mística? Seria essa a posição do analista? É o que este artigo se coloca a desdobrar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud. Viereck. Mística. Psicanálise. Gozo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no X Colóquio Internacional e X Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise: o valor da vida, ocorrido nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2020, *online*.

<sup>2</sup> Psicanalista. Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Dourados. E-mail: [bianchijanaina2@gmail.com](mailto:bianchijanaina2@gmail.com) Telefone: +55 21 98054-7903 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5227-5415>

Entre as preciosidades encontradas na biblioteca da Sociedade Sigmund Freud, verificou-se uma rara entrevista de Freud denominada “O Valor da Vida”, concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck, em 1926. É diante da beleza dessa entrevista que o Corpo Freudiano Núcleo Dourados - M.S. se lança a escutar possíveis lugares ocupados por Freud e Viereck numa cena um tanto quanto sugestiva, particularmente no que diz respeito a elementos como: o lugar do Sujeito Suposto Saber; o laço transferencial; a demanda endereçada ao Outro; a função de objeto *a*; o trabalho do sintoma ao enigma; a insistência do significante na transferência e outros. Nesta direção, surge a questão: estaríamos diante de uma típica relação transferencial encontrada num trabalho realizado por um par analítico? A partir daí, nos propomos a desenvolver a leitura de tais elementos clínicos articulados aos conceitos de modalidades de Gozo, de Jacques Lacan, bem como trabalhar os efeitos dessa entrevista entre Freud e Viereck, no que diz respeito aos rumos da psicanálise.

Talvez seja interessante, antes de mais nada, mencionar aqui quem foi essa curiosa figura a quem Freud concedeu sua rara entrevista. Viereck foi um poeta germano-americano, escritor e propagandista pró-alemão. O auge de sua popularidade foi entre 1907 e 1912, quando suas obras chamavam a atenção para um subjetivismo extremo e uma preocupação narcísica consigo mesmo, além de um excesso de ostentação de suas metáforas. Envolveu-se em movimentos políticos e sociais germano-americanos instigado por seu pai e, em 1914, ajudou propagandistas alemães enviados aos Estados Unidos para promover a simpatia pela causa alemã. No entanto, assim que se evidenciou a guerra, alterou seu tom para mostrar lealdade à causa americana. Havia uma tendência amoral e ambivalente em Viereck que aparecia, por exemplo, no fato de em 1920 ter escrito artigos refletindo simpatia por Hitler, ao mesmo tempo em que mostrava profundo respeito por Freud e Einstein. Em 1923, entrevistou Hitler e em 1926, Freud. Após a ascensão de Hitler ao poder, Viereck serviu como publicitário propagandista da Alemanha nazista. Também se envolveu com negócios escusos em que buscava ocultar sua identidade, de modo que veio a ser preso em 1941, conseguindo liberdade somente em 1947. Neste período, perdeu posses, o casamento e o próprio filho (JOHNSON, 1969, KELLER, 1971).

Esclarecidos estes pontos, voltemos à entrevista. Freud, aos 70 anos, recebe Viereck já demonstrando, de saída, o valor singular e apreciação que dá à vida: “Ainda prefiro a existência à extinção”. E prossegue: “Setenta anos ensinaram-me a aceitar

a vida com serena humildade.” (VIERECK, 1926, p. 4). Freud se recorda das coisas agradáveis que a vida lhe trouxe e demonstra não se apropriar dos méritos alcançados, recusando a glória que lhe conferem. Diz não permitir que reflexões filosóficas estraguem a fruição das coisas simples da vida. E pontua: “Se reconhecermos os motivos egoístas por trás de toda conduta humana, não temos o mínimo desejo de voltar.” (*idem*, p. 6).

Dado esse encontro, podemos dizer que Viereck se endereça a Freud colocando-o no lugar de Sujeito Suposto Saber, pois escolhe entrevistá-lo como sendo um dos grandes homens de seu tempo. Em decorrência da condição falante do ser humano, sabemos que é impossível eliminar o fenômeno da transferência de qualquer relação social, de modo que, a partir dessa premissa, é possível constatar que Viereck entrevistava sujeitos aos quais ele supunha um saber – o que de fato, era confirmado por ele de forma consciente. Oportunamente, nas palavras de Maurano (2018): “É a esse Outro que nos dirigimos, como se ele fosse a garantia do bom andamento das coisas, lugar de onde emanaria a verdade última de nós mesmos. É essa suposição de um saber no Outro que Lacan localiza como pivô do deslançamento da transferência, via pela qual o analista vem a encarnar a função de sujeito suposto saber” (MAURANO, 2018, p. 26).

Pois bem; ao longo da entrevista, iremos verificar um nítido endereçamento transferencial de Viereck a Freud, tanto que notaremos que Freud toma esse lugar que lhe é designado e assim passa a responder seu entrevistador do lugar de analista, produzindo, então, uma verdadeira torção, um furo no saber suposto. Isto é, Freud se apresenta como um mestre, sim, porém, um mestre castrado, apontando a Viereck que pode haver algo para além de suas pretensas fixações imaginárias. Isso se constata em vários momentos ao longo da entrevista; lembrando que esta ocorreu exatamente em meio ao período em que Viereck estava iniciando seu envolvimento com o movimento nazista.

Sobre Viereck, em uma publicação de 1952, pela *Fawcett Publications*, foi colocada a seguinte percepção após sua saída do período de prisão:

Viereck era um homem mais pobre, porém mais sábio, quando recuperou a liberdade em 1947. Ele perdeu um pouco de seu egocentrismo, aprendeu a ter paciência, ganhou maior respeito pela raça negra e cultivou um senso de humor. Ele também expressou seu pesar, embora com reservas, por seu juízo errado sobre os nazistas [...] Mas é duvidoso que tenha se arrependido

de fato [...] Sua morte ocorreu em 1962, como resultado de uma hemorragia cerebral massiva. (JOHNSON, 1968, p. 34-36)<sup>3</sup>.

O que, então, desse breve relato sobre a história de Sylvester Viereck pode-se articular com a teoria psicanalítica e com o que Freud demonstrou, em ato, na entrevista a ele concedida? Colocam-se, a partir daqui algumas hipóteses.

É adequado lembrarmos que Viereck já havia entrevistado Hitler e outros quando veio a entrevistar Freud. E também é importante ressaltar que ele buscava o mestre nos homens que entrevistava, de modo que suas perguntas já eram formuladas visando respostas que confirmassem a mestria suposta ali. Vejamos: “O senhor teve a fama. Sua obra influi na literatura de cada país. O homem olha a vida e a si mesmo com outros olhos, por causa do senhor. E recentemente, no seu septuagésimo aniversário, o mundo se uniu para homenageá-lo – com exceção da sua própria universidade!” (VIERECK, 1926, p. 5).

Questão que evidencia o significativo “fama” e denota a transferência de Viereck para com Freud, supondo que o grande Outro se destaca por possuir um saber a mais. Ao que Freud responde:

Se a Universidade de Viena me demonstrasse reconhecimento, eu ficaria embaraçado. Não há razão por que deveriam aceitar a mim e a minha obra porque tenho setenta anos. Eu não atribuo importância insensata aos decimais. A fama chega apenas quando morremos e, francamente, o que vem depois não me interessa. Não aspiro à glória póstuma. Minha modéstia não é virtude (*idem*, p. 5).

Ao longo de toda entrevista, verificaremos o esforço de Freud em pontuar o quanto determinados atravessamentos são necessários para que haja deslocamentos de certas posições imaginárias e reforçadoras de ego. O Pai da psicanálise comparece em vários momentos da entrevista “furando” as posições imaginárias de Viereck e apontando para uma outra direção, como, por exemplo, quando diz: “Minha língua é o alemão. Minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considerava intelectualmente alemão, até que notei o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então, prefiro denominar-me judeu” (*idem*, p. 8).

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original: “Viereck was a poorer but wiser man when he regained freedom in 1947. He lost some of his egocentricity, learned patience, gained greater respect for the Negro race, and cultivated a face-saving sense of humor. He also expressed his regret, although with reservations, over his misjudgment of the Nazis [...] But it is doubtful that Viereck ever fully repented. [...] Viereck’s end came in 1962 as a result of a massive cerebral hemorrhage.” (JOHNSON, 1968, pp. 34-36).

No entanto, Viereck parece não apreender a magnitude daquilo que Freud diz, pois faz uma leitura deste a partir do ponto imaginário onde ele mesmo se encontra, de modo que, desapontado, refletirá: “Freud deveria habitar as alturas, para além de qualquer preconceito de raça, que deveria ser imune a qualquer rancor pessoal.” (*idem*, p. 8) E segue respondendo a Freud, buscando disfarçar suas impressões: “Fico contente (...) de que também o senhor tenha seus complexos, de que também o senhor demonstre que é um mortal!” (*idem*, p. 8). Pontuação que denota que Viereck interpreta a posição de Freud como sendo da ordem de um fracasso, e não uma posição desejante de alguém que escolheu se situar a partir do furo no saber e de uma posição não-toda fálica, extraindo daí uma outra modalidade de gozo, um gozo Outro.

Viereck – com certas posturas tomadas ao longo de sua vida e, em especial, neste momento em que entrevista Freud – evidencia seu modo de encarar a existência: apoiando-se muito mais em um ideal imaginário de completude e em um discurso absolutista e fálico, evidenciando certa dificuldade de apreensão de tudo que pudesse vir a dar notícias de algo que descortinasse alguma transcendência desta proposta, o que, de certa forma, nos faz lembrar o movimento imperioso da pulsão de morte em sua modalidade de gozo fálico, buscando extrair satisfação imediata de sua fantasia de completude. Quando Freud lhe interpela, afirmando que o jornalista busca em grandes homens a figura de seu pai, este, por sua vez, notará: “Neguei veementemente a afirmação de Freud. No entanto, refletindo sobre isso, parece-me que pode haver uma verdade, ainda não suspeitada por mim, em sua sugestão casual. Pode ser a mesma atração que me levou a ele” (*Idem*, p. 8).

Porém, o analisante/entrevistador Viereck retoma sua resistência, reafirmando a suposição de saber ao analista: “Gostaria (observei após um momento) de poder ficar aqui o bastante para vislumbrar o meu coração através dos seus olhos. Talvez, como a Medusa, eu morresse de pavor ao ver minha própria imagem! Entretanto, receio ser muito informado sobre a psicanálise. Eu frequentemente anteciparia, ou tentaria antecipar, suas intenções” (*Idem*, p. 8).

Freud, mostrando de fato ser o Pai da psicanálise e descobridor do continente obscuro que é o inconsciente, dirá sem titubear: “A inteligência, num paciente, não é um empecilho. Pelo contrário, às vezes facilita o trabalho.” (*idem*, p. 8). Viereck, insistindo ainda mais fortemente em sua paixão pela ignorância, protestará:



Às vezes, imagino se não seríamos mais felizes caso soubéssemos menos dos processos que dão forma a nossos pensamentos e emoções. A psicanálise rouba à vida seu último encanto, ao relacionar cada sentimento ao seu grupo original de complexos. Não nos tornamos mais alegres descobrindo que nós todos abrigamos em nossos corações o selvagem, o criminoso e o animal (*idem*, p. 9).

Freud, com sutil familiaridade aos processos inconscientes pontuará: “Que objeção pode haver contra os animais? Eu prefiro a companhia dos animais à companhia humana.” (*idem*, p. 9). E esclarecerá que o ser humano, ao tentar se ajustar de forma precária a uma civilização complicada, adquire muitos complexos; enquanto o animal, que pode viver sua animalidade sem restrições, seria um ser mais simples. Poderia ser este um convite de Freud a seu novo analisante/entrevistador para que visse a parte selvagem de si mesmo com outros olhos?

Conforme demonstrado, Freud não aceita o lugar que lhe impõe Viereck, não responde às suas investidas fálicas e se situa em um lugar Outro, que não o da lei nem o do falo. A posição de Freud poderia ser articulada a uma outra modalidade de Gozo? Uma que vise o não-todo? Em seu *Seminário*, livro 20, “Mais, ainda”, Lacan (1972-73/1993) aponta para esse Gozo suplementar, que está para além do falo, onde a relação sexual não há, colocando um limite ao gozo fálico.

Freud, como os grandes homens de sua época, os quais Viereck entrevistará, estava neste lugar de Sujeito Suposto Saber, que é um efeito de discurso. Todavia, não se identificará com este lugar, pois, como podemos ver ao longo da entrevista, se situará em um lugar não-todo, lugar da falta, do furo.

Neste mesmo movimento, Freud se questiona ainda: “Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por alguém habitam nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda vida conjuga o desejo de manter-se e um anseio pela própria destruição (...) A pulsão de vida e a pulsão de morte habitam lado a lado (...) Juntas, elas regem o mundo” (VIERECK, 1926, p. 6).

O que Freud assegura é que não há suicídio em massa porque a pulsão de vida é forte o suficiente para contrabalançar a pulsão de morte, embora, ao final, a última resulte mais forte. Dirá que existe uma grande força naquilo que está para além do princípio do prazer, a saber, a morte. Afirmará que isso explica porque alguns homens amam a dor e todos busca o descanso. Mencionará as palavras dos poetas: “Quaisquer deuses que existam/ Que vida nenhuma viva para sempre/ E também o rio mais cansado/Deságue tranquilo no mar” (apud VIERECK, 1926, p. 10).

Poderíamos, então, correlacionar a posição de Freud à do místico, que também, por sua vez goza em um Outro lugar... não-todo? Notamos que isso se

verifica claramente no poema de Santa Teresa, que tem por título “Aspirações à vida eterna”, no qual observamos que vida e morte entrelaçadas se apresentam<sup>4</sup>:

Vivo sem em mim viver  
E tão alta vida espero,  
Que morro de não morrer.  
[...]  
Só vivo pela confiança  
De que um dia hei de morrer;  
Morrendo, o eterno viver  
Tem por seguro a esperança.  
Ó morte que a vida alcança,  
Não tardes em me atender,  
Que morro de não morrer.

No místico, vida e morte andam de mãos dadas, pois a vida não é tomada para si, mas entregue à morte de modo que em vida, não vivendo, o místico goza. Goza do que não está aqui, mas está lá... mais além.

O psicanalista é como o bode expiatório dos hebreus dirá Freud a Viereck: “Os outros descarregam seus pecados sobre ele. Ele deve praticar sua arte à perfeição, para desvencilhar-se do fardo jogado sobre ele” (VIERECK, 1926, p. 7).

Em *Televisão*, Lacan afirmará que o analista seria como o santo, no sentido de ser o rebotalho (o resto) do mundo: “Na verdade, o santo não se considera a partir de méritos, o que não quer dizer que ele não tenha moral [...] quanto mais somos santos mais rimos, é meu princípio, e até mesmo a saída do discurso capitalista - o que não constituirá um progresso se for somente para alguns” (LACAN, 1974/2003b, p. 33-34).

O analista deve ser aproximado do santo no sentido em que ele não faz caridade, mas, sim, “descaridade”, se oferecendo como causa do desejo, como objeto *a*. O mal-estar na civilização deve ser colocado na conta do inconsciente na medida em que ele não pode dar corpo a uma fórmula que seja a da relação entre os sexos. Por ter uma chance de fazer o *fala-ser* sair desse assujeitamento, o psicanalista deve recolocar a castração em seu lugar e conduzir o sujeito à verdade singular de seu gozo. O santo consegue isso fazendo-se realmente de rebotalho do gozo do Outro, fornecendo significante “para fritar”, enquanto o analista, e é aí que a comparação termina, não faz senão semblante deste rebotalho, em outras palavras, de objeto *a* (LACAN, 1970/2003a, p. 412).

---

<sup>4</sup> O poema pode ser acessado na íntegra através do link: <https://www.salusincaritate.com/2018/12/poemas-de-santa-teresa-davila.html>

Em uma operação que atinge a morte (queda de gozo) em vida, o santo é o resto que acolhe em seu corpo os pecados do mundo. Já o analista – tendo levado sua análise pessoal até um ponto avançado no qual este resto alcançado por seu dizer possa fazer com que o resto produzido nesta operação lhe sirva de tal modo – é aquele que pode ser o próprio resto encarnado, objeto a causa de desejo a um outro que venha a procurar sua escuta.

Na investigada cena, o entrevistador de Freud entra em um movimento analítico endereçado ao entrevistado/analista e passa, então, a trazer à tona suas impressões acerca da psicanálise. Viereck dirá a Freud que a psicanálise lhe parece ser da ordem da caridade cristã, uma vez que não existiria nada na vida humana que a psicanálise não pudesse compreender. Freud, que nunca aceitou que sua descoberta fosse correlacionada à religião, reagiu imediatamente dizendo: “Tudo compreender não é tudo perdoar. A tolerância para com o mal não é de modo algum o corolário para o conhecimento” (VIERECK, 1926, p. 7). Essa pontual intervenção de Freud nos lembra Antígona, que poderíamos também considerar como alguém que vivenciou, a seu modo, essa operação de suportar (no sentido de ser o suporte) com o próprio corpo os restos de sua linhagem.

Segundo Lacan (1959-60/1991), Antígona age sem temor e sem piedade. Resolve, diante de uma injustiça, fazer justa a morte de seu irmão em oposição a um decreto do rei Creonte, que defende a lei dos homens, a lei escrita, acima de tudo e todos. Antígona se opõe a essa lei da *pólis* e dos deuses de seu povo, sustentando um ato subversivo e pagando por ele com a própria vida, sendo colocada em uma caverna fechada até a morte, ou seja, ficando emparedada. Ela se apresenta como *autônomos*, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente portador, ou seja, do corte significativo, que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos (LACAN, 1959-60/1991).

Para a psicanálise, o desejo do desejo é aquilo que nos constitui enquanto seres de linguagem. Antígona representa o desejo porque ela é o desejo encarnado. Não se trata do desejo enquanto predicado. A paixão contra a qual Antígona se insurge é a paixão da ignorância. Ela não é movida pelo amor cristão, nem por compaixão nem por medo. A fala de Freud, atestando que tudo compreender não é tudo perdoar, nos indica que é dever do psicanalista se posicionar contra a paixão da ignorância e fazer disso um ato político.

Foi se posicionando desta forma, que Freud, diante de tantas investidas de Viereck, consegue brilhantemente apontar para o furo no saber, que tanto o jornalista visa tamponar. Assim, Viereck em sua relutância, pergunta: “Não significa nada o fato de que o seu nome vai viver?” Ao passo que Freud responde: “Absolutamente nada, [...] estou muito mais interessado neste botão do que no que possa me acontecer depois de morto” (VIERECK, 1926, p. 5). Gozaria Freud de uma simplicidade que poderíamos chamar de mística? Uma experiência que escapa ao controle da consciência, um gozo Outro que não deseja reconhecimento, saberes, nada; melhor dizendo, um gozo não-todo fálico que se situa para além de qualquer apropriação?

Neste ponto da entrevista, Viereck, já situado em posição de analisante, se mostra um tanto quanto desconfortável com essa instigante conversa, dizendo: “Ao menos na superfície (...) a vida humana nunca foi mais complexa. E a cada dia alguma nova ideia proposta pelo senhor ou por seus discípulos torna o problema da conduta humana mais intrigante e mais contraditório.” (*idem*, p. 9). Freud justifica: “A psicanálise, pelo menos, jamais fecha a porta a uma nova verdade.” (*idem*, p. 10). Logo após, Viereck (1926, p. 10) faz “a pergunta que não quer calar”: “O senhor ainda coloca ênfase sobretudo no sexo?” Freud, sendo analista até o fim, responde na lata: “Respondo com as palavras de seu poeta favorito: mas tudo faltaria, se faltasse sexo!” (*idem*, p. 10). E acrescenta que hoje ele coloca ênfase no mais além, ou seja, na pulsão de morte.

Assim, passam a uma discussão sobre os rumos da psicanálise, na qual Viereck comenta que a literatura americana está impregnada dos conceitos psicanalíticos. E Freud demonstrará sensata preocupação: “Eu sei e aprecio o cumprimento que há nessa constatação. Mas tenho receio da minha popularidade nos Estados Unidos” (*idem*, p. 11).

Freud dirá que “[...] o interesse americano pela psicanálise não se aprofunda” e assegurará: “[...] pensam compreender algo da psicanálise porque brincam com seu jargão. Eu prefiro a preocupação intensa com a psicanálise que acontece na Europa. A América faz poucas contribuições originais à psicanálise. Eles são divulgadores inteligentes, mas raramente pensadores criativos” (*idem*, p. 11). Estaria aqui Freud, mais uma vez, se referindo a posições imaginárias? E agora justamente no meio psicanalítico?

E assim vai sendo encerrada essa peculiar entrevista entre o grande Freud, o pai da psicanálise e analista/entrevistado, e Viereck, o analisante/entrevistador. Este último, impressionado com a lucidez do analista, refletirá: “Freud tem que dizer a verdade a qualquer preço” (*idem*, p. 11). Assim como feito por Antígona, Teresa e, posteriormente, como fará Lacan, que tomam para si seus restos e fazem algo deles, para além do campo dos semblantes.

Deste modo, Freud sabendo estar situado em uma lógica muito distinta daquela na qual opera Viereck, apelará, pela última vez: “Não me faça parecer pessimista (...). Eu não tenho desprezo pelo mundo. Não, eu não sou pessimista. Não enquanto eu tiver meus filhos, minha mulher, minhas flores. Não sou infeliz, ao menos não mais infeliz que os outros” (*idem*, p. 12).

Se fosse possível escolher entre todas as lições que Freud nos deixou, poderíamos dizer que a mais eloquente é a que ele tece através da sua própria experiência, sobretudo enquanto sujeito que deu vida à psicanálise e a fez perdurar até os dias atuais, deixando claro que o que permite que a psicanálise sobreviva no mundo é o desejo de saber, que não cessa e não se esgota, já que não há saber absoluto que obture a falta.

Outrossim, Freud (1915/1974) nos oferece a reflexão sobre a importância de fazer outra coisa para lidar com as pequenas e grandes mortes em vida e com todo o horror que isso causa no humano, advertindo-nos: “[...] se queres suportar a vida, prepara-te para a morte” (p. 301).

Juntamente com Freud, nós, psicanalistas em formação permanente do Corpo Freudiano – Núcleo Dourados, apostamos em um movimento incessante de insistência pela vida!

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1915). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

JOHNSON, N. M. George Sylvester Viereck: poet and propagandist. *Books at Iowa*, v. 9, n. 1, p. 22-36, 1968.

KELLER, P. George Sylvester Viereck: the psychology of a German-American militant. *The Journal of interdisciplinary history*, v. 2, n. 1, p. 59-108, 1971.

LACAN, J. (1959-60). *O seminário - livro 7 - A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

LACAN, J. (1972-73). *O seminário - livro 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LACAN, J. (1970). "Radiofonia" In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

LACAN, J. (1974). Televisão (Entrevista transmitida pela Radiodiffusion-Télévision Française (RTF) em 9 e 16/03/1974). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

MAURANO, D. *Elementos da clínica psicanalítica, vol. 1 – O desejo e sua ética*. Rio de Janeiro, ContraCapa. Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, 2018.

VIERECK, G. S. (1926). O valor da vida - uma entrevista rara de Freud. Trad. Paulo César Souza. In: *Bloco Mágico: Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise*. Número 3 – Outubro de 2017. Disponível em <https://corpofreudiano.com.br/w/wp-content/uploads/2018/01/Bloco-m%C3%A1gico-n-3-2.pdf>. Acesso em 25 maio. 2021.

VIERECK, G. S. *Men Into Beasts*. Nova York: Fawcett Publications, 1952.

# **FREUD AND VIERECK: MODALITIES OF JOUISSANCE AND DIRECTIONS OF PSYCHOANALYSIS**

## **ABSTRACT**

This article aims to detail a rare interview which Sigmund Freud gave to the famous interviewer George Sylvester Viereck; being the first already at the end of his life, at the age of seventy years old. As from this interview, the Dourados group of Corpo Freudiano unfolds the understanding of a possible analytical and transference relationship between Freud and Viereck which would give the particular contours of this interesting exchange. Also throughout a detailed analysis of this interview, a question emerges: would Freud be situated in a feminine and even mystical position? Is this the analyst's position? That's what this article sets out to unfold.

**KEYWORDS:** Freud. Viereck. Mystique. Psychoanalysis. Jouissance.

# FREUD ET VIERECK: MODALITÉS DE LA JOUISSANCE ET DIRECTIONS DE LA PSYCHANALYSE

## RÉSUMÉ

Cet article est destiné à traiter d'un rare entretien que Sigmund Freud a accordé au célèbre intervieweur George Sylvester Viereck; étant le premier déjà à la fin de sa vie, à l'âge de soixante-dix ans. A partir de cet entretien, le groupe Dourados du Corpo Freudiano déroule la compréhension d'une possible relation analytique et transférentielle entre Freud et Viereck qui donnerait les contours particuliers de cet intéressant échange. Aussi tout au long d'une analyse détaillée de cet entretien, une question émerge : Freud se situerait-il dans une position féminine voire mystique ? Est-ce la position de l'analyste ? C'est ce que cet article se propose de dévoiler.

**Mots-clés:** Freud. Viereck. Mystique. Psychanalyse. Jouissance.



RECEBIDO EM 10/06/2021

APROVADO EM 30/10/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# O DESTINO DO SUJEITO TRÁGICO E O ATO NA TRAGÉDIA E NA PSICANÁLISE

Camila Guimarães de Paula Pessoa<sup>1</sup>

Leonardo José Barreira Danziato<sup>2</sup>

## RESUMO

A tragédia grega é um gênero de arte realizada no culto de Dionísio na *polis* grega. Vernant (2016) afirma que as tragédias surgem no século 5 a.C, depois do apogeu da poesia épica. O objetivo desse trabalho é articular a relação entre a tragédia e a psicanálise através do destino do sujeito trágico e o seu ato. A pesquisa é qualitativa, de revisão de literatura, que visa tanto apresentar os elementos semelhantes dessas estruturas narrativas como suas particularidades ao falar do sujeito trágico e o ato, na perspectiva da tragédia e da psicanálise. Conclui-se que o sujeito trágico acometido por uma desmesura comete uma falta que o leva a ruína. A tragédia é a jornada do herói rumo à perda. O ato trágico como o ato analítico coloca o sujeito na posição de resto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tragédia Psicanálise. Desmesura. Falha. Ato

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Mestre em Psicologia pela UNIFOR e Doutora em Psicologia da UNIFOR. Membro da escola de psicanálise CLIO. Psicanalista atuando em clínica particular. E-mail: [Camila\\_guimaraes@ymail.com](mailto:Camila_guimaraes@ymail.com), Tel.: 85 999988246. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3165-4934>

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia e Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Sociologia pela UFC. Doutor em Sociologia pela UFC e pós doutor pela Université Paris Diderot (PARIS 7) em ciências humanas. Integrante da escola de psicanálise Invenção Freudiana. Professor da pós-graduação de Psicologia da Universidade de Fortaleza. E-mail: [leonardodanziato@unifor.br](mailto:leonardodanziato@unifor.br), Tel.: 85 988381319. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8870-9123>.

## INTRODUÇÃO: UM PRÓLOGO AO LEITOR ESPECTADOR

“Em vez de chão Bárbaro habitas a terra Grega, conhece a justiça,  
Fazes uso das leis, não do favor da força.”  
(EURÍPEDES/ MEDEIA)

Esse artigo tem como objetivo articular a relação entre a tragédia e a psicanálise através do destino do sujeito trágico e o seu ato. Este trabalho faz parte de um recorte da tese de doutorado: “A (in) consistência do Outro no *hybris* de Medeia, Alceste e Joana: uma perspectiva psicanalítica do trágico” (PESSOA & DANZIATO, 2020). Metodologicamente para a construção dessa problemática foi necessária uma revisão de bibliografia nas áreas da psicanálise e da tragédia.

Inicialmente é preciso delimitar o que é a tragédia e sua construção de sujeito, além de refletir sobre sua ética e ato. Posteriormente, foi delimitado alguns conceitos psicanalíticos para compreensão do sujeito trágico. Entre esses conceitos se destacam: a inconsciência do Outro, a relação do sujeito com o desejo, a ética e o ato.

As tragédias analisadas nesse recorte temático foram: *Édipo*, *Antígona*, *Alceste* e *Medeia*. Parte-se do pressuposto que a tragédia grega é um gênero artístico criado para cultuar o deus Dionísio na *polis*. As tragédias surgem no século 5 a.C, depois do apogeu da poesia épica e lírica, nascendo antes da tradição filosófica. Sobre a *polis* grega, Vernant (2016) afirma que foi a criação de um marco histórico no pensamento grego. A *polis* é uma invenção grega, seu instrumento político, a autoridade do Estado. *Polis* é debate, discussão. “Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre dois partidos que lhe são apresentados.” (VERNANT, 2016, p.54). Na *polis* é fundamental a arte da oratória e da retórica. Outra característica dessa estrutura é a plena publicidade na vida social. As práticas não são escondidas ocorre em pleno dia, abertas e na praça, sejam os rituais políticos ou religiosos. A lei da instituição tem de prestar conta a sua população, não é absoluta como do monarca.

A palavra trágica aponta para algo que ultrapassa os limites, para uma desmesura. Sabemos que o universo freudiano é o do desejo. Não é um campo das coisas ou do ser, mas de uma relação entre a falta e o ser. Assim, na tragédia existe esse entrelaçar entre a morte e a vida. Em Freud (1920/2003) encontra-se essa

questão ao longo de sua obra. Neste ponto entre a vida e a morte que se situa o desejo. Lacan (1959-1960/1997), ao falar da tragédia e sua essência, apresenta dois campos: o dos bens e o do desejo.

O herói trágico na leitura de Lacan (1959-1960/1997), é aquele fora dos bens. O herói vai em direção a um outro campo, independente do risco, mesmo que este seja a morte. O campo dos bens é das regras vigentes da sociedade. Para exemplificar na tragédia Antígona: o campo dos bens não é de Antígona, mas de Creonte, manifestado suas avaliações sobre o bem da comunidade, não mensurando seu poder. Creonte quer ferir seu inimigo para além dos limites, indo além do permitido e respaldado pelo bem da comunidade. Essa questão do bem, não a temos em Antígona que não aceita que seu irmão morto por Creonte não pode ter os rituais fúnebres. Ela não pensa no bem ou no mal, mas na ética do desejo.

De acordo com Lacan (1959-1960/1997), na tragédia existe uma conjunção entre a morte e a vida, onde advém o desejo que se direciona para o mais além. O herói abandona os bens para adentrar o campo do desejo. Medeia abre mão dos filhos e Alceste, da vida. Estas caminham sem temor ou piedade para seus destinos. Elas não recuam frente ao preço pago por seus atos. São pautadas em uma ética do desejo e não uma moral.

A tragédia tem uma ética que não busca um bem ou um mal, não coloca em risco as determinações dos deuses ou do destino. Todavia, apresenta a relação do sujeito com seu ato, apresenta o desejo que o constitui. Daí a importância de se retornar à tragédia grega articulando-a à psicanálise. O ato acarreta a própria perda da heroína. No caso de Medeia, ela perde os seus filhos pelo objetivo de se vingar de Jasão. Onde Medeia é absolutamente responsável por seu ato, neste caso as determinações, sejam dos deuses ou do inconsciente, são opacas para a heroína. Já em Alceste, aceita trocar sua vida pela vida do marido, sacrificando-se para salvá-lo das profundezas de Hades. Édipo casa com a mãe e mata o pai.

A ética trágica, que no dizer de Lacan (1959-1960/1988), é aquela da psicanálise, diz respeito ao fato de que é através de uma perda - a sua - que o sujeito, em uma dimensão propriamente objetual, deve garantir a injeção do desejo não como causa final nem primeira de seu ato, mas como causa, a rigor, a posteriori (VORSATZ, 2013 p. 16).

O homem se responsabiliza pelo seu destino, mesmo que esse seja tramado pelo Outro. Na tragédia grega os desígnios divinos não tiram a responsabilidade, mas convocam os homens a se responsabilizarem pelos seus atos. Mesmo que o herói

trágico não seja agente de suas escolhas, e essas lhe escapem, ele não deixa de ser responsável por elas. É essa dimensão ética que Lacan (1959-1960/1997) traz para o sujeito da psicanálise. Mesmo que lhe escape o desejo inconsciente, ele é responsável por seus atos. Nem os deuses ou o Outro legitimam o ato do herói/sujeito e podem ser usados como causas. Apenas o herói/sujeito pode responder por suas ações, posto que no final o sujeito é desejante, é a sua verdade. Assim, é esse estranho a si mesmo o campo do inconsciente – desejo que o sujeito precisa responder e se responsabilizar, uma vez que é o desejo que o constitui enquanto sujeito.

As tragédias em Lacan (1959-1960/1997) falam de um *até* (cegueira, loucura, desgraça). O *até* delimita a fronteira da existência humana, o ponto, que não pode ser ultrapassado por muito tempo. Porém, o herói determinado em seu desejo não se detém frente o *até*.

Vorsatz (2013) afirma que a tragédia grega apresenta uma cena Outra, que não é puramente política. O público que assiste a tragédia é convidado a se deixar conduzir e refletir sobre esse outro saber: a condição humana. A ideia de espetáculo que existe na atualidade é completamente diferente da experiência grega. Hoje ir ao teatro é ter uma crítica, resumo, “spoiler”.

A experiência na tragédia é diferente, tem um caráter de ritual, uma vez que fazia parte dos festejos de Dionísio, que era cultuado anualmente na primavera em Atenas no século 5 a. C. A tragédia apresenta a enunciação em ato dos destinos do herói, nem sempre venturosos, que de um lado é determinado pelas potências divinas e de outros é chamado a se responsabilizar por aquilo que não escolhe. O deus Dionísio é a própria figura do Outro (A), que questiona a ordem humana, através de sua presença e mostra um outro campo do sagrado: o Deus que nos mostra o estranho.

A tragédia, no mundo grego, era apresentada em um concurso que ocorria por três dias, patrocinado pelo Estado. Tratava-se de um movimento artístico, religioso e cívico. A cada dia um autor apresentava três tragédias, onde a população era convidada a assistir. Cada uma se apresentava uma única vez.

Lacan (1959-1960/1997) na sua leitura sobre as tragédias, estabelece que o sujeito trágico sobre transformações ao longo do tempo, uma vez que, a relação do sujeito com o mundo muda de acordo com as construções simbólicas do seu tempo histórico. A tragédia apresenta uma essência na ética do sujeito e seu ato, contudo

apresenta caminhos diferentes. Para compreender essa diferença entre os encaminhamentos do sujeito trágico é preciso compreender a relação do sujeito com o Outro, ou seja, a relação com a consistência ou inconsistência dessa relação e suas transformações no paradigma antigo e moderno.

Sobre a inconsistência do Outro, Lacan (1968-1969/2008) afirma que o significante não apresenta apenas implicações no simbólico, mas também no real. Contudo, para que isso seja inferido, é preciso afirmar que existe algo para além do significante, posto que o significante não represente a ele mesmo. O significante representa o sujeito para outro significante. Logo, ninguém sabe algo sobre ele, o Outro significante também não sabe, essa é a inconsistência do Outro, que equivale ao S2. Para o surgimento do sujeito é preciso que uma perda esteja envolvida, no caso o *objeto a* que é o que não é significante. O pensamento sobre a inconsistência do Outro, é formalizado por Lacan (1968-1969/2008) a partir da lógica matemática da função dos conjuntos.

O significante tem a limitação de não poder representar a si mesmo. O significante então seria aquilo que representa o sujeito para um outro significante. Logo, não existe um lugar de fechamento do discurso, sempre algo escapa e não se pode dizer. Existe uma falta de consistência no discurso. Logo o Outro não é o lugar da verdade absoluta, mas sobretudo de inconsistência.

Segundo Maurano (2001), a tentativa de dar conta dessa inconsistência é o ato trágico que tem como função fazer um laço entre o desejo de limite simbólico e o desejo ilimitado. Entretanto, em cada tempo histórico observa-se uma inconsistência diferente no discurso e o sujeito trágico se apresenta de forma diferenciada, porém sempre permanece uma referência na tragédia, seja antiga ou moderna, a uma certa ultrapassagem de limites, uma desmesura que é a *hybris*.

Assim, esse Outro apresenta ao sujeito tanto uma consistência como uma inconsistência, onde no sujeito trágico antigo busca a consistência na lei e o atual na razão. Porém, a tragédia deflagra justamente a falha dessa consistência do Outro, do fracasso em termos da lei e da razão.

A tragédia tinha como função apresentar um sofrimento humano ao espectador, tocando a consciência moral do homem grego sobre os limites que recaem sobre sua vida. O poder da palavra e seu significante são amplamente usados na tragédia.

O trabalho de Schiller (2018) sobre arte trágica busca construir uma relação entre a ética e a estética, onde a finalidade da arte é o deleite. A estética seria capaz de dividir o deleite entre os homens. Porém, esse gozo estético vai além da satisfação sensorial. O deleite estético tanto depende como promove a eticidade. O deleite seria então classificado em 6 representações dentro das artes: verdadeiro, perfeito, belo, bom, sublime e comovente. As tragédias se enquadram dentro do comovente. Dentro da comoção se encontram dois elementos: uma contrariedade a fins natural e uma conformidade a fins morais.

De acordo com Vieira (2018) a tragédia produz o deleite através do sofrimento. O sofrimento pode ser vivido pelo sujeito ou compartilhado do outro. O deleite tem como fonte a satisfação do contentamento do impulso ou o cumprimento de leis morais. A estrutura da tragédia se diferencia por ser uma imitação presente e não uma narrativa ou descrição, a tragédia apresenta ações em suas completudes e veracidade. A tragédia não é histórica, não tem a preocupação de apresentar os eventos tais como ocorreram.

De acordo com Maurano (2001), a tragédia tem como foco a ação do personagem central e não seu caráter, Antígona enterra o irmão, Medeia mata o marido e filhos, Alceste renuncia à sua vida. No seminário da ética, Lacan (1959-1960/1997) trabalha a essência da tragédia. Já no seminário da transferência (LACAN, 1960-1961/1992) apresenta uma diferenciação entre as tragédias grega, moderna e contemporânea, dividindo-as por temáticas sendo a grega, o apelo a lei. É sobre esse apelo a lei que nos fala o herói trágico.

Também para Quinet (2019), a arte da tragédia não é sobre um personagem, mas a representação de uma ação na cena. Não é um homem fingindo ser outro homem, mas um ator enquanto personagem coloca em cena a ação realizada por um outro homem, através da sua arte. Assim, “O ser para a arte advém do Real que cessa de não se escrever e se escreve” (QUINET, 2019, p.54).

Para os gregos *mimesis* significa criação artística que define o homem. Na poética Aristóteles (2008) ao falar da *mimesis de uma ação mítica* da tragédia não fala de imitação, mas de representação, em francês é a *mise-em-scène*, que provoca uma reflexão ética através do herói trágico. O atuar não é próprio do ator, mas do homem em ser para a arte.

Na tragédia o foco não é o psicológico do personagem, mas seus atos e consequências, é uma ética sobre as ações. A tragédia se define pela dimensão ética

do ato do herói: Medeia abandona tudo que tinha por Jasão e matam os filhos; Alceste entrega a própria vida. O ator é o homem que realiza pela arte de representar a ação de um Outro, como se fosse outro. Diferente das epopeias que são narrativas acerca de um herói, no teatro são falas, diálogos do herói na *mimesis*. Nesse aspecto reside a verdade da arte, o *mimesis* é a dimensão do real do semblante, essa representação é um enigma e não uma imitação da realidade, atravessada por um Outro. Esse enigma em sua dimensão real que afeta a divisão do espectador causando espanto, desejo e angústia. Assim, o sujeito se vê curioso e incinerado ao mesmo tempo diante da arte. A obra de arte, segundo Quinet (2019), ocupa o lugar de objeto causa do desejo (de tocar, de ver, de ouvir, de saber).

### **O DESTINO DO SUJEITO TRÁGICO E SUA RELAÇÃO COM O ATO E O OUTRO**

A tragédia tem o aspecto de acontecimentos, de interrogação sobre uma ação, em que o importante são os questionamentos e não as respostas. O herói se encontra em um contexto de agir. Na tragédia os deuses se colocam como presença real e não uma transcendência. O divino convoca o sujeito a se responsabilizar pelo seu ato. Os deuses estão fora do simbólico e ao mesmo tempo se constituem dele (VORSATZ, 2013, p.58).

A tragédia se encontra na transição de dois tempos, o mítico e o novo tempo político. Logo, o protagonista é dividido no ponto de cisão entre esses dois tempos. O herói grego é um mortal e, como tal, é fadado à condição humana da finitude. A tragédia se apresenta como o Outro da *polis*. Entre esses dois tempos observa-se a inconsistência do Outro na lei, que falha entre esses dois tempos, onde a lei antiga e a lei da *polis* se contrapõe.

Segundo Vorsatz (2013), a tragédia não é uma busca por um saber, mas antes de tudo um ato, concerne ao fazer e não do pensamento. Que problematiza a questão da determinação frente a responsabilidade que constitui o campo do desejo. Desse modo, a heroína trágica atua na completa solidão, onde sua ação não deriva de nada além de sua própria disposição. “Na cena trágica – assim como na Outra cena, inconsciente- as contradições coexistem, sem se anularem reciprocamente” (VORSATZ, 2013, p. 13). A tragédia tem uma ética que não busca um bem ou um mal, não colocando em xeque as determinações dos deuses ou do destino; porém,



apresenta a relação do sujeito com seu ato, apresenta o desejo que o constitui. Por tais, questões é tão primoroso se retornar a tragédia grega para se articular a psicanálise. Ato esse da tragédia que acarreta a própria perda da heroína. No caso de Medeia, ela perde os seus filhos pelo objetivo de se vingar de Jasão seu marido infiel. Medeia é absolutamente responsável por seu ato, nesse caso as determinações sejam dos deuses ou do inconsciente são opções para a heroína. Já em Alceste essa aceita trocar sua vida pela vida do marido, se sacrificando para o salvar das profundezas de Hades.

Segundo Quinet (2015), na perspectiva freudiana o trágico é um conflito ético entre os desejos inconscientes e a consciência moral. Na lacaniana, o trágico vai além da dimensão ética do conflito, ele é relativo ao desejo e o ato em relação ao gozo, onde há uma semelhança entre o ato analítico e o ato trágico. O desejo do herói trágico é "... a medida do desejo do analista" (p. 127).

A tragédia é composta por sofrimento e prazer, onde do entusiasmo soa o horror. Elementos importantes da tragédia são: sua encenação ao público, o coro e a música. Assim, através da poesia e da música a tragédia transpõem o gozo. A tragédia tem a beleza e harmonia de Apolo e a desmedida da *hybris* de Dionísio. A tragédia expressa sua *hybris* com formas de Apolo sem se subjugar. A *hybris* que leva o herói a desmesura, a ação violenta e insolente, que motiva a falta trágica. A *hybris* pode levar até a destruição da vida do herói. Ela é a força predominante do sujeito trágico que ultrapassa os limites.

Ao longo de toda tragédia, o herói é constantemente aterrorizado pelos deuses por causa da tentação da *hybris*, que chega através da *até* (ruína, deusa da fatalidade grega). Cabe ao homem atuar frente à falta, contudo os deuses participam desse ato. O sujeito não tem como escapar a alteridade do Outro divino e seus imperativos; porém, a responsabilidade é do herói em seu ato e ética. A *até* vem do campo do Outro, que institui o limite que a vida do sujeito pode passar, para além desse só é possível por um breve período. É esse além que os heróis trágicos se direcionam.

A tragédia é uma representação de uma ação conduzida ao seu termo, onde a história do herói trágico não recorre à narração. O que interessa não é quem é o herói e sua psicologia, mas o seu ato que o defini. Não importa quem era Medeia, mas o seu ato de matar Creonte e sua filha, e os próprios filhos com o marido Jasão. Em Alceste o que a define é seu ato de suicídio para salvar o marido. Já Édipo matou o pai e se casou com a mãe.

Segundo Quinet (2015), o objetivo maior desse gênero é a catarse. Assim, o espectador deve vivenciar o afeto trágico através da história do herói. O diferencial da tragédia é fazer o espectador viver esse afeto com prazer e não dor, devido à beleza e a estética de Apolo. A tragédia tem em si o prazer e o desprazer juntos, que Quinet (2015) nomeia esse prazer com desprazer de gozo, esse está além do princípio de prazer. A tragédia promover a catarse do horror e da compaixão. O horror na identificação do espectador com o herói (de ver seu desejo ser realizado) e compaixão ao se distanciar dessa identificação.

Através do ato que o sujeito trágico apresenta seu caráter e pensamentos articulados a sua ética. O pensamento são as reflexões do sujeito infere antes do seu ato. Quinet (2015) afirma que o texto da tragédia é não todo. O centro de toda tragédia é o ato, que conta a história do antes, da preparação e do depois do ato do sujeito trágico. Logo, o ato está ligado ao *ethos* (caráter moral) do sujeito. O ato o sujeito efetua de acordo com seu desejo que representa no herói da tragédia.

Assim, a tragédia apresenta a jornada de um sujeito que tem um certo caráter e atua em conformidade com esse. O caráter faz o sujeito agir, sujeito esse do ato, logo, através do ato se conhece o caráter. Ato que ocorre sem pensar, ele é constitutivo do sujeito, expressão do mais-de-gozar e não do pensamento, o sujeito vai além da determinação do Outro e se responsabilizando por sua ação. A tragédia apresenta o destino do ser, ser-para-a-morte e ser-para-o-sexo, inscreve uma verdade. Em Lacan (1959-1960/1997), observamos o comparativo do analista ao herói trágico, onde sua finalidade é ser o dejetivo da própria campanha e do analisante entre o coro e o espectador que é afetado pelo herói através da catarse. O analisante ao fazer sua associação livre atua pela fala sua própria tragédia.

Os gregos nas tragédias nomeiam o Outro de deuses. “O Outro é o lugar onde se reúne aquele que fala e aquele que ouve” (QUINET, 2015, p.145) A tragédia é fábula da fatalidade da fala, esse fatídico é contribuinte da própria relação de dependência do sujeito às leis do Grande Outro.

Segundo Pastore (2015) o trágico ático é a luta sem descanso do conflito insolúvel entre a vida dos homens que portam a *hybris* e a vontade das moiras senhoras imortais do destino. O trágico é antes de tudo o acaso da existência humana. Contudo, o trágico não é o pessimismo, pois tem algo de criador. A leitura freudiana se utiliza desse caos criador para trabalhar com o conceito de pulsão, como uma força

indeterminada, originada de um caos indomável que persiste em todo homem vivo. Logo, a pulsão apresenta o acaso na condição humana. Nessa perspectiva do trágico, Freud se aproxima do universo mítico grego, surgindo metáforas através das temáticas trágicas.

A perspectiva trágica do homem se contrapõe a ideia de verdade da filosofia tradicional moderna, porque não tem um corte claro entre o verdadeiro e o falso. No homem trágico existem discursos que lutem entre si, os conflitos habitam a própria existência e jamais seções, um discurso não destrói o outro. A tragédia divide o homem ao colocar em cena as paixões. Já a leitura freudiana não descarta essa perspectiva trágica do homem dividido como aprofunda com a noção de sujeito desejante, cindido, onde na lógica inconsciente não existe uma separação entre o falso e o verdadeiro nas fantasias. Então esse paradoxo presente nas tragédias também é encontrado nos fundamentos do aparelho psíquico formulado por Freud (1900/2001). O teatro trágico bem como a psicanálise abala as verdades do homem moderno. A verdade do trágico como da psicanálise é a verdade (Alethéia do canto das musas) potência criadora do ser que caminha lado a lado com o engano, posto que verdade é um enigma. No canto das musas não é possível separar verdade e ficção.

Freud (1920/1976) afirma que o protagonista das tragédias gregas não utiliza o destino como justificativa para seus atos, sendo ele mesmo responsável por suas escolhas.

Após sua culpa ter sido revelada e tornada consciente, o herói não faz qualquer tentativa de se eximir apelando para o expediente artificial da compulsão do destino. Seu crime é reconhecido e punido como se fosse um crime integral e consciente, algo fadado a parecer injusto à nossa razão (FREUD, 1920/1976, p. 217).

O homem se responsabiliza pelo seu destino mesmo que esse seja tramado por Outro. Na tragédia grega os desígnios divinos não tiram a responsabilidade, mas convocam os homens a se responsabilizarem pelos seus atos. Mesmo que o herói trágico não seja agente de suas escolhas, essas lhe escapem, ele não deixa de ser responsável. Essa dimensão ética que Lacan (1959-1960/1988) traz para o sujeito da psicanálise, mesmo que lhe escape o desejo inconsciente ele é responsável por seus atos. Nem os deuses ou o Outro legitimam o ato do herói/sujeito e podem ser usados como causas. Apenas o herói/ sujeito responde por suas ações, posto que, no final, o sujeito é desejante, é a sua verdade. Assim, é esse estranho a si mesmo o campo do inconsciente – desejo que o sujeito precisa responder e se responsabilizar, uma vez que, é o desejo que o constitui enquanto sujeito.

Quinet (2019) saliente que na peça trágica o Outro cruel se apresenta na figura do destino do divino e da fatalidade, que transforma o herói tanto como vítima sem escapatória como rebelde que tenta escapar do seu desejo. O herói trágico tanto é objeto da crueldade do Outro como sujeito desejante. Para o espectador-leitor o herói não se resume a uma referência identificatória, coloca-se como objeto que causa o desejo e o temor.

O ator é um outro com outras verdades, falas, gestos, idade, sexo, que é tanto íntimo como estranho, um eu perpassado pelo significante do Outro. Como o analista que faz semblante do objeto a o ator precisa interpretar com distanciamento operando uma distância em relação ao material do personagem.

Segundo Pastore (2015), o homem grego acreditava que o mundo era regido por leis divinas e que os deuses o faziam sofrer para não se igualar a eles. Então a *hybris*, a experiência da desmesura dos homens em seus atos, seria uma tentativa de aproximação entre os mortais e os imortais, transgredindo o limite que separam homens e deuses, por isso esses homens pagam o preço da ruína, que reafirma a finitude humana.

Segundo Freud (1913/2012) o herói trágico encarna o pai primevo, trazendo para si a culpa para absorver o coro de suas próprias culpas. A essência da tragédia é o próprio sofrimento e ruína do herói que apela para à lei na tentativa de obter um amparo sobre os dilemas de sua existência. Esse apelo à lei pode ser representado nos oráculos ou deuses nas falas dos heróis. Lei essa que pode ser transgredida ultrapassando a *Até*, o limite, porém esse poder em algum momento desvanece e o herói cai se aniquilando como sujeito. As tragédias tratam das relações dos homens com o divino e com sua finitude, através de conflitos.

Ouve, pois: todos os homens são condenados a morrer, e não há um só que possa assegurar um dia que ainda estará vivo no dia imediato. O que depende da sorte nos é oculto; nada a tal respeito nos pode instruir, e nenhuma ciência jamais revelará. Portanto, convencido dessas verdades, que acabas de ouvir de mim, trata de gozar a alegria, de beber à vontade, de aproveitar a vida que passa; que fique o mais a cargo do Destino! (EURÍPEDES, 1950, p.209)

É justamente essa verdade sobre a mortalidade que Eurípedes (1950) apresenta na tragédia de Alceste e a inevitabilidade do destino própria do trágico grego. É pelo fato de que existe a morte que o sujeito busca construir suas verdades para recobri-la e se move.

O herói trágico vive na ambiguidade de, ora parecer como agente de suas ações e ora, como mero objeto arrastado por outras forças externas, tal como o sujeito freudiano eternamente preso entre os jogos de força do consciente e inconsciente. Assim, o homem grego não é autônomo em suas escolhas, uma vez que, é submetido aos desígnios dos deuses, como o sujeito freudiano é regido por pulsões desconhecidas a qual ele não controla. O campo da psique humana é demarcado por conflitos e fragilidades, além da primazia da pulsão de morte que busca o retorno ao estado inanimado. Mesmo sem conseguir escapar do destino o herói permanece altivo em seus atos impossíveis. “E proteger este palácio, desprezando as justas determinações do Destino.” (EURÍPEDES, 1950, p. 178). Contudo, ao final ele sempre paga o preço do seu desejo e do seu destino.

Lacan (1959-1960/1997) no seminário “A ética da psicanálise”, ao analisar Antígona, sublinha que o coro da tragédia evoca a beleza da heroína, colocando a mesma em dois campos diferentes: da morte que invade a vida e a vida que perpassa o campo da morte, na figura da pessoa que será presa na tumba viva. Antígona está entre duas mortes, onde a morte deixa seus restos. É interessante ressaltar que em outra tragédia Alceste, a heroína também fica entre a vida e a morte. O preço que a heroína da tragédia paga é muito diferente do que o espectador irá pagar. O espectador ganha uma proteção pela arte na cena da ficção.

A leitura de Lacan (1959-1960/1997) sobre existir um erro de julgamento no verdadeiro herói difere. Esse erro é do campo dos bens. O herói lacaniano é aquele fora dos bens. O herói vai em direção a um outro campo independente dos riscos, mesmo que esse seja a morte. O campo dos bens não é de Antígona, mas de Creonte, manifestado no erro que comete em suas avaliações sobre o bem da comunidade, não mensurando seu poder. Creonte quer ferir seu inimigo para além dos limites, indo além do permitido e respaldado pelo bem da comunidade. Essa questão do bem não temos em Antígona e em Medeia. As tragédias em Lacan (1959-1960/1997) falam de um *até* (cegueira, loucura, desgraça). O *até* delimita a fronteira da existência humana, o ponto que não pode ser ultrapassado por muito tempo. No entanto, o herói, determinado em seu desejo, não se detém frente ao *até*. O que entre em cena é o Campo do Outro. Antígona escolhe ficar fora do campo da lei de Creonte, assim como Medeia que o matará.

Sobre as duas mortes, a primeira é o efeito do desenrolar da vida, a vida termina com seu caminhar, na sua velhice e falências. Já a segunda fronteira da morte

é outro campo, é o do homem que almeja aniquilar para assim ser possível se inscrever no ser. O homem se destrói para se eternizar. Alceste entrega sua vida nesse ir além (para salvar o marido), e já Medeia matando seus únicos bens, os filhos, para ir além (para se vingar do marido).

Logo, na tragédia ática o que se apresenta é uma demanda direcionada ao pai, a vigência da Lei. Alceste e Medeia buscam a lei dos deuses do Juramento, as leis anteriores à *polis*. As heroínas buscam a sustentação da ordem, interrogando assim a função do pai. O que termina colocando em cena os limites do significante, da lei. Contudo, existe uma inconsistência no discurso que não permite assegurá-las todas na lei, algo sempre emerge que escapa ao simbólico. O trágico ático é que a lei que deveria assegurar o sujeito falha. A palavra não dá conta, ela apresenta uma falta. As palavras dos maridos de Alceste e Medeia param de assegurar seus lugares de mulher frente ao vazio do ser, pois eles as abandonam, um na morte e outro se casando com outra mulher. Desse modo, segundo Maurano (2001), o desejo demarca a perda na consistência do ser. Na essência das tragédias se apresenta o ponto de limite do desejo, sua *Até*, seu extremo. E no caminho desse Até vem o amor no rastro. As tragédias falam da complexa relação com as leis antigas e a cidade e suas novas ordens.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: EPILOGO SOBRE A RELAÇÃO DA TRAGÉDIA E A PSICANÁLISE**

Para Lacan (1998) a psicanálise é fruto da crise do conhecimento na falha do sujeito moderno da razão. Segundo Nazar (2011), atualmente se vivencia uma crise sobre os sujeitos na sua posição frente ao desejo e a falta, justamente que refletir sobre o sujeito trágico é tão pertinente, pois eles surgem em momentos de crise e conflitos. Resgatar a palavra e o trágico parece ser pertinente nos tempos atuais de assujeitamento.

Assim, a vida é arte que se recria de acordo com cada desejo em cena. Cada sujeito é um artista que se coloca na cena do mundo, segundo Nazar (2011) não por escolha, mas por imposição, onde cada um vende a fantasia que acredita que o outro deseja. A psicanálise é uma via de atravessamento do Real, por isso escrever, experiência e falar dela é tão difícil e ao mesmo tempo inebriante.

Desse modo, para Quinet (2019) a tragédia deve atingir o espectador-leitor pelas entranhas ou coração. Logo, a função desse teatro é fazer o sujeito sair do torpor e tirá-lo do imperativo do consumo e entretenimento, bem como dos efeitos anestésicos das medicações da sociedade contemporânea que silenciam a subjetividade. Na tragédia o sonhar é para acordar e não para dormir, esse abrir os olhos do inconsciente que foi buscado nessa pesquisa através do teatro, da literatura e da música.

Como a atriz Denise Vecchio (2014) que fez uma versão de Medeia na peça Trágica.3 afirma:

As nossas tragédias e desgraças como ser humano, seguem sendo os mesmos, apesar de nós acharmos tão moderno e evoluído, e dos avanços da ciência, a nossa alma ainda tem os mesmos defeitos e as mesma dores. Isso é o extraordinário de colocar no espetáculo, trazer para o dia de hoje a atualidade dessas tragédia (VECCHIO, 2014, 3 min).

Por isso, até hoje são revisitadas e revividas as Alcestes, Medeias, Jocastas, Joanas e outras heroínas trágicas.

Quinet (2019) afirma que o inconsciente é teatral, pois todos os homens são atores do seu próprio drama, cuja tramas lhes escapam, posto que o autor é desconhecido. O romance do sujeito é representado na “Outra Cena”, no inconsciente. Por mais que o sujeito conheça seu romance parte dele sempre será desconhecido como um Outro. A psicanálise é sempre a leitura de um escrito do Outro, uma encenação do teatro privado. Desse modo, o autor define que o inconsciente é estruturado por essas questões homologas como um teatro. “A análise e o teatro são homólogos no tratamento do real dos afetos usando métodos diferentes com objetivos diversos” (QUINET, 2019. p.18).

Para Quinet (2019) o inconsciente tem uma estrutura de linguagem, pois na tragédia o texto é formado por cadeias de significantes que colocam forma na trama. Contudo, esse texto se expressa no imaginário das fantasias e das imagens que o compõe, além de presença no real de gozo dos corpos. Assim, o inconsciente é teatral. No teatro tem o imaginário no espetáculo cênico das cenas das fantasias, o simbólico das falas e o real do gozo. Logo, a montagem da tragédia é herdeira do inconsciente, utilizando os mesmos recursos dos sonhos: condensação, deslocamento e representatividade.

Assim, o ato na tragédia leva o sujeito a sua própria ruína. Por mais que o ato seja determinado pelo Outro o sujeito é responsável por sua ação. É pela desmedida

da *hybris* que o sujeito caminha rumo a sua ruína, o ato provoca sua perda. De acordo com Badiou (2014) a eternidade no trágico se encontra no não-sentido, no destino.

O destino determinado pelo Outro divino é desenhado pelas cadeias significantes herdadas pelos antepassados por uma falta trágica. Nesse destino busca ir além dos limites do desejo do Outro, construindo um desejo puro sem Outro, segundo Quinet (2015).

Assim, o sujeito trágico acometido por uma desmesura comete uma falta que o leva a sua ruína. A tragédia é a jornada do herói rumo a perda. O ato trágico como o ato analítico coloca o sujeito na posição de resto, de dejetos.

Como assinala Quinet (2019), o objetivo da tragédia é a catarse da compaixão e do temor, que provoca uma depuração desses afetos que irrompe no real do espectador. Nessa arte não se busca escapar dos afetos, porém de vivenciá-los através dos atos do herói, essa sensação de sofrimento e prazer simultâneo é o gozo tal como especificado por Lacan.



## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução A. M. Valente. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras*. Tradução E.X. Silva e G. Sodré. Rio de Janeiro: Relume, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Rhapsodie pour Le theater*, paris: Presses Universitaires de France, 2014
- BUARQUE, C.; PONTES, P. *Gota d' gua*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio de prazer*. Tradução C. M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1912-1914). *Totem e Tabu, contribui o   história do movimento Psicanalítico e outros textos*. Tradução P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1900) *Interpreta o dos sonhos* Tradução W. I. Oliveira. Rio de Janeiro, Imago, 2001.
- EURÍPEDES. *Alceste*. Tradução J. B. Mello e Souza. São Paulo: Brasileira, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Medeia*. Tradução. V. R. Barbosa. Cotia – SP: Ateliê, 2013
- LACAN, J (1959-1960). *A  tica em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972). *... ou pior* Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- \_\_\_\_\_. (1960-1961). *O seminário livro 8: A transferência*. Tradução D. D. Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- MAURANO, Denise *O lado obscuro do amor: a tragédia   luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.
- NAZAR, T. P. A vida como ela é... Ou Assim  , se lhe Parece! - reflexões sobre o contemporâneo. In ETGES, S. B. S; BAUMHARD. T. (Orgs) *Os avanços da psicanálise com Lacan*. (p. 19-28) Porto Alegre: Companhia de Freud, 2011.
- PASTORE, J. A. D. *O trágico: Schopenhauer e Freud*. São Paulo: Primavera, 2015.
- QUINET, A. (2015) *Édipo ao p  da letra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O inconsciente Teatral: psicanálise e teatro homologia*. Rio de Janeiro: Atos e Div , 2019.
- \_\_\_\_\_. Quinet, A. *Análise on-line em tempos de quarentena- Parte 6*. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=jwkQ2s40HbY>. Acesso em 27 de abril de 2020.

SCHILLER, F. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. Tradução Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VIEIRA, W. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. In Schiller, F. *Objetos trágicos, objetos estéticos*. Tradução Vladimir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

VERNANT, Jean Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução Ísis Borges Fonseca. 23 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2016.

\_\_\_\_\_. *O universo, os deuses, os homens*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Vernant, Jean Pierre (org) *O homem grego*. Tradução Maria Jorge Villa de Figueiredo. Lisboa: Presença., 1994.

VECCHIO, D. D (2014, 14 maio) Trágica.3 – Making of. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oRaAEjRgeA&t=18s> Acesso dia 20 de novembro 2020.

VORSATZ, Ingrid. *Antígona e a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

# THE DESTINATION OF THE TRAGIC SUBJECT AND THE ACT IN TRAGEDY AND PSYCHOANALYSIS

## ABSTRACT

Greek tragedy is a genre of art performed in the cult of Dionysus in the Greek polis. Vernant (2016) states that tragedies arise in the 5th century BC, after the peak of epic poetry. The aim of this work is to articulate the relationship between tragedy and psychoanalysis through the fate of the tragic subject and his act. The research is qualitative, of literature review, which aims to present both the similar elements of these narrative structures and their particularities when talking about the tragic subject and the act, from the perspective of tragedy and psychoanalysis. It is concluded that the tragic subject affected by an excess commits a fault that leads to ruin. Tragedy is the hero's journey to loss. The tragic act as the analytical act puts the subject in the position of rest.

**KEYWORDS:** Tragedy. Psychoanalysis. Immoderation. Failure. Act

# LA DESTINATION DU SUJET TRAGIQUE ET L'ACTE DANS LA TRAGÉDIE ET LA PSYCHOANALYSE

## RÉSUMÉ

La tragédie grecque est un genre d'art exécuté dans le culte de Dionysos dans la polis grecque. Vernant (2016) affirme que les tragédies surviennent au 5ème siècle avant JC, après l'apogée de la poésie épique. Le but de ce travail est d'articuler la relation entre la tragédie et la psychanalyse à travers le sort du sujet tragique et son acte. La recherche est qualitative, de revue de littérature, qui vise à présenter à la fois les éléments similaires de ces structures narratives et leurs particularités quand on parle du sujet tragique et de l'acte, dans la perspective de la tragédie et de la psychanalyse. On en conclut que le sujet tragique touché par un excès commet une faute qui conduit à la ruine. La tragédie est le voyage du héros vers la perte. L'acte tragique comme acte analytique met le sujet en position de repos.

**MOTS CLÉS:** Tragédie. Psychanalyse. Démesure. Échec. Acte

RECEBIDO EM 25/01/2020

APROVADO EM 11/09/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# IDENTIFICAÇÃO E ÓDIO EM “DOIS IRMÃOS” DE MILTON HATOUM

Felipe Barata Amaral<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir a questão fraterna pela via da identificação em um recorte no romance “Dois Irmãos” de Milton Hatoum. Para tanto, realizamos um apanhado bibliográfico na obra de Freud e Lacan com o objetivo de compor um panorama acerca do modo como ambos os autores compreendem a questão fraterna e estabelecer um diálogo com a obra literária do escritor amazonense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Psicanálise. Identificação. Ódio. Questão Fraterna.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia pelo Programa em Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (PPGP/UFPA). Psicólogo clínico e docente da Faculdade Ideal (FACI). [felipe.barata@yahoo.com.br](mailto:felipe.barata@yahoo.com.br) Contato: (91) 98162-3068. <https://orcid.org/0000-0001-8580-6473>

## A QUESTÃO FRATERNA EM FREUD

Freud, a partir de sua clínica, nos oferece uma preciosa contribuição acerca do papel do irmão mais novo diante da constituição psíquica do sujeito inconsciente. Para o trabalho, recorreremos a três textos freudianos: “Sobre as teorias sexuais infantis” (FREUD, [1908] 1976), “Uma recordação de infância em Poesia e Verdade” (FREUD, [1917] 2010) e “Batem numa criança – contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” (FREUD, [1919] 2010).

Esta escolha de textos se deve ao movimento por eles empreendido: no primeiro surge o questionamento quanto a existência desse novo ser que se intromete na casa; no segundo, o intruso já está instalado e tenta-se, a todo custo, expulsá-lo sumariamente; no terceiro percebe-se que nenhum método de expulsão surtirá efeito, por isso este intruso deve ser punido violentamente por meio de uma surra fantasiada pelo irmão mais velho e perpetrada pelo pai.

Em 1908, no texto “Sobre as teorias sexuais infantis” (FREUD, [1908] 1976) encontramos um esboço acerca da condição instaurada nas crianças com o nascimento de irmãos mais novos: o ciúme. Sentimento expresso no questionamento “De onde vêm os bebês?”, ouvida por Freud como “De onde veio esse bebê intrometido?” (FREUD, [1908] 1976, p. 216). A entrada do filho mais novo na trama familiar é marcada pelo signo da intromissão, conforme enxerga o filho mais velho. A partir do conhecimento sobre os meandros do Complexo de Édipo, podemos pensar que o nascimento desse novo bebê coloca em risco a onipotência e a existência da díade mãe-filho. Ou seja, perder a posição de único filho e detentor de todo o carinho e amor parental deixa uma marca no narcisismo infantil que será de extrema valia no momento de derrocada do Eu ideal para a construção de um Ideal de Eu no lugar.

O segundo texto que nos auxilia a entender a relevância do irmão dentro da psicanálise é o ensaio “Uma recordação de infância em Poesia e Verdade” (FREUD, [1917] 2010). Nele, Freud pinça um episódio específico narrado por Goethe em sua autobiografia para poder discutir as implicações e significações do ato a partir da própria história do sujeito, e acaba brindando-nos com uma importante contribuição sobre o ódio e o ciúme na relação fraternal. O episódio que captura a atenção de Freud é uma brincadeira do jovem Goethe de lançar pela janela miniaturas de utensílios de cozinha afim de espatifá-las no chão da rua. Quando os pequenos

brinquedos se acabam, a criança busca as louças e pratos da cozinha para continuar sua brincadeira até que seus familiares interrompam o ato.

Neste momento, a clínica como lugar privilegiado da pesquisa psicanalítica e da produção de saber oferece um caminho para que Freud elucubre acerca da brincadeira do jovem Goethe. Certa vez, Freud atendera um paciente que em determinado momento da terapia narra um episódio no qual relata uma drástica mudança de comportamento frente a chegada de seu irmão mais novo. Ele como único filho era paparicado e toda atenção e amor eram apenas à ele direcionados. Porém, com o nascimento do irmão, ele sente-se preterido em relação a esse e, por conseguinte, mostra-se reativo. Ele passa a expressar seu descontentamento por meio de modos grosseiros, como por exemplo, atirar fora os pratos. O caso deste homem não apenas evidencia um sentimento de ciúme bastante claro, como também aponta para um possível redirecionamento deste para objetos externos (no caso ele feria animais de seu convívio que eram bastante estimados e queridos). Com isto, Freud reúne evidências que corroborem sua hipótese de o ato de lançar objetos pela janela seja uma demonstração clara de ciúmes cuja significação remeta ao desejo de expulsão do recém-chegado daquele lar que outrora ele dominava. Isto é, aquele que se intromete na casa e rouba a atenção da mãe deve ser expulso de uma maneira pouco decorosa.

No terceiro texto – escrito dois anos após a publicação do segundo –, Freud lança novas luzes sobre o ciúme infantil. Neste texto assim como em toda a teoria psicanalítica, o ciúme não se restringe apenas a figura do irmão ou irmã, mas a todo e qualquer indivíduo que se interponha a tentativa de simbiose entre mãe e filho. Outro ponto importante se refere as construções fantasísticas que permitem o escoamento deste sentimento. Tanto no texto de 1917 quanto neste de 1919, a criança lança mão de artifícios pautados na fantasia para encenar o sentimento de ódio, ciúme e inveja deste novo ser que tanto ocupa e encanta os pais. No texto “Batem numa criança” (FREUD, [1919] 2010), Freud se debruça sobre a ocorrência de fantasias de espancamentos em crianças pequenas que se apresentam por meio de três vias, porém apenas a primeira nos interessa.

A primeira fase se desdobra em um período bastante remoto da infância. Seu caráter é indefinido por isso não pode ser qualificado nem como sádico, nem como masoquista. A criança espancada não coincide com aquela que fantasia, pois é



identificada como uma irmã ou irmão mais novo e o agressor, inicialmente, é desconhecido para depois ser desvelado como o próprio pai. É definida pela frase: “Meu pai bate na criança que odeio” (FREUD, [1919] 2010, p.302). Ou seja, o pai impinge um castigo sobre a criança odiada pelo indivíduo que fantasia. Freud credita o fantasiar de práticas violentas à necessidade de dividir com o irmão a atenção dos pais, que antes era inteira dedicada a ele. Já que a criança mais velha teve sua posição narcísica contestada ao sofrer uma grave derrota em sua onipotência, nada mais justo – de acordo com seu julgamento – do que castigar o mais novo por isto. Esta solução revela a voracidade das pulsões por meio da radicalidade das soluções infantis para o ciúme: o expulsar de casa e a violência do espancamento. Portanto, “a fantasia, evidentemente, satisfaz o ciúme da criança e depende da sua vida amorosa, mas é também vigorosamente apoiada por seus instintos egoístas” (FREUD, [1919] 2010, p. 305).

Essa contribuição freudiana nos permite ponderar sobre o lugar de intruso ocupado pelo irmão mais novo dentro da dinâmica edípica. Ele chega para romper um idílio amoroso entre a mãe e o até então único filho, obrigando-o a abandonar a posição de objeto do gozo materno

## **A IDENTIFICAÇÃO COM O INTRUSO**

De acordo com o exposto acima, Freud nos auxilia a pensar sobre a existência do ciúme na relação fraternal no que tange aos cuidados maternos. Já Lacan, por sua vez, analisa a questão do estabelecimento dos laços fraternos pelo viés do “Complexo de intrusão”. Em poucas palavras, este complexo nominado por Lacan se refere a experiência de pertencimento do indivíduo a um grupo de semelhantes. Ou melhor, ela acontece no momento em que o sujeito “se reconhece como tendo irmãos” (LACAN, [1938] 2008, p. 27). Lacan retoma a trilha do ciúme indicada por Freud, mas dela derivará um novo sentido. Esta nova construção teórica parte de pesquisas, descritas ao longo do texto, que se empenharam em discutir a questão do ciúme entre irmãos para deles retirar a contribuição segundo a qual, “o ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental” (LACAN, [1938] 2008, p. 28).

Dessa forma, Lacan traz para a questão fraterna a ambivalência afetiva comum à psicanálise. O irmão mais velho não apenas direciona ódio e desejo de destruição

para o indivíduo recém-chegado que se apossa de seu lugar, mas também direciona um desejo de identificação. A coexistência dessas duas tendências é própria da situação na medida em que a relação fraternal se define “(...) não como um conflito entre dois indivíduos, mas, em cada sujeito, como um conflito entre duas atitudes opostas e complementares (...)” (LACAN, [1938] 2008, p. 29).

A partir do que fora delineado acima torna-se impossível definir quem é o indivíduo que odeia e quem é aquele que é odiado, ou aquele que busca a identificação e quem ocupa o lugar do outro. Trata-se de uma relação imaginária na qual cada indivíduo desempenha ambos os papéis. O que acontece é que “cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com ele se identifica (...)” (LACAN, [1938] 2008, p. 29). O irmão representa, portanto, um objeto de investimento libidinal de caráter homossexual imbuído de amor, ódio e, principalmente, oferece-se como um objeto de identificação. Lacan revela que a agressividade proveniente do ciúme é preterida em relação a identificação. Fato que se mostra com clareza na situação fraterna primitiva na qual os filhos têm de constituir uma nova identidade após a morte do pai.

No que concerne a manifestação de tendências agressivas, o psicanalista francês afirma que estas têm de ter como pressuposto a identificação com o objeto da violência. Lacan revela a tendência sadomasoquista do ciúme na medida que a agressividade “é simultaneamente sofrida e posta em ato (*agie*), ou seja, sustentada por uma identificação ao outro, objeto de violência” (LACAN, [1938] 2008, p. 31). Na trilha do masoquismo reaparecem as tendências de cunho destrutivas com as quais Freud se serviu para construir a noção de pulsão de morte. Lacan ressignifica o sentimento de ciúme, que a primeira vista possuiria apenas componentes sádicos, ao expor a forte presença de aspectos masoquistas nele materializados por meio da identificação inicial e a posterior tendência agressiva.

Uma das vias para acessar esse desejo de destruição seria localizá-lo junto a angústia proveniente do desmame. Momento este que constitui uma marca a ser reproduzida futuramente nas brincadeiras infantis – a exemplo do *Fort-Da* descrito em “Além do Princípio do Prazer” (FREUD, [1920] 2011) – nas quais “(...) o sujeito assume, por seus primeiros atos de jogo, a reprodução desse mesmo mal-estar e, com isso, o sublima e o ultrapassa” (LACAN, [1938] 2008, p. 32). Esse movimento do masoquismo primário é reproduzido a partir da identificação com o irmão. Neste

momento, o objeto a ser destruído, como aponta Lacan ([1938] 2008), “é biologicamente indiferente; o sujeito abole gratuitamente, de algum modo pelo simples prazer, consumindo assim apenas a perda do objeto materno” (p. 32).

Trata-se de uma espécie de vingança cega quanto a quem arcará com as consequências do sujeito haver perdido seu objeto de desejo para todo o sempre. Aqui é onde podemos indicar que a agressividade é precedida pela identificação. O indivíduo elenca o irmão mais novo como alvo de suas investidas destrutivas pela simples proximidade e repetição da cena de conjunção através da maternagem e da amamentação que antes tivera ele como sujeito. A proximidade com o momento do desmame invariavelmente conduz a discussão acerca da relação com o outro para um importante episódio da teoria lacaniana: a constituição do Eu via Estádio do Espelho. Texto este – “O Estádio do Espelho como fundador da função do Eu” (LACAN, [1949] 1998) – escrito e publicado dez anos após “Os Complexos Familiares” (LACAN, [1938] 2008).

Esses dois textos mantêm uma conversa direta, pois possuem a constituição do Eu como matriz comum. A diferença reside no fato de o segundo texto elucubrar acerca de uma antecipação da imagem corporal por intermédio de um outro, que no caso do bebê é a mãe. É a partir da imagem unificada proveniente do outro que o sujeito se apreende enquanto corpo unificado. Isto é, o sujeito permanece alienado na imagem especular. Já o primeiro texto revela o quão necessária é a figura do irmão como responsável pelo rompimento da relação imaginária do bebê com a mãe, obrigando-o a se constituir enquanto Eu a partir de um novo registro. Esta é a grande característica desse complexo. O irmão não é apenas um intruso com conotação negativa, pois ele é o agente que força novas identificações e novos arranjos subjetivos no sujeito. De acordo com Kehl (2000), “(...) o irmão força o rompimento da prisão especular daquele que até então se via como *idêntico a si mesmo* – como objeto do desejo materno ou como sujeito identificado ao traço instituído pelo nome do pai (...)” (p. 36).

### **“DOIS IRMÃOS” E A DEMANDA IDENTIFICATÓRIA COM O INTRUSO**

Até agora apresentamos um apanhado acerca da apreensão da figura do irmão e da relação fraternal para a psicanálise, ressaltando a importância desse outro para a constituição do sujeito. Todo este apanhado teórico fora realizado com o intuito de

fornecer um sólido lastro para discutirmos a questão fraterna em um texto literário. Para tanto, escolhemos o fabuloso romance “Dois Irmãos” do escritor amazonense Milton Hatoum cuja trama gira em torno de dois irmãos gêmeos univitelinos desde a sua infância até a idade adulta. Do romance utilizaremos apenas um recorte que nos possibilite enxergar com clareza a hipótese freudiana do irmão como intruso e o quanto isto é determinante para a virada do relacionamento deles.

Podemos localizar na infância a fase na qual a dinâmica de identificação e ciúmes típicas do Complexo de Intrusão se mostram sem grandes disfarces. É importante salientarmos que, apesar do relacionamento entre os gêmeos nunca ter sido amistoso, durante a infância ele ainda não possuía as cores do ódio da fase adulta. Todo esse panorama pode ser percebido se observarmos as brincadeiras infantis dos irmãos. Os dois disputavam tudo. A todo momento Omar (o gêmeo caçula) desafiava Yaqub como, por exemplo, nos momentos nos quais os dois subiam nas árvores. Enquanto o Caçula disparava rumo aos galhos mais altos, Yaqub “se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14).

Percebe-se que a todo momento existia uma espécie de competição. Ambos se desafiavam a realizar determinadas tarefas. Aliás, Omar – cômico das limitações de seu irmão – era o desafiante que instava Yaqub a tentar supera-lo ou, pelo menos, iguala-lo para depois comprazer-se ao desdenhar da derrota do irmão. Yaqub se ressentia pelas derrotas e por suas limitações. Pois, “(...) fôlego ele não tinha para acompanhar o irmão. Nem coragem. Sentia raiva, de si próprio e do outro (...). Sentia raiva de sua impotência (...)” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14). É neste momento que enxergamos um lampejo de inveja e de ciúme.

Expliquemos o motivo de trazer a baila o sentimento de ciúme. Durante as traquinagens infantis, o Caçula gozava da potência de suas habilidades – fomentando, assim, a inveja de Yaqub – assim como figurava como o filho favorito e, por isso, mais mimado e desejado por Zânia, sua mãe. É esta condição de maior proximidade e enlaçamento com um outro, no caso a mãe, que permite o uso do termo ciúme. Caso contrário, estaríamos apenas circunscritos a ceara da inveja.

Voltemos ao caso dos dois irmãos. Yaqub “queria brigar como ele, sentir o rosto inchado, o gosto de sangue na boca, a ardência no lábio estriado, na testa e na cabeça

cheia de calombos; queria correr descalço, sem medo de queimar os pés nas ruas de macadame (...)” (HATOUM, [2000] 2006, p. 14-15). Mas não conseguia. Tinha de reconhecer seus limites, pois, apesar de partilhar o mesmo rosto com o irmão, não partilhava suas habilidades. O irmão mais velho sente-se inferiorizado diante da força e do ímpeto do irmão poucos minutos mais novo.

O que fora descrito acima funciona como uma espécie de preâmbulo onde, se olharmos atentamente, podemos perceber que o jogo de forças entre os dois irmãos já continha o germe do sentimento de ódio responsável por alimentar a contenda futura. Defendemos a hipótese da ira entre os irmãos ser liberada a partir do momento em que um objeto de amor, desejado por ambos, entra em cena: Lívia, a menina loira sobrinha da família Reinoso.

Até então, eles contavam treze anos. Para Yaqub, esta idade representava uma marca divisória, pois “era como se a infância tivesse terminado no último baile no casarão dos Benemou” (HATOUM, [2000] 2006, p. 15). Partamos ao primeiro tempo da tragédia. Yaqub tinha a intenção de comemorar a festa de carnaval ao lado de Lívia no baile dos adultos, porém sua mãe interrompe momentaneamente seus planos ao pedir-lhe para conduzir Rânia – sua irmã – para casa, podendo retornar depois de concluída a tarefa. A volta ao baile fora apressada e desejosa pelo reencontro com a menina aloirada com lábios pintados de batom e os cabelos trançados adornados por lantejoulas. Porém esse retorno é marcado por um sentimento de angústia e perda, deixando-o “(...) trêmulo ao reconhecer o cabelo e o rosto semelhantes ao dele, pertinho do rosto que admirava” (HATOUM, [2000] 2006, p. 15). A cena é tomada por fumos inquietantes na medida em que Yaqub se defronta com o enlace por ele imaginado, mas quem ocupara seu lugar fora seu duplo, Omar. Diante do ocorrido, “Yaqub ensombreceu” (HATOUM, [2000] 2006, p. 16), mas suplantou o aflorar de qualquer sentimento, recolhendo-se calado ao seu quarto.

Ao retornar da festa, Omar desfila seu orgulho de conquistador. Ele adentra o quarto do irmão e realiza o mesmo movimento de escárnio de quando o irmão estancava em um galho mais baixo das árvores enquanto o Caçula se empoleirava na parte mais alta. Ele parece vangloriar-se por meio do olhar dirigido ao corpo do irmão deitado e entregue ao sono enquanto ele ainda portava no corpo os resquícios da festa e do enamoramento com Lívia. Inicia-se, portanto, uma disputa para além daquelas traquinagens infantis cujo ápice veremos agora.

Adentramos, assim, no segundo tempo da relação fraterna no qual ódio se transforma em um motor para a deflagração de um ato violento endereçado ao outro. No último sábado de cada mês, Estelita Benemou realizava uma sessão de cinema destinada as crianças do bairro no porão de sua casa. Todas as crianças dos arredores participavam, inclusive os gêmeos. Para a festa, os irmãos “usavam um fato de linho e uma gravatinha-borboleta; *saíam iguais* [grifo nosso], com o mesmo penteado e o mesmo aroma de essências do Pará borrifado na roupa” (HATOUM, [2000] 2006, p. 20). O que os diferenciava? O que os caracteriza como sujeitos distintos? Imagetivamente, nada. Mais do que nunca, eles eram a imagem especular um do outro.

Neste dia o sentimento de ciúme ficara a cargo de Omar. Lívia direcionava olhares para ele, mas também ao irmão, deixando-o ressentido com a não exclusividade de seus carinhos depois do ocorrido no baile de carnaval. Para a fúria do Caçula, a menina ainda aceitara sentar-se na cadeira gentilmente reservada por Yaqub a seu lado. Aqui nos deparamos com uma dado novo, pois Lívia parecia jogar com ambos os irmãos, direcionando olhares e sorrisos para cada um dos dois. Seus encantos não passavam impunes entre os demais garotos da vizinhança, “mas ela gostava mesmo era dos gêmeos; olhava dengosa para os dois; às vezes, quando se distraía, olhava para Yaqub como se visse nele alguma coisa que o outro não tinha” (HATOUM, [2000] 2006, p. 21).

A sessão de cinema fluía normalmente até o momento em que um problema no gerador interrompe a sucessão de imagens, obrigando alguém a abrir uma janela para que o ambiente se iluminasse. Das trevas que reinaram no porão no curto intervalo entre o apagão e a abertura da janela emerge uma cena que chocaria Omar: um cálido beijo de Lívia no rosto de Yaqub. A cena vindoura se sucedeu em um átimo: “o barulho das cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula” (HATOUM, [2000] 2006, p. 22).

Omar desferira um golpe no rosto de Yaqub usando o gargalo de uma garrafa quebrada, rasgando-lhe um semicírculo em uma das faces. Hatoum ([2000] 2006) equipara o crescimento e a aparição do ferimento com o aflorar de um sentimento até então não nominado e supostamente desconhecido, conscientemente. O autor afirma que “a cicatriz já começava a crescer no rosto de Yaqub. A cicatriz, a dor e algum

sentimento que ele não revelava e talvez desconhecesse. Não tornariam a falar um com o outro” (HATOUM, [2000] 2006, p. 22)

Este é o momento de corte. Se antes a relação dos irmãos era claudicante e flertava entre o ódio, a inveja e o ciúme, agora está rompida de uma vez. O golpe deflagrado contra Yaqub não alvejara apenas seu rosto, mas a relação de ambos, expondo, metaforicamente, tudo o que se ocultava no interior de cada um. O ódio se sobrepõe a relação fraternal, de uma vez por todas.

Logo acima, localizamos a entrada de uma terceira pessoa na relação como o ponto-chave para a virada na relação dos irmãos. Aqui não se trata de Zana, a mãe que sustenta uma relação quase simbiótica com o filho mais novo. Até porque a união com esta já fora para sempre vetada por conta da introjeção da lei paterna pela via da castração. Portanto, a perda do objeto de desejo – que primordialmente é a mãe – tem de ser elaborada e em seu lugar depositado um novo objeto: o objeto de amor, Lívia. A partir da aparição da garota no livro, o que antes se resumia a uma relação fraternal febril, passa, assim, a receber as cores do ódio, do ciúme desenfreado e da frustração.

Obviamente que os irmãos possuem um arranjo psíquico diferente daquele presente no sujeito que vivencia as etapas da constituição do Eu descritas no episódio do Estádio do Espelho e no Complexo da Intrusão. Aos treze anos de idade, eles já vivenciaram os conflitos edípicos e dele saíram com a marca da castração, passaram pela latência e encontram-se na revivescência daqueles conteúdos agora na adolescência. Os personagens da trama de Milton Hatoum não são duas crianças pequenas que precisem apelar para a fantasia de onipotência para obliterar qualquer tipo de ameaça, mas dois adolescentes plenamente capazes de direcionar ao outro qualquer tipo de ato que visasse sua destruição.

Diante deste panorama, aventamos a possibilidade dos gêmeos estarem enfrentando uma espécie de revivescência de alguns dos conflitos presentes no Complexo de Intrusão deslocados para a adolescência no que concerne ao embate pela restauração da posse do objeto amado. Porém, o irmão que antes antecipara uma função, agora desponta como aquele que ameaça a própria integridade do Eu.

A ameaça infligida pelo irmão funciona tal qual aquela proveniente do duplo como aponta Freud no texto “O Inquietante” (FREUD, [1919] 2011). Este caráter ameaçador pode ser entendido como uma constante na trama tendo em vista que ele não assombra apenas a Yaqub, mas também, Omar. Trata-se de um temor mútuo.

Prova disso eram as constantes tentativas de demonstrar sua superioridade em relação ao irmão. Isto é, o esforço contínuo em vencer aquele duplo, explicitando seu fracasso.

O que percebemos diante da conturbada relação dos gêmeos é o modo como eles se parecem intrusos da própria imagem. Não é apenas um outro mais novo que demanda cuidados como no Complexo de Intrusão descrito por Lacan, mas um outro muito parecido, igual ao Eu, um duplo que parece querer usurpar tudo o que é do Eu por direito. Por isso a passagem ao ódio desenfreado como uma tentativa de afastá-lo e destruí-lo. O irmão, duplo por excelência, passa a significar a tentativa de apossar-se de identidade do Eu enquanto seu homônimo. O que poderia remeter a continuidade ou uma garantia narcísica, passa a remeter a cobiça quanto a posse do objeto amado e a perda da unidade do Eu. Daí o corte!



## REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1919) “*Batem numa criança*”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1920) *Além do Princípio do Prazer*. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1908) *Sobre as teorias das crianças*. In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. (1917) *Uma recordação de infância em Poesia e Verdade*. In Obras Compelas, volume 14: História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KEHL, M. R. *Função Fraternal*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- LACAN, J. (1949) *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica*. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1938) Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

# IDENTIFICATION AND HATE IN “TWO BROTHERS” BY MILTON HATOUM

## ABSTRACT

The present work aims to discuss the fraternal question in a cut in the novel "Dois Irmãos" by Milton Hatoum. In order to do so, we make a bibliographical survey of the work of Freud and Lacan in order to compose a panorama about the way both authors understand the fraternal question and establish a dialogue with the literary work of the Amazonian writer.

**KEYWORDS:** Literature. Psychoanalysis. Identification. Hate. Fraternal Question.

# IDENTIFICATION ET HAINE DANS LES “DEUX FRÈRES” DE MILTON HATOUM

## RÉSUMÉ

Le present travail vise à discuter de la question fraternele au moyen de l'identification dans um extrait du roman “Deux Frères” de Milton Hatoum. Pour cela, nous avons réalisé unde enquête bibliographique sur l'œuvre de Freud et Lacan afin de composer um panorama de la manière dont les deus auteurs appréhendent la question fraternele el établissent um dialogue avec l'œuvre littéraire de l'écrivain amazonien.

**MOTS-CLÉS:** Littérature. Psychanalyse. Identification. Haine. Question Fraternele.

RECEBIDO EM 23/04/2021

APROVADO EM 10/11/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

# A AUTOFICÇÃO COMO ESCRITA DE SI: APROXIMAÇÕES ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE

Angela Teresa Nogueira de Vasconcelos<sup>1</sup>

Eliane Vasconcelos Diógenes<sup>2</sup>

## RESUMO

A escrita de si surgiu como um fenômeno literário típico da modernidade, onde as fronteiras entre ficção e realidade se esvanecem, produzindo narrativas que dão voz a um eu que fala a partir de uma afirmação pessoal. Neste artigo, apresentamos uma aproximação entre literatura e psicanálise, considerando tratar-se de duas produções humanas que têm em comum a palavra como matéria prima, a possibilidade de produzir narrativas do eu e a insuficiência de apreender por completo a linguagem. A partir da obra do escritor Julián Fuks, abordamos a relação entre a autoficção enquanto produção literária e a narrativa ficcional que é própria de cada sujeito na busca de contorno e sustentação de sua singularidade, tal como se depreende da psicanálise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si. Autoficção. Psicanálise. Julián Fuks.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7). E-mail: [angelanogueiravasconcelos@gmail.com](mailto:angelanogueiravasconcelos@gmail.com) Telefone: 85 99902-1325. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2283-9830>.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora dos cursos de Cinema e Audiovisual e de Psicologia de Fortaleza. E-mail: [elianevd@uol.com.br](mailto:elianevd@uol.com.br) . Telefone: 85 99174-8046. <https://orcid.org/0000-0003-1507-8046>.

## **INTRODUÇÃO – LITERATURA E PSICANÁLISE**

As aproximações entre literatura e psicanálise apontam, desde Freud, caminhos luminosos, mas ao mesmo tempo sinuosos, de uma tentativa de cotejar duas produções humanas que têm em comum, além da palavra como matéria prima, a insuficiência de apreender por completo a linguagem. Essa insuficiência, contudo, ao contrário de consistir em fracasso, torna-se justamente a mola propulsora da busca incansável de sentido que o homem faz desde que passou a indagar sobre as questões inerentes ao que há de belo e trágico na vida.

Se a literatura é, para a psicanálise, ao mesmo tempo luz e enigma, é porque ao tocar em questões que vão desde o interesse pelo ato criativo até a pesquisa dos efeitos desta arte sobre o leitor, ela lança lampejos de decifração, ao mesmo tempo em que sempre deixa algum mistério remanescente.

O tema literário perpassa toda a obra de Freud. Pode-se dizer que parte da psicanálise tem origem no interesse de seu criador pela literatura e que esta também serviu de suporte para as elaborações teórico-clínicas que constituem o seu escopo.

Um dos trabalhos mais conhecidos de Freud sobre a relação entre literatura e psicanálise está em *O poeta e o fantasia* (1908). Neste texto, encontra-se uma espécie de teoria geral sobre a criação literária, articulando-a com o brincar infantil e o devaneio (ou sonho diurno). Para Freud, o brincar, o fantasiar e o criar têm a mesma fonte e a mesma função. Além disso, deste texto apreende-se que todo homem teria a capacidade poética de criação: ao sonhar (dormindo ou acordado), o homem cria uma narrativa, composta de imagens e palavras; ao brincar, a criança cria seu mundo próprio, comportando-se como um poeta. Nesta perspectiva, uma das funções da criação poética é proteger o homem da realidade, é oferecer um conserto da realidade a fim de suavizar os efeitos da tragicidade da vida pela beleza do ato criativo.

Quanto à fonte da criação poética, esta é uma das principais questões que Freud apresenta neste trabalho: de onde o poeta extrai os seus temas para inventar tantos mundos? Embora não responda de forma definitiva a esta indagação, Freud entende que é de suas próprias vivências que o poeta retira o material que vai desembocar no ato criativo e isto se daria a partir de uma modificação produzida pela fantasia. Ao transformar em palavras suas fantasias, o escritor consegue transformar

em coletiva uma fantasia que era individual e produzir nele próprio um apaziguamento de tensões psíquicas, além de uma experiência prazerosa no leitor.

Desde os primeiros estudos de Freud sobre os escritores e o ato criativo, criou-se uma tradição na relação entre psicanálise e literatura de ver nos romances algo como projeções dos escritores nos seus escritos. Diz Freud ([1908] 2005, p. 123): “O romance psicológico deve a sua especificidade inteiramente à inclinação do autor moderno em dividir o seu eu por meio da auto-observação em eus parciais e em consequência disso personifica a avalanche de conflitos de sua vida psíquica em muitos heróis”. Por esta perspectiva, o romance é, de algum modo, sobre o autor, e vemos, até hoje, toda uma tradição da crítica literária de tentar ver no personagem algo do escritor. Parte da crítica literária do século XX vai se opor a esta visão. Ao mesmo tempo, é talvez no século XX que se observa a maior profusão de obras caracterizadas como “escritas de si”, termo que caracteriza “a narrativa em que um narrador em primeira pessoa se identifica explicitamente como o autor autobiográfico, mas vive situações que podem ser ficcionais” (ARAÚJO, 2011, p. 8).

### **A ESCRITA DE SI COMO NARRATIVA DO EU**

A escrita de si, considerada não exatamente como gênero literário, mas como um fenômeno literário típico da pós-modernidade, aponta para uma modalidade de escrita que destaca uma tentativa de dar voz a um eu que fala a partir de uma afirmação pessoal (ARAÚJO, 2011).

Nesta modalidade de escrita, destacamos duas categorias de narrativa, cujas referências teóricas são Philippe Lejeune, que se dedica à autobiografia, e Sergei Doubrovski, que desenvolveu o conceito de autoficção.

### **PHILIPPE LEJEUNE E O PACTO AUTOBIOGRÁFICO**

Em 1971, Lejeune publicou *L'autobiographie em France*, seu primeiro livro dedicado ao tema autobiografia. Nessa obra, ele examina textos autobiográficos para compreender seu modo de constituição. Em 1975, o autor lançou o ensaio *Le pacte autobiographique*, que é considerado um marco fundamental no debate acerca do tema autobiografia. Isso porque ele dá um passo importante na tentativa de teorizar esse gênero discursivo bastante criticado e rechaçado no meio acadêmico.

(NORONHA, 2014). Nesse ensaio, Lejeune ([1975] 2014a, p. 16) retoma a definição de autobiografia elaborada no livro anterior: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Vale a pena sublinhar que a palavra “autobiografia” surge na Inglaterra no início do século XIX.

Isto posto, destaca-se que a linguagem da autobiografia é a prosa; o assunto tratado é a vida particular de uma pessoa real, a história da sua personalidade, e a narrativa se constrói no modo da retrospectiva. (LEJEUNE, [1975] 2014a).

Lejeune ([1975] 2014a) se empenha em delimitar, especificar a autobiografia como um tipo de gênero literário distinto dos gêneros vizinhos (memórias, biografia, romance pessoal, poema autobiográfico, diário, autorretrato, ensaio). Ele reconhece a inserção dos fragmentos da literatura íntima (memórias, diário, autorretrato) na composição da autobiografia.

O autor destaca: “para que haja autobiografia é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem”. ([1975] 2014a, p. 18). O nome próprio do autor se inscreve como marca essencial, pois ele assume a responsabilidade da enunciação do texto. “O lugar concedido a esse nome é capital: ele está ligado, por uma convenção social, ao compromisso de responsabilidade de uma pessoa real”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 27). O leitor da autobiografia exalta a existência do autor, pois a vinculação entre autor, narrador e personagem é crucial na narrativa autobiográfica. A identidade narrador-personagem principal é geralmente estabelecida pelo emprego da primeira pessoa; o narrador e o personagem principal se fundem na primeira pessoa. “A autobiografia não é um jogo de adivinhação, mas exatamente o contrário disso.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30). Eis o “espaço autobiográfico”.

Lejeune ([1975] 2014a) nota que a noção de identidade (autor-narrador-personagem) não significa semelhança. A identidade opera no plano da enunciação, o que causa cisão entre identidade e semelhança.

De acordo com Lejeune ([1975] 2014a), o romance autobiográfico (ficção) se diferencia da autobiografia, porque o leitor do romance autobiográfico não associa a identidade do autor com a identidade do narrador ou do personagem. O ponto fundamental, que distingue esses dois tipos de texto é o “pacto autobiográfico”, que é “a afirmação, no texto, dessa identidade (autor-narrador-personagem),



remetendo ao nome do autor, escrito na capa do livro”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30).

O pacto autobiográfico consiste no contrato estabelecido entre autor e leitor baseado nos indícios, por meio dos quais o autor atesta a autenticidade da narrativa. As formas do pacto autobiográfico são variadas, porém a intenção do autor em honrar sua assinatura é medular. “O leitor pode levantar questões quanto à semelhança, mas nunca quanto à identidade.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 30-31). Esses indícios podem ser encontrados no título do livro (*História de minha vida, Autobiografia* etc.), no prefácio, no qual o autor garante a legitimidade da narrativa, e no decorrer da narrativa, na qual a identidade autor-narrador-personagem se manifesta. (LEJEUNE, [1975] 2014a).

O pacto romanesco se diferencia do pacto autobiográfico, porque a identidade autor-narrador-personagem é dissolvida, o que indica a condição ficcional da narrativa. Às vezes, o romance imita formas de literatura íntima (memórias, cartas, diários). (LEJEUNE, [1975] 2014a, [2005] 2014b).

Lejeune ([1975] 2014a) aponta afinidades e diferenças entre autobiografia e biografia. Uma dessas diferenças está na configuração do personagem principal, porque, na autobiografia, o personagem principal brota da identidade autor-narrador-personagem, enquanto, na biografia, o personagem principal é o outro, uma outra pessoa. Quanto a afinidades, eles são textos referenciais, pois “eles se propõe a fornecer informações a respeito da realidade externa ao texto e a se submeter, portanto, a uma prova de verificação [...] não o efeito de real, mas a imagem do real”. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 43). A biografia e a autobiografia celebram o pacto referencial, porém, no caso da autobiografia, a verificação das informações se revela difícil por se tratar da intimidade do autor, ao passo que, no texto biográfico, as provas de exatidão da narrativa são mais propícias à apresentação.

Na autobiografia, é indispensável que o pacto referencial seja firmado e que ele seja cumprido, mas não é necessário que o resultado seja da ordem da estrita semelhança. O pacto referencial pode ser, segundo os critérios do leitor, mal cumprido, sem que o valor referencial do texto desapareça. (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 44).

Então, o essencial da autobiografia não está na relação de semelhança entre a referência extratextual e o texto, mas, sim, no “contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, contrato que determina o modo de leitura do texto”.

(LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 54). O espaço autobiográfico se constitui no pacto autobiográfico. “O gênero autobiográfico é um gênero contratual.” (LEJEUNE, [1975] 2014a, p. 53). A autobiografia se define pelo efeito contratual, que é historicamente variável.

### SERGEI DOUBROVSKI E A AUTOFICÇÃO

Em 1977, Serge Doubrovsky lançou a invenção do neologismo *autofiction*, fusão entre autobiografia e ficção, na capa de seu romance *Fils*. Na crítica literária francesa, a expressão “autoficção” suscita embates calorosos; em compensação, na cultura em geral, ela se espalha sem resistências, tornando-se cada vez mais popular. O termo “autoficção” se propaga, ganha força de circulação na medida em que consegue nomear narrativas marcadas pela miscigenação entre autobiografia e ficção. Essa movimentação cultural se coloca em contraposição à tese de Philippe Lejeune, que tanto preza a cisão entre autobiografia e ficção. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

O que nos anos 1970 começou com o registro simples de um autor no esforço de definir seu próprio, híbrido romance (intitulado *Fils*), traduziu-se como uma espécie de *nouvelle vague*, um sopro a mais no contexto das neovanguardas. Passadas as décadas, o termo, no entanto, permanece teoricamente *flo*, ou seja, nebuloso e controvertido. Estudos literários na França avançam e regridem no longo processo de inscrição do neologismo como gênero, sem uma definição clara dos limites entre a autobiografia, tão precisamente circunscrita pelo teórico Philippe Lejeune, e a chamada autoficção. (HIDALGO, 2013, p. 219).

Em contraposição à tese de Philippe Lejeune, que tanto preza o pacto autobiográfico, a definição de autoficção indica a mestiçagem entre a verdade de si e a ficção, entre o autobiográfico e o ficcional. A expressão autoficção nos remete ao romance autobiográfico nominal, também nomeado de romance pessoal ou o romanesco íntimo. Enquanto a teoria da literatura critica o uso dessa expressão pelo fato de não possuir fundamentação teórica convincente e consistente, os artistas contemporâneos festejam a invenção dela. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

Em sucessivas reflexões sobre a definição de autoficção, Sergei Doubrovsky nos aponta um espaço textual marcado pela encruzilhada entre a autobiografia, em que faltam complexidade, ambiguidade e aventura da linguagem, e o romance, em

que faltam valores referenciais; trata-se de uma criação textual híbrida, que se coloca na fronteira entre texto autobiográfico e literário. Desse modo, o texto apresenta os seguintes traços: inovações formais na construção da narrativa, complexidade narrativa, fragmentação, reconfiguração do tempo linear, alteridade, falta de unidade, lacunas, paradoxos, autocomentários, engajamento do autor no relato, metadiscurso. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

A autoficção é uma produção pós-moderna da autobiografia, na medida em que não persegue a verdade factual nem a coerência histórica. O desejo autobiográfico está visceralmente articulado com a estética da narrativa. Na verdade, são romances com algumas nuances autobiográficas. (FIGUEIREDO, 2010; HIDALGO, 2013).

Sobre a possibilidade de uma linha concreta a separar autoficção e autobiografia, Serge Doubrovsky a apaga de vez: [...] toda autobiografia é uma forma de autoficção e toda autoficção é uma variante da autobiografia. Não há separação absoluta. A autoficção é a forma romanesca utilizada pelos escritores para se narrarem, desde meados do século XX até o início do século XXI. (DOUBROVSKI, 2005, p.211-212 apud HIDALGO, 2013, p. 223).

Comparando romance autobiográfico, autobiografia e autoficção, Faedrich (2015) propõe que a autobiografia se sustenta pelo princípio da veracidade, enquanto que a autoficção se orienta pelo princípio da ambiguidade, e o romance, pelo princípio da invenção.

A autora acrescenta que misturar realidade e ficção não é uma condição estrita à autoficção, visto que esta é uma característica encontrada em romances históricos e romances autobiográficos, por exemplo. A diferença essencial, aponta a autora, está em como isso é feito. Na autoficção, o apagamento dos limites entre o real e a ficção é intencional e visa confundir o leitor e provocar uma recepção contraditória da obra. Neste sentido, a ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é característica fundamental de uma autoficção, em que há tanto uma ambiguidade referencial (é ou não é o autor?) quanto de fatos (é verdade ou ficção?).

## **A AUTOFICÇÃO NA OBRA DE JULIÁN FUKS**

Apesar de ter sido laureado pelo Jabuti, em 2016, na categoria ficção, o livro *A Resistência* (Companhia das Letras, 2016), é frequentemente qualificado pelos

críticos literários como autoficção. A qualificação parece apropriada, na medida em se trata de um livro que “rompe com o princípio de veracidade” sem, contudo, “aderir integralmente ao princípio da invenção” (FAEDRICH, 2015, p.46).

A narrativa parte da memória pessoal – e também social e política – do narrador, que examina o passado e reescreve o seu próprio enredo familiar partindo da história de adoção de seu irmão mais velho. O irmão foi adotado durante a ditadura militar argentina por um casal de intelectuais que busca exílio no Brasil, onde nasce o narrador, Sebastián.

Em entrevista concedida a Ricardo Ballarín (2016) sobre sua obra, o próprio autor afirma que o conceito de autoficção, em específico, traz à tona algo do hibridismo dos nossos tempos, a impossibilidade de uma distinção precisa entre realidade e fabulação, entre memória e invenção.

Façamos agora um breve recuo na obra de Julián Fuks para falar de outro livro seu: *Procura do Romance* (Record, 2011). Protagonizado pelo mesmo personagem, Sebastián, a obra apresenta um escritor querendo escrever um romance e enfrentando a impossibilidade de narrar. O personagem principal retorna à Argentina para, no apartamento onde nasceu e viveu por alguns anos, procurar inspirações para o seu próximo romance. A presença no apartamento onde morou desencadeia uma série de pensamentos e mergulhos em sua memória. O personagem, que busca escrever o romance ideal, é constantemente invadido por suas próprias memórias. Isso o perturba, pois, ao vasculhar seus antigos lugares para recompor uma história pessoal, algo insiste em aparecer no seu texto, algo emerge à revelia do escritor: a história de quem se descobre, se estranha e se redescobre em cada palavra que vela e desvela. Neste livro de Julián Fuks, vemos um personagem aflito pela busca da palavra ideal, da palavra que cumpra o papel de narrar um bom romance, que possa narrar uma história que ele *não sabe* qual é.

São dois livros feitos de reminiscências, memórias, lacunas, reconstruções. Do personagem narrador e do próprio escritor. Sim, pois nestes livros, na convergência entre o fabuloso e o factual, escritor e narrador se confundem, se tocam, parecendo haver sempre a incidência de um sobre o outro, numa narrativa fascinante em que a ficção coteja a realidade.

E qual o papel das reminiscências, das memórias e das lacunas na construção do nosso mito individual? Lacan aponta que “somente a psicanálise

permite diferenciar, na memória, a função da rememoração. Enraizada no significante, ela resolve, pela ascendência da história no homem, as aporias platônicas da reminiscência” (LACAN, [1957-58] 1998, p. 523).

Quanto ao aspecto da construção, Freud já havia atentado para o fato de que é preciso, em análise, construir, junto com o analisante, aquilo que resta apenas como fragmentos, numa tentativa de reunir aquilo de que se está à procura (FREUD, [1937] 1996). Lacan, partindo dessa ideia freudiana, lembra que “o fato de que o sujeito revive, rememora, no sentido intuitivo da palavra, os eventos formadores da sua existência, não é, em si mesmo, tão importante. O que conta é o que ele disso reconstrói” (LACAN, [1953] 1985, p. 23). Ou seja, não importa tanto que o sujeito se lembre de algo como tendo sido verdadeiramente vivido, o essencial é reescrever a história.

Chegamos a um ponto onde a convergência entre literatura e ficção se tocam de forma que nos interessa nesta articulação: qual o lugar da verdade, da veracidade e da verossimilhança na narrativa literária e na narrativa do sujeito em análise?

Uma marca importante da psicanálise é a constatação de que nossas memórias não são confiáveis, elas são enganosas porque não trazem exatamente o que aconteceu de fato, e sim aquilo que queremos e podemos recordar, encontrando nos falseamentos uma oportunidade de vir à tona. (FREUD, [1937] 1996).

A verdade se funda na fala do sujeito. É uma verdade contida num saber que se anuncia apenas no campo da linguagem e que necessita da fantasia para emergir. A fantasia tem valor fundante e é a única realidade para o sujeito, pois ele constrói sua realidade pela via da fantasia, uma vez que ela amortece o choque que o encontro com o real produz no sujeito. Talvez nisso a literatura tenha muito a nos ensinar. O velamento que a palavra poética faz no real constitui as bordas, margens, invenções, criações, ficções para enquadrar o real, sem as quais o sujeito não suportaria viver. (BENIGNO, 2016)

A verdade, portanto, nunca poderá emergir para o sujeito, o que o leva a criar, inventar, construir uma ficção para si. E nisso a psicanálise se aproxima da criação poética da literatura, onde quase tudo pode ser ficcionado, sem compromisso com a veracidade. A psicanálise produz algo como o ato poético. Na fala do sujeito, isto é, nas suas palavras, a verdade pode ser veiculada em uma estrutura de ficção. (BENIGNO, 2016; LACAN, [1956-57] 1995)

Quanto à verossimilhança, aquilo que garante alguma coerência e credibilidade a uma história narrada, lembremos que, do ponto de vista psicanalítico, a ambiguidade e a imprecisão dos fatos narrados pelo sujeito são intrínsecas ao próprio discurso. Não se busca, na narrativa da análise, nenhuma coerência do texto. Se falta congruência, precisão, plausibilidade na fala do analisante, isso não invalida a autenticidade de sua narrativa.

Na escrita de Julián Fuks, há uma particularidade que chama atenção: o jogo narrativo entre a criação e o relato, muitas vezes poético, de suas próprias sensações, pensamentos, análises e vivências ao longo do ato de resistência que é escrever, um jogo em que coloca o leitor sempre sob suspeição acerca de quem é, afinal o narrador da história: Julián ou Sebastián? E é neste jogo que o escritor põe em questão a verossimilhança do seu discurso literário, ou, avancemos um pouco, do seu discurso de sujeito, um sujeito que escreve e pode se perder no sutil embaraço da linguagem. Vejamos o que o próprio autor diz sobre sua escrita na entrevista a Ballarín (2016):

Em *Procura do romance* há muito da minha trajetória pessoal, sim, há muito das minhas indagações e preocupações reais. É em parte a minha vida que se destrincha ali. Mas não sei se seria muito diferente se eu me ocupasse de criar lapsos maiores entre mim e meu personagem, se eu exacerbasse o lado ficcional da narrativa e me disfarçasse o máximo que conseguisse. Retorno, sem querer retornar, à velha concepção de que o escritor só escreve sobre si, concepção questionável que precisa ser matizada, mas que tem o seu momento de verdade.

A história do sujeito, a sua ficção, pode ser entendida como um modo de ele assumir seu lugar em sua verdade. É somente por meio de trabalho, de movimento, que o sujeito pode vir a encontrar sua verdade, forjando, assim, um lugar para si em uma história construída por ele mesmo, com suas próprias palavras, e não com as do Outro. A partir das recordações, é possível fazer dos vestígios, dos fragmentos, uma fantasia, um espaço composto narrativamente de modo a dar ao sujeito um lugar (BENIGNO, 2016). Ou seja, para a psicanálise, o sujeito se estrutura como ficção. Diz Lacan: “em toda ficção corretamente estruturada, pode-se constatar essa estrutura que, na própria verdade, pode ser designada como a mesma da ficção (...). A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (LACAN, [1956-57] 1995, p. 259).

Assim, poderíamos tomar um verso de Manoel de Barros para ilustrar isso que a psicanálise subverte: “tudo o que não invento é falso”. Ou seja, em última instância, somos todos ficcionistas. Nossas lembranças são formadas sem que haja um compromisso com a exatidão dos fatos; a própria memória é uma forma de

imaginação, uma ficção que reescreve os vestígios deixados, enquanto a imaginação, por mais criativa que seja, procede da lembrança daquilo que não necessariamente se produziu. “Qualquer memória é uma ficção, qualquer construção de uma história acaba inevitavelmente incidindo numa ficção”, disse Julián Fuks na entrevista já citada.

Lacan destaca que é por meio do deciframento do que ele chama de “semântica psicanalítica”, ou seja, lapsos, sonhos, atos falhos, etc., “(...) que o sujeito recupera, com a disposição do conflito que determina seus sintomas, a rememoração de sua história” (LACAN, [1960] 1998, p. 335). Pode-se dizer que no processo de análise, o sujeito, provocado por esta semântica psicanalítica, rememora a própria história, preenchendo lacunas, restabelecendo uma ordem que lhe dê algum sentido. (BENIGNO, 2016)

O trabalho de construção de uma ficção só pode ser empreendido pelo próprio sujeito, a partir de fragmentos de sua própria história, como resultado das inúmeras tentativas de produções de sentido a partir de lembranças, invenções, construções e reconstruções que são resultado de sua apropriação da linguagem. No Seminário 1, Lacan propõe que “o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais” (LACAN, [1953] 1985, p.22).

Em busca da história ideal para a escrita de um livro, Sebastián desembocará na escritura de seu romance familiar (usando aqui a expressão freudiana), ou seja, a *Procura do Romance* irá conduzir a alguma possibilidade de contorno de sentido em *A Resistência*. O narrador constrói paradoxalmente uma narrativa de si mesmo, inscrevendo-se como continuidade da história dos pais, preenchendo as lacunas que o passado deixou pendentes. É aí que o narrador vai apresentar indagações que a literatura traz desde sempre, questões sobre as quais o homem se interroga desde que começou a pensar sobre si: a origem, o pertencimento, a estranheza, a morte, o desamparo, a angústia. E estas são, em última instância, as questões que faz um analisante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – PSICANÁLISE E LITERATURA

Linguagem, palavra, discurso, narrativa: o que há de comum entre a psicanálise e a literatura? Reminiscências, memorações, construções, reconstruções, escritura, reescritura, procura, resistência: o que há de comum entre a narrativa do analisante e a narrativa do escritor? Verdade e autoficção: o que a psicanálise tem a ver com isso?

No campo da psicanálise, falar de autoficção constitui uma redundância, na medida em que nos tornamos sujeitos através da invenção de um romance sobre nós mesmos, cuja criação está intimamente relacionada com a linguagem, ou seja, o sujeito cria sua própria história com base na vinculação que estabelece com a linguagem e é esse processo que permite a ele fazer-se alguém e chegar a algo de sua verdade. Verdade que é, em última instância, uma criação. Somente pela via da invenção é possível dar um sentido para a própria existência. Essa narrativa *ficcional* é fundamental para o sujeito, uma vez que sem ela ele perderia os contornos do *eu* que lhe dão sustentação, se desintegraria. Assim, cada um de nós possui um texto interno, complexo, consciente ou inconsciente, produzido por outras leituras/escrituras, por mitos familiares, de qualquer forma presos ao discurso do Outro, ao discurso familiar.

A narrativa que nos define enquanto sujeitos depende da construção de um discurso que se apoia em reminiscências, escora-se no escorregadio tecido da memória, firma-se sobre lembranças fugidias, encontra-se com palavras inventadas, ancora-se em tentativas de contornos, esbarra na resistência e muitas vezes repousa sobre o indizível.

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda realidade chegou ao homem, e é por seu ato contínuo que ele a mantém (LACAN, [1953] 1998, p. 323).

A insuficiência da língua para abranger o campo do significante, tanto na narrativa do analisante como na narrativa literária, depara-se com o fracasso do sujeito em dominar a palavra, pois é a palavra que domina o escritor. Para Julián Fuks, trata-se de um fracasso inerente à escrita: “(...) me referia, sobretudo, ao fracasso incontornável de toda escrita, à deturpação que lhe é própria, à impossibilidade de



cumprir um programa prévio, à inacessibilidade absoluta da experiência. Nisso a literatura fracassa sempre, e esse talvez seja seu maior valor” (Ballarine, 2016).

É esse também o grande valor da psicanálise, a grande invenção freudiana: constatar que é no fracasso da insuficiência de tudo dizer, que o inconsciente emerge e que o sujeito se encontra com a sua verdade.

**REFERÊNCIAS:**

ARAÚJO, P. G. *Trato desfeito: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira*. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BALLARINE, R. Julián Fuks: A melhor maneira de resistir aos fatos é começar por assumi-los sem meias palavras. *Blog Capítulo Dois*. 22 dez. 2016. Disponível em <https://capitulodois.com/2016/12/22/julian-fuks-a-melhor-maneira-de-resistir-aos-fatos-e-comecar-por-assumi-los-sem-meias-palavras/>. Acesso em: 16 ago. 2018.

BENIGNO, L. *Sobre o eu em psicanálise: a tecedura de uma ficção*. 2016. 105 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, 2016.

FAEDRICH, A. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. *Revista Letrônica*, v. 4, n. 1, p. 181 - 195, junho, 2011. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucls.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FIGUEIREDO, E. Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho. *Criação e crítica*, Revista do Departamento de Letras Modernas, n. 4, p. 91-102, abr. 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46790>>. Acesso em: 3 ago. 2016.

FREUD, S. (1908). *O poeta e o fantasiar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_ (1937) *Construções em análise*. vol. XII

FUKS, J. *Procura do Romance*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FUKS, J. *A resistência*. São Paulo: Companhia da Letras, 2015.

HIDALGO, L. Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. In: *Alea*, Revista de Estudos Neolatinos, v. 15/1, p. 218-231, jan-jun 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33027017014>. Acesso em: 15 mai. 2016.

LACAN, J. (1953). *O seminário – livro 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1955). Variantes do tratamento-padrão. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-57). *O seminário – livro 4 – A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-58). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEJEUNE, P. (1975). O pacto autobiográfico. In *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.

\_\_\_\_\_ (1975). Autobiografia e ficção (2005). In *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

NORONHA, J. Apresentação. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita M. G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

# **AUTOFICTION AS A SELF-WRITING: APPROACHES BETWEEN LITERATURE AND PSYCHOANALYSIS**

## **ABSTRACT**

Self-writing emerged as a literary phenomenon typical of modernity, in which the frontiers between fiction and reality reduce and it produces narratives that give voice to a self that speaks from a personal statement. In this paper, we present and approximation between literature and psychoanalysis, considering that these are two human productions that have in common the word as raw material, the possibility of producing narratives of oneself and the insufficiency of fully understanding of the language. Based on the work of Julián Fuks, we approach the relationship between autofiction as a literacy production and the fictional narrative that is specific to each subject in the search for contour and support for their singularity, as can be seen from psychoanalysis.

**KEYWORDS:** Self-writing. Autofiction. Psychoanalysis. Julián Fuks.

# L'AUTOFICTION COMME ÉCRITURE DE SOI: APPROXIMATIONS ENTRE LITTÉRATURE ET PSYCHANALYSE

## RÉSUMÉ

L'écriture personnelle est apparue comme un phénomène littéraire typique de la modernité, où les frontières entre fiction et réalité s'estompent, produisant des récits qui donnent voix à un moi qui parle à partir d'une affirmation personnelle. Dans cet article, nous présentons une approximation entre la littérature et la psychanalyse, tenant compte que ce sont deux productions humaines qui ont le mot, comme matière première, en commun, la possibilité de produire des récits de soi et l'insuffisance de la compréhension complète du langage. À partir du travail de l'écrivain Julián Fuks, nous abordons la relation entre l'autofiction en tant que production littéraire et le récit fictif propre à chaque sujet dans la recherche de contour et de soutien de sa singularité, comme le montre la psychanalyse.

**MOTS-CLÉS:** Auto-écriture. L'autofiction. Psychanalyse. Julián Fuks.

RECEBIDO EM 10/04/2021  
APROVADO EM 10/11/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista  
<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)  
Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

## RESENHA:

### A HISTERIA REVISITADA: HISTORICIDADE, DIAGNÓSTICO E CLÍNICA

JORGE, Marco Antonio Coutinho e TRAVASSOS, Natália Pereira. HISTERIA E SEXUALIDADE: Clínica, estrutura, epidemias. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.p.192.

**Carla Cristina Braga Valota Esteves<sup>1</sup>**

**Tiago Ravello<sup>2</sup>**

**Adriana Rita Sordi<sup>3</sup>**

Em “Histeria e Sexualidade”, segundo livro da trilogia sobre a sexualidade contemporânea, os autores Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos apontam para uma perspectiva psicanaliticamente rigorosa entre esses temas no que se refere às estruturas de base para a constituição psíquica do ser falante e a posição discursiva fundamental do sujeito no mundo. A psicanálise foi inaugurada nos alicerces da histeria cujas manifestações trouxeram à baila o funcionamento do inconsciente para cena analítica, e posteriormente, pôde ser compreendida como uma psicopatologia da vida cotidiana, dissolvendo, assim, a ideia de uma afecção patologizante.

Para a psicanálise a histeria tem um valor teórico e social em sua própria história, ou melhor, da historicidade do inconsciente. Suprimida pela psiquiatria

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Psicanalista em formação, membro fundador do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: [carlavalota@yahoo.com.br](mailto:carlavalota@yahoo.com.br). Telefone: 67 999473110. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5063-367X>

<sup>2</sup> Psicólogo. Psicanalista, membro do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: [tiagoravello@yahoo.com.br](mailto:tiagoravello@yahoo.com.br). Telefone: 67 981531180. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1723-9793>.

<sup>3</sup> Psicóloga. Psicanalista em formação, membro do núcleo Dourados – MS. Escola de Psicanálise do Corpo Freudiano. E-mail: [drisordi@hotmail.com](mailto:drisordi@hotmail.com). Telefone: 67 996347018. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4064-210X>

contemporânea, os autores fazem questão de traçar um panorama histórico instigante ao longo das diferentes épocas, se valendo da expressão dada por Freud em 1888, Epidemias da Histeria, e, anunciam uma nova roupagem assumida na virada do milênio: a histeria de gênero.

Dividido em cinco partes, o livro se desdobra à clínica, estrutura e epidemias de histeria e recorre cuidadosamente a teoria dos discursos empreendida por Lacan. Com linguagem acessível, a qual ultrapassa as fronteiras das reservas científicas, ao final do volume é disponibilizada uma tabela que sintetiza o essencial da álgebra lacaniana, um auxílio precioso para que o leitor possa compreender melhor os principais matemas.

Com rigor, essa pesquisa em psicanálise dialoga com a história, a sociologia e a psiquiatria. Em seu primeiro capítulo faz jus a materialidade da palavra, retratando a histeria na história em suas mais diversas vertentes e épocas. Pontua seu caráter “migratório” em sua sintomatologia, desde a Idade Média onde havia uma forte aproximação entre os fenômenos históricos e a possessão demoníaca, perpassando pelo *Manual Malleus Maleficarium* que identificava as feiticeiras possuídas sendo estas torturadas a fim de purificarem suas almas. No Renascimento, as causas sobrenaturais perderam força e o interesse da medicina se fez presente. Hipócrates no sec. IV a.C. já relacionava a histeria ao útero, levando a crer por séculos que a moléstia acometia exclusivamente as mulheres. E a partir do século XVIII, passa então a ser pertencente as incorrências do sistema nervoso central. Apesar disso, a histeria sempre se manteve atrelada as questões da sexualidade, fato constatado no palco da Salpêtrière com Charcot e os ouvidos atentos de Freud. No século XIX, sob o epíteto de enganadora pela psiquiatria francesa, passaram a ser identificadas por uma “loucura moral”. E, finalmente no século XX, atravessado pela globalização, internet e ciência, em um contexto extremamente capitalista, a chamada sociedade de consumo por meio da medicalização do afeto exhibe o desaparecimento súbito da histeria nos anais psiquiátricos, e, a retaliação do sujeito que coloca em cena a diferença, a singularidade, e o lugar do desejo sucumbido pela tentativa de universalização da massa.

No segundo capítulo, intitulado Histeria e Clínica, o conceito de sugestão toma o seu lugar responsável pela construção do que mais tarde viria a ser denominado fenômeno de transferência, fundamento pelo qual uma análise pode operar.



Referindo-se à pesquisa sobre o conceito de sugestão, os autores identificaram estudos como por exemplo o de Gustave Lebon, no qual alegam elementos da sugestão nos processos grupais: o sentimento de poder; o contágio e a sugestão. Por conseguinte, nos é apresentada uma sugestionabilidade ligada à própria constituição subjetiva da vida cotidiana, concluindo o quanto somos altamente sugestionáveis, pois, de acordo com as contribuições de Freud e Lacan é indiscutível a força que tem as palavras nas construções psíquicas e suas reverberações no laço social.

Mas é com Lacan que os questionamentos de Freud sobre a sugestão são respondidos: “Para o sujeito se constituir como falante, não há como não se alienar nos significantes do Outro”. (LACAN apud JORGE E TRAVASSOS, 2021, p. 44). Com esse ilustre conceito, sabemos que diante do desamparo fundamental da vida humana, os eleitos grandes Outros operam para a constituição do universo inconsciente no discurso que nos atravessam, por meio dos seus significantes: O signifiante é imperativo, o que nos faz inferir a afirmativa de que o Outro seja a língua, a classe social, o lugar da prole, a época, a cultura.

Os autores também desdobram minuciosamente sobre a relação entre sugestão e o conceito de identificação nas formas de: constituição subjetiva; da própria sugestão hipnótica; e, sobretudo, na forma de contágio, pronunciando o que Lacan denomina por Alienação. A alienação inerente a subjetividade humana por meio da malha de linguagem marca o sujeito que, na sua estrutura de base, histórica, sofre as incidências do Outro sobre ele. Desse modo, cabe ressaltar que a noção de epidemia é tratada aqui, pela via do contágio psíquico na intersecção entre discursos, assim sendo, a posição do sujeito histórico é organizada a partir do discurso dominante de uma época, como bem ilustrou a história das epidemias históricas: Na época da caça às bruxas, a histeria estava atrelada a uma possessão demoníaca, dirigida ao discurso do mestre em voga: o discurso religioso. Hoje, nos deparamos com alguns rearranjos da histeria pela via das enfermidades orgânicas, do culto ao corpo e outros, apontando então para o discurso atualmente dominante: o da ciência.

Por conseguinte, no terceiro capítulo, a histeria é desenvolvida de maneira requintada a partir de sua concepção estrutural onde abordam o entendimento sobre a pulsão, a fantasia e o sintoma. “Freud já havia sublinhado o paradoxo da posição histórica em relação à sexualidade: uma grande necessidade sexual aliada a uma profunda aversão ao sexo” (FREUD apud JORGE E TRAVASSOS, 2021, p.73). Alcançamos aqui um dos ápices dessa leitura: Diante da não inscrição da diferença

sexual no inconsciente há sempre uma questão a qual somos atravessados em nossas vidas: Sou homem ou sou mulher? Contudo, sem uma marcação instintual como a dos animais, o sujeito investido libidinalmente será marcado pelo Outro na sua tenra infância e adolescência, de modo a trilhar sua constituição subjetiva e sua escolha de objeto. A histeria de base coloca tal questão em evidência e se configura a responder o que não há resposta definitiva, pois cada um, na sua amarração Simbólica, Imaginária e Real cria uma explicação para o que não há inscrição. Neste momento, estamos de frente a questão da bissexualidade estrutural, com gostinho de quero mais, pois tal conceito será trabalhado no terceiro livro da trilogia. Conclui neste capítulo a questão estruturante histórica evidenciada pela contestação frente a não resposta do discurso dominante da ciência. E o que se contesta?

Um dos pontos preciosos do livro que nos conduz ao quarto capítulo, é que a histeria sempre se empenhará em responder a verdade sobre o sexo pautada na interrogação das possíveis afirmações que lhes são apresentadas pelo mestre. O sujeito quer saber sobre o sexo e pede ao mestre que produz esse saber, logicamente, orbitando o saber dominante de cada época, fato esse o qual leva a produção de uma epidemia psíquica. O que interrogam? Interrogam a completude do saber: “ela quer um mestre sobre o qual ela reina e ele não governe” (LACAN,1969). A leitura nos instiga a pensar ao longo da história, as mais diversas rasteiras dadas nos mestres que ousaram responder completamente as históricas sobre a verdade do sexo e o encontro com a felicidade. Somente Freud escapou desse lugar. Com o estudo das epidemias de histeria, constatamos que é sempre possível localizar o mestre a partir da histórica.

Caminhamos para o último capítulo: As epidemias de histeria. A epidemia utilizada de forma metafórica diz no tocante a um fenômeno de disseminação acentuada e rápida de um comportamento ou uma ideia, sendo um termo consagrado no campo da história da psiquiatria e da psicanálise. Os autores privilegiam algumas delas: Epidemia da dança; Epidemia das Abduções extraterrestres; Epidemia histero-demonopática; Síndrome de Fadiga Crônica; Epidemia da Personalidade Múltipla e outras um tanto inusitadas. Quanto as epidemias contemporâneas estão presentes os fenômenos da Baleia Azul, da autoflagelação entre os adolescentes, e, acima de tudo ao sintagma proposto neste livro que é a chamada histeria de gênero.

Sendo um código de vestimenta da cultura num determinado momento, a histeria de gênero não designa um viés patológico, mas, fomentada pela afirmativa de Lacan em que ninguém autoriza a sexualidade de ninguém, surge a hipótese de que nesse contexto contemporâneo a histeria encontra um lugar ideal para questionar, decantar e depurar a verdade sobre o sexo, explícito por intermédio das nomeações compulsórias de identidade de gênero, na tentativa de apreender a própria sexualidade. Em 2014, foram encontradas 56 nomes para identidades de gênero: Em tempos de globalização reivindica-se um nome para o inominável, a cultura assume a mestria, assim, o sujeito desprovido do saber sobre o próprio sexo e movido pelo conflito psíquico que opõe a demanda de satisfação pulsional às restrições culturais, apazigua seu mal-estar através da marca de uma identidade sexual consistente.

Mesmo advertidos por Freud e por Lacan de que sempre haverá um mal-estar ligado à sexualidade, se acredita em que haja possibilidades de conviver com isso sem precisar de definições da sexualidade a qualquer custo. Por outro lado, a busca incessante favorece a fluidez e denuncia as formas de normatização do sujeito. A problematização intensa da classificação binária dos gêneros reflete uma posição francamente histórica, considerado, assim, um caráter salutar e heroico. Findamos com uma leitura que nos convoca a refletir e criar entre os pares a permanente formação do analista alcançando em seu horizonte a subjetividade de cada época.

RECEBIDO EM 16/12/2021

APROVADO EM 17/12/2021

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO

## CONTENTS

**EDITORIAL – TESSITUS: PSYCHOANALYSIS AND LITERATURE, EVEN MORE....** ----- 9  
*DENISE MAURANO, JOANA SOUZA, LUCIA PEREZ E RENATA MATTOS*

### **THEMATIC ARTICLES**

LALANGUE, GESTURE AND RESISTANCE SONGS: MUSICAL TATTOOS IN THE BODY OF THE CULTURE ----- 16  
*RENATA MATTOS AVRIL*

THE ANALYTIC ACT AND THE (NEGATIVIZED) PRESENCE OF THE ANALYST ----- 31  
*RAFAELA BRANDÃO ALVES, JEAN-MICHEL VIVÉS E DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD*

### **FREE ARTICLES**

THE REST AS A CAUSE OF DESIRE IN THE WORK “THE THIRD BANK OF RIVER” ----- 49  
*ALCIVAN NUNES VIEIRA, KARLA PATRÍCIA HOLANDA MARTINS E LIA CARNEIRO SILVEIRA*

PSYCHOANALYSIS, DEVICES AND CLINICAL CONTEXTS: NARRATIVES AND ELABORATIONS AROUND CURRICULAR INTERNSHIPS IN PSYCHOLOGY ----- 69  
*PEDRO VALENTIM ECCHER, YOHANNA CUNHA ZIBELL, MAURÍCIO MARQUARDT PEREIRA, ADRIANA APARECIDA AMARAL, THAIS KEROLIN MAFRA E GUSTAVO ANGELI*

JOKES IN A CASE OF CHILD ANALYSIS – THE SMALL COCK MAN IN THE VISION OF FERENCZI AND DOLTO ----- 87  
*MARCOS MOURA OLIVEIRA*

OBSESSIVE NEUROSIS AND PATTERN FIGURE: POSSIBLE ARTICULATIONS FROM FRANZ KAFKA'S “METAMORPHOSIS” WORK ----- 104  
*GUILHERME SILVEIRA E GUSTAVO ANGELI*

THE RESUME OF PULSION D'EMPRISE ----- 121  
*ANTONIO TREVISAN*

LA SCÈNE CONTEMPORAINE: L'HYSTÉRIE ET SES NOUVELLES FORMES ----- 143  
*CLÁUDIA FERREIRA MELO RODRIGUES, LORENA DOS REIS GONÇALVES E ROGÉRIA ARAÚJO GUIMARÃES GONTIJO*

FREUD ET VIERECK: MODALITÉS DE LA JOUISSANCE ET DIRECTIONS DE LA PSYCHANALYSE ----- 156  
*JANAINA BIANCHI DE MATTOS*

LA DESTINATION DU SUJET TRAGIQUE ET L'ACTE DANS LA TRAGÉDIE ET LA PSYCHOANALYSE ----- 170  
*CAMILA GUIMARÃES DE PAULA PESSOA E LEONARDO JOSÉ BARREIRA DANZIATO*

IDENTIFICATION ET HAINE DANS LES “DEUX FRÈRES” DE MILTON HATOUM ----- 190  
*FELIPE BARATA AMARAL*

L'AUTOFICTION COMME ÉCRITURE DE SOI: APPROXIMATIONS ENTRE LITTÉRATURE ET  
PSYCHANALYSE ----- 205  
*ANGELA TERESA NOGUEIRA DE VASCONCELOS E ELIANE VASCONCELOS DIÓGENES*

**REVIEW**

THE REVISITED HYSTERIA: HISTORICITY, DIAGNOSIS AND CLINICAL ----- 223  
*CARLA CRISTINA BRAGA VALOTA ESTEVES, TIAGO RAVANELLO E ADRIANA RITA SORDI*

## SUMMAIRE

**ÉDITORIAL – TESSITURES ÉDITORIALES : PSYCHANALYSE ET LITTÉRATURE, ENCORE...----- 9**  
*DENISE MAURANO, JOANA SOUZA, LUCIA PEREZ E RENATA MATTOS AVRIL*

### **ARTICLES THÉMATIQUES**

LALANGUE, GESTE ET CHANSONS DE RÉSISTANCE: TATOUAGES MUSICALES DANS LE  
CORPS DE LA CULTURE ----- 16  
*RENATA MATTOS AVRIL*

L'ACTE ANALYTIQUE ET LA PRÉSENCE (NÉGATIVÉE) DE L'ANALYSTE ----- 31  
*RAFAELA BRANDÃO ALVES, JEAN-MICHEL VIVÉS E DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD*

### **ARTICLES GRATUITS**

LE RESTE COMME CAUSE DE DÉSIR DANS L'OEUVRE «LA TROISIÈME RIVE DU FLEUVE»- 49  
*ALCIVAN NUNES VIEIRA, KARLA PATRÍCIA HOLANDA MARTINS E LIA CARNEIRO SILVEIRA*

PSYCHANALYSE, DISPOSITIFS ET CONTEXTES CLINIQUES: RÉCITS ET ÉLABORATIONS  
AUTOUR D'EXPERIENCE DE STAGE EN PSYCHOLOGIE ----- 69  
*PEDRO VALENTIM ECCHER, YOHANNA CUNHA ZIBELL, MAURÍCIO MARQUARDT PEREIRA, ADRIANA APARECIDA  
AMARAL, THAIS KEROLIN MAFRA E GUSTAVO ANGELI*

JOUER DANS UN CAS D'ANALYSE D'ENFANT - LE PETIT HOMME BITE SOUS LE REGARD DE  
FERENCZI ET DOLTO ----- 87  
*MARCOS MOURA OLIVEIRA*

NEUROSE OBSESSIVE ET MOTIF FIGURE: ARTICULATIONS POSSIBLES DU TRAVAIL DE  
"METAMORPHOSE" DE FRANZ KAFKA ----- 104  
*GUILHERME SILVEIRA E GUSTAVO ANGELI*

LE RETOUR DE LA PULSION D'EMPRISE ----- 121  
*ANTONIO TREVISAN*

THE CONTEMPORARY SCENE: HYSTERIA AND ITS NEW GUISES ----- 143  
*CLÁUDIA FERREIRA MELO RODRIGUES, LORENA DOS REIS GONÇALVES E ROGÉRIA ARAÚJO GUIMARÃES  
GONTIJO*

FREUD AND VIERECK: MODALITIES OF JOUISSANCE AND DIRECTIONS OF PSYCHOANALYSIS -  
----- 156  
*JANAINA BIANCHI DE MATTOS*

THE DESTINATION OF THE TRAGIC SUBJECT AND THE ACT IN TRAGEDY AND  
PSYCHOANALYSIS ----- 170  
*CAMILA GUIMARÃES DE PAULA PESSOA E LEONARDO JOSÉ BARREIRA DANZIATO*

IDENTIFICATION AND HATE IN "TWO BROTHERS" BY MILTON HATOUM ----- 190  
*FELIPE BARATA AMARAL*

AUTOFICTION AS A SELF-WRITING: APPROACHES BETWEEN LITERATURE AND  
PSYCHOANALYSIS ----- 205  
*ANGELA TERESA NOGUEIRA DE VASCONCELOS E ELIANE VASCONCELOS DIÓGENES*

**LA REVUE**

L'HYSTERIE REVISITEE : HISTORICITE, DIAGNOSTIC ET CLINIQUE ----- 223  
*CARLA CRISTINA BRAGA VALOTA ESTEVES, TIAGO RAVANELLO E ADRIANA RITA SORDI*

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanalisebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanalisebarroco.pro.br)

Departamento de Fundamentos da Educação – DFE/UNIRIO